

**A Escrita de Viagens como Forma de Tradução:
o Caso dos Relatos de Taine sobre a Grã-Bretanha**

Donaldo Falcão de Figueiredo de Leite Ribeiro

Dissertação de Mestrado em Tradução
(Área de Especialização em Inglês)

Realizado sob a orientação científica da
Prof.^a Doutora Gabriela Gândara Terenas

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução, realizada sob a orientação científica da Prof.^a Doutora Gabriela Gândara Terenas.

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO: O CASO DOS RELATOS DE TAINÉ SOBRE A GRÃ-BRETANHA

DONALDO FALCÃO DE FIGUEIREDO DE LEITE RIBEIRO

SUMÁRIO: A presente dissertação inscreve-se no âmbito dos Estudos da Tradução e procura descrever as etapas estratégicas que permitirão justificar a razão pela qual *Notes sur l'Angleterre* (1872), um relato de viagens escrito em francês por Hippolyte Taine (1828-1893) e *Notes on England* (1872), o relato traduzido para o inglês pelo tradutor britânico William Fraser Rae (1835-1905), se apresentam como formas de reescrita cultural. O estudo de caso terá em conta a relação estabelecida entre três elementos complementares: a observação e o estudo da cultura inglesa por um viajante francês; a transferência linguística, literária e cultural entre a Grã-Bretanha e a França; e a tradução do relato de viagens do francês para o inglês, com o objectivo de verificar o grau de equivalência entre a forma como Taine percepcionou a cultura inglesa e o modo como Rae traduziu essa percepção. O modelo de José Lambert e Hendrik van Gorp adaptado à descrição dos textos em paralelo e a teoria da reescrita de André Lefevere servirão de base teórica à análise do fenómeno em causa.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Tradução, Cultura, Reescrita, Escrita de Viagens, Relato de Viagens, Hippolyte Taine, França, William Fraser Rae, Grã-Bretanha.

ABSTRACT: This dissertation aims to analyse a travel account written in French by Hippolyte Taine (1828-1893), entitled *Notes sur l'Angleterre* (1872), and its translation into English by the British translator William Fraser Rae (1835-1905), entitled *Notes on England* (1872) in order to try to demonstrate how both texts present themselves as forms of cultural rewriting. This case study within the field of Translation Studies is a descriptive one that takes into account the relationship between three complementary elements: the observation and study of the English culture by a French traveller; the linguistic, literary and cultural transfer between Great-Britain and France; and the translation of the travel account from French into English, which will render possible the evaluation of the degree of equivalence between the way the English culture was perceived by Taine and the way it was translated by Rae. José Lambert and Hendrik van Gorp's synthetic scheme for translation description as well as André Lefevere's theory of rewriting will be used as a theoretical basis for this study.

KEYWORDS: Translation Studies, Culture, Rewriting, Travel Writing, Travel Account, Hippolyte Taine, France, William Fraser Rae, Great Britain.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO.....	6
1. Reescrita e Manipulação Discursiva.....	7
1.1. O Conceito de Sistema Literário.....	8
1.2. A Escola da Manipulação	10
1.3. Tradução, Reescrita e Manipulação.....	15
1.3.1. Língua.....	16
1.3.2. Discurso	17
1.3.3. Profissionais Especializados.....	17
1.3.4. Mecenato.....	19
1.3.4.1. Ideologia	22
2. O Relato de Viagens.....	23
2.1. Caracterização.....	23
2.2. Produção	25
3. A Escrita de Viagens no Século XIX	25
3.1. Contexto Sociopolítico (1789-1871)	26
3.1.1. O Fim do <i>Ancien Régime</i> (1789-1793).....	26
3.1.2. O Equilíbrio de Poderes na Europa (1793-1815)	29
3.1.3. A Expansão Europeia Oitocentista (1815-1850).....	31
3.1.4. O Auge da Industrialização Britânica (1851-1861).....	34
3.2. Viajar no Século XIX	37
3.2.1. Agentes do Progresso	37
3.2.2. Viajantes e Turistas.....	39
3.2.3. A <i>Print Culture</i>	40
3.2.4. Os Relatos de Viagens Oitocentistas	41
3.2.4.1. Os Relatos de Missionaço.....	42
3.2.4.2. Os Relatos de Expedições.....	43
3.2.4.3. As Viagens Turísticas	44

3.2.5. A Escrita de Viagens em França.....	45
PARTE II – O CASO DOS RELATOS DE TAINÉ SOBRE A GRÃ-BRETANHA....	47
1. Considerações Iniciais	48
2. Hippolyte Taine	48
2.1. As Viagens à Grã-Bretanha	48
2.2. O Determinismo.....	54
2.3. A Metodologia	59
2.3.1. Comentário de Rae à Metodologia de Taine	66
3. Em Torno de <i>Notes sur l'Angleterre</i> e <i>Notes on England</i>	69
3.1. Análise Paratextual	69
3.1.1. Elementos Peritextuais.....	70
3.1.2. Elementos Epitextuais	115
3.1.2.1. Sociologia da Recepção	117
3.1.2.2. A Recepção Crítica em França	121
3.1.2.3. A Recepção Crítica na Grã-Bretanha.....	128
3.2. William Fraser Rae	141
3.3. Análise Textual da Tradução Inglesa.....	144
3.3.1. Caso de Omissão.....	145
3.3.2. Outros Casos de Tradução	160
CONCLUSÃO – FORMAS DE REESCRITA	166
BIBLIOGRAFIA	178
LISTA DE FIGURAS	194

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Translatio. O espírito constrói-se num movimento perpétuo que não se deixa estagnar, vem de dentro para fora e de fora para dentro: da filosofia para a máquina, da experiência para a literatura, da poesia para as gentes. Com o movimento, as portas são giratórias e o *hall* encontra-se sempre repleto de pessoas. O movimento assemelha-se à pedra-pomes que amacia os pés do viajante, que desenruga o desespero do explorador, que se alinha no horizonte do velejador, que se deixa minar pela audácia do império, que serve de travesseiro ao missionário, que se deixa transportar pela estratégia do tradutor.

A relação entre tradução e mobilidade remonta à raiz etimológica da palavra latina *translatio* que indica o movimento ou a transferência de objectos e de pessoas através do espaço (qtd. in Polezzi, “Mobility” 12). A viagem, os seus relatos textuais e as respectivas traduções configuram-se como um meio de as línguas e as culturas nacionais transportarem e se apropriarem do que vem de fora. Não é novidade que a figura do tradutor aparece muitas vezes ligada à do viajante, ligação já inúmeras vezes explorada, partindo dos mais variados ângulos, por parte dos especialistas que procuram descrever o movimento ocorrido entre as línguas e as culturas (172-173).

Um dos grandes impulsos conferido ao desenvolvimento dos Estudos de Tradução enquanto área disciplinar autónoma verificou-se com a mudança de uma percepção estritamente linguística dos processos tradutórios para uma interpretação cultural. Com a “viragem cultural”, a tradução passou a ser vista como um fenómeno intercultural (173).

A questão do movimento levanta-se a propósito da temática da presente dissertação, que se inscreve justamente no âmbito dos Estudos de Tradução, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, em parceria com os Estudos de Cultura e com base na Escrita de Viagens, para descrever as etapas estratégicas que permitirão ao investigador justificar a razão pela qual o relato de viagens e a respectiva tradução aqui analisados se apresentam como formas de reescrita cultural, fundamentando este pressuposto na teoria de André Lefevere. O estudo de caso em apreço será constituído por um relato de viagens do século XIX, intitulado *Notes sur l’Angleterre* (1871), e respectiva tradução inglesa, *Notes on England* (1872), bem como de inúmeros outros documentos que constituem a base de análise da recepção dos textos.

Se a formulação de uma hipótese de partida ajuda a definir, com algum critério, o estudo de caso que se pretende abordar, a fundamentação teórica dessa hipótese deve

INTRODUÇÃO

assegurar a existência das condições necessárias para levar a bom termo o estudo previsto. As conclusões obtidas permitirão confirmar (ou não) a hipótese inicial.

Assim, coloca-se a seguinte hipótese: **enquanto construção textual, e tendo em conta o papel desempenhado na representação de culturas, será possível afirmar que um relato de viagens e respectiva tradução constituem formas de reescrita?**

Publicado, pela primeira vez, em França, em 1871, *Notes sur l'Angleterre* trata-se de um relato de viagens escrito em francês, por Hippolyte Taine (1828-1893), um historiador, crítico e pensador francês do século XIX, que decidiu publicar os relatos de três viagens realizadas à Grã-Bretanha, em 1861, 1862 e 1871. Os textos foram publicados em folhetim (como era hábito na época) no periódico parisiense *Le Temps*, durante o ano de 1871, e posteriormente compilados, constituindo capítulos da obra *Notes sur l'Angleterre* (1872), publicada pela editora francesa Librairie Hachette.

Em 1872, foi publicada a primeira edição da obra traduzida para o inglês, pelo jornalista e tradutor William Fraser Rae (1835-1905), sob o título *Notes on England*, pela editora Strahan & Company, dirigida pelo escocês Alexander Strahan, já depois de este se ter transferido de Edimburgo para Londres.

Está-se, assim, perante um caso de (dupla) mediação cultural. Num primeiro momento, Taine, um cidadão francês, viaja até à Grã-Bretanha e regista as experiências vividas no seio de uma cultura estrangeira. Num segundo momento, dez anos depois da primeira viagem, o autor publicou as memórias dessas experiências num jornal francês. Finalmente, num terceiro momento, um escritor escocês, Rae, traduziu o relato de Taine para inglês, publicando-o na imprensa britânica.

Deste modo, o presente trabalho será dividido em duas partes: “Parte I – A Escrita de Viagens como Forma de Tradução” e “Parte II – O Caso dos Relatos de Taine sobre a Grã-Bretanha”, perfazendo a soma destes dois títulos o título da dissertação. Podem, assim, definir-se duas grandes tarefas: a revisão da literatura, enquadrada na Parte I; e o estudo de caso, desenvolvido na Parte II.

Na Parte I, a revisão da literatura implica o levantamento do “estado da arte”, isto é, identificar o que já se sabe acerca da temática em apreço. Deste modo, reservou-se a questão da reescrita para o primeiro capítulo “Reescrita e Manipulação Discursiva”, e para a temática da escrita de viagens os capítulos 2. “O Relato de Viagens” e 3. “A Escrita de Viagens no Século XIX”. No terceiro capítulo, o subcapítulo 3.1. “Contexto Sociopolítico (1789-1871)” descreve os principais acontecimentos político-sociais que marcaram a Europa do século XIX, em particular a influência exercida pela França e

INTRODUÇÃO

pela Grã-Bretanha no mundo ocidental. Estes eventos históricos, muitos deles de natureza política, justificam a produção e a recepção dos textos que aqui constituem objecto de análise. O subcapítulo 3.2. “Viajar no Século XIX” incidirá sobre o tema das viagens na centúria de Oitocentos. Procurar-se-á, na bibliografia recolhida, a fundamentação teórica para a hipótese acima formulada e objecto de observação na Parte II.

Na Parte II, o estudo de caso em apreço constitui um desenho de pesquisa enquadrável no âmbito de uma estratégia de investigação qualitativa, a metodologia mais utilizada nas Ciências Humanas. Este tipo de estudo tem a vantagem de permitir formular um problema, explorar um fenómeno e confrontá-lo com as teorias existentes. Da óptica do investigador, tem a desvantagem, pela sua natureza empírica, de depender do ponto de vista desse investigador e de seguir uma estratégia pouco sistematizada, podendo, por isso, correr o risco de adquirir pouco valor científico. Para contrariar esta possibilidade, procurar-se-á adoptar o máximo de rigor no tratamento da informação.

Notes sur l'Angleterre (1872) segue uma linha de pensamento na senda de *Histoire de la Littérature Anglaise* (1863), baseada nos conceitos de “la race, le moment et le milieu”, que passou a circular nos meios intelectuais europeus e cujo entendimento se torna imprescindível para a compreensão da obra taineana. Esta será abordada na Parte II, mais precisamente no capítulo intitulado “Hippolyte Taine”, juntamente com a sua metodologia aplicada à literatura, exposta em *Essais de Critique et d'Histoire* (1866). Depois de apresentados os argumentos que se encontram na génese da obra *Notes sur l'Angleterre*, caberá fazer a descrição, em paralelo, do relato de viagens em francês e da tradução em inglês, tomando como referência o modelo proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp para a descrição de traduções, previamente examinado na Parte I e posto em prática na Parte II, mais precisamente no capítulo 3. “Em Torno de *Notes sur l'Angleterre* e *Notes on England*”.

A descrição das obras pautar-se-á pelas seguintes etapas: recolha de dados, compilação dos dados e análise e interpretação dos dados. Esta descrição corresponderá aos subcapítulos 3.1. “Análise Paratextual” e 3.3. “Análise Textual da Tradução Inglesa”. No primeiro, serão analisados os elementos peritextuais e epitextuais respeitantes a cada um dos textos; no segundo, será examinado um caso de omissão e outros casos de tradução. Dada a extensão da obra e os limites impostos para a realização deste trabalho, não é possível levar a cabo uma análise exaustiva ao texto.

INTRODUÇÃO

Contudo, serão apresentados os casos de tradução que melhor se adequem às necessidades e propósitos do investigador.

Para a recolha de dados qualitativos serão utilizadas as seguintes técnicas: a observação e a análise documental. A observação será não participante, ou seja, o investigador não se envolve nos fenómenos observados. A análise documental envolverá a selecção, o levantamento, a organização, a análise, a interpretação e a comparação dos dados recolhidos. Os elementos respeitantes à recepção das obras serão extraídos, em grande parte, de artigos de periódicos do século XIX, mais precisamente na época compreendida entre 1871 e 1900.

A cada técnica correspondem um ou mais instrumentos: o diário do investigador, a análise de conteúdo e a ficha de leitura. O diário do investigador permitirá registar informação que lhe possibilite desenvolver o seu pensamento crítico, melhorar a capacidade de observação e ir além da sua percepção intuitiva. A análise de conteúdo consistirá no estudo dos documentos, permitindo reflectir sobre os mesmos. Esta apreciação pretende-se quantitativa, objectiva e sistemática na descrição dos fenómenos. Posteriormente, segue-se uma análise qualitativa, possibilitando a inferência de conhecimentos a partir da descrição dos fenómenos. As fichas de leitura constituem o melhor elemento para a recolha de dados acerca da bibliografia consultada.

No seu conjunto, o estudo pretende ser descritivo e explicativo, estabelecendo as relações devidas com a(s) teoria(s) apresentada(s). Terá um carácter instrumental, na medida em que, idealmente, servirá para compreender uma problemática mais ampla.

Na “Conclusão” retomar-se-á o modelo de reescrita cultural que sintetiza o caso de mediação, permitindo, em conjunto com toda a informação recolhida ao longo da investigação, chegar a algumas conclusões finais a respeito da natureza da obra *Notes sur l’Angleterre* e da respectiva tradução inglesa.

PARTE I – A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

A Parte I da presente dissertação encontra-se organizada em três capítulos. No primeiro, “Reescrita e Manipulação Discursiva”, apresenta-se a teoria da reescrita, desenvolvida por André Lefevere no contexto dos Estudos de Tradução; no segundo capítulo, “O Relato de Viagens”, caracteriza-se este (sub)gênero e estabelece-se uma primeira relação com a reescrita; no terceiro capítulo, “A Escrita de Viagens no Século XIX”, tal como o próprio título indica, faz-se o enquadramento histórico da escrita de viagens.

1. Reescrita e Manipulação Discursiva

Ao longo dos tempos, as várias teorias da tradução têm vindo a fornecer instrumentos importantes para a análise de fenómenos linguístico-culturais directa ou indirectamente ligados à prática da tradução. As diferentes abordagens oferecem uma grande diversidade de ferramentas, permitindo ao investigador seleccionar as mais adequadas para aplicar a um determinado estudo de caso.

Com efeito, encontrando-se subjacentes aos Estudos de Tradução, as teorias aplicáveis ao estudo de caso em apreço, fundamentam-se em dois pilares: a Escola da Manipulação assente, em grande medida, na Teoria dos Polissistemas, cujo modelo, preconizado por José Lambert e Hendrik van Gorp, se afigurará útil na descrição das obras; e a teoria da reescrita de André Lefevere que contribuirá com uma explicação dos *constraints* (factores constritores) que funcionam dentro e fora de um sistema literário, sendo responsáveis pela produção e disseminação das obras.

Ao comparar-se todas as traduções de uma dada obra estrangeira, por exemplo, verifica-se uma tendência para uma análise focada nas relações estabelecidas dentro de um determinado sistema de chegada. Tal resulta numa investigação útil para qualquer entidade interessada em conhecer as características dominantes desse sistema, num dado momento histórico. Neste contexto, a presente dissertação visa, contudo, desenvolver-se sobretudo no sentido de explorar as relações de poder existentes entre dois sistemas, as ideologias em vigor, as formas de manipulação textual e o modo como estes vectores usam a permeabilidade dos sistemas literários para exercer a sua influência nos sistemas sociais.

O primeiro capítulo da Parte I encontra-se organizado em vários subcapítulos cujo fio condutor permite não só discutir alguns aspectos relacionados com a questão da reescrita e da manipulação discursiva, mas também enquadrar os factores constrictores descritos na Parte II, mais precisamente no capítulo dedicado aos “Elementos Peritextuais”, procurando lançar as bases da fundamentação da hipótese.

1.1. O Conceito de Sistema Literário

A ideia de que os fenómenos semióticos, como os padrões de comunicação humanos determinados por signos (a cultura, a literatura ou a sociedade) podem ser estudados mais facilmente se forem vistos como sistemas, ao invés de conjuntos de elementos díspares, constitui um dos maiores contributos para o campo das Ciências Humanas. Deste modo, torna-se possível detectar as leis que governam a diversidade dos fenómenos, em vez do simples registo e classificação dos mesmos. Para além de fornecer uma nova fórmula para se entender os fenómenos conhecidos, a ideia de sistema também permite encontrar fenómenos novos. Tal significa que a informação conhecida, que nunca se pensou estar correlacionada com a informação normalmente conectada a um certo facto, passa agora a poder estar ligada a esse facto (Even-Zohar, “PolysystemTheory” 9-10). Tal acontece quando, por exemplo, se descobre que o navegador de nacionalidade desconhecida que descobriu uma determinada ilha no Atlântico é, afinal, de nacionalidade portuguesa. A informação de que o navegador descobriu tal ilha passa a estar ligada ao facto de ele ter nacionalidade portuguesa. Deste modo, ele desvincula-se automaticamente do sistema em que o desconhecimento dos factos o colocou, para passar a fazer parte da História de Portugal. O sistema alimenta-se de factos e quanto mais estes o engrandecem, mais forte ele se torna. Daí a necessidade de as nações irem à procura de factos novos ou passados que as engrandeçam, sempre que se pretende reforçar a identidade nacional pelo reforço ou pela renovação do sistema.

No âmbito dos Estudos de Tradução, um sistema define-se como uma entidade organizada segundo um princípio hierárquico, que se constrói a partir da interacção dinâmica de fenómenos observáveis, de natureza cultural, linguística, literária e textual. Os relatos de viagens do século XIX, as obras de Taine traduzidas para o inglês, as não-traduições dos anos setenta em Portugal constituem exemplos de sistemas literários.

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

Cada um assume-se como sistema independente dentro do polissistema sociocultural a que pertence.

Poder-se-ia afirmar que *Notes sur l'Angleterre* pertence ao sistema literário dos relatos de viagens do século XIX, em francês, cujas publicações circulam num dado sistema sociocultural (França), em coexistência com outros sistemas literários como, por exemplo, as traduções de John Milton para francês, a literatura infantil francesa, entre outros. Juntos, os sistemas literários formam um polissistema literário. (Fig.1 e Fig.2)

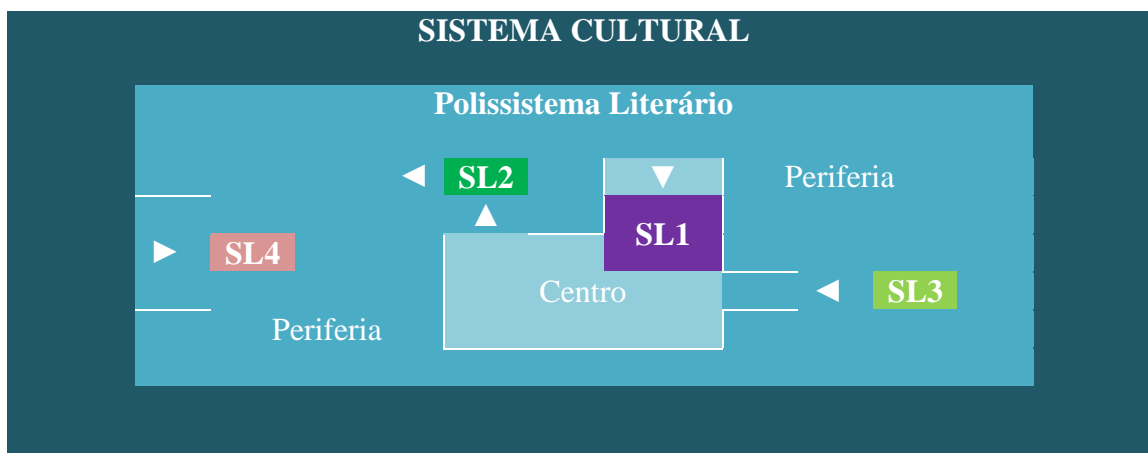


Fig. 1. A Posição do Sistema Literário.

Legenda:

- (SL1) Sistema literário composto de textos canônicos, ocupando uma posição central.
- (SL2) Sistema literário a perder influência, afastando-se de uma posição central.
- (SL3) Sistema literário periférico em ascensão no polissistema.
- (SL4) Sistema literário novo, procurando ganhar influência no polissistema.

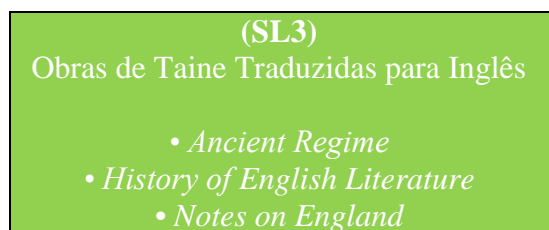


Fig. 2. Exemplo de um Sistema Literário.

Assim, um polissistema funciona como um conjunto de elementos que se interconectam e interagem de forma dinâmica, provocando tensões e mudanças ao nível

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

dos vários modelos literários, géneros e tradições, o que resultará na evolução de um dado polissistema nacional. Como é natural, os textos canónicos (SL1), aqueles que seguem as tendências estéticas dominantes (ou as definem), procuram manter a sua posição de influência, enquanto outros textos, não canónicos (SL2-4), tentam usurpar o lugar central (Shuttleworth e Cowie, “PolysystemTheory” 127).

De um modo geral, a tradução tende a ocupar uma posição periférica, embora, em certas ocasiões, possa deter uma posição central (128), quando, por exemplo, a literatura nacional se encontra em decadência, tornando-se necessário renová-la mediante a inclusão de obras estrangeiras traduzidas, que veiculam novas ideias capazes de levantar a moral das gentes ou de reestruturar o pensamento das elites.

Neste contexto, importa sublinhar o binómio texto de partida (por vezes também texto original) e texto de chegada (tradução) para vincar que, não obstante o autor, o género ou o estilo serem comuns, o texto de partida pertence sempre a um sistema literário diferente do texto de chegada (Fig.3).

<u>Sistema de Partida</u> <i>(Source System)</i>	<u>Sistema de Chegada</u> <i>(Target System)</i>
Cultura de Partida <i>(Source Culture)</i>	Cultura de Chegada <i>(Target Culture)</i>
Sistema Literário <i>(Literary System)</i>	Sistema Literário <i>(Literary System)</i>
Língua de Partida <i>(Source Language)</i>	Língua de Chegada <i>(Target Language)</i>
Texto de Partida <i>(Source Text)</i>	Texto de Chegada <i>(Target Text)</i>

Fig. 3. Sistema de Partida e Sistema de Chegada.

O conceito de sistema literário afigura-se da maior importância para se entender a teoria da reescrita abordada no subcapítulo 1.3. “Tradução, Reescrita e Manipulação”. Mas, antes, importa dar a conhecer o contexto em que esta teoria surge.

1.2. A Escola da Manipulação

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

Com a mudança de paradigma nos Estudos de Tradução apareceram, nos anos oitenta, dois ramos distintos, a *Manipulation School* e as *Functional Schools*, ambos impulsionados por Hans Vermeer. A natureza destes desenvolvimentos é, por um lado, *target-oriented* (em função das normas de chegada) e, por outro lado, *functional*, ambos destronando o conceito estático de equivalência – *source-oriented* (em função dos elementos textuais do texto de partida) –, em favor de um papel activo, tanto por parte do tradutor como do leitor do texto de chegada. O novo paradigma da *Manipulation School* assenta, assim, na rejeição de uma abordagem normativa e orientada pelo texto de partida, típica de uma corrente de pensamento mais tradicional. (Snell-Hornby, *The Turns of Translation Studies* 62-63).

Contudo, enquanto o conceito de Estudos de Tradução, tal como apresentado por James Holmes e posteriormente desenvolvido pela *Manipulation School*, se focava sobretudo na tradução literária, a *Skopos Theory*, desenvolvida no seio da disciplina *Translationswissenschaft*, caracterizava-se por ser uma teoria generalista da tradução e interpretação, incluindo, tal como Vermeer referiu, a tradução literária e não literária (64-65).

A partir da publicação de *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation* (1985) colectânea dirigida por Theo Hermans, o movimento cristaliza as suas ideias. No capítulo “Translation Studies and a New Paradigm”, afirma-se que o grupo de investigadores não constitui uma escola de pensamento, mas apenas um conjunto de indivíduos dispersos, por constrangimentos geográficos e interesses diversos, que parecem estar em sintonia relativamente a certas matérias (Hermans 10).

Partindo da mesma óptica, esses indivíduos vêem a literatura como um sistema dinâmico e complexo, partilhando da convicção de que deve existir uma interacção entre os modelos teóricos e os estudos de caso. Assim, uma abordagem à tradução literária deve ser descritiva, organizada em função do sistema de chegada, funcional, sistémica e focada nas normas e variáveis que determinam a produção e recepção das traduções (Munday 189).

Verifica-se, deste modo, uma forte ligação de continuidade com a teoria dos polissistemas desenvolvida por Itamar Even-Zohar, no final dos anos setenta, que, por sua vez, se baseou nas ideias dos formalistas russos dos anos vinte e dos estruturalistas checos dos anos trinta e quarenta. Esta teoria seria consolidada com os Estudos Descritivos da Tradução, de Gideon Toury, na primeira metade da década de oitenta.

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

A publicação, em 1985, do artigo “On Describing Translations”, da autoria conjunta de José Lambert and Hendrik van Gorp, afigura-se um momento chave para o desenvolvimento dos Estudos de Tradução. Baseando-se no trabalho de Even-Zohar e Toury, os autores definem um plano metodológico para a análise de estudos de caso que permite comparar e descrever as relações estabelecidas entre os sistemas literários de partida e de chegada, partindo do princípio de que cada sistema abrange uma descrição do autor, do texto e do leitor (Munday 189).

O esquema teórico apresentado na figura seguinte (Fig. 4) é hipotético. Com base na pesquisa de José Lambert e André Lefevere, foi realizado pelo próprio Lambert, em co-autoria com Hendrik van Gorp, e contem os parâmetros básicos que descrevem fenómenos de tradução, tal como foram apresentados por Itamar Even-Zohar em “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”, um texto incluído na obra *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies with a Basic Bibliography of Books on Translation Studies* (1978), editado por James S. Holmes; e por Gideon Toury na obra *In Search of a Theory of Translation* (1980):

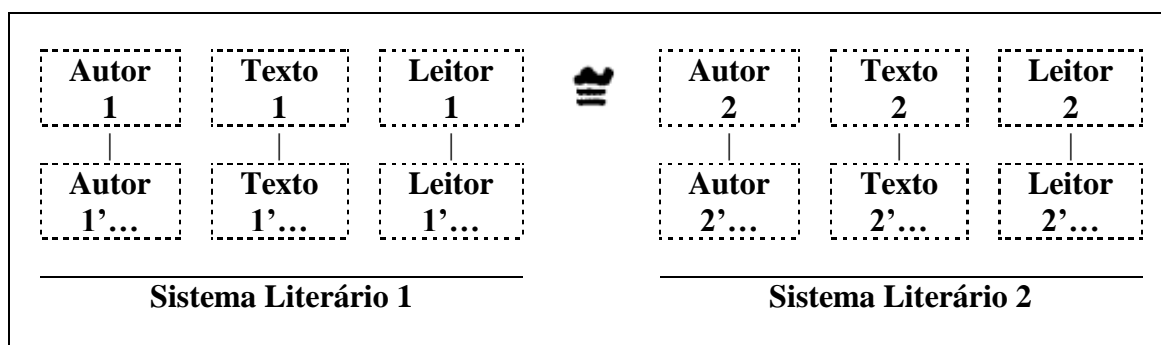


Fig. 4. Parâmetros Básicos que Descrevem Fenómenos de Tradução.

Legenda:

- **Texto 1:** Texto de partida.
- **Texto 2:** Texto de chegada.
- **Autor 1** e o **Leitor 1** pertencem ao sistema do texto de partida.
- O **Autor 1** situa-se entre os autores do sistema de partida.
- O **Texto 1'** e o **Leitor 1'** situam-se no sistema de partida.

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

- O **Sistema Literário 1** refere-se ao sistema literário do texto de partida, autor de partida e leitor de partida (este sistema não é exclusivamente literário, uma vez que os sistemas literários não são impermeáveis a sistemas sociais, religiosos ou outros).
- O **Autor 2**, o **Texto 2** e o **Leitor 2** situam-se dentro do sistema literário de chegada.
- O tracejado das caixas significa que os elementos do esquema de comunicação são complexos e dinâmicos.
- O símbolo entre os sistemas literários indica que a ligação entre sistema de partida e sistema de chegada não pode ser predita, significando uma relação aberta cuja natureza depende das prioridades definidas pelo comportamento do tradutor que, por sua vez, são determinadas em função das normas dominantes do sistema de chegada.

Este esquema mostra os tipos de relações estabelecidas na produção de traduções, as quais podem ser observadas na descrição de traduções. A questão central residirá sempre em saber que tipo de equivalência se estabelece entre ambos os esquemas de comunicação ou entre determinados parâmetros. Será, por exemplo, a tradução orientada pelas normas do sistema de chegada (aceitabilidade) ou, antes, orientada pelas normas do texto de partida (adequação)? Esta questão é analisada tendo em conta as normas dominantes, pois nenhuma tradução se afigura inteiramente coerente com o binómio aceitabilidade/adequação. Estes elementos implicam relações susceptíveis de ser estudadas, tal como se verifica no quadro abaixo (Fig.5):

T1 --- T2	Relações entre os textos.
A1 --- A2	Relações entre os autores.
L1 --- L2	Relações entre os leitores.
A1 --- T1 ≅ A2 --- T2	Intenções autorais nos sistemas de partida e de chegada e a sua correlação.
T1 --- R1 ≅ T2 --- R2	Pragmática e recepção nos sistemas de partida e de chegada e a sua correlação.
A1 --- A1', A2 --- A2'	Situação do autor relativamente a outros autores, em ambos os sistemas.
T1 --- T1', T2 --- T2'	Situação do original e da tradução relativamente a outros textos.
L1 --- L1', L2 --- L2'	Situação do leitor dentro do seu respectivo sistema.
Sistema de Chegada --- Sistema Literário	Traduções pertencentes a um determinado tipo de literatura.

Sistema Literário 1 --- Sistema Literário 2	Relações de conflito ou harmonia entre os dois sistemas.
---	--

Fig. 5. Relações entre os Parâmetros Básicos que Descrevem Fenómenos de Tradução.

Como cada tradução constitui o resultado de relações específicas estabelecidas entre os parâmetros mencionados no esquema, cabe ao investigador definir as relações mais importantes. A principal vantagem deste esquema reside no facto de permitir ultrapassar questões tradicionais relativas à fidelidade ou à qualidade da tradução, fundamentalmente normativas e orientadas pelo texto de partida.

Por último, a proposta metodológica implica o desenvolvimento de um plano que deve incluir um conjunto de informações pertinente para a descrição de traduções. A figura seguinte (Fig. 6) mostra, de forma sintética, a informação susceptível de ser analisada na descrição de traduções, tal como proposto por Lambert e van Gorp:

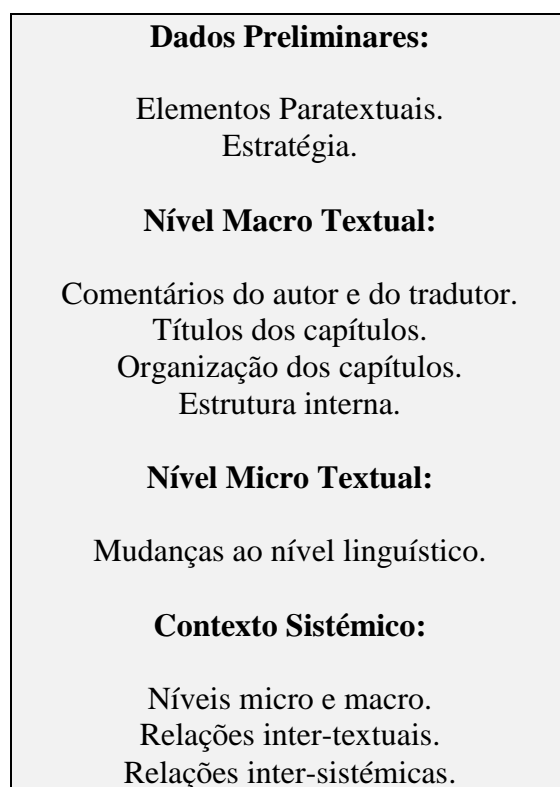


Fig. 6. Esquema Sintético de Lambert e Gorp para a Descrição de Traduções.

Com a evolução e a consolidação dos Estudos de Tradução enquanto área disciplinar autónoma, deu-se uma inevitável ramificação das teorias. Deste modo, o especialista André Lefevere, por exemplo, prosseguiu no sentido de desenvolver

conceitos como o de ideologia no sistema de literatura traduzida (Munday 190). Muito embora a contribuição de Lefevere, ao longo dos anos setenta, tenha sido ao nível meta-teórico (*Translation: The Focus of the Growth of Literary Knowledge*), no início dos anos oitenta, passou a defender a integração dos Estudos de Tradução no âmbito dos estudos de vários tipos de *rewriting* (reescrita) e de *refraction* (refracção), que moldam uma determinada cultura. Afirmou-se também a favor da incorporação, no conceito de polissistema, da noção de *control mechanism* (mecanismo de controlo), que se propôs denominar *patronage* (mecenato). Este tem a função de regular e, frequentemente, de “manipular” o sistema literário, a partir das estruturas socioeconómicas e ideológicas da sociedade (Hermans 14).

Importa agora apresentar a teoria da reescrita, que descreve o tipo de relações estabelecidas entre os sujeitos, dentro e fora de um sistema literário, para adiante, na Parte II, se perceber como aqueles se entrecruzam nos dois sistemas literários em apreço.

1.3. Tradução, Reescrita e Manipulação

O modelo de Lefevere afigura-se fundamental ao permitir situar a tradução no âmbito de uma série de fenómenos, aos quais se encontra directa ou indirectamente ligada, chamando, assim, a atenção para factores sociais e institucionais que influenciam o processo de reescrita. Segundo Lefevere, várias actividades resultam em representações parciais da realidade, instituindo-se como formas de reescrita. Entre elas destacam-se a tradução, a edição e a revisão de texto (*Apud* Asimakoulas 241).

Em linguagem corrente, considera-se o acto de reescrever como escrever novamente, mas de uma outra forma. Todavia, no âmbito da Literatura, trata-se de um conjunto de processos que permite reinterpretar, alterar ou manipular o texto de partida (Shuttleworth e Cowie, “Rewriting” 147) A apropriação dos termos pelos Estudos de Tradução decorreu da necessidade de relacionar a área com factores socioculturais, ideológicos, literários ou outros que se encontram por detrás da produção de traduções. Deste modo, qualquer processo de reescrita não é inocente, pois encontra-se ligado a estruturas políticas, literárias e de poder que operam no seio de uma dada cultura (147).

Em *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame* (1992), André Lefevere afirma que todos os textos reescritos, independentemente da sua

intenção, são de tal forma manipuladores que passam a funcionar de acordo com a sua própria ideologia, dentro de um determinado sistema literário. Ao serem colocados ao serviço de um poder, os textos reescritos tornam-se capazes de transformar um sistema literário e, conseqüentemente, a sociedade em que este se insere. Se, por um lado, a reescrita tem o poder de inovar, por outro, também tem a capacidade de reprimir, distorcer e refrear (vii).

Para além disto, a reescrita encontra-se dependente de certos *constraints* que funcionam dentro dos sistemas literários – a língua, o discurso, a *poetics* –, bem como de forças reguladoras que funcionam tanto dentro do sistema literário (os profissionais especializados) como fora do sistema (o mecenato). Todos estes elementos agem como factores de controlo (Asimakoulas 241).

De seguida, analisar-se-á, de forma sucinta, alguns destes elementos para se averiguar exactamente as forças que moldam os sistemas literários.

1.3.1. Língua

A língua encontra-se implicada na questão das diferenças entre o texto de partida e o texto de chegada, nomeadamente ao nível dos vários tipos de *shifts* linguísticos que podem ocorrer, por influência de critérios estéticos dominantes ou pela ideologia da época (Asimakoulas 241). A língua natural é composta por uma parte formal (o que está na gramática) e por uma parte pragmática (a forma como a língua reflecte a cultura). Esta última traz mais complicações para os tradutores, uma vez que línguas diferentes reflectem culturas diversas. O tradutor poderá tender a “domesticar” a cultura de partida, conformando-a às expectativas do leitor de chegada acerca da mesma. Por exemplo, ao traduzir “Käsaufs Weissbrot” como “cheese on pumpernickel”, o tradutor, em vez de optar por uma solução literal, como “cheese on white bread”, assume, antes, que o público norte-americano acha que os alemães comem queijo com *pumpernickel*, uma vez que foi lá inventado (Lefevere, *Mother Courage's Cucumbers* 206-207). Pelo contrário, o tradutor poderá tender a optar por uma estratégia de estrangeirização, por exemplo, ao traduzir “Flughafen Wien” como “Vienna International Airport”. Ao adicionar o termo “International”, o tradutor adaptou o nome do aeroporto à designação oficial em inglês (Chesterman, *Memes of Translation* 105). Estes aspectos devem ser

tomados em conta, pois, na Parte II, aparecerão alguns casos que reflectem, pelo menos, uma destas estratégias.

1.3.2. Discurso

Uma espécie de “guião cultural”, o discurso encontra-se relacionado com o conhecimento adquirido, com os objectos e os costumes de uma determinada época (Asimakoulas 241). O discurso é construído por um conjunto de ideias, imagens e práticas que permite evocar formas de conhecimento e de comportamentos associadas a determinadas actividades, práticas ou instituições. Este conjunto define o conhecimento que é (ou não) apropriado, permitido ou proibido, revelando qual é considerado pertinente e verdadeiro num determinado contexto, bem como o tipo de pessoas que representa as suas características. Partindo do princípio de que as coisas físicas e as acções existem, estas adquirem significado e tornam-se objecto de conhecimento dentro do próprio discurso (Jackson II 171-172).

O discurso adquire toda a importância no relato de viagens, pois é através do discurso próprio do autor/viajante que a cultura estrangeira se dá a conhecer. Deste discurso, não se excluem a sua língua, a sua cultura de origem e, em grande medida, a sua interpretação dos factos observados.

1.3.3. Profissionais Especializados

Entende-se por profissionais especializados os indivíduos responsáveis por definir os critérios estéticos, por controlar o sistema literário e por filtrar a informação considerada relevante. Os sistemas literários com uma regulação rígida têm normalmente indivíduos ou instituições próprias que garantem uma certa coerência estético-cultural no âmbito das produções tornadas públicas (Asimakoulas 242). Trata-se, por exemplo, do caso de profissionais contratados por uma editora para definir os critérios de todo um conjunto de manuais escolares e garantir que esses critérios estão de acordo com as necessidades do sistema de educação, como aliás aconteceu com a Librairie Hachette, ainda no século XIX, como se verá na Parte II.

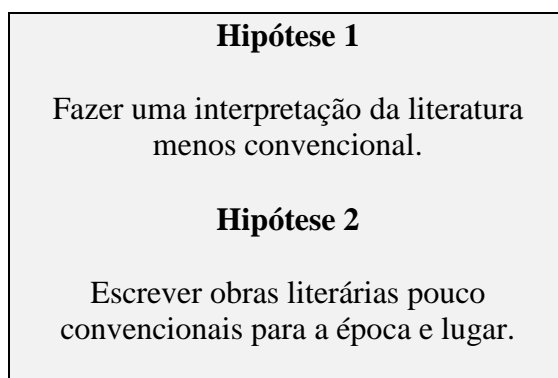
A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

Mais em concreto, os *rewriters* encontram-se no meio, trata-se de homens e mulheres que não escrevem textos literários, mas que os reescrevem, sendo responsáveis pela recepção e pela sobrevivência dos textos no seio da maioria dos leitores no mercado global. Os *rewriters* sempre existiram, como, por exemplo, os críticos do século XIX que exibiam o encanto e o esplendor das obras clássicas e modernas a um público desinteressado (Lefevere 1-2).

Lefevere afirma que grande parte dos leitores não especializados não lê literatura escrita directamente pelos seus autores, mas sim por quem a reescreve. Tal permite que os *rewriters* criem imagens de um escritor, de um texto, de um período, de um género e, muitas vezes, até de um sistema literário. Se se entender que estas imagens são colocadas ao serviço de certas ideologias, facilmente se chega à conclusão de que o poder que detêm é enorme e capaz de influenciar o curso da História. Sempre que um leitor afirma que leu determinado livro, o que realmente está a dizer é que reteve do livro uma certa imagem, uma certa construção desse livro, que corresponde normalmente a alguns excertos do mesmo (4-6).

Quer se trate de traduções, de textos literários, de obras de referência, de antologias ou de crítica literária, os *rewriters* acabam sempre por adaptar e manipular os textos, de forma a enquadrá-los numa das ideologias prevaletentes ou na ideologia dominante, normalmente sustentada pela maioria dos *rewriters*. A manipulação levada a cabo pela reescrita afigura-se, de facto, eficaz e, por isso, deve ser estudada, uma vez que tal permitirá ao investigador ver para além do texto (8-9).

Muito do que se diz acerca dos *rewriters* também se aplica aos autores, pois estes têm igualmente a possibilidade de escolher entre adaptarem-se ao sistema ou oporem-se a ele, existindo várias formas de fugir aos mecanismos de controlo (Lefevere, *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame* 13), tal como se pode verificar na Fig.7:



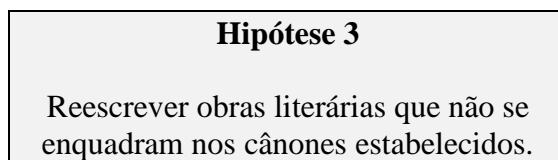


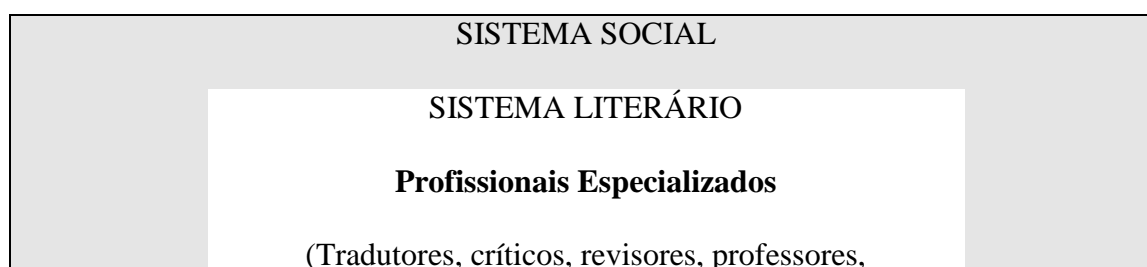
Fig. 7. Formas de Contornar os Mecanismos de Controlo Sistémico.

No estudo de caso desenvolvido na Parte II, serão objecto de estudo Taine (o autor) e Rae (o tradutor). Num plano secundário estarão os críticos, cujo papel é dar a sua opinião e formar a opinião pública acerca das obras. O estudo de alguns aspectos da vida profissional e pessoal dos responsáveis pela produção e disseminação das obras pode fornecer indícios quanto à existência de uma mensagem de conteúdo ideológico nos seus discursos.

1.3.4. Mecenate

O mecenato representa os poderes, as pessoas ou as instituições que regulam todo o processo e cuja preocupação se encontra mais ligada à componente ideológica do que à poética (Asimakoulas 242).

A literatura constitui um sistema inserido numa complexa rede de outros sistemas denominada cultura. Deste modo, a cultura ou a sociedade acolhem o sistema literário. Todos os sistemas que compõem o sistema social, incluindo o literário, influenciam-se mutuamente, determinados pela lógica da cultura à qual pertencem. Por sua vez, a cultura é essencialmente controlada por dois factores, um deles opera dentro do sistema literário e o outro fora dele: por um lado, os profissionais especializados (críticos, revisores, professores, tradutores), por outro, o mecenato que personifica os poderes (pessoas e instituições) que promovem ou travam o processo de leitura, escrita e reescrita, tendo como principal interesse veicular uma determinada ideologia (Lefevere, *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame* 13-15) (Fig.8):



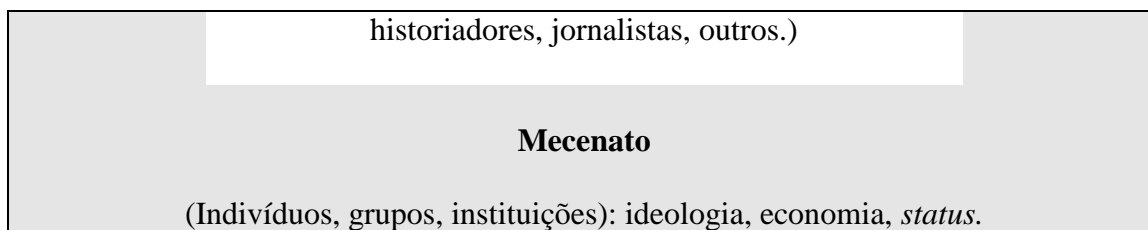


Fig. 8. Factores de Controlo Dentro e Fora do Sistema Literário.

O mecenato caracteriza-se por três vectores que interagem entre si: a componente ideológica, que orienta tanto a forma como a matéria, gerindo as acções dos indivíduos; a componente económica, que regula as relações entre o mecenato (empregador), os autores e os *rewriters* (empregados); e o *status*, que implica a integração num grupo de apoio e a conformação ao seu estilo de vida (16).

Um dos papéis mais importantes desempenhado pelo mecenato é de cariz político, ou seja, o poder de garantir que um sistema literário não se desalinha face às orientações dominantes, reguladoras de todos os subsistemas sociais. Todavia, de um modo geral, os mecenas raramente influenciam directamente um sistema literário, pois quem o faz são os críticos, os ensaístas, os professores e os investigadores académicos. O mecenato pode ser de dois tipos: diferenciado ou indiferenciado.

O mecenato indiferenciado verifica-se em situações em que uma pessoa, um grupo ou uma instituição se encontram ligados pela mesma ideologia; e diferenciado quando diferentes mecenas representam, cada um, uma ideologia diversa (Lefevere, *Mother Courage's Cucumbers* 206). Os regimes totalitários e as monarquias absolutistas constituem bons exemplos de um mecenato indiferenciado. O mecenato diferenciado encontra-se tendencialmente nas sociedades democráticas e liberais, onde uma rede de mecenas opera de forma activa e autónoma, assumindo em simultâneo uma grande variedade de posições ideológicas (Asimakoulas 242) (Fig.9):

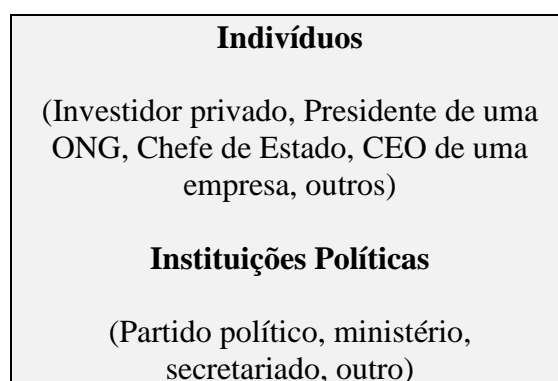




Fig. 9. Composição do Mecenato.

Em *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (editada por Baker e Saldanha), Asimakoulas faz a seguinte crítica à teoria de Lefevere:

it is difficult to see how institutions and gatekeepers of any kind can function as constraints in the same way as language or universe of discourse might. The lack of a clear distinction between the mainly literary/systemic product of rewriting and gatekeepers with a potential influence on rewriting results in a certain level of vagueness (242).

Em defesa de Lefevere, deve, contudo, afirmar-se que este não pretendeu propugnar que a influência exercida pelo mecenato se compara à dos profissionais especializados, os quais trabalham directamente sobre o discurso. Apesar de os profissionais especializados serem responsáveis por veicular as ideologias dentro do sistema literário, aqueles podem ser directa ou indirectamente influenciados por forças externas: de forma directa, quando, por exemplo, preso ao vínculo contratual, o tradutor vê o seu trabalho confrontado pelo processo de revisão e de edição dos textos levado a cabo pela editora; de forma indirecta, quando, por exemplo, o Estado é o empregador, definindo a ideologia e a função a atribuir ao texto.

A influência exercida pelo mecenato pode ser nula, alguma ou muita. Aliás, o mecenato e os profissionais podem até constituir uma mesma entidade, como no caso de uma editora independente, em que os sócios levam a cabo as tarefas de reescrita. Em suma, o autor e o tradutor não só não se encontram isolados do resto do sistema social, mas também sofrem os efeitos, directos ou indirectos, das relações nele estabelecidas.

O mecenato ocupará grande parte da descrição das obras na Parte II, pois, em última instância, é responsável pela sua apresentação e publicação. Por intermédio dos elementos peritextuais, que se fazem valer juntamente com os textos, o mecenato dá a conhecer a sua imagem de marca ao leitor e ao público em geral, imprimindo alguns indícios da ideologia por si acolhida. Para além disto, o mecenato ainda tem a última palavra quanto às alterações ao nível da estrutura interna do texto levada a cabo pelo tradutor. Por último, deve notar-se que nem sempre um trabalho resulta da iniciativa do respectivo autor, sendo, por isso, importante ter em conta este elemento na descrição de uma obra.

1.3.4.1. Ideologia

No capítulo “Translation Practice(s) and the Circulation of Cultural Capital. Some Aeneids in English” incluído na obra *Constructing Cultures. Essays on Literary Translation* (1998), Lefevere define a componente ideológica como o conjunto de opiniões e de atitudes consideradas essenciais numa determinada sociedade e numa dada época, através das quais os leitores e os tradutores abordam os textos (48). Contudo, a ideologia é maioritariamente orientada pelo mecenato, que exerce uma influência preponderante na produção e na manipulação da maioria dos textos. Para o profissional especializado, a presença da ideologia pode resultar de um acto consciente ou inconsciente, reflectindo-se na forma como o tradutor aborda o contexto discursivo do texto de partida, isto é, os objectos, os conceitos e os costumes pertencentes à esfera do autor. (Shuttleworth, e Cowie, “Rewriting” 147) A ideologia revela-se através de vários aspectos: técnicas textuais de tradução, processo de recontextualização (paratextos e outros) e política de escolhas por parte de quem controla o processo de publicação.

Ao longo do tempo, a ideologia tem sido incluída no debate acerca das estratégias de tradução, nomeadamente na controvérsia entre a tradução literal e a tradução pelo sentido. Enquanto os limites da tradução literal tentam conter e controlar o sentido, os desconstrutivistas defendem que qualquer desvio é aceitável, havendo apenas a necessidade de uma ideologia para o justificar, não só por não existir uma obrigatoriedade de se identificar um original, mas também porque a hierarquia absurda que, durante muito tempo, conferiu total primazia ao texto de partida pode, hoje, ser

revogada por uma orientação a favor do texto de chegada. Não existindo a noção de significado original, as várias formas de adaptação ficam automaticamente justificadas enquanto principais técnicas de tradução (Fawcett e Munday “Ideology”, 138). Na Parte II, procurar-se-á precisamente descrever eventuais desvios que possam ocorrer na comparação das obras, com o intuito de obter evidências acerca das motivações que levaram a editora Strahan & Co. a proceder a tais alterações.

Termina-se, assim, este primeiro capítulo, que teve como objectivo primordial apresentar a teoria que servirá de base para o estudo de caso. De seguida, inicia-se uma nova fase desta Parte I focada na classificação do relato de viagens e no enquadramento histórico da escrita de viagens.

2. O Relato de Viagens

2.1. Caracterização

No capítulo “Géneros do Campo Autobiográfico”, parte da edição digital de *Ensinar Géneros de Texto: Conteúdos, Estratégias e Materiais* (2019), editado por Antónia Coutinho e Noémia Jorge, Ana Silveira considera o relato de viagens um género autoral, pelo facto de ser possível identificar o produtor do texto. De facto, trata-se de um género resultante das observações do narrador-viajante, durante uma viagem real ou fictícia, que fornece informações acerca dos locais por ele visitados, dando a conhecer as suas impressões sobre esses lugares, mediante descrições de aspectos culturais, de pessoas e de experiências que, de algum modo, o afectaram (55).

Ainda segundo Ana Silveira, o relato de viagens tem um carácter multimodal, podendo apresentar-se em formato escrito ou oral, sendo normalmente publicado em livros, artigos de periódicos ou divulgado nos meios de comunicação audiovisuais. A sua estrutura é “essencialmente narrativa (com introdução, desenvolvimento e conclusão), em que se articulam sequências narrativas e descritivas, podendo ainda integrar sequências explicativas ou dialogais” (55). Tal significa que, a par das peripécias, há lugar para a descrição do meio circundante e para a integração de informações e explicações acerca de uma determinada realidade. Caracteriza-se, ainda,

pelo discurso na primeira pessoa, sendo marcado pela subjectividade, uma vez que, ao longo do relato, se torna possível identificar “as suas impressões, os seus sentimentos, as suas interpretações e, por vezes, juízos de valor” (56).

O relato de viagens inclui tipos de textos que se instituem como géneros autónomos, tais como a descrição etnográfica, a reportagem (Youngs, *The Cambridge Introduction to Travel Writing* 3), o relatório científico, o diário, a autobiografia, a epistolografia, o romance, entre outros. Existem outros textos não ficcionais que também se reportam às viagens de várias formas como, por exemplo, o guia ou o roteiro turístico.

A presença, na escrita de viagens, de características de outras formas literárias leva muitos críticos a considerá-la como não tendo uma identidade própria (6). Há, inclusive, académicos que defendem que o escrutínio do género é mais da responsabilidade dos Estudos de Cultura do que dos Estudos Literários, pois o seu interesse é acima de tudo sociológico (9). De facto, em termos sociais, um relato de viagens constitui um género muito importante, pois o seu estudo permite ao investigador registar o progresso espacial e temporal da humanidade, esclarecendo o leitor quanto à forma como um povo se vê a si próprio e como vê os outros. A construção da relação “eu”/“tu” e “nós”/“eles” opera, ao nível individual e nacional, nos domínios da psicologia, da sociedade e da economia. O processo de afiliação e diferenciação ocorridos na escrita de viagens pode servir para forjar alianças, precipitar crises ou até provocar guerras (1).

Este tipo de relato é também frequentemente usado, com eficácia, como um instrumento que coloca a observação dos fenómenos socioculturais ao serviço do discurso dominante, nomeadamente o imperialista, de género, de raça ou de classe. Tal faz parte de uma estratégia que permite separar duas entidades diferenciadas, o “eu” e o “outro”, criando-se um sentimento de pertença ou uma atitude de rejeição (Baylis 399-400).

O género acima descrito permite, numa primeira análise, caracterizar a obra *Notes sur l'Angleterre* e enquadrá-la no sistema literário “Relatos de Viagens do século XIX”. Esta delimitação implicará o levantamento dos factos históricos que caracterizam aquele sistema literário.

2.2. Produção

Desde o planeamento da viagem até ao momento de publicação de um relato, há várias etapas que um viajante deve ter em consideração: o planeamento da viagem, a partida à descoberta de um destino, o (des)encontro com o “Outro”, o registo das experiências vividas, a organização das ideias, a redacção do relato, a revisão, a edição e, finalmente, a publicação.

Poderão existir diferenças sempre que se trate, por um lado, de uma viagem em território nacional ou, por outro lado, de uma viagem ao estrangeiro. Esta última implica a observação de uma cultura diferente. Em termos práticos, se o objectivo do viajante for publicar um relato na sua língua nativa, o processo de produção implicará o cruzamento de duas línguas, a da cultura observada, a partir da qual o autor interpreta determinados factos, e a língua para a qual serão vertidos os resultados da observação.

O típico autor de relatos de viagens do século XIX não era apenas um escritor, mas era muito mais do que isso. Ao contrário de hoje, em que tudo se encontra à distância de um clique, se aquele tivesse pretensões de relatar algo, tinha de levar a cabo preparativos que poderiam durar meses, partir por um período muitas vezes indefinido e longo, transportado por uma carruagem, um comboio ou um barco a vapor, sem saber ao certo quando voltaria. Assim, para além de escritor, o autor do relato também desempenhava outros papéis não menos relevantes: o de viajante (aquele que, por iniciativa própria, se desloca para um destino nacional ou internacional), o de observador (aquele que observa, julga e examina outro espaço ou cultura), o de investigador (aquele que leva a cabo uma série de pesquisas acerca de algo), o de escritor (o responsável pela produção do relato de viagens) e o de difusor de cultura (aquele que divulga certos aspectos de uma cultura).

Estes vectores permitirão entender o papel do autor do relato de viagens, no processo de reescrita cultural.

Importa, em seguida, integrar o relato de viagens no contexto do século XIX.

3. A Escrita de Viagens no Século XIX

Para se entender uma obra com a dimensão social, cultural e política de *Notes sur l'Angleterre*, torna-se essencial apresentar uma breve retrospectiva da sociedade e

da política europeia da época, tomando como epicentros a França e a Grã-Bretanha. Numa primeira fase, no capítulo “Contexto Sociopolítico (1789-1871)”, pretende-se olhar para a História de uma perspectiva geral. Numa segunda fase, correspondente ao capítulo “Viajar no Século XIX”, procurar-se-á descrever as principais tendências da escrita de viagens da centúria de Oitocentos, numa lógica da sua integração na História geral.

3.1. Contexto Sociopolítico (1789-1871)

Na forma como se entende o tempo, há sempre um “antes” e um “depois”. Um século constitui apenas um pedaço de tempo cujo significado fica para a posteridade, pois só a memória estrutura e categoriza o tempo. Para se situar um século no *continuum* temporal será sempre necessária uma tarefa interpretativa (Osterhammel 46).

Alguns historiadores têm preferência por um século XIX longo, que se inicia em 1789, com a Revolução Francesa, e termina com o surto da Primeira Grande Guerra, em 1914. Nesta dissertação considera-se um século XIX curto, a começar em 1789, mas a acabar em 1870, década em cujo início *Notes sur l'Angleterre* (1871) foi publicada.

3.1.1. O Fim do *Ancien Régime* (1789-1793)

Durante todo o século XVIII, a Grã-Bretanha e a França viveram num clima de hostilidade que, aliás, já vinha de trás. Com um balanço de vitórias claramente a seu desfavor, a França acabou por encontrar uma forma de retaliação ao contribuir, de formas diversas, para o triunfo da causa norte-americana, em 1776. Não obstante a derrota e a perda das importantes colónias americanas, no final do século XVIII a Grã-Bretanha continuava a ser uma importante potência mundial, em grande medida devido à Revolução Industrial, que promoveu enormes avanços tecnológicos, e ao crescimento do império em outras regiões do globo.

Após uma série de derrotas militares na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), travada contra uma aliança composta pela Grã-Bretanha e pela Prússia, a França encontrava-se em decadência. Louis XIV (1638-1715) e Louis XV (1710-1774) tinham cometido muitos erros, que custaram caro à monarquia francesa. Assim, quando Louis

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

XVI (1754-1793) subiu ao trono, em 1774, após a morte do seu avô, Louis XV, os cofres do reino estavam vazios e o regime monárquico sofria uma forte contestação por parte de uma população descontente, a qual se apercebera de que havia mais para além das limitações de vida que o Estado lhe impunha. A incompetência dos governos, a opressão exercida pelo regime e as necessidades por que a população passava constituíram factores decisivos para desencadear um fenómeno hoje conhecido como Revolução Francesa.

Nas vésperas da abolição da monarquia absoluta e do sistema feudal, em 1789, o *Ancien Régime*, chefiado pelas dinastias Valois e Bourbon, já praticamente não tinha defensores, devido à crença nas ideias iluministas da soberania popular e dos direitos inalienáveis dos seres humanos. Mulheres famintas marchavam em direcção a Versalhes e os homens precipitavam a Bastilha para o fim de uma Era. Pretendia-se um tempo de humanismo e um projecto em que as classes mais desfavorecidas participassem com um espírito renovado.

O sistema social francês praticamente dividia as pessoas entre duas classes: os privilegiados e os mais desfavorecidos. O grupo dos privilegiados era composto pelo clero e pela nobreza, classes que, apesar de pertencerem a um círculo elitista, não se sentavam à mesa da governação, devido à ameaça que representavam para a monarquia. A classe mais desfavorecida era constituída pelos plebeus, recaindo sobre eles o elevado peso dos impostos. O fardo que carregavam servia para pagar as guerras, a ostentação das classes privilegiadas e os demais desvarios da monarquia. Para os camponeses, a Revolução não serviria para fazer deles proprietários das terras, que já eram suas por direito, mas para os aliviar dos impostos pesados e de origem feudal, uma estrutura meramente representativa dos tempos em que quem trabalhava a terra tinha obrigação de prestar vassalagem aos seus senhores. Ora, tal sistema já não tinha qualquer sentido no final de Setecentos. Por outro lado, os cidadãos viam na decadência das organizações estatais uma razão que impossibilitava o progresso, nesta altura já claramente notável em Inglaterra, com os avanços propiciados pela Revolução Industrial.

No plano político, a Europa era dominada pela Grã-Bretanha, pela França, pela Áustria e pela Rússia, mas era a França que revolucionava o pensamento, a partir das ideias de intelectuais como Voltaire, Rousseau, Montesquieu e Diderot, aos quais se juntavam nomes como Robertson, Hume e Gibbon na Grã-Bretanha, e Goethe, Kant e Schiller na Alemanha. O pensamento destes homens caracteriza-se, *grosso modo*, por se

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

opor ao poder estabelecido, pela propagação dos ideais iluministas e pela crítica à organização eclesiástica, que não servia o propósito de salvaguardar os princípios que a própria propagava.

As revoluções, muitas vezes sanguinárias, envolvendo o confronto e a destruição, começam geralmente no fundo de cada cidadão. De forma consciente ou inconsciente, os homens, revoltados com o mal que sobre eles recai, reúnem-se nos cafés ou nos salões, para discutir ideias e encontrar uma justificação para agir.

A influência de ideias com efeitos práticos na economia burguesa também se fez sentir. A doutrina de Mirabeau, sustentada no pensamento do economista britânico Adam Smith, revelava-se no discurso que todos queriam ouvir: toda a riqueza é produzida a partir do labor da terra; a classe trabalhadora é a mais produtiva; a intervenção dos governos deve ser mínima; a criação de um sistema educativo para todos é fundamental; o livre comércio é imprescindível; e, finalmente, todas as formas de imposto devem ser reduzidas a um simples imposto sobre a terra.

A partir de 1792, com a constituição da Primeira República, a Assembleia Nacional já era dominada pelos plebeus. Muitos deles, oriundos sobretudo da classe média, eram burgueses que se dedicavam ao comércio e à indústria. Não havia representantes dos camponeses.

Tratou-se de um período de descontrolo e de quase loucura, em que se aprovaram leis absurdas. Os impostos não eram pagos, as casas de famílias nobres eram assaltadas, o desemprego disparou, o comércio estava malparado, havia muitos trabalhadores meio-mortos nas ruas de Paris e, apesar da agitação e da esperança nas novas ideias que iluminavam os espíritos dos mais desfavorecidos, o clima era de miséria e de fome.

Os jornais de cariz político começaram a proliferar, sobretudo em consequência da melhoria das técnicas de publicação. Conseguindo chegar às massas com maior rapidez e eficácia, a imprensa passou a desempenhar um papel cada vez mais activo na formação de opinião.

Outro fenómeno contemporâneo da Revolução foi a emigração, pois muitos nobres, descontentes com o Rei e não querendo continuar a viver num país dominado por princípios que eles próprios desprezavam, decidiram partir rumo a países como a Inglaterra e a Alemanha.

Em 1793, vinte anos depois de ter subido ao poder, Louis XVI foi sentenciado à morte, juntamente com a sua mulher, Marie Antoinette, que lhe seguiu os passos nove

meses depois, também acusada de traição. Apesar dos resultados desastrosos da governação que herdara dos seus antecessores, Louis XVI parecia mais aberto a uma mudança e à aceitação das novas ideias. Todavia, não lhe era fácil tornar-se popular, mesmo quando demonstrava o seu alegado amor pelo povo. Para agravar ainda mais a situação, a indústria e o comércio não conseguiam competir com o sistema britânico. A França sempre fora uma terra produtiva e rica, mas a tradição demasiado longa de um sistema de privilégios detidos pelo clero e pela nobreza, a par da corrupção e dos erros sucessivos da monarquia tinham condenado o *Ancien Régime* ao fracasso.

O “Reino de Terror” não se fez esperar. Maximilien Robespierre foi responsável por mandar prender mais de trezentas mil pessoas e de mandar executar outras dezassete mil que se opunham ao processo revolucionário. Afinal, apesar da sua rivalidade, tanto jacobinos como girondinos acabaram por servir o interesse da causa, pois, se uns expulsaram a oposição interna, os outros, com a sua política de guerra no exterior, conquistaram novos territórios para a França revolucionária.

3.1.2. O Equilíbrio de Poderes na Europa (1793-1815)

Com o início da Primeira República e a criação de uma nova Constituição, em 1793, a França travava já uma guerra em várias frentes para preservar e cultivar as ideias da Revolução. As novas conquistas em território europeu, a intimação trazida com as novas ideias revolucionárias, a incitação à mudança de regime e o facto de a França declarar estar do lado apenas dos povos que quisessem libertar-se do jugo monárquico constituíram razões para que muitos governos, motivados por questões políticas, religiosas, económicas e, sobretudo, sociais, temendo que os seus cidadãos também se revoltassem, decidiram agir em interesse próprio, no sentido de preservar o *status quo*. Neste cenário, a Grã-Bretanha optou por juntar-se àquela que seria a primeira frente comum europeia, constituída pela Áustria, Prússia, Holanda, Sardenha e Espanha, contra a França. A França respondeu a esta aliança, reunindo um poderoso exército que acabou por vencer em todas as frentes, por volta de 1795.

Ao longo de mais de vinte anos, foram necessárias sete alianças europeias para finalmente se derrotar a França e as suas ambições. Durante as Guerras Napoleónicas (1799-1815), as alianças entre as grandes potências foram-se reconfigurando para travar as intenções do recém-chegado ao poder, Napoleão Bonaparte, que, inicialmente, ao

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

querer reforçar a posição de força iniciada pela Revolução, acabou por enveredar por uma tentativa de afirmação da supremacia da França sobre todas as nações europeias.

Depois da batalha de Marengo, em 1800, na qual Napoleão venceu a Áustria, a França tornou-se a maior potência do continente europeu. Apenas a Grã-Bretanha mantinha uma posição de força. Embora não tivesse deixado a Revolução órfã, Bonaparte trouxe autoritarismo, ordem e eficiência a uma fase de descontrolo e de desorganização. Se, por um lado, Napoleão foi capaz de negociar a *Concordata*, em 1801, com o Papa Pius VII, para restabelecer o estatuto que a Igreja Católica tinha perdido em França, após as reformas revolucionárias, por outro lado, e apesar de o Catolicismo ser a doutrina praticada pela grande maioria dos franceses, Bonaparte não a reconheceu como religião do Estado, recusando-se a devolver à Igreja as propriedades confiscadas.

Napoleão proclamou a França um império e autoproclamou-se imperador, em 1804. Apesar de acabar por sair derrotado, o Imperador venceu muitas batalhas, como a de Austerlitz contra a Áustria e a Rússia, em 1805, as de Jena e Auerstedt contra a Prússia, em 1806, e a de Friedland contra a Rússia, em 1809. A sua derrota na batalha de Trafalgar, em 1805, contra a Grã-Bretanha, revelou-se muito importante. Apesar de derrotado, de não ter conseguido invadir as Ilhas Britânicas (como tencionava) e de ter permitido que a frota britânica, comandada por Horatio Nelson, se afirmasse como a mais poderosa força naval da época, Napoleão conseguiu enfraquecer o comércio britânico mediante um bloqueio continental, que, de acordo com os decretos de Berlim (1806) e de Milão (1807), impedia todos os aliados da França de estabelecer relações comerciais com a Grã-Bretanha. Deve notar-se que se trata de um exemplo de uma medida político-económica muito importante para as viagens realizadas na época, pois interferiu com a livre circulação de bens e pessoas.

Com a Guerra Peninsular (1808-1814), as tropas francesas invadiram Portugal, a família real portuguesa mudou-se para o Brasil com a ajuda dos ingleses e José Bonaparte, irmão do Imperador, ocupou o trono de Espanha. As tropas comandadas pelo futuro Duque de Wellington encontraram em Portugal o território onde podiam medir forças com os exércitos de Napoleão, numa espécie de jogo de xadrez, sem resultados conclusivos até 1812. Quando Bonaparte se viu em apuros na frente russa, Wellington foi gradualmente avançando até Espanha, numa espécie de “excursão” típica da época. Depois de vencido na batalha de Borodino, Napoleão foi obrigado a bater em retirada de Moscovo, devido à enorme quantidade de baixas nas suas linhas da frente.

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

Ao recuar, em 1813, o exército do Imperador foi esmagado pelas tropas aliadas na batalha de Leipzig. A sexta aliança europeia, encabeçada pela Inglaterra, tomou a cidade de Paris, em 1814, e Napoleão foi forçado a abdicar e a exilar-se na ilha de Elba. Apesar de ainda ter conseguido escapar do confinamento, regressar a Paris e de encontrar fôlego, durante o período dos *Cent Jours* em que esteve no poder, para uma última batalha em Waterloo, contra uma sétima e última aliança europeia, Bonaparte acabaria definitivamente exilado na ilha de Santa Helena, onde morreu seis anos depois.

O mais importante legado da era napoleónica talvez tenha sido o Código Civil, que influenciou muitos outros códigos europeus, tendo sido, porventura, a maior conquista de Napoleão. Inspirado na lei romana, o novo Código uniformizou a lei privada em França e transportou os valores da Revolução pelo mundo fora até aos dias de hoje. Para além disso, acrescem o fim do feudalismo, do controlo eclesiástico do Estado e da desigualdade na distribuição das heranças; a possibilidade de divórcio; a construção de escolas, de estradas e de canais; a redução de tarifas comerciais; a organização da indústria em corporações; a disseminação de técnicas, métodos e inovações tecnológicas, por influência da Revolução Industrial britânica; a introdução de novas técnicas agrícolas; o reavivamento da indústria; o aumento do emprego e a melhoria dos salários; e, por último, a constituição da Université Impériale¹ (1806), uma corporação que determinava que apenas os seus membros, das Faculdades de Letras, Ciências, Direito, Medicina e Teologia, podiam leccionar nas escolas públicas ou privadas.

Com o Congresso de Viena, em 1815, a Europa reorganizou-se mediante um acordo que durou mais de quarenta anos. A França recuou às suas velhas fronteiras, tal como definidas em 1789, e a dinastia dos Bourbon foi restaurada, passando a governar de acordo com uma monarquia constitucional.

3.1.3. A Expansão Europeia Oitocentista (1815-1850)

A partir de 1815, a Inglaterra tomou a dianteira, com as suas políticas expansionistas. Deve notar-se que a exploração de novos territórios, o estabelecimento

¹ Também conhecida como Université de France.

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

de relações comerciais com outros povos, nomeadamente indígenas, a protecção ou a subjugação daqueles por interesses económicos ou por necessidade militar de controlar determinada região constituem actividades próprias de uma economia imperialista e não necessariamente colonialista. A colonização envolve o estabelecimento de colónias por parte do povo invasor, organizadas por um sistema próprio, gerido pelos colonos brancos que nelas habitam. Muitas vezes, os missionários, os exploradores, os viajantes e os comerciantes chegavam primeiro e só depois vinham as companhias, as organizações governamentais (ou não) ou conjuntos de homens motivados por iniciativas individuais, que acabavam por criar as condições necessárias para controlar política e economicamente as regiões. Surgiam, então, questões logísticas a resolver com vista ao estabelecimento de colonos, civis ou militares, os quais garantiam a organização e a segurança necessárias do entreposto, que, com o tempo, ascendia à categoria de colónia. Num processo crucial para a comunicação entre a nação colonizadora e os entrepostos coloniais, a Grã-Bretanha focou-se em proteger as suas rotas comerciais, concentrando as atenções em locais estratégicos que garantissem uma passagem segura para as colónias, nomeadamente para a “Jóia da Coroa”. Em 1819, com a aquisição de Singapura, os britânicos asseguram também o caminho para a China. O controlo das rotas permitia igualmente que os viajantes se movimentassem com maior segurança.

Com a subida ao trono de George IV, em 1820, verificou-se um surto de emigração, incentivada pelo próprio Governo, para a África do Sul, sendo que muitos dos que embarcavam eram ex-soldados. Recorde-se que, por esta altura, a Grã-Bretanha já tinha declarado o comércio de escravos uma prática ilegal, embora a escravatura só tivesse sido oficialmente abolida, em todo o império, em 1833, com o *Slavery Abolition Act*. Outro fenómeno de emigração deu-se quando o Governo inglês decidiu transformar a Austrália numa espécie de colónia penal. Em 1833, a totalidade da Austrália foi reivindicada como domínio britânico. Na década de quarenta muitos britânicos emigraram para os Estados Unidos e para o Canadá. Na verdade, antes do *Scramble for Africa* dos anos oitenta, a Grã-Bretanha já tinha povoado três continentes com milhões de cidadãos brancos. Por outro lado, o domínio imperialista encontra, não raro, uma certa resistência por parte dos povos subjugados e, simultaneamente, a concorrência de outras potências, pelo que, ao longo do século, a Grã-Bretanha viu-se confrontada com vários conflitos bélicos.

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

Do ponto de vista interno, importa referir algumas das transformações que, por consequência directa ou indirecta da Revolução Industrial, ocorreram antes do início do reinado da Rainha Victoria: a invenção do motor eléctrico por Michael Faraday (1821), a primeira publicação do jornal *The Manchester Guardian* (1821) (hoje conhecido como simplesmente *The Guardian*), a publicação de *Rural Rides* (1830), por William Cobbett, que relatava as aventuras do protagonista por toda a Inglaterra, a invenção do *rugby* (1823) e a abertura, à escala mundial, da primeira linha ferroviária para passageiros, a “Stockton and Darlington” (1825), que permitia a circulação de locomotivas a vapor com capacidade de transportar quatrocentas e cinquenta pessoas a uma velocidade de 24 km/h. Quatro anos depois, a locomotiva Rocket já se movia a 58 km/h, tornando-se um modelo para a construção de muitas outras locomotivas. Deve, ainda, salientar-se a fundação da University of London (1826), a criação da Royal Zoological Society, em Londres (1826), a instauração da Polícia, também na capital (1829), a inauguração da linha ferroviária entre Liverpool e Manchester (1830), a criação da Royal Geographic Society (1830), o início das viagens de Charles Darwin, em 1831, a inauguração da London Bridge (1831), o estabelecimento de um sistema de inspecção às fábricas, através dos Factory Acts (1833), a invenção do diafragma contraceptivo (1833), o desenvolvimento do sistema de *Braille*, a criação da Geological Survey of Great Britain (1835), a autonomização dos municípios, em termos de governação, através do Municipal Corporation Act (1835) e, finalmente, a publicação mensal de *Pickwick Papers* (1837), obra com que Charles Dickens iniciou a sua aventura como escritor, e que adquiriu o formato de livro no ano seguinte.

Como a França deixou de se poder expandir pela Europa viu as suas oportunidades em África, na China e na Síria. Charles X, o último herdeiro legítimo dos Bourbon, que tinha subido ao trono em 1824, depois da morte de Louis XVIII, o qual reinara com poderes limitados entre 1814 e 1824, considerou que a África se afigurava o destino perfeito para as aspirações francesas. Deste modo, a cidade de Argel foi tomada em 1830, o que levou à subjugação da Argélia em 1849. Sabe-se que, após a invasão, os chefes argelinos ainda se socorreram dos marroquinos, mas os reforços não foram suficientes para enfrentar a força terrestre francesa, acabando o Sultão de Marrocos por desistir da causa argelina.

Deve referir-se que a ideia de colonização para os franceses foi um pouco diferente da dos britânicos. Desde logo, a França pretendeu constituir um sistema centralizado, com o objectivo de gerir, de Paris, todos os aspectos da vida das colónias,

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

de forma a garantir o domínio absoluto sobre os povos árabes e de outras etnias. O Governo francês tinha um plano bem definido, que ia desde o apoio logístico à administração das colónias. O Governo distribuía as terras conquistadas, permitia o estabelecimento de franceses, mas encorajava os casamentos apenas entre si, de forma a garantir uma forte presença francesa no contexto do crescimento populacional de determinada região. O Código Civil e a cultura foram importados de França.

Se o Governo britânico permitia que as colónias gozassem de uma certa autonomia, as colónias francesas, pelo contrário, eram uma espécie de extensão da França. Assim, a Argélia era considerada território francês, do mesmo modo que qualquer outra região da França, como, por exemplo, a Bretanha.

As ambições francesas relativamente à China eram óbvias, mas os britânicos quebraram, pela primeira vez, as barreiras erguidas pelo Governo chinês face às relações com o comércio ocidental. Com o bloqueio do rio Cantão (agora rio das Pérolas), em 1840, e a ocupação de Hong Kong, em 1843, portos importantes, incluindo o de Xangai, acabaram por ser abertos ao comércio exterior. A França veio atrás e conseguiu enviar missionários católicos, que acabaram por exercer a sua influência e obter importantes concessões.

Em 1837, depois da morte do seu tio William IV, e com apenas dezoito anos de idade, Victoria tornou-se Rainha de Inglaterra. Um reinado que durou mais de sessenta anos e que primou por grandes transformações sociais, económicas e tecnológicas. O seu reinado ficou conhecido por “Era Vitoriana”, denotando, entre outros aspectos, o *continuum* histórico da hegemonia do império britânico. Na verdade, nunca um monarca britânico reinara durante tanto tempo ou governara tanta gente em simultâneo, numa extensão territorial tão alargada.

3.1.4. O Auge da Industrialização Britânica (1851-1861)

O dia 1 de Maio de 1851 assinalou a ascensão da Grã-Bretanha a um lugar cimeiro à escala mundial, pois correspondeu à inauguração da *Great Exhibition*, em Londres, a qual celebrou a missão britânica de conduzir a humanidade para atingir o progresso. Em Hyde Park, o ambiente era festivo e reunia figuras distintas e pessoas comuns, oriundas de toda a Europa, transportadas pelos barcos a vapor e, não raro, integradas em excursões organizadas por agências de turismo, que, com o crescimento

do gosto pela arte de viajar, ocupavam uma posição de relevo. A exposição, destinada a mostrar ao mundo as mais avançadas invenções tecnológicas, as produções industriais e os objectos de arte, conseguiu atrair mais de seis milhões de visitantes. Celebrava-se a viragem para uma sociedade industrial, convidava-se o mundo a fazer parte deste projecto, a levá-lo consigo e a reproduzi-lo. A cidade afigurava-se, então, o meio privilegiado para concretizar este desiderato, tendo a velha sociedade agrária perdido importância.

Os “hungry forties” tinham sido dominados pela insegurança, pelo medo, por conflitos e pela fome, mas o início dos anos cinquenta prenunciava uma década de prosperidade e de confiança. Evidentemente que quando se generaliza um sentimento nunca se inclui toda a gente, muito menos os descontentes, pois, com a entrada do comércio livre, o recuo do Cartismo e a emigração de mais de um milhão e quinhentos mil irlandeses em consequência da “potato famine” (1845-48) apenas se tinham curado temporariamente algumas feridas internas. Apesar das dificuldades sentidas na década de quarenta, como se referiu, os britânicos escaparam às revoluções de 1848 que assolaram o resto da Europa. Tratou-se de uma série de revoltas contra as monarquias europeias, que começaram na Sicília e acabaram por chegar a França, obrigando Louis-Philippe (sucessor do deposto Charles X, em 1830) a abdicar. Louis-Philippe chegara com a promessa de um “juste milieu”, conseguindo evitar um “coup d’État” em 1840, mas Napoleão III, depois de fugir para Inglaterra, em 1846, acabou por voltar a Paris, tornando-se, em 1848, Presidente da Segunda República. Um pouco por toda a Europa, as revoltas resultaram geralmente em fracasso, pois o poder monárquico foi restabelecido e as ideias liberais reprimidas, levando a um sentimento de desilusão partilhado pelos seus seguidores.

As primeiras três décadas do reinado da Rainha Victoria podem caracterizar-se pelos seguintes vectores: a inauguração da primeira estação ferroviária de Londres (1837), a abertura da linha ferroviária entre Londres e Birmingham (1838), a invenção da bicicleta, por Kirkpatrick Macmillan (1840), o alargamento da vacinação aos mais desfavorecidos (1840), a circulação dos primeiros selos postais (1840), a primeira excursão de férias organizada por Thomas Cook (1841), a publicação do primeiro número de *The Economist* (1843), a criação da British Archaeological Association e do Royal Archaeological Institute of Great Britain and Ireland (1843), a fundação da Ethnological Society de Londres (1844), a inauguração da Tubular Bridge (1850), a criação da Royal Meteorological Society (1853), a organização, também por Thomas

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

Cook, do primeiro “Grand Tour” turístico através da Europa (1856), a primeira instalação de cablagem de comunicação transatlântica (1856), a abertura do Science Museum (1856), a conclusão do Big Ben (1858), a publicação de *The Origin of Species* de Charles Darwin (1859) e a construção do canal do Suez, que passou a ligar o Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo, ficando nas mãos de franceses e britânicos até ser nacionalizado, em 1956, pelos egípcios, provocando uma crise internacional.

Por força da actividade do império britânico, cumpre também nomear alguns conflitos importantes que, neste período, ocorreram em várias frentes. As duas Opium Wars, a primeira travada entre 1839 e 1842 e a segunda entre 1856 e 1860, tiveram como opositores uma aliança anglo-francesa e a China. O conflito foi causado pela criação de um mercado ilegal de ópio, em solo chinês, por parte dos britânicos, para contrabalançar o peso de terem de pagar em prata a matéria-prima que importavam da China. Em 1840 “nascera” a Nova Zelândia, através de um acordo estabelecido entre os britânicos e os *Maori*, que se revoltaram em 1843. Neste ano, os britânicos apossaram-se de Natal,² situada na África do Sul, até então sob o domínio dos *afrikaners*, um grupo de colonos sul-africanos de origem holandesa, com uma cultura e língua próprias (o *afrikaans*), também conhecidos por *Boers* (lavradores). Os *afrikaners* já tentavam escapar ao controlo por parte do império britânico, desde os anos trinta, aquando da sua longa caminhada e travessia do rio Orange, deparando-se com os zulus, os quais acabaram por ser afugentados. Entretanto, com as Sikh Wars (1845-46 e 1848-49) deu-se, num primeiro momento, a invasão da Índia britânica por parte dos *Sikh*. Todavia, estes saíram derrotados, vendo mais território indiano ser anexo ao império britânico. Num segundo momento, uma revolta nacional dos *Sikh* também resultou na sua derrota e, como consequência, na anexação do Punjab. Entre 1851 e 1860 surgiu o fenómeno da “goldrush”, na Austrália. Entre 1854 e 1856, a França, a Inglaterra e a Turquia declaram guerra à Rússia, a chamada Guerra da Crimeia, por temerem a expansão dos russos nos Balcãs. A Rússia acabou por ser obrigada a recuar mediante o tratado de Paris, assinado em 1856.

² Curiosamente, Vasco da Gama deu o nome a esta região quando a avistou, em 1497, na noite de Natal.

Em 1861, data do início da Guerra Civil norte-americana, morreu prematuramente o Príncipe Albert, marido da Rainha Victoria, a qual se refugiou num longo período de luto.

3.2. Viajar no Século XIX

Antes de reentrar no século XIX, importa recordar que, no início do século XVIII, os viajantes tinham um estatuto privilegiado, pois o chamado *Grand Tour* constituía uma importante forma de viajar. Tratava-se de uma espécie de ritual de passagem para muitos jovens aristocratas que percorriam a Europa, em especial a França e a Itália, acompanhados dos seus tutores, durante um período que podia chegar aos dois anos, com o objectivo de acabarem a sua formação, contactando directamente com línguas e culturas estrangeiras (Thompson, *Travel Writing* 47). A expressão – *Grand Tour* – é francesa, mas os britânicos dos séculos XVII e XVIII, pertencentes a uma classe favorecida e, portanto, com dinheiro para viajar e dedicarem-se a actividades de lazer, apropriaram-se dela (Hulme 39).

Na viragem do século XVIII, o *Grand Tour*, na sua forma tradicional, acabara, em grande parte devido à Revolução Francesa e às constantes hostilidades existentes entre a França e a Inglaterra. Como se observou no capítulo atrás, as Guerras Napoleónicas limitaram muito a passagem de jovens aristocratas e viajantes britânicos para o resto da Europa, durante quase vinte anos. A partir de 1815, a afluência de viajantes britânicos regressou, mas, desta feita, em número muito mais elevado do que anteriormente. De facto, no século XIX, com o acentuado declínio da aristocracia e a rápida ascensão da classe média, as viagens, de certo modo, democratizaram-se (Youngs, *The Cambridge Introduction to Travel Writing* 54), como se constatará nos subcapítulos seguintes.

3.2.1. Agentes do Progresso

Com a industrialização, o desenvolvimento dos transportes e das vias de comunicação, bem como o alargamento das rotas comerciais, avanços que já vinham a ser consolidados desde os finais do século XVIII, abria-se caminho à expansão

imperialista da Europa e dos Estados Unidos. Por intermédio daqueles agentes de progresso, as políticas expansionistas promoveram o encontro entre diferentes culturas e a fusão de pequenas economias, criando as bases do que é hoje um mundo globalizado (Thompson, *Nineteenth-Century Travel Writing* 108). De facto, os lugares mais distantes passaram a estar mais perto, tornando-se as viagens mais rápidas, confortáveis e acessíveis aos viajantes da classe média (Korte 85).

Na Inglaterra das primeiras décadas de Oitocentos, a diligência alcançou a sua época dourada, mas, progressivamente, foi perdendo importância. Com a rápida expansão dos caminhos-de-ferro, entre as décadas de quarenta e sessenta, viajar de comboio tornou-se mais rápido, barato e confortável, criando condições para um maior florescimento da cultura e desenvolvimento da economia. Passou-se a viajar mais depressa e também a viver de forma mais acelerada (Baylis 398).

Ao deslocarem-se de um lado para o outro, de uma cultura para outra, os viajantes preocupavam-se em absorver a cultura dos lugares visitados, valorizando a utilidade social em descrever a sua experiência, o que se pragmatizava na escrita de relatos de viagens. Por outro lado, estes viajantes moviam-se por uma agenda orientada não só para práticas recreativas e pragmáticas, mas também para a busca de valores estéticos, literários, morais e espirituais inerentes à experiência da viagem, quer esta fosse real ou virtual (Hanley 89).

A mobilidade e a necessidade de comunicar a longas distâncias reflectiam-se no aumento da produção textual, nomeadamente nos domínios da correspondência, dos telegramas, dos relatórios coloniais e de periódicos geridos por colonos. Em certa medida, todos estes tipos de comunicação podem considerar-se formas de escrita de viagens (Thompson, *Nineteenth-Century Travel Writing* 109).

Se, para uns, o comboio passou a servir de meio para se experienciar a diferença, para outros, este avanço contribuía para a sua homogeneização. O comboio transformou-se num símbolo com um duplo significado – progresso e degeneração dos antigos costumes –, provocando um sentimento, por um lado, de entusiasmo, e, por outro, de medo. Tornou-se um meio de transporte tão importante que passou a representar, na consciência de alguns autores, um ponto de ruptura entre o passado e o futuro. Ora, a escrita de viagens não só não se mostrou indiferente a todas estas mudanças, mas também se preocupou em atribuir-lhes valor, justificando a sua necessidade (Baylis 398-399).

3.2.2. Viajantes e Turistas

O século XIX trouxe o “globe-trotter” (o viajante incansável), o “commuter” (uma pessoa que faz regularmente um percurso longo entre a casa e o emprego) e o “tourism” (turismo) que deriva do termo do setecentista “tourist” (turista), cujo sinónimo é “traveller” (viajante). O turismo descrevia um fenómeno caracterizado por um conjunto de pessoas que viajavam por lazer e com fins recreativos (Thompson, *Nineteenth-Century Travel Writing* 109).

Com o desenvolvimento das viagens, os viajantes passaram a recorrer aos serviços de agências de viagem, que dispunham de funcionários, do conhecimento e das infra-estruturas necessárias para os transportar. A visita guiada, oferecida por uma agência, retirava, contudo, aos turistas toda a sua autonomia e a possibilidade de tomar decisões próprias. Os guias turísticos não só lhes diziam o que visitar, mas também em que restaurante comer, em que hotel dormir e, até, o que pensar das suas experiências. Se o viajante autónomo desenvolvia uma actividade que implicava ir à procura de pessoas diferentes, de novas experiências e de aventura, o turista era sempre visto como uma figura cuja motivação maior residia na espera passiva por novas experiências de prazer. Ao contrário da viagem, o turismo baseava-se numa actividade desprovida de curiosidade intelectual e incapaz de pôr em causa o saber convencional.

Todavia, todo o aparato em torno das viagens modernas trouxe mais acessibilidade e segurança para todos os que viajam através dos seus próprios recursos, ou seja, aqueles que, ao invés de obter um produto pré-concebido, adquirem um produto feito à sua medida. Com a massificação das viagens, os conceitos de turismo e de autenticidade emergem como armas nas mãos dos que resistem à democratização das viagens, designadamente uma elite preocupada com o estatuto dos viajantes, querendo fazer crer que todos eles, mesmo os que não viajam por lazer, são turistas. Para muitos, as viagens genuínas teriam acabado no momento em que os caminhos-de-ferro haviam reduzido a possibilidade de se viver uma experiência entre um ponto de partida e um ponto de chegada, tornando-se uma mera e rápida deslocação entre dois pontos (Kilbride 341-344).

Já para Thomas Cook, uma excursão não era uma experiência pessoal, mas sim um pacote de viagens, uma digressão organizada para um grupo de pessoas, com transporte e acomodação incluídos, a um preço acessível. Cook abriu a primeira agência

de viagens do mundo em 1845, em 1856 organizou a primeira grande excursão pela Europa continental (como se referiu) e, em 1872, a primeira viagem turística à volta do mundo (Korte 85).

Dada a enorme procura de viagens organizadas, tornou-se necessário produzir guias de viagem. Em 1829, apareceu o primeiro volume do *Baedeker*, na Alemanha, cuja colecção, a partir de 1846, passou a estar disponível em várias línguas. Os equivalentes britânicos eram os *Murray's Hand-Books* ou *Murray's Red Guides* lançados em 1836 (Korte 85). O *Handbook for Travellers on the Continent* (1836), de John Murray III, cobria a Holanda, a Bélgica, a Prússia e o Norte da actual Alemanha (ao longo Reno até à Suíça). Os volumes seguintes cobriam o Sul da Alemanha (1837), a Suíça (1838), a Dinamarca, a Noruega, a Suécia e a Rússia (1839), as Ilhas Jónicas, a Grécia e a Turquia (1840) e a Itália (1842).

Com a sua diligência e minúcia, Murray e Baedeker conquistaram de imediato os leitores. Desde a capa à organização interna dos volumes, tornava-se evidente que não se tratava de relatos de viagens, mas sim de descrições antecipadas do que os turistas iriam encontrar. Curiosamente, talvez por terem sido criados por grandes viajantes, os guias Murray e Baedeker, apesar de sobreviverem à custa de uma indústria de massas, procuravam reter a impressão da viagem autónoma. Não obstante o facto de facilitarem a vida dos turistas, ao traduzirem o significado de signos culturais, sempre dentro de uma lógica comercial, e de os guiarem com uma eficiência e uma diligência nunca antes vistas, os criadores e gestores destes novos guias, paradoxalmente, encaravam o seu trabalho como um contributo para a autonomia dos seus viajantes (Korte 60-61).

3.2.3. A Print Culture

Os que não se podiam deslocar tinham acesso a outras experiências que lhes permitiam o contacto com terras longínquas sem sair do seu lugar. A *Great Exhibition* de 1851, por exemplo, já referida, proporcionou aos visitantes londrinos o conhecimento de determinados aspectos das colónias, sem que aqueles tivessem de viajar para lá (Korte 85).

Por outro lado, a fotografia, uma outra invenção do século XIX que ficou ligada ao turismo, permitiu às pessoas ver o resto do mundo através de um acto de apropriação

do alvo fotografado. Ao tempo, circulavam várias fotografias relativas às conquistas imperialistas, que as pessoas expunham nas suas casas, afirmando, assim, um sentimento de pertença à causa do império. Para além disso, as fotografias permitiam ao sujeito que as visualizava viajar através da imaginação, oferecendo-lhe um meio de se identificarem enquanto membros de um estado colonizador.

As fotografias ilustravam também muitos livros de viagens, sendo que, com a ascensão do turismo, se tornaram alvo de escrutínio, devido à possibilidade de manipularem a realidade (Youngs, *Travel Writing in the Nineteenth Century* 10-11). Deste modo, a partir da visualização, por parte de potenciais turistas, de determinados aspectos de uma cultura estrangeira, estabeleceu-se uma relação entre a chamada *print culture* e o turismo. Através de fotografias de paisagens ou de quaisquer outros espaços estrangeiros, contribuía-se para a construção de uma identidade nacional, para o reforço de um sentimento de coesão nacional (Kilbride 343) e, ao mesmo tempo, para um desejo de conhecer outras culturas *in loco*.

3.2.4. Os Relatos de Viagens Oitocentistas

Se, no século XVII e grande parte do XVIII os relatos eram marcados pelo iluminismo, favorecendo as descrições minuciosas de lugares, espaços e costumes, no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX eram marcados pela estética romântica, residindo a tendência numa escrita de viagens assente nas emoções pessoais, na busca do pitoresco e na descrição de paisagens sublimes.

Na segunda metade do século XIX, as observações de outros povos e lugares, fossem elas de carácter introspectivo ou factual, começaram a desempenhar um papel de cariz mais informativo e funcional, sofrendo a influência de muitos ramos da ciência, com vista à construção de um conhecimento universal. Apesar de, geralmente, estes relatos não serem escritos por especialistas em qualquer área científica, nem por escritores profissionais ou eruditos, tal não diminuía o valor informativo dos textos. (Thompson, *Nineteenth-Century Travel Writing* 110-113).

Em sentido contrário, também a “narrativa científica” passara a incluir opiniões pessoais e descrições das emoções do explorador, deixando de se caracterizar exclusivamente por uma visão (desejavelmente) objectiva da realidade. Todavia, ao apropriar-se de uma escrita de cariz mais sentimental, o explorador transformou-se

numa espécie de figura santificada, de emissário do progresso e da civilização, que arriscava a vida em nome do conhecimento e da evolução da humanidade, tornando-se algo como um mito, com fins ideológicos, os quais contribuíam para incentivar atitudes imperialistas.

No final do século, muitos dos relatos de expedições científicas eram extremamente etnocêntricos, relegando, quase sempre, os povos estrangeiros para um patamar inferior, no contexto de uma hierarquia cultural, com o intuito de promover atitudes racistas e imperialistas. Estes relatos serviram, em muito, os interesses expansionistas, pois acabavam por incentivar outros indivíduos a estabelecerem-se em territórios estrangeiros (116-117).

Com o desenvolvimento das Universidades e a criação de especializações, muitas áreas de investigação tradicionalmente identificadas com a escrita de viagens, como a geografia, a etnografia e a história natural, acabaram por se dissociar de um (sub)género cada vez mais associável a um certo diletantismo. Não obstante, a escrita de viagens manteve-se sempre aberta a um leque variado de áreas disciplinares e de tipos de discursos, permanecendo um fórum aberto para debater a história da arte, a estética e, de um modo geral, a cultura (123-124).

Entre os diferentes tipos de escrita de viagens que, então, emergiram, destacam-se os relatos de missão, os relatos de expedições e os relatos turísticos (Korte 88), que passarão a ser analisados seguidamente.

3.2.4.1. Os Relatos de Missão

O século XIX ficou marcado pela narrativa missionária, que consistia normalmente em troca de correspondência entre familiares ou com organizações missionárias. Nestes casos, a forma de escrita mais recorrente era o diário, considerado por Tim Youngs um subgénero dentro da escrita de viagens (Youngs, *The Cambridge Introduction to Travel Writing* 57).

Na Grã-Bretanha oitocentista, a actividade missionária encontrava-se ligada ao abolicionismo. Recorde-se que a Church Missionary Society foi fundada em 1799 e a London Missionary Society em 1795. Os missionários viajavam e escreviam, dedicando-se à propagação do Cristianismo.

David Livingstone (1813-1873), missionário e explorador escocês em África, foi talvez o mais conhecido dos defensores do que ficou conhecido como os três cês: Cristianismo, Comércio e Civilização. Para recolher mais donativos, os missionários precisavam de reportar o progresso realizado, mediante as suas observações, pedindo muitas vezes ajuda para os seus empreendimentos por intermédio dos seus textos (57).

Portanto, existia na ideia de império uma confluência de interesses entre a religião e a sociedade. Contudo, muitas organizações, por gozarem de total autonomia, eram responsáveis pela sua própria subsistência.

3.2.4.2. Os Relatos de Expedições

O sucesso dos relatos de expedições deveu-se não apenas à sua contribuição para reforçar o discurso imperialista ou ao facto de satisfazerem a curiosidade dos leitores sobre terras longínquas, mas também à capacidade de ir ao encontro do gosto do público pela ficção e pelo entretenimento.

No último quartel do século XIX, um programa de educação dirigido às massas³, em particular às classes mais desfavorecidas, levou as pessoas a sentirem-se atraídas por este tipo de textos. Os cerca de novos milhões de leitores, ao invés de se interessarem pelos problemas sociais e financeiros da época, preferiram ler sobre destinos exóticos e feitos heróicos.

Normalmente, os exploradores surgiam nos relatos como verdadeiros heróis, tão corajosos como os protagonistas de muitos romances de aventuras coevos, relatando ao leitor aventuras que tinham realmente sucedido (Youngs, *The Cambridge Introduction to Travel Writing* 88). Para além desses elementos de aventura contidos nos textos, os exploradores vitorianos tinham também a missão de informar, contribuindo, assim, para o arquivo de conhecimento que servia de instrumento de controlo sobre o império, até porque a maioria das expedições eram patrocinadas pela Royal Geographical Society. Por isso, verifica-se uma tendência para a inclusão de longas descrições de fenómenos

³ Em 1880, o ensino tornou-se obrigatório para crianças com menos de dez anos. A partir da *Jules Ferry Law* (1881), o ensino público deixou de estar sob o controlo exclusivo das congregações religiosas, aumentando exponencialmente o financiamento para a educação, até ao final do reinado da Rainha Victoria.

naturais e antropológicos como se de apêndices científicos ilustrados se tratasse. Surgiu, assim, uma clara ligação entre a observação científica e a aventura.

Sempre que as expedições eram dignas de serem consideradas acções em favor da causa imperialista, os seus protagonistas eram vistos como heróis nacionais. Os exploradores, como o já referido David Livingstone, eram muito respeitados por se considerar que levavam o modelo civilizacional britânico até aos lugares mais inóspitos. Mesmo quando as suas missões falhavam, eram vistos como uma espécie de “heróis trágicos”. De facto, muitos dos relatos vitorianos apresentam o explorador como alguém que reclama para o império britânico as terras por ele ocupadas.

3.2.4.3. As Viagens Turísticas

O turista vitoriano estava sobretudo interessado em ver as paisagens e os lugares. Se, por um lado, a visão imperialista se baseava na ideia de que se devia possuir tudo o que a vista alcançava, o turista, por outro lado, parecia contentar-se com o puro prazer de observar. No entanto, a observação do turista, diferente da do explorador, foi frequentemente criticada por se afigurar algo superficial e imprecisa ou por se caracterizar como uma mera percepção panorâmica. Todavia, no respeitante à descrição de paisagens, a escrita do turista encontra-se marcada por uma grande precisão.

Alguns relatos vitorianos de viagens turísticas roçam o género de roteiro, contribuindo, assim, para a construção de uma estratégia semiótica do turismo baseada na sugestão de locais a visitar. Esta sugestão acabaria por tornar-se uma norma ou uma obrigatoriedade, presente na organização de viagens, nos roteiros e nos livros de viagens turísticas. Estas foram percebidas como superficiais, devido, em parte, a certas práticas de padronização. Aliás, ainda hoje se estabelece uma distinção entre os “verdadeiros viajantes”, que viajam de forma autónoma, e os “meros turistas”, que seguem os roteiros e os guias. Não raro, os viajantes que optam por seguir caminhos estandardizados e paragens obrigatórias acabam por não superar as expectativas ou ficam até desiludidos (Youngs *The Cambridge Introduction to Travel Writing* 93-96).

Os relatos de viagens turísticas devem fornecer dados úteis acerca dos países por onde o viajante passa, mas também outra informação para além dos pontos turísticos convencionais, que pode consistir em dados estatísticos, costumes, organização política e instituições. Muito embora o turismo vitoriano represente um tipo diferente da viagem

das expedições, ambas as formas de relato apresentam descrições, informação factual, entretenimento e experiências pessoais. Todas as variantes da escrita de viagens vitoriana têm uma característica em comum: apoiam-se nos valores e nas normas da sociedade de origem do autor. Embora os relatos de viagens turísticas tenham um cariz menos imperialista do que os relatos de expedições, o autor dos primeiros também se apresenta como alguém fiel aos valores do seu país de origem (Korte 98).

Deste modo, como se verá a seguir, no seu desejo de conhecer o mundo também o viajante francês leva consigo a bagagem cultural que lhe serve de lente para as suas observações.

3.2.5. A Escrita de Viagens em França

A Revolução Francesa determinou uma mudança de atitude relativamente à actividade de viajar, possibilitando, por um lado, que autores como René Chateaubriand (1768-1848), Alexandre Dumas (1802-1870), Victor Hugo (1802-1885), Théophile Gautier (1811-1872) e Gustave Flaubert (1821-1880) colocassem a escrita de viagens num primeiro plano. Tal como sucedeu em Inglaterra, o ponto de viragem para esse despertar do interesse pelas viagens deu-se com o desenvolvimento dos meios e das vias de comunicação.

De facto, com a construção da primeira linha ferroviária, em 1827, tornou-se possível, logo na década de trinta, expandir a rede por todo país, desde Paris até às regiões de mais difícil acesso, como a Bretanha e os Pirenéus. Impelido pela curiosidade e atraído pelo exotismo, o viajante francês não escondia o desejo, de influência romântica, de descobrir outras culturas e gentes. Tendo a oportunidade de se deslocar pela locomotiva, símbolo do progresso, não hesitou em atravessar as fronteiras físicas da sua cultura para ir à procura do desconhecido. Assim, a França rural foi visitada e observada pelos próprios franceses, como, por exemplo, Jules Michelet (1798-1874) em *Michelet en Bretagne: son Journal Inédit d'Août* (1831), Adolphe-Jerôme Blanqui (1798-1854) em *Rapport sur l'État Économique et Moral de la Corse* (1838), Alphonse Daudet (1840-1897) em *Lettres de mon Moulin* (1869), Octave Mirbeau (1848-1917) em *La 628-E8* (1907) e Maxime Ducamp (1822-1894) em co-autoria com Gustave Flaubert (1821-1880) em *Par les Champs et par les Grèves* (1886), que se deslocaram à

A ESCRITA DE VIAGENS COMO FORMA DE TRADUÇÃO

Bretanha para desvendarem os mistérios das gentes escondidas por detrás dos mitos populares.

Ao mesmo tempo, a literatura francesa, também influenciada pela estética romântica, espelhava um gosto particular por ambientes rurais, promovendo um sentimento de desconforto face ao presente industrializado e de nostalgia em relação a um passado campestre, que decerto não voltaria. De alguma forma, detecta-se uma sensação de um certo arrependimento face ao caminho traçado para o futuro, que vai estar na origem de uma ideia de anti-turismo.

O interesse pelo resto da Europa tornou-se também evidente, constituindo a Inglaterra um lugar privilegiado, onde a escrita de viagens francesa iria buscar a inspiração para muitos dos seus relatos. Todavia, o viajante francês, quando envolvido em questões de cariz comercial e/ou expansionista, também se aventurava pela Ásia, pelo Médio Oriente, pelo Norte de África e pela América do Norte (Forsdick 462-464).

Já em *fin-de-siècle*, a crescente expansão e democratização dos transportes, a par da fundação do Touring-Club de France, em 1890, vão contribuir para um crescimento desmedido das viagens em França.

A Parte I termina, assim, como uma espécie de introdução ao estudo de caso a que, de seguida, se dará início. Como a presente dissertação se realiza no âmbito dos Estudos de Tradução, importava sobretudo demonstrar que se encontram reunidas as condições necessárias para se avaliar uma obra dentro do género da escrita de viagens e de cariz sociopolítico. Deste modo, prosseguir-se-á com a convicção de que a teoria reescrita iluminará o cruzamento entre o relato de viagens e a tradução.

PARTE II – O CASO DOS RELATOS DE TAINÉ SOBRE A GRÃ-BRETANHA

1. Considerações Iniciais

Depois de definidos, na Parte I, os objectivos e a metodologia aplicável ao estudo de caso em apreço, não é demais reafirmar que a presente dissertação assenta em quatro pilares fundamentais: 1) a descrição dos *constraints* e das forças reguladoras que operam dentro e fora dos sistemas literários e que funcionam como factores de controlo, com base na teoria de Lefevre, que permitirá perceber o modo como os textos em apreço constituem formas de reescrita literária; 2) o modelo de Lambert e van Gorp adequado para descrever os textos de partida e de chegada; 3) a metodologia de Taine que permite entender o modo de construção da sua obra; e 4) o modelo de reescrita cultural, um expediente teórico que permitirá testar a validade da hipótese.

Os dois primeiros pilares, apresentados e desenvolvidos na Parte I, serão aqui aplicados. O terceiro será aqui integrado, tal como os restantes conteúdos acerca de Taine. O quarto vector será tratado na Conclusão.

2. Hippolyte Taine

2.1. As Viagens à Grã-Bretanha

Como foi possível observar na Parte I, a Revolução Francesa causou fissuras que dividiram a sociedade gaulesa durante todo o século XIX, causando uma série de revoluções, nomeadamente em 1830, 1848 e 1871.

No início da década de sessenta, mais especificamente em 1861 e 1862, ao tempo em que Taine viajou para Inglaterra para iniciar a sua observação participante, a França ainda gozava do estatuto de Império, mas, em 1871, à data do lançamento de *Notes sur l'Angleterre*, com o duro golpe da derrota na Guerra Franco-Prussiana, o país precipitou-se para uma Terceira República.

Em consequência da humilhação sofrida no conflito franco-prussiano, a França, entre sentimentos de ódio e de vingança contra a Alemanha, procurou uma reconstrução em torno da ideia de identidade nacional. Entre outras personalidades, surgiu Hippolyte Taine (1828-1893), que encontrou na análise psicológica dos povos, as causas para a

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

sua coesão e continuidade. Por a Inglaterra apresentar uma literatura alegadamente completa e capaz de transmitir tais ideias, Taine usou a História inglesa para levar a cabo toda uma reflexão em torno de um povo que, por contraste ao francês, conseguira, desde que os caminhos das duas nações haviam deixado de se cruzar, no século XVI, evitar as rupturas que afligiram os franceses, divididos entre a Razão e a Tradição. Recorde-se, neste contexto, que ingleses e franceses haviam partilhado uma história comum desde a conquista Normanda, em 1066, até ao reinado de Henry VIII, quando este monarca decidiu, em 1534, quebrar a ligação com a Igreja Católica, separando irremediavelmente os percursos das duas nações com a Reforma Anglicana.

Taine foi apenas um homem que procurou o seu lugar num meio académico e literário onde o conservadorismo era exacerbado, um cidadão que encontrou no sentido do dever a missão de traçar o perfil dos fenómenos que desalinham as nações. Tratou-se de um indivíduo que cresceu num meio em que a autonomia intelectual tinha necessidade de abrir caminho entre o poder arbitrário dos liberais e o poder arbitrário dos conservadores, onde a viagem e o escapismo se tornavam rapidamente uma forma de recuperação dos constrangimentos do sistema. A ligação de Taine à Inglaterra, cultivada desde muito cedo, permitiu-lhe, mais tarde, a partir do seu trabalho literário, admirar o anglicanismo liberal e o *self-government*, por oposição ao centralismo. Porém, tal não significou que ele se tivesse convertido ao protestantismo, mas antes, devido à influência do autoritarismo católico, à negação, desde muito cedo, de todas as formas religiosas. Deste modo, encontrou no anglicanismo apenas um meio para estabelecer um paralelo com a cultura francesa e, assim, encontrar um flanco novo, que não o da Revolução, para atacar um certo estado de coisas que não permitia a difusão de determinadas ideias.

Na descrição da cultura britânica, Taine procurou uma fórmula para explicar a continuidade e a união, condições que permitiriam reconduzir a França, um país fragilizado com tantas convulsões, à ordem. De facto, da sua perspectiva, a Inglaterra oitocentista gozava de uma estabilidade emocional e de uma prosperidade que a França demorava a alcançar devido aos permanentes atritos internos, como se pode verificar no seguinte excerto (Fig. 10):

FR	EN
Nous [les français] sommes d'hier et ruinés de père en fils par Louis XIV, par Louis XV, par la Révolution,	We [the French people] are of yesterday, and ruined from father to son by Louis XIV, by Louis XV, by the Revolution, by

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

l'Empire. Nous avons démoli, il a fallu tout refaire à nouveau. Ici [en Angleterre], la génération suivante ne rompt pas avec la précédente: les réformes se superposent aux institutions, et le présent, appuyé sur le passé, le continue.	the Empire. We have demolished, everything has required to be rebuilt anew. Here [in England] the generation following does not break with the preceding one; reforms are superimposed on institutions, and the present, based upon the past, perpetuates it.
(Taine, <i>Notes sur l'Angleterre</i> 169)	(Rae, <i>Notes on England</i> 152)

Fig. 10. Continuidade e Descontinuidade em França e na Grã-Bretanha.

Com efeito, em 19 de Agosto de 1871, Taine publicou no periódico *Le Temps*, um artigo intitulado “Notes sur l’Angleterre, I. Les dehors”, o primeiro de um conjunto de textos, que continuaria a publicar até dia 29 de Outubro de 1871 (Fig. 11), que acabariam por ser compilados no volume *Notes sur l’Angleterre*, no ano seguinte:

I. Les dehors (19, 20, 23, 24 de Agosto)
II. Les types (25, 26, 27 de Agosto)
III. Mœurs et intérieurs (6, 7, 8, 10 e 13 de Setembro)
IV. L'éducation (14, 15, 16 de Setembro)
V. La société et le gouvernement (17, 20, 21, 23, 24, 27, 28 de Setembro)
VI. Promenades dans Londres (29, 30 de Setembro e 1, 4 de Outubro)
VII. Manufactures et ouvriers (6, 8 e 12 de Outubro)
VIII. De l'esprit anglais

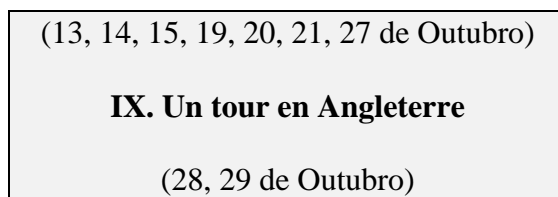


Fig. 11. Cronologia da Publicação de *Notes sur l'Angleterre* em *Le Temps*, em 1871.

No mesmo ano de 1871, Taine foi convidado para uma terceira viagem a Inglaterra para participar numa série de palestras sobre História e Literatura francesas. Numa destas ocasiões, a Universidade de Oxford agraciou Taine e Döllinger⁴ com o título de Doutor *in jure civili, honoris causa*. Um pouco como Taine, Döllinger, não negando as suas origens, impunha a sua rebeldia reformista. Para esta ocasião, Taine escolheu as seguintes temáticas (Fig. 12):

1.^a Lição

A manifestação exacta dos sentimentos dominantes nas personagens de teatro. Deuses e heróis em Eurípides. Personagens com ligação a Atenas em 420. Personagens em Lope, Calderon etc. e personagens em Espanha de 1600 a 1700. (*Voyage* de Mme d'Aulnoy; *Lettres* de Mme de Villars.)

2.^a Lição

Os novos heróis, jovens galãs, os cavaleiros na obra de Corneille e no reinado de Louis XIII e la Fronde, de acordo com as *Mémoires*.

3.^a Lição

As senhoras e os velhos heróis na obra de Corneille e no reinado de Louis XIII.

4.^a Lição

⁴ Teólogo alemão, historiador da Igreja e padre católico que se opunha ao dogma da infalibilidade papal.

Biografias e retratos de Corneille e Racine. Os jovens galãs na obra de Racine e no reinado de Louis XIV.

5.^a Lição

O rei na obra de Racine e Louis XIV. Os confidentes na obra de Racine e os cortesãos no reinado de Louis XIV.

6.^a Lição

Os ideais em Racine e na sociedade durante o reinado de Louis XIV. Os dois tipos de talento e de excelência próprios do teatro e desta sociedade: 1.º A arte de bem falar; 2.º O heroísmo delicado e discreto.

Fig. 12. Resumo das Seis Lições da Palestra de Taine “Corneille et Racine, et les Moeurs sous Louis XII et Louis XIV”. (qtd. in *Sa Vie et sa Correspondance. l’Historien (1870-1875)* 62).

Infelizmente, apenas é viável o acesso à lista de temas exposta acima, publicada na *Revue des Cours Littéraires*, em 29 Julho 1871, pois conforme Victor Giraud confirmou, o conteúdo das lições não se encontra em lado algum (*Bibliographie des Oeuvres de Taine (Suite et fin)* 654). Todavia, torna-se possível, a partir de determinados elementos deduzir tudo o resto. Na segunda lição, Taine apresentou a expressão *la Fronde*, uma alusão à fiska, um brinquedo feito de pau e com a forma de um Y, com o qual as crianças francesas brincavam nas ruas de Paris, desafiando as autoridades. Simultaneamente, *la Fronde*, por se iniciar com letra maiúscula, foi também o nome dado a um movimento rebelde despoletado em 1648, após a morte de Louis XIII, chefiado pelos nobres que ocupavam o Parlamento de Paris, como tentativa de limitar os poderes da monarquia, nomeadamente os da Rainha regente, Ana da Áustria (mãe de Louis XIV), e do seu Ministro, o Cardeal Jules Mazarin. Este movimento teve várias fases até à entrada de Louis XIV em cena, em 1652, tendo constituído o maior desafio à monarquia até à Revolução Francesa, bem como uma amostra da heterogeneidade das forças internas que moldavam a sociedade gaulesa.

A partir deste elemento-chave, torna-se possível descortinar o conteúdo das lições através dos seus títulos. Na primeira lição, a expressão “deuses e heróis em

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Eurípides [480-406 a.C.]” pode ser uma alusão a *Deus ex Machina*, um artifício usado no teatro grego, de acordo com o qual, no final da peça, Deus aparecia no céu, sob a forma de um crânio, para resolver a situação. Por sua vez, “deuses e heróis”, explicando o confronto entre os deuses (o rei sol e o cardeal) e os heróis (os rebeldes), poderiam demonstrar o permanente atrito entre a superstição e a razão. As expressões “os velhos heróis” e “os novos heróis”, nas lições 2 e 3, podem remeter, primeiro, para os heróis da *la Fronde* e, em segundo lugar, para os da Revolução Francesa. Na última lição, o “heroísmo discreto” e a “arte de bem falar” podem já referir-se às necessidades do momento em que Taine falava, ou seja, as de fazer passar certas ideias revolucionárias de forma simulada, lançando a físga sem que as autoridades se apercebessem.

Deve sublinhar-se que esta palestra se realizou numa altura em que decorria a Guerra Franco-Alemã (1871-72). O seu desfecho acabaria por ser trágico para a França quando o General Otto von Bismarck saiu vitorioso do conflito, acabando com a indiscutível hegemonia da França em território continental. Após a vitória deu-se a unificação da Alemanha, sendo Wilhelm I da Prússia proclamado imperador. Derrotado na Batalha de Sedan, Napoleão III foi deposto pela formação de um novo governo que instaurou a Terceira República. Este regime duraria até à queda da França aos pés do Terceiro Reich, em 1940.

Apesar da depressão económica que se vivia na Europa ocidental e na América do Norte, e de Adolphe Thiers, eleito primeiro Presidente da República (1871-73), ter herdado o peso de se ver obrigado a pagar reparações de guerra exorbitantes, bem como de recuperar os territórios da Alsácia e de grande parte da Lorena, ocupados pela Alemanha, a partir de 1873 inicia-se, em França, um longo período de relativa estabilidade social, de industrialização e de desenvolvimento dos serviços públicos.

Paulatinamente, os resistentes do *Ancien Régime* foram sendo descartados do jogo político, à medida que os republicanos assumiam o controlo do Senado. A morte do filho de Napoleão III, Louis-Napoléon Bonaparte, a dissolução da Ordem dos Jesuítas, impedidos de leccionar nas escolas, o fim do controlo exclusivo das congregações católicas sobre a instrução, a retirada da educação religiosa das escolas públicas, a eliminação dos capelões do exército e das freiras dos hospitais e, finalmente, o “Dreyfus Affair”, que culminou, em 1905, com a separação entre o Estado e a Igreja, constituíram factores que contribuíram igualmente para o afastamento dos defensores do Antigo Regime.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Dez anos antes de publicar *Notes sur l'Angleterre*, Taine realizou a sua primeira viagem a Inglaterra (1861) e a segunda no ano seguinte (1862), tal como o próprio afirma no prefácio ao seu livro. A Inglaterra que Taine encontrou no início dos anos sessenta constituía o produto da década de cinquenta: grandes revoluções tecnológicas e enorme desenvolvimento industrial. Quando Taine regressou a França, depois da segunda viagem (1862), para começar a dar aulas na École des Beaux-Arts de Paris (1864-83), a Inglaterra continuou, a todo o vapor, até à depressão dos anos setenta que causou um ligeiro abrandamento da economia, tal como se verificou um pouco por toda a Europa.

No final do século XIX, à medida que nações como a Alemanha e os Estados Unidos se industrializavam, afirmando-se no panorama mundial, a Grã-Bretanha deixou de conduzir sozinha o monopólio da indústria e do comércio.

Mais do que a sua vida, o pensamento e a metodologia de Taine adquiriram grande importância, uma vez que revelarão muito acerca da forma como *Notes sur l'Angleterre* foi concebida. Deste modo, os dois próximos subcapítulos serão dedicados, primeiro, ao determinismo de Taine e, depois, à sua metodologia.

2.2. O Determinismo

Para se entender o determinismo presente na obra de Taine, importa primeiro traçar uma visão geral das principais tendências da corrente de pensamento que dominaram a segunda metade do século XIX, entrecruzando-as com a metodologia de Taine.

Na centúria de Oitocentos, os binómios indivíduo/sociedade e natural/sobrenatural alcançaram grande impacto. O indivíduo foi confrontado com o problema de encontrar o seu lugar no meio social, indo, por isso, à procura de respostas na sua própria história. Deste modo, o ser humano e o seu meio tornaram-se os principais objectos de estudo por parte da ciência. Neste contexto, desenvolveu-se o Naturalismo taineano e a sua tentativa de criticismo científico. Não obstante, a defesa da religião, dos valores morais e da metafísica constitui uma oposição ao Naturalismo, mantendo-se sempre em paralelo e sendo exacerbada em França, após a derrota com a Prússia.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Depois de um período romântico curto, caracterizado pela expressão da emoção, da imaginação, da fantasia, da intuição e da natureza, o realismo começou a ganhar força na literatura francesa da primeira metade do século XIX. Afirmando-se pela tentativa de representar, de forma precisa, a realidade tal como ela se apresenta, sem a idealizar, o realismo pretendia sobretudo descrever objectivamente personagens comuns, inseridas em contextos quotidianos, rejeitando, assim, as personagens heróicas e os assuntos pouco familiares. O realismo foi adoptado em França quando se sentiu que chegara o momento oportuno para registar aspectos da sociedade que, até então, tinham sido ignorados.

Como consequência do realismo, surgiu o movimento literário naturalista, marcado pela descrição minuciosa do meio, pelo retrato da vida social das classes mais desfavorecidas e, estilisticamente, pelo uso de um registo menos formal. O Naturalismo encontra-se ligado a vários factores: a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin (1809-1882), que sublinhava o papel desempenhado pelo meio e pela hereditariedade na determinação do destino do indivíduo; o positivismo de Auguste Comte (1798-1857), que demonstrava a relevância das relações estabelecidas entre o indivíduo e a sociedade enquanto condição para o progresso civilizacional; o experimentalismo de Claude Bernard (1813-1878), de acordo com o qual as metodologias de investigação e experimentais utilizadas pela Química e pela Física em objectos inanimados deveriam ser adoptadas em seres vivos pela Fisiologia e pela Medicina, servindo de base científica para o que os precursores do naturalismo pretendiam para a literatura, isto é, um método de observação experimental que fizesse dela uma ciência; e, finalmente, o determinismo de Hippolyte Taine (1828-1893), que defendia que a partir da obra contínua de uma raça se tornava possível inferir a influência exercida pela hereditariedade, pelo meio e pela época na sua produção. Um dos precursores do naturalismo, o romancista Émile Zola (1840-1902), pretendia que este movimento se dedicasse a descrever a decadência vivida na sociedade, mediante observações científicas.

Neste contexto, o positivismo afirmou-se como uma filosofia de cariz iluminista e anti-idealista que negava a validade das causas e dos fenómenos não observáveis pela ciência, como a metafísica e o sobrenatural. O positivismo baseia-se na ideia de que o verdadeiro conhecimento apenas pode ser obtido por via de factos científicos e de leis comprovadas pelo estudo objectivo, empírico e desprovido de juízos de valor subjectivos, contribuindo para a afirmação social das ciências experimentais.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Os seus precursores afirmaram que o modelo positivista, baseado na observação objectiva dos factos sociais, se afigurava o mais adequado para o estudo científico da sociedade. Assim, a observação objectiva posicionou-se em oposição à intuição e à avaliação pessoal dos fenómenos, isto é, de um lado os juízos de facto e, do outro, os juízos de valor.

De entre as várias escolas positivistas surgiu o positivismo sociológico, que se encontra na base da Sociologia moderna, permitindo, de forma descritiva, identificar factos e recolher dados a partir de três factores observáveis que determinam o comportamento humano, “la race, le milieu et le moment”, enunciados por Taine em *Histoire de la Littérature Anglaise*, e estabelecer relações entre eles, como se constatará adiante.

O facto de o positivismo ser descritivo e não prescritivo, de promover a imparcialidade ao invés da parcialidade, de reduzir-se a uma mera descrição de personagens que se movem no espaço social sendo dele reféns e pela condição de desvantagem que apresentam umas face às outras, acarretou-lhe várias críticas, nomeadamente a de impedir mudanças sociais e de não contribuir para o avanço humano, promovendo apenas a perpetuação de um mesmo estado de coisas. Outra crítica importante reside na constatação de que factos isolados não falam por si próprios, têm de ser analisados, e, portanto, esta análise não se encontra livre de juízos de valor ou de modelos de interpretação.

Deve notar-se que antes de as Ciências Sociais se afirmarem, Taine já se antecipava a estas críticas modernas com o seu criticismo e empirismo. Assim, em *Notes sur l'Angleterre*, Taine não se coíbe de acrescentar juízos de valor ao resultado da sua experiência empírica. No seu texto, encontra-se sempre, algures, um expediente linguístico onde está impresso um juízo, sendo que, quando este não é evidente, se encontra implícito numa imagem mental ou numa representação de um objecto ou de uma situação. Ao estudar a natureza humana e a cultura para a qual escreve, o autor, antes de terminar um parágrafo, incute no entendimento do leitor um determinado juízo, obrigando-o a pousar o livro e a afirmar o que o primeiro não quis explicitamente concretizar. Atente-se o seguinte exemplo. Imagine-se que num país em que 80% da população é conservadora saía o seguinte título de jornal: “Neste país o legislador é que sabe”. Muito provavelmente, dos 80% conservadores muitos diriam: “Quem sabe, sabe!” ou “Se está lá é porque sabe!”. Todavia, de entre os restantes 20% provavelmente haveria alguém a dizer: “Sabe, sabe ... sabe é pouco!” ou “Sabe, ... sabe a pouco!”. Isto

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

significa que o autor do título não precisou de revelar a sua verdadeira intenção para que esta produzisse os efeitos desejados, necessitando apenas de jogar com as variáveis exteriores ao texto e com a forma como estas funcionam. O valor de um texto não se encontra encerrado dentro do próprio texto, pois trata-se de algo dinâmico que vai conferindo dimensão à mensagem, à medida que esta contamina o sistema social. Obviamente que este exemplo é muito básico, tendo em conta a complexidade do tecido social, mas percebe-se a ideia. Importa aqui reter que a atitude positivista de quem sabe mais do que aparenta saber cuidará de fazer com que aquela lhe sirva para o que é, mas também para o que não lhe parece servir.

Quanto ao determinismo taineano, em específico, a melhor forma de o explicar será porventura mediante a tentativa de perceber, desde logo, o que Taine entendia por “la race, le milieu et le moment”, recorrendo à sua *Histoire de la Littérature Anglaise* (1863) e transcrevendo, a partir daí, as definições que, posteriormente, foram aqui traduzidas do francês para o português. Deve ainda sublinhar-se que tanto em *Histoire de la Littérature Anglaise* como em *Notes sur l'Angleterre*, Taine põe em prática a metodologia por ele proposta no prefácio à segunda edição de *Essais de Critique et d'Histoire* (1866), traduzido por W. F. Rae e transposto para a sua introdução a *Notes on England* (1872). Esta metodologia constitui o corolário das três forças primordiais, “la race, le milieu et le moment”, esclarecidas em seguida (Fig.14):

FR	PT
Les Trois Forces Primordiales	As Três Forças Primordiais
Hippolyte Taine	(Nossa Tradução)
Race	Raça
Ce qu'on appelle la race, ce sont ces dispositions innées et héréditaires que l'homme apporte avec lui à la lumière, et qui ordinairement sont jointes à des différences marquées dans le tempérament et dans la structure du corps. Elles varient selon les peuples. Il y a naturellement des variétés d'hommes, comme des variétés de taureaux et de chevaux, les unes braves et intelligentes, les autres timides et bornées, les unes capables de conceptions et de créations supérieures, les autres réduites	<u>A raça é composta por disposições inatas e hereditárias que transparecem no homem, e que normalmente se juntam às diferenças marcadas pelo temperamento e pela estrutura do corpo. Estas variam de povo para povo.</u> Existem, naturalmente, espécies de homens, tal como existem de touros e de cavalos, alguns corajosos e inteligentes, outros tímidos e tacanhos, alguns capazes de conceber projectos e criações grandiosas, outros reduzidos a ideias e a invenções rudimentares,

aux idées et aux inventions rudimentaires, quelques-unes appropriées plus particulièrement à certaines œuvres et approvisionnées plus richement de certains instincts, comme on voit des races de chiens mieux douées, les unes pour la course, les autres pour le combat, les autres pour la chasse, les autres enfin pour la garde des maisons ou des troupeaux. (xxiii)

L'homme, forcé de se mettre en équilibre avec les circonstances, contracte un tempérament et un caractère qui leur correspond, et son caractère comme (xxiv) son tempérament sont des acquisitions d'autant plus stables, que l'impression extérieure s'est enfoncée en lui par des répétitions plus nombreuses et s'est transmise à sa progéniture par une plus ancienne hérédité. En sorte qu'à chaque moment on peut considérer le caractère d'un peuple comme le résumé de toutes ses actions et de toutes ses sensations précédentes, (...) (xxv)

Milieu

Car l'homme n'est pas seul dans le monde; la nature l'enveloppe et les autres hommes l'entourent (xxv); (...) les circonstances physiques ou sociales dérangent ou complètent le naturel qui leur est livré. (...) Tantôt le climat a fait son effet. (...) les circonstances politiques ont travaillé, (...) (xxvi) les conditions sociales ont imprimé leur marque, (...) (xxvii)

Moment

(...) avec les forces du dedans et du dehors, il y a l'œuvre qu'elles [les races] ont déjà faite ensemble, et cette œuvre elle-même contribue à produire celle qui suit. Outre l'impulsion permanente et le milieu donné, il y a la vitesse acquise. Quand le (xxviii) caractère national et les circonstances environnantes opèrent, ils n'opèrent point sur une table rase, mais sur

algumas mais apropriadas para certas tarefas que exigem determinados instintos, como se pode observar em raças de cães mais talentosas, umas para a corrida, outras para a luta, outras para a caça e outras para guardarem casas ou rebanhos.

O homem, obrigado a lidar com as circunstâncias, acaba por adquirir um temperamento e um carácter que lhe correspondem. Tanto o carácter como o seu temperamento são aquisições que se vão tornando mais estáveis, à medida que a acção externa nele se entranha de forma reiterada, sendo transmitida dos seus antepassados para os seus descendentes. De maneira que, em qualquer época, se considera o carácter de um povo como o resumo de todas as suas acções e sentimentos precedentes, (...)

Meio

O homem não está sozinho no mundo, a natureza envolve-o e os outros homens rodeiam-no; (...) as circunstâncias físicas ou sociais vêm corromper ou complementar a sua própria essência. (...) Por vezes, o clima tem o seu efeito. (...) as circunstâncias políticas exercem a sua influência, (...) as condições sociais deixam a sua marca, (...)

Época

(...) com as forças que vêm de dentro e de fora, existe a obra que a raça já fez em conjunto, essa obra, em si, contribui para produzir a seguinte. Além do impulso permanente e de um dado meio, há a considerar a velocidade adquirida. A identidade nacional e as circunstâncias do meio não funcionam sobre uma tábua rasa, mas antes numa tábua já marcada por

une table où des empreintes sont déjà marquées. Selon qu'on prend la table à un moment ou à un autre, l'empreinte est différente; et cela suffit pour que l'effet total soit différent. (xxix)	impressões. Em cada época em que se utiliza essa tábua, as impressões marcadas serão diferentes, o que é suficiente para que o efeito seja também ele diferente.
--	---

Fig. 13. As Três Forças Primordiais Descritas por Taine.

Neste excerto, torna-se evidente a crença de Taine na existência de traços comuns de ordem hereditária que, de forma natural, congregam determinados indivíduos em torno de um mesmo interesse – a sua obra colectiva –, num dado espaço, o qual, por sua vez, vai exercer influência na forma como aqueles constroem essa obra. À medida que o tempo passa, o grupo evolui, sendo na continuidade da sua obra que se encontra o reflexo dessa evolução. Partindo destes pressupostos, analisar-se-á, em seguida, a metodologia taineana aplicada à Literatura.

2.3. A Metodologia

Em *Histoire de la Littérature Anglaise*, Taine refere-se à importância da Psicologia como ponto de partida para o estudo da Literatura, mediante a definição das leis psicológicas que permitem representar toda uma nação, numa determinada época. Assim, para se traçar o perfil psicológico de uma raça, desde o seu início até ao presente, torna-se necessária a existência de uma literatura completa, viva e sujeita à observação directa, como se verificava, então, no contexto europeu, apenas em França e na Inglaterra. De entre as outras literaturas, que, de acordo com Taine, não reúnem as características mencionadas, contam-se a alemã, por apresentar lacunas temporais, a italiana, por ter sido importada e imitada, a espanhola, por ser curta, e, finalmente, a da Grécia Antiga que não se encontra ao lado da França e da Inglaterra porque já não está viva, não podendo, por isso, ser observada directamente. Contudo, importa acrescentar que grande parte da cultura grega nos chegou por via da tradução.

No excerto apresentado abaixo (Fig. 14), Taine define com clareza não só os seus objectivos ao descrever a raça, mas também o seu objecto de estudo, a Inglaterra, considerando a observação directa a sua principal fonte de evidência:

Méthode Psychologique et Valeur des Littératures

Hippolyte Taine

(...) l'histoire au fond est un problème de psychologie. Il y a un système particulier d'impressions et d'opérations intérieures qui fait l'artiste, le croyant, le musicien, le peintre, le nomade, l'homme en société; pour chacun d'eux, la filiation, l'intensité, les dépendances des idées et des émotions sont différentes; chacun d'eux a son histoire morale et sa structure propre, avec quelque disposition maîtresse et quelque trait dominateur. (Taine, *Histoire de La Littérature Anglaise* xlv)

(...) un livre rend les sentiments visibles, plus il est littéraire; car l'office propre de la littérature, est de noter les sentiments. Plus un livre note des sentiments importants, plus (xlv) il est placé haut dans la littérature; car, c'est en représentant la façon d'être de toute une nation et de tout un siècle qu'un écrivain rallie autour de lui les sympathies de tout un siècle et de toute une nation. (xlv)

C'est pourquoi, parmi les documents qui nous remettent devant les yeux les sentiments des générations précédentes, une littérature, et notamment une grande littérature est incomparablement le meilleur. C'est donc principalement par l'étude des littératures que l'on pourra faire l'histoire morale et marcher vers la connaissance des lois psychologiques, d'où dépendent les événements. (xlv)

Parmi les anciens, la littérature latine est nulle au commencement, puis empruntée et imitée. Parmi les modernes, la littérature allemande est presque vide pendant deux siècles [de 1550 à 1750]; la littérature italienne et la littérature espagnole finissent au milieu du dix-septième siècle. Seules, la Grèce ancienne, la France et l'Angleterre modernes, offrent une série

Método Psicológico e Valor das Literaturas

(Nossa Tradução)

(...) a história é, no fundo, um problema de psicologia. Existe um sistema particular de impressões e operações interiores que caracterizam o artista, o crente, o músico, o pintor, o nómada, o homem social. Em cada um deles, a forma como se faz a ligação, a intensidade e a dependência das ideias e das emoções é diferente, pois cada um tem a sua história moral e a sua própria estrutura, com uma determinada inclinação mestra e um determinado traço dominante.

(...) quanto mais literário um livro for, mais visíveis se tornam os sentimentos, porque a função da literatura é sobretudo a de registrar os sentimentos. Quanto maior é a capacidade de um livro para descrever os sentimentos, maior será o seu prestígio, porque, ao representar a forma de ser de uma nação e de todo um século, um escritor reúne as simpatias de toda uma centúria e de toda uma nação.

Por isso, entre os documentos que remetem para os sentimentos das gerações anteriores, uma grande literatura será sempre incomparavelmente melhor do que qualquer outra literatura. Deste modo, principalmente através do estudo da literatura pode fazer-se a história moral e extrair as leis psicológicas das quais os eventos dependem.

Entre os antigos, a literatura latina é nula no seu começo e, depois, emprestada e imitada. Entre os modernos, a literatura alemã apresenta-se praticamente vazia durante dois séculos [de 1550 a 1750]; e as literaturas italiana e espanhola terminam em meados do século XVII. Só a Grécia Antiga, a França e a Inglaterra modernas oferecem uma série completa de grandes

<p>complète de grands monuments expressifs. J'ai choisi l'Angleterre, parce qu'étant vivante encore et soumise à l'observation directe, elle peut être mieux étudiée qu'une civilisation détruite dont nous n'avons plus que les lambeaux, et parce qu'étant différente, elle présente mieux que la France des caractères tranchés aux yeux d'un Français. (xlvii)</p>	<p>memoriais expressivos. <u>Escolhi a Inglaterra, porque, ainda viva e sujeita a observação directa, pode ser mais bem estudada</u> do que uma civilização destruída, da qual existem apenas restos, e que, por ser diferente, é mais eficaz do que a França a apresentar traços já bem definidos pelos franceses.</p>
<p>(...) les trois données d'où elle est sortie, la race, le climat, l'invasion normande, peuvent être observées dans les monuments avec une précision parfaite; si bien, qu'on étudie dans cette histoire les deux plus puissants moteurs des transformations humaines, je veux dire la nature et la contrainte, et qu'on peut les étudier sans incertitude ni lacune, dans une suite de monuments authentiques et entiers. (xlviii)</p>	<p>(...) <u>os três elementos que lhe deram origem, a raça, o clima e a invasão normanda, podem ser observados nos memoriais com uma precisão incrível.</u> No estudo desta história encontram-se os dois motores mais poderosos das transformações humanas – a natureza e o constrangimento – que se podem estudar sem incertezas nem lacunas, numa série de memoriais autênticos e completos.</p>

Fig. 14. Método Psicológico e Valor das Literaturas.

Sabendo que Taine pretende traçar o perfil psicológico dos ingleses, resta saber o modo como o fará, isto é, a metodologia seguida.

O método apresentado, incluído no prefácio a *Essais de Critique et d'Histoire*, foi traduzido por William Fraser Rae, em *Historical and Critical Essays*, e publicado pela primeira vez em inglês na introdução a *Notes on England*. Rae considerou adequado referir este método, pois Taine baseia-se nele para escrever o seu relato. Tal como Rae, também aqui se partilha da ideia que Taine será sempre a pessoa mais indicada para explicar o seu próprio método, por isso apresenta-se abaixo um excerto do texto de Rae, ao qual se juntou, em paralelo, o texto original de Taine que não foi incluído na introdução de Rae. Para cada bloco de texto, apresenta-se uma síntese das ideias consideradas fundamentais, ao longo da qual serão enumeradas dez etapas necessárias para se pôr em prática a metodologia taineana. No final, inclui-se o comentário geral de Rae.

EN	FR
I am by no means so pretentious as to have a system; at most, I endeavour to follow a method. A system is an	Je n'ai point tant de prétention que d'avoir un système; j'essaye tout au plus de suivre une méthode. Un système est une

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

explanation of the whole, and indicates a work done; a method is a manner of working, and indicates a work to be done.	explication de l'ensemble, et indique une œuvre faite; une méthode est une manière de travailler et indique une œuvre à faire.
(Rae, <i>Notes on England</i> xxxiii)	(Taine, <i>Essais de Critique et d'Histoire</i> i)

Taine demonstra aqui não ter propriamente um sistema geral, mas seguir, antes, um método, isto é, uma forma de trabalhar indicadora das linhas orientadoras necessárias à construção de uma obra.

EN	FR
In place of refuting refutations, I shall sketch the process in dispute; those who shall have repeated it will learn for themselves whether it conducts to truths. (xxxiii)	Au lieu de réfuter des réfutations, je vais esquisser le procédé qui est en cause; ceux qui l'auront répété sauront par eux-mêmes s'il conduit à des vérités. (i-ii)

Neste excerto, Taine propõe-se desenhar um esboço de todo o processo, deixando o leitor livre para testar e avaliar por si próprio se tal método permitirá (ou não) chegar à verdade dos factos.

EN	FR
Let the reader take for example some artist, learned man, or distinguished writer, a particular poet, novelist, and read his works, pen in hand. To read them properly, he will classify them in natural groups, and in each group he will distinguish the three distinct things called the personages or characters, the action or intrigue, the style or the manner of writing. Following the custom of every critic, he will note in each of these divisions, by a few brief and telling phrases, the salient particularities, the dominant traits, the qualities peculiar to the author. (xxxiii)	Le lecteur prendra par exemple quelque artiste, savant, ou écrivain notable, tel poète, tel romancier, et lira ses oeuvres, la plume à la main. Pour les bien lire, il les classera en groupes naturels, et dans chaque groupe, il distinguera ces trois choses distinctes qu'on appelle les personnages ou caractères, l'action ou intrigue, le style ou façon d'écrire. Dans chacune de ces provinces, il notera, suivant l'habitude de tout critique, par quelques mots brefs et vifs, les particularités saillantes, les traits dominants, les qualités propres de son auteur. (ii)

Taine começa, então, por enumerar as várias etapas que constituem o seu método: 1) seleccionar um escritor ou um artista; 2) analisá-los e classificá-los de acordo com o grupo natural a que pertencem; 3) identificar, por cada grupo, as personagens, a acção, a intriga e o estilo de escrita; 4) anotar, em breves palavras, as

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

características que sobressaem em cada grupo, os traços dominantes e as qualidades do autor;

EN	FR
he will see an involuntary phrase flow from his pen, one singularly powerful and significant, which will summarise all the operation, and will place before his eyes a certain kind of tact and of talent, a certain disposition of mind or of soul, a certain array of likes and dislikes, of faculties and of failings, in short, a certain psychological state, ruling and lasting, which is that of the author. (xxxiv)	il verra venir au bout de sa plume une phrase involontaire, singulièrement forte et significative, qui résumera toute son opération, et mettra devant ses yeux un certain genre de goût et de talent, une certaine disposition d'esprit ou d'âme, un certain cortège de préférences et de répugnances, de facultés et d'insuffisances, bref, un certain état psychologique, dominateur et persistant, qui est celui-de son auteur. (iii)

5) identificar um certo estado psicológico do autor, mediante disposições do espírito e do estado de alma, de um conjunto de preferências e de repugnâncias, bem como de faculdades e de insuficiências;

EN	FR
Let him now repeat the same operation in the other portions of the same subject; let him afterwards compare the three or four summaries which each of these partial analyses have produced; let him add to the author's writings, his life, I mean his conduct towards men,— his philosophy, that is to say, his manner of regarding the world,—his ethical and aesthetical code, that is to say, his general views about the good and the beautiful; let him bring together all these small condensed phrases which are the concentrated essence of thousands of the remarks he has made, and of the hundreds of judgments he has passed. (xxxiv)	Qu'il répète maintenant la même opération sur les autres portions du même sujet; qu'il compare ensuite les trois ou quatre résumés auxquels chacun de ces analyses partielles l'aura conduit; qu'il ajoute alors aux écrits de son auteur sa vie, j'entends sa conduite avec les hommes, sa philosophie, c'est-à-dire sa façon d'envisager le monde, sa morale et son esthétique, c'est-à-dire ses vues d'ensemble sur le bien et sur le beau; qu'il rapproche toutes les petites phrases abrégatives qui sont l'essence concentrée des milliers de remarques qu'il aura faites et des centaines de jugements qu'il aura portés. (iii-iv)

6) anotar o estado psicológico do autor, por cada segmento de texto dedicado a um mesmo assunto; 7) comparar os sumários produzidos a partir de cada parcela de texto; 8) comparar os sumários com a vida do autor, a sua conduta, a forma de ver o mundo, o código moral e estético, bem como a visão geral do bom e do belo.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

EN	FR
<p>If these notations are precise, if he be accustomed to discern sentiments and faculties under the words which designate them, if the inner eye by which we sift and define in a moment the diversities of the moral being is sufficiently exercised and penetrating, he will observe that these seven or eight formulas depend the one upon the other, that the first being given, the others could not differ, that consequently the qualities they represent are inter chained, that if one vary, the others vary proportionately, and that hence they compose a system like an organised body. (xxxiv)</p>	<p>Si ses notations sont précises, s'il a l'habitude d'apercevoir les sentiments et les facultés sous les mots qui les désignent, si cet œil intérieur par lequel nous démêlons et définissons à l'instant les diversités de l'être moral est suffisamment exercé et pénétrant, il verra que ses sept ou huit formules dépendent les unes des autres, que la première étant donnée, les autres ne pouvaient être différentes, que par conséquent les qualités qu'elles représentent sont enchaînées entre elles, que si l'une variait, les autres varieraient d'une façon proportionnelle, et que partant elles font un système comme un corps organisé. (iv)</p>

Ainda no âmbito do ponto 8), Taine assegura que, se as anotações forem precisas, o resultado será a percepção de que existe um entrelaçamento, um encadeamento próprio na formulação das ideias, sendo a variação das fórmulas proporcional às qualidades que apresentam, constituindo juntas um corpo organizado, ou seja, um sistema;

EN	FR
<p>Not only will he have the vague sentiment of this mutual accord which harmonizes the diverse faculties of a mind, hut also he will have the distinct perception of it; he will be able to prove in logical fashion that a particular quality, violence or sobriety of imagination, oratorical or lyrical aptitude, ascertained as regards one point, must extend its ascendancy over the rest. (xxxiv)</p>	<p>Non-seulement il aura le sentiment vague de cet accord mutuel qui harmonise les diverses facultés d'un esprit, mais encore il en aura la perception distincte; il pourra prouver par voie logique que telle qualité, la violence ou la sobriété d'imagination, l'aptitude oratoire ou lyrique, constatée sur un point, doit étendre son ascendant sur le reste. (iv)</p>

e continua, afirmando a possibilidade de verificar, de forma lógica, a influência de aspectos comuns, como a violência, a imaginação ou o talento para a oratória, identificados num determinado ponto, sobre tudo o resto;

EN	FR
<p>By continued reasoning, he will thus bind up the various inclinations of the man he examines under a small number of</p>	<p>Par un raisonnement continu, il reliera ainsi les divers penchants de l'homme qu'il examine sous un petit nombre</p>

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

<p>governing inclinations, whence they flow and by which they are explained, and he will provide the spectacle of the admirable necessities which unite among each other, the innumerable, varied, entangled fibres of each human being. (xxxv)</p>	<p>d'inclinations gouvernantes, dont ils se déduisent et qui les expliquent, et il se donnera le spectacle des admirables nécessités qui rattachent entre eux les fils innombrables, nuancés, embrouillés de chaque être humain. (iv-v)</p>
---	---

assim, através do raciocínio e da indução será possível determinar as inclinações do autor sob observação, as necessidades que interligam essas propensões e, por último, a natureza das suas vocações;

EN	FR
<p>A step remains to be taken. Till now, the connection of contemporaneous things was in question; at present the connection between successive things must be considered. The reader has been able to prove that moral matters, like physical things, have their dependencies; at present he must prove that, like physical things, they have their conditions. (xxxviii)</p>	<p>Il reste un pas à faire. Jusqu'à présent, il ne s'agissait que de la liaison des choses simultanées; il s'agit maintenant de la liaison des choses successives, Le lecteur a pu vérifier que les choses morales comme les choses physiques ont des dépendances; à présent il doit vérifier que comme les choses physiques, elles ont des conditions. (x)</p>

se, até aqui, estava em causa a interligação entre factos do presente, a partir deste momento importa dar uma explicação para a sucessão desses factos no tempo.

EN	FR
<p>You have sought and found the definition, of a group; I mean that small, exact, and expressive phrase which encloses in its narrow compass the essential characters whence the others can be deduced. Let us here suppose that it designates those of our seventeenth century; compare it with those by which you have designated the preceding epoch and the others more ancient of the same history in the same country; search now whether the diverse terms of this series do not contain some common element. One is to be found, the character and spirit peculiar to the race, transmitted from generation to generation; the same through the changes of culture, the diversities of organisation, and the variety of products. This character and this spirit, once constituted, are found to be more or less disposed for discipline or</p>	<p>Vous avez cherché et trouvé la définition d'un groupe, j'entends cette petite phrase exacte et expressive qui enferme dans son enceinte étroite les caractères essentiels d'où les autres peuvent être déduits. Supposons ici qu'elle désigne ceux de notre dix-septième siècle; comparez-la à celles par lesquelles vous avez désigné l'époque précédente et les autres plus anciennes de la même histoire dans le même pays; cherchez maintenant si les termes divers de cette série ne contiennent pas quelque élément commun. Il c'en trouve un, le caractère et l'esprit propres à la race, transmis de génération en génération, les mêmes à travers les changements de la culture, les diversités de l'organisation et la variété des produits. Ce caractère et cet esprit, une fois constitués, se trouvent plus ou moins</p>

personal independence; more or less fitted for nice reasoning or poetical emotion; more or less disposed to the religion of the conscience, or of logic, or of custom, or of the eyes. At a given moment, during a period, they produce a work; and their nature, joined to that of their work, is the condition of the work which follows; as in an organised body the primitive temperament, joined to the anterior state, is the condition of the succeeding state. Here, as in the physical world, the condition is sufficient and necessary; if it be present, the work cannot be wanting; if it be absent, the work cannot appear. (xxxviii-xxxix)

enclins à la discipline ou à l'indépendance personnelle, plus ou moins propres au raisonnement fin ou à l'émotion poétique, plus ou moins disposés à la religion de la conscience, ou de la logique, ou de l'habitude, ou des yeux. A un moment donné, pendant une période, ils font une œuvre, et leur nature, jointe à celle de leur œuvre est la condition de l'œuvre qui suit, comme dans un corps organisé le tempérament primitif, joint à l'état antérieur, est la condition de l'état suivant. Ici comme dans le monde physique, la condition est suffisante et nécessaire; si elle est présente l'œuvre ne peut manquer; si elle est absente, l'œuvre ne peut apparaître. (x-xii)

Será, então, necessário dar os dois últimos passos: 9) identificar as origens históricas do grupo, procurando um grupo similar, com as mesmas características, no mesmo país, com a mesma história, mas no século anterior e eventualmente num período mais remoto; e 10) classificar os elementos em comum.

Só percebendo o seu método se poderá aferir que o relato de Taine decorre de uma observação directa não só do viajante que teve oportunidade de se deslocar à Grã-Bretanha, mas também do autor e investigador de *Histoire de la Littérature Anglaise*, cujos “grands monuments expressifs”, lhe possibilitaram conhecer quase tudo o que lhe era permitido acerca da cultura britânica e acrescentar a este conhecimento a sua experiência.

2.3.1. Comentário de Rae à Metodologia de Taine

No segundo capítulo da introdução a *Notes on England*, “An Outline of his Method of Criticism” (pp. xxx-liii), W. F. Rae tece algumas considerações relativamente à metodologia de Taine que importa analisar.

Da perspectiva de Rae, um crítico é alguém que, depois de ter estudado uma determinada matéria, passa a estar qualificado para dar uma opinião relativamente à forma como essa matéria foi abordada por um dado autor, pintor, arquitecto, orador, etc.. O crítico pode fundamentar a sua opinião num modelo prévio ou nas suas próprias

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

regras para fazer um juízo independente. Em qualquer dos casos, a crítica resulta de uma reflexão, de uma opinião arbitrária e de nada mais (xxx). Esperar que esse resultado seja universal e implicitamente aceite como uma demonstração de autoridade, como acontece com as ciências exactas, é algo que nenhum outro crítico, além de Taine, ousou fazer (xxx).

De facto, Taine acredita na possibilidade de se retirar toda a ambiguidade de todos os juízos críticos, seguindo um método preciso. Sendo o Homem um agente inconsciente da manifestação de forças invisíveis, torna-se possível, da perspectiva taineana, que tais forças, embora não possam ser contidas, sejam mensuráveis, e embora não possam ser controladas directamente, sejam classificadas. Através de uma avaliação e determinação da sua natureza e do efeito que produzem, Taine considera possível explicar por que razão um autor, um artista ou um arquitecto produz um determinado livro, pintura ou edifício. A resposta encontra-se no facto de aqueles se inserirem numa determinada época, caracterizada por um certo modelo literário, artístico ou arquitectónico, na história mental das gerações passadas e no modo como estas se apresentaram, através da escrita ou dos feitos dos indivíduos (xxxi). O próprio Taine admite a dissimilitude entre os factos que permitem reunir os elementos em agrupamentos próprios:

The facts are so dissimilar that at first sight they are pronounced to be what they appear, that is to say, isolated and separated. But the facts communicate between themselves by the definitions of the groups in which they are comprised. (*Notes on England* xxxvii)

Segundo Rae, este método pode ser comparado à relação de diferença existente entre, por um lado, um botânico e um zoólogo e, por outro, um crítico e um historiador. O botânico não tem preconceitos de natureza pessoal ou cultural que funcionem a favor das suas observações; e o zoólogo pode preferir um animal em detrimento de outro, mas isso não interfere na forma como os descreve e classifica. Quando um francês examina uma flor ou disseca um morcego, pouco lhe importam as origens da flor ou do morcego, mas, quando tem de lidar com um escritor ou um artista de uma nação estrangeira, não esquecerá, em qualquer circunstância, que é francês, nem que o artista ou o autor são estrangeiros. De forma intencional ou inconsciente, o francês avalia a eloquência, o estilo, a dicção, o talento e as obras de um estrangeiro, consoante o modelo francês e a partir do ponto de vista francês (xlvi).

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Rae continua, afirmando que nenhum estrangeiro descreveu tão bem a Inglaterra e os ingleses como Taine. Embora o resultado do seu trabalho seja admirado, ainda assim é alvo de uma crítica recorrente: a de que se trata da visão de um francês. A língua constitui a expressão viva da interioridade de uma nação e, ao mesmo tempo, um livro fechado para um estrangeiro, pois as palavras são temperadas de forma que só um nativo é capaz de lhes detectar o sentido e as apreciar. Não obstante o domínio de Taine da língua inglesa, a sua capacidade de apreciar plenamente Thackeray ou Hawthorne afigura-se duvidosa (xlix).

Na verdade, Taine percepçiona a arte de uma perspectiva puramente francesa, analisando-a de acordo com os cânones franceses, o que, aliás, é compreensível. Todavia, custa a entender que ele queira dar conta dos “psychological states”, das “dependencies” e das “conditions” que afectam as produções literárias, artísticas e históricas, sobretudo se começa com um conjunto de conclusões de carácter pessoal e cultural que não constituem juízos universais (li). Rae sumariza, assim, a sua frustração ao concluir que o método taineano fica aquém das expectativas: “After examining the results of M. Taine's method, as applied by him to men of note in the world of art and letters, I do not find that these are so conclusive as to reflect glory upon the method itself” (li).

De acordo com Rae, Taine acredita que uma causa é um facto, quando, na verdade, se trata apenas de uma figura de estilo. Taine defende que se pode encontrar um facto de tal ordem que, a partir dele, se pode deduzir a natureza, as relações e as alterações de outros factos, sendo o facto dominante e generativo a causa desses outros factos. As relações de causa e efeito não são mais do que sequências, pois tudo o que se sabe é que um consiste na continuação do outro, pelo que afirmar que um é a causa do outro constitui apenas outra forma de expressar esta continuidade. Taine reconhece “dependencies” e “conditions” onde existem apenas sequências e manifestações, descortinando leis onde há apenas explicações (liii).

Apesar de tudo, Rae reconhece partilhar de um ponto em comum com Taine: “With him I agree in thinking that the result of a closer observation and more careful estimate of facts will be to render both criticism and history more exact and trustworthy” (liii).

Terminado o esclarecimento das teorias que se encontram na base de *Notes sur l'Angleterre*, passar-se-á, em seguida, à análise do relato de viagens e da respectiva

tradução, que, em virtude dos constrangimentos sistémicos, se afigurará da maior relevância para a compreensão dos contornos relativos à sua produção, bem como das relações que os textos estabelecem entre si.

3. Em Torno de *Notes sur l'Angleterre* e *Notes on England*

O modelo de Lambert e van Gorp⁵ foi adaptado enquanto guia orientador para os subcapítulos seguintes. A descrição em torno dos textos em apreço será realizada em função dos elementos que estes oferecem e que são susceptíveis de observação, mas obviamente não em função de todos os vectores contidos no modelo referido, o qual é meramente indicativo de uma situação ideal de descrição.

Os vectores utilizados para a análise proposta são os seguintes: a) elementos paratextuais, cuja importância se deve ao facto de permitirem revelar as opções tomadas pelas editoras; b) entre os elementos peritextuais, encontram-se os comentários do tradutor que incluem uma introdução mais extensa do que é comum a um tradutor, que se substitui ao prefácio original, sendo indispensável para a compreensão do autor e da obra; também os títulos e a organização dos capítulos apresentam, no texto de chegada, uma estrutura em tudo diferente da do texto de partida e porventura mais adaptada ao público-alvo; c) os elementos epitextuais permitem dar a conhecer, em ambos os países, por intermédio da massa crítica, a recepção aos textos; d) a estratégia, transversal a todos os vectores é reveladora da forma como a tradução se adaptou ao sistema literário de chegada; e) algumas mudanças ao nível micro-textual no texto de chegada; e, finalmente, f) o contexto sistémico.

3.1. Análise Paratextual

Os paratextos constituem o conjunto de elementos que enquadra um texto ou uma obra, tendo como função identificá-lo(a), apresentá-lo(a) ou comentá-lo(a), assegurando, assim, a sua correcta recepção por parte do público. Aqueles são de duas ordens: os elementos peritextuais e os elementos epitextuais. Os primeiros encontram-se

⁵ *Supra* Parte I, capítulo 1.2. “A Escola da Manipulação”, p.10 da presente dissertação.

no espaço físico da obra, enquanto os segundos se situam no espaço exterior à obra, constituindo informação adicional.

Em tradução, os paratextos exercem várias funções: atrair e orientar os leitores; apresentar o tradutor, uma instituição ou certos valores do texto; promover a compreensão de um aspecto em particular, bem como a apresentação ou a recepção do texto traduzido; e facilitar o processo de tradução cultural.

3.1.1. Elementos Peritextuais

Tendo como ponto de partida a obra *Paratexts: Thresholds of Interpretation*, de Gerard Genette, começou-se por levar a cabo um levantamento de alguns elementos peritextuais possíveis de identificar na descrição de uma obra, tal como se pode verificar na Fig. 15:

Anúncio publicitário; Anterosto; Autor da capa; Autor do prefácio; Capa dura; Capa mole ou brochado; Capítulos; Código de barras magnético; Cólofon ou colofão; Data; Declaração de interesses; Dedicatória; Editora; Epígrafe; Fac-símile da assinatura; Género; ISBN; Ilustração; Ilustração da capa; Índice de matéria ou tábua de matérias; Morada da editora; Nome do tradutor; Nome ou pseudónimo do autor; Nota de rodapé; Número de edições; Número de impressões; Número de reimpressões; Obras da mesma editora;

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Obras do mesmo autor; Posfácio; Prefácio, preâmbulo; Preço; Qualificação ou grau; Reimpressão; Responsável pela Série; Rosto, frontispício; Subtítulo; Série; Tipógrafo; Título;

Fig. 15. Lista de Elementos Peritextuais.

Depois, estabeleceu-se, em paralelo, a estrutura sequencial que rege os elementos paratextuais dos textos de partida e de chegada, com vista a apurar a existência de uma equivalência estrutural e a detectar as secções em que não há correspondência (Fig.17):

<i>Notes sur l'Angleterre</i>	<i>Notes on England</i>
Anterosto (p. i)	Anterosto (p. i)
Obras do mesmo autor (Livraria Hachette) (p. ii)	×
Obras do mesmo autor (Livraria Germer-Baillière) (p. ii)	×
Colofão (p. ii)	✓
Rosto ou frontispício (Título, nome do autor; nome do tradutor, logótipo, número de edição, nome da editora, localização, data, direitos de propriedade.)	Rosto ou frontispício (Título, nome do autor; nome do tradutor, logótipo, número de edição, nome da editora, localização, data, direitos de propriedade.)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

(p. iii)	(p. iii)
Dedicatória (p. v)	×
✓	Índice (pp. v-vi) Organização dos capítulos (Capítulos I-XXXV, pp. 1-377)
Prefácio (do autor) (pp. vii-viii)	Introdução (do tradutor) (Capítulos 1-3, pp. vii-xlix)
Texto	Texto
Notas (pp. 395-396)	×
Índice (p. 397) Organização dos capítulos (Capítulos I-IX, pp. 1-394)	✓
Colofão (p. 397)	Colofão (p. 377)
×	Obras originais do tradutor (Rae) (p. 379)
×	Obras da mesma editora (Strahan) (pp. 380-388)
<p><u>Legenda:</u></p> <p>× A secção da coluna do lado não encontra correspondência nesta coluna.</p> <p>✓ A secção da coluna do lado encontra correspondência em outra posição desta coluna.</p>	

Fig. 16. Comparação da Estrutura Peritextual.

No caso de *Notes on England*, como se pode observar na Fig. 16 e se verificará mais à frente, há grandes transformações tanto no Índice, consequentes da reestruturação dos capítulos originais, como no prefácio, originalmente com duas páginas, mas substituído por uma introdução do tradutor com quarenta e duas páginas. Cada um dos vectores acima mencionados será desenvolvido em seguida.

Geralmente, o **anterrosto**, a primeira página da folha que precede o frontispício (rosto) de um livro, só contém o título, tal como se verifica no caso em apreço. A disposição das palavras no título original dá a sensação de que *L'ANGLETERRE* se projecta mais à frente de que *NOTES*, que se mantém mais atrás, ao fundo, mas a um nível superior, como indica a preposição *SUR*. Ao mesmo tempo, o título projecta-se como uma âncora ou uma linha verticalizada de caminho-de-ferro, ou mesmo uma cama em cima da qual Taine teria reescrito as suas anotações (Fig. 17). Contudo, na tradução inglesa, o título afigura-se mais sóbrio e surge com um tamanho mais reduzido, ocupando apenas uma linha (Fig.19).

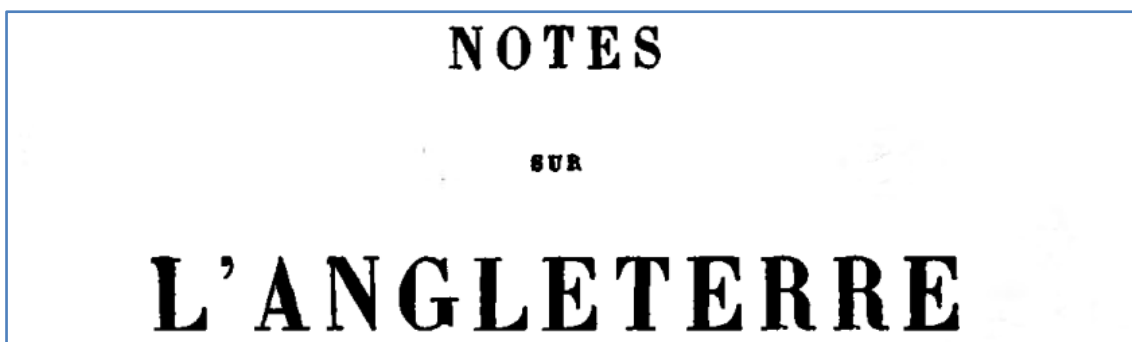


Fig. 17. Anterrosto de *Notes sur l'Angleterre*, p. i.

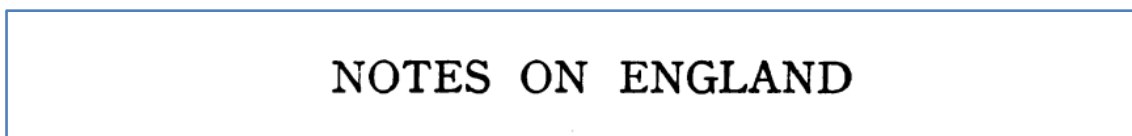


Fig. 18. Anterrosto de *Notes on England*, p. i.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Relativamente a outras obras publicadas, de um modo geral, estas são constituídas por cinco categorias correspondentes a cinco secções diferentes: obras do mesmo autor no mesmo catálogo editorial; obras do mesmo autor em outro catálogo editorial; obras originais do tradutor; traduções do mesmo tradutor; e obras de outros autores publicadas pela mesma editora.

Em *Notes sur l'Angleterre* (1872) aparece, logo de início (p. ii), uma listagem com as **obras do mesmo autor**, pelo catálogo da editora Librairie Hachette:

AUTRES OUVRAGES DU MÊME AUTEUR	
A LA LIBRAIRIE HACHETTE ET C^{ie}	
HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE ANGLAISE. 5 vol. in-18 jésus.	
2 ^o édit.	17 fr
LES PHILOSOPHES CLASSIQUES DU XIX^e SIÈCLE EN FRANCE.	
1 vol. in-18 jésus. 3 ^e édition.	5 fr
ESSAI SUR TITE LIVE. 1 vol. in-18 jésus. 2^e édition . .	3 fr
VOYAGE AUX PYRÉNÉES. 1 vol. in-18 jésus. 5^e édition .	3 fr
LA FONTAINE ET SES FABLES. 1 vol. in-18 jésus. 5^e édit.	3 fr
ESSAIS DE CRITIQUE ET D'HISTOIRE. 1 vol. in-18 jésus.	
2 ^o édit.	3 fr
NOUVEAUX ESSAIS DE CRITIQUE ET D'HISTOIRE. 1 volume	
in-18 jésus. 2^e édit.	3 fr
NOTES SUR PARIS, par Fréd. Th. GRAINDORGE. 1 vol. in-18.	
5 ^e édition.	3 fr
VOYAGE EN ITALIE. 2 vol. in-8^o	12 fr
DE L'INTELLIGENCE. 2 vol. in-8^o. 2^e édition.	15 fr. »
DU SUFFRAGE UNIVERSEL ET DE LA MANIÈRE DE VOTER.	
In-18. 2^e édition.	50 cent.

Fig. 19. Obras do Mesmo Autor (Hachette) em *Notes sur l'Angleterre*, p. ii.

Na mesma página (ii), surgem títulos de obras do mesmo autor, mas de acordo com o catálogo da editora Librairie Germer-Baillière (Fig.20):

A LA LIBRAIRIE GERMER-BAILLIÈRE		
LE POSITIVISME ANGLAIS. Étude sur STUART MILL. 1 vol .		2 fr. 50
L'IDÉALISME ANGLAIS. Étude sur CARLYLE. 1 vol.		2 fr. 50
PHILOSOPHIE DE L'ART. 1 vol..		2 fr. 50
PHILOSOPHIE DE L'ART EN ITALIE. 1 vol.		2 fr. 50
PHILOSOPHIE DE L'ART DANS LES PAYS-BAS. 1 vol		2 fr. 50
DE L'IDÉAL DANS L'ART. 1 vol..		2 fr. 50
PHILOSOPHIE DE L'ART EN GRÈCE. 1 vol.		2 fr. 50

Fig. 20. Obras do Mesmo Autor (Germer-Baillièrre) em *Notes sur l'Angleterre*, p. ii.

Já em *Notes on England* excluiu-se a referência a outras obras de Taine, bem como qualquer informação relativa à editora Hachette. Optou-se, antes, por dedicar uma página a outras obras originais do tradutor (p. 379) e oito páginas a uma listagem de outras obras da editora Strahan. Ao contrário do que acontece na versão original, esta informação passou para o final da obra, onde também se anuncia a publicação de *Westward by Rail*, da autoria do tradutor, W.F. Rae, na qual este relata uma viagem a São Francisco durante a qual aproveitou para tomar algumas notas a respeito dos Mórmon⁶, seguidores de uma doutrina religiosa com especificidades muito próprias, cujas raízes remontam ao protestantismo. Este grupo foi fundado nos Estados Unidos, no final da década de vinte de Oitocentos, por Joseph Smith (1805-1844), disseminando-se, depois, um pouco por todo o mundo e admitindo, entre outras práticas, a poligamia.

Apesar de a referência publicitária a este relato de viagens aparecer somente no final do livro, acaba por ser prestigiante. Já na sua segunda edição e, portanto, com uma recepção positiva tanto por parte do público como da crítica, a obra confere credibilidade à tradução pelo facto de o tradutor já ter abordado o mesmo tema – a viagem e a descrição de outras culturas – enquanto autor (Fig. 21):

⁶ Nos dias de hoje, os mórmons formam um conjunto de grupos religiosos independentes. A Comunidade de Cristo constitui um grupo minoritário, que acredita na teologia protestante tradicional fundada por Joseph Smith, no final da década de vinte de Oitocentos, distanciando-se de algumas das doutrinas do mormonismo moderno praticadas por uma maioria constituída pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Há, todavia, quem questione o mormonismo enquanto movimento cristão.

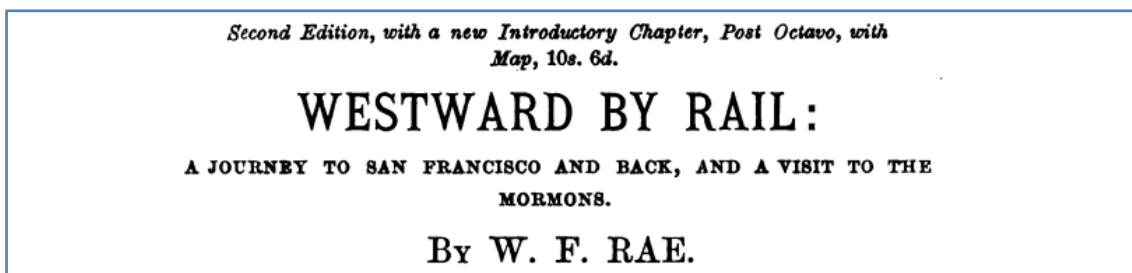


Fig. 21. Obras Originais do Tradutor em *Notes on England*, p. 379.

O anúncio publicitário à obra *Westward by Rail* inclui alguns artigos de opinião publicados em diversos países, como a Inglaterra, a Escócia ou a França:

“Mr. Rae unites the power of a keen and thoughtful observer with the skill and tact of a graphic delineator. His impressions of men and manners are lively and sensible, and his style gives reality and force to incidents which would be otherwise trivial or unmeaning. The evident candour and Bingleiness of purpose with which he writes make him a trustworthy guide for those who would weigh aright the inducements for or against the longest continuous land journey which is as yet opened upon our planet.” — **Saturday Review.**

“The whole work as now presented is at once the most modern and the most reliable authority on the increasingly important subjects with which it deals.”
— **Westminster Review.**

“Mr. Rae's interesting work.” — **Revue des Deux Mondes.**

“In a new introductory chapter to this edition of his book, concerning which, on its first appearance, we spoke with strong and merited commendation, Mr. Rae gives additional information concerning the Mormons, and the effect produced upon Mormonism by the new railway, by the Mormon revolt under Mr. Godbe and the sons of Joseph Smith, and by the vigorous policy of the United States Government.”
— **British Quarterly Review.**

“A very interesting narrative.” — **London Quarterly Review.**

“Those who would fain follow the rapid flight of the Californian express across the breadth of the American Continent, or gaze at ease upon the strange phenomenon of Mormon fanaticism confronted by the advancing tide of Gentile civilization, can hardly choose a better or more attractive guide-book than the new edition of Mr. W. F. Rae's 'Westward by Bail.’ — **Graphic.**

“Altogether the new chapter proves an interesting supplement to an interesting book.” — **Globe.**

“This is a second edition of a most interesting work to the traveller and those who take an interest in the progress of America and Mormonism. It teems with a mass of information not to be found elsewhere, and" of apparently the most trustworthy character.” — **Standard.**

“The book is worth reading. It gives views of American life in the Far 'West, of California, and of other places which deserve study.” — **Scotsman.**

“It is not at all wonderful that Mr. Rae's book has reached a second edition. The subject of it is an interesting one, and the work is written in a clear and vigorous style. Add to these the great merit that Mr. Rae maintains throughout a just and temperate tone with reference to the people, manners, institutions, and natural peculiarities of America, and it will not be difficult to understand that 'Westward by Bail' is a superior book of its kind.” — **Glasgow Herald.**

“We cordially recommend this new edition of 'Westward by Bail.’” — **North British Mail.**

“We are pleased, but not surprised, to see Mr. Bae's work in a second edition. It will, if we are not much mistaken, be for a long while the standard work on Western America.” — **Nonconformist.**

Fig. 22. Artigos de Opinião Acerca de *Westward by Rail* de W.F. Rae.

Outras eventuais obras da mesma editora (mas de autores diferentes) não constam do texto original, mas antes do final da tradução (pp. 380-388), onde se encontra uma lista de oito páginas com novas publicações e reedições de livros:

New Books and New Editions
JUST PUBLISHED.

Fig. 23. Título do Anúncio de Novos Lançamentos da Strahan & Co., em *Notes on England* p. 380.

A partir da análise do catálogo de uma editora, torna-se possível extrair, com algum grau de precisão, uma certa tendência por um tema, a predominância de um género ou a preferência por um determinado autor. Uma observação cuidada de todo o catálogo de uma editora não cabe no espaço atribuído à presente dissertação, mas num outro estudo mais exaustivo, a situação ideal seria analisar cada obra ao nível das relações de interdependência com as obras do mesmo catálogo, para se poder desenhar um conjunto de sistemas capazes de projectar factores reveladores de uma estratégia e de uma ideologia comuns a uma editora.

Contudo, a partir da lista de publicações e reedições incluída em cada obra publicada, como no caso em apreço, afigura-se possível captar as principais tendências da editora, no período em que a obra foi publicada:

The Library Edition of the Works of Alfred Tennyson, D.C.L., Poet-Laureate. Vols I. and II. Post 8vo, 10s. 6d. each.

Character Sketches. By Norman Macleod, D.D. With Illustrations. Post 8vo, 10s. 6d.

Tennyson's Songs: Being a Collection of Songs and Ballads from the Published Works of Alfred Tennyson, D.C.L., Poet-Laureate. Square 8vo, cloth extra, 5s.

Discussions on Colonial Questions. Being a Report of the Proceedings of a Conference held at Westminster Palace Hotel, on July 19th, 20th, and 21st, 1871. Crown 8vo, 2s. 6d.

Saint Abe and his Seven Wives. A Tale of Salt Lake City. Crown 8vo, 5s.

The Secret History of the International. By Onslow Yorke. Crown 8vo, 2s.

History of Religious Thought in England, from the Reformation to the end of the Last Century. By the Rev. John Hunt, Author of "An Essay on Pantheism." Vols. I. and II. Demy 8vo, 21s.each.

The Haunted Crust, and other Stories. By Katherine Saunders, Author of "Gideon's Rock." 2 vols, post 8vo, 21s.

Music and Morals. By the Rev. H. R. Haweis. Post 8vo, 12s.

Twilight Hours. A Legacy of Verse. By Sarah Williams (Sadie). Third and Enlarged Edition. Crown 8vo, 5s.

The Drama of Kings. By Robert Buchanan. Post 8vo, 12s.

Lord Bantam. By the Author of "Ginx's Baby." 2 vols., post 8vo, 16s.

Passages from the French and Italian Note-Books of Nathaniel Hawthorne. 2 vols., post 8vo, 24s.

Flowers and Gardens. Notes on Plant Beauty. By Forbes Watson, M.R.C.S. Crown 8vo, 5s.

The Princess and the Goblin. By George MacDonald. With Illustrations by Arthur Hughes. Crown 8vo, cloth gilt extra, 5s.

Peasant Life in the North. Second Series. Post 8vo.

Lilliput Legends. By the Author of "Lilliput Levee." With Illustrations. Square 8vo, cloth gilt extra, 5s.

Linnet's Trial. By M. B. Smedley, Author of "Twice Lost," & c. Crown 8vo, cloth gilt extra, 5s.

Hymns for the Young. With Music by John Hullah. 8vo, is. 6d.

Family Prayers. By C. J. Vaughan, D.D., Master of the Temple. Crown 8vo, 3s. 6d.

How it all Happened, and other Stories. By Mrs. Parr, Author of "Dorothy Fox." 2 vols., post 8vo, 21s.

Works of Fancy and Imagination; being a Collection of Poetical and other Works. By George MacDonald. Ten Pocket Volumes in neat Case. £2 2%.

Colloquia Crucis. By Dora Greenwell. Small 8vo, 3s. 6d.

The Thorough Business Man. Memoirs of Walter Powell, Merchant, of Melbourne and London. By Benjamin Gregory. With Portrait. Crown 8vo, 6s.

When I was Young. A Book for Boys. By Charles Camden, Author of "The Boys of Axleford." With Illustrations. Crown 8vo, cloth extra, 2s. 6d.

Tappy's Chicks, and other Links Between Nature and Human Nature. By Mrs. George Cupples. With Illustrations. Crown 8vo, cloth gilt extra, 5s.

Peeps at Foreign Countries. By the Editor and Contributors to "Good Words," & c. With Illustrations. Crown 8vo, cloth gilt extra, 5s.

The Old Maid's Story. By E. Marlitt. Translated by H. J. G. Crown 8vo, 10s. 6d.

Sundays in the Temple. By C. J. Vaughan, D.D., Master of the Temple. Small 8vo, 3s. 6d.

The Children's Journey, &c. By the Author of "Voyage en Zigzag." Beautifully Illustrated. Square 8vo, 10s. 6d.

The Character of St. Paul. By J. S. Howson, D.D., Dean of Chester. Crown 8vo.

The Christian Doctrine of Prayer for the Departed. With copious Notes and Appendices. By the Rev. Frederick George Lee, D.C.L., F.S.A., Vicar of All Saints, Lambeth. Demy 8vo, 16s.

The Window; Or, The Songs of the Wrens. By Alfred Tennyson, D.C.L., Poet-Laureate. With Music by Arthur Sullivan. 4to, cloth gilt extra, 21s.

Dorothy Fox. By Mrs. Parr. Popular Edition. Crown 8vo, 6s.

Friends and Acquaintances. By the Author of "Episodes in an Obscure Life." 3 vols., post 8vo.

Heroes of Hebrew History. By Samuel Wilberforce, D.D., Bishop of Winchester. Popular Edition. Crown 8vo, 5s.

Ginx's Baby: His Birth and other Misfortunes. People's Edition. Crown 8vo, 2s.

Sermons for my Curates. By the Rev. T. T. Lynch. Edited by the Rev. Samuel Cox. Crown 8vo, 9s.

Episodes in an Obscure Life: A Curate's Experiences in the Tower Hamlets. Popular Edition. Crown 8vo, 6s.

Faust. A Tragedy by Johann Wolfgang von Goethe. Translated in the Original Metres by Bayard Taylor. 2 vols., post 8vo, 28s.

Sundays Abroad. By Thomas Guthrie, D.D. Crown 8vo, 3s. 6d.

The Coolie. His Rights and Wrongs. Notes of a Journey to British Guiana, with a Review of the System and of the Recent Commission of Inquiry. By the Author of "Ginx's Baby." Post 8vo, 16s.

Shirley Hall Asylum. By William Gilbert. New Edition. Crown 8vo 10s. 6d.

Peeps at the Far East. A Familiar Account of a Visit to India. By Norman Macleod, D.D. With numerous Illustrations. Small 4to, cloth extra, 21s.

Fernyhurst Court. An Every-day Story. By the Author of "Stone Edge." Crown 8vo, 6s.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

- Benoni Blake, M.D.* By the Author of "Peasant Life in the North." 2 vols., crown 8vo, 21s.
- Shoemakers' Village.* By Henry Holbeach. 2 vols., post 8vo, 16s.
- The Rivulet. A Contribution to Sacred Song.* By the late T. T. Lynch. New Edition. Small 8vo, 3s. 6d.
- The Reign of Law.* By the Duke of Argyll. People's Edition. Crown 8vo, limp cloth, 2s. 6d.
- Memorials of Agnes Elizabeth Jones.* By her Sister. New and Cheaper Edition, with Portrait. Crown 8vo, 3s. 6d.
- Essays, Theological and Literary.* By R. H. Hutton. 2 vols., post 8vo, 24s.
- The Ecclesiastical Polity of the New Testament. A Study for the present Crisis in the Church of England.* By the Rev. G. A. Jacob, D.D., late Head Master of Christ's Hospital. Post 8vo, 16s.
- The Companions of St. Paul.* By J. S. Howson, D.D., Dean of Chester. Crown 8vo, 5s.
- Walks in Rome.* By Augustus J. C. Hare. 2 vols., crown 8vo, 21s.
- Reasons for Returning to the Church of England.* By the Rev. J. M. Capes. Second Edition. Crown 8vo, 5s.
- The Songstresses of Scotland.* By Sarah Tytler and J. L. Watson. 2 vols., post 8vo, 16s.
- Memorials of Charles Parry, Commander, Royal Navy.* By his Brother, the Right Rev. Edward Parry, D.D., Bishop Suffragan of Dover. Crown 8vo, 5s.

Fig. 24. Lista de Outros Títulos da Editora Strahan & Co., em *Notes on England* pp. 380-388.

Analisando os vectores comuns nos elementos da Fig. 24, pode começar-se com Alfred Tennyson (1809-1892), um dos autores mais importantes deste catálogo, tendo, em 1869, assegurado um contrato exclusivo com a Strahan e trazido consigo um repertório literário que incluía *Poems, Chiefly Lyrical* (1830), *Poems* (1842), *The Princess* (1847), *In Memoriam* (1850) e *Maud* (1855). Nesta altura, a sua obra *Idylls of the King* (1859-1872) encontrava-se em fase de conclusão. Recorde-se que Tennyson foi um dos poetas ingleses com maior dimensão, talvez o maior poeta do período vitoriano depois da morte de William Wordsworth, em 1850.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Tal como Tennyson, que, pelos seus valores morais, se afigurava bastante apelativo para a Strahan, também se pode verificar, pela variedade de títulos, que eram temas prevalentes a moral, a religião (o cântico de igreja, o carácter dos santos, a reflexão religiosa, as orações, a reunião dominical, a doutrina cristã, a história hebraica, os sermões, a teologia) e os assuntos ligados a outros lugares, nomeadamente *Discussions on Colonial Questions*, *Peasant Life in the North*, *Peeps at Foreign Countries* e *Walks in Rome*.

O perfil da Strahan será traçado na secção dedicada às Editoras, embora seja possível, desde já, detectar uma certa preferência por títulos mais conservadores.

Nos manuscritos medievais, o **colofão** ou *cólofon* consistia numa nota final que fornecia referências sobre a obra e indicações relativas à sua autoria, à transcrição, à impressão, bem como ao lugar e à data de produção. Actualmente, o colofão corresponde à inscrição onde o tipógrafo indica a data e o lugar de impressão da obra. De um modo geral, esta inscrição aparece no fim, mas nem sempre é o caso.

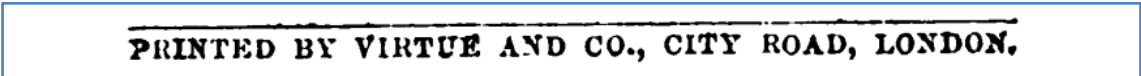
Em *Notes sur l'Angleterre*, inclui-se o nome e a morada da tipografia, excluindo-se a data. O colofão aparece repetidamente em dois locais distintos, primeiro na página ii, junto a “obras do mesmo autor” e, depois, no final da obra, na página 397:



PARIS. — IMP. SIMON RAÇON ET COMP., RUE D'ERFURTH, 1.

Fig. 25. Colofão em *Notes sur l'Angleterre*, p. ii, 397.

Em princípio, *IMP* significa “imprimerie” (tipografia) e “Raçon et Compagnie” é o nome da empresa, seguindo-se a informação relativa à morada, em Paris, onde a tipografia operava em 1871 (Fig. 25) Em *Notes on England* há apenas um colofão, situado no final da obra, na última página do texto (p. 377), logo a seguir à informação “The End.”. “Virtue and Company” é o nome da tipografia e “City Road, London”, a rua e a localidade (Fig. 26):



PRINTED BY VIRTUE AND CO., CITY ROAD, LONDON.

Fig. 26. Colofão em *Notes on England*, p. 377.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

O **frontispício** ou **rosto** corresponde à página principal, a que o público geralmente procura quando folheia um livro pela primeira vez.

Na tabela abaixo, apresenta-se a ordem pela qual surgem os elementos constituintes das folhas de rosto da 1.^a edição (FR/EN), da 2.^a edição (FR) e da 6.^a edição (EN). Apesar de não haver grandes diferenças na 1.^a edição de ambas as obras, à excepção do logótipo que não consta no original, as edições subsequentes apresentam mais alguns detalhes próprios da reedição. Ao invés de se usar uma 2.^a edição para a versão inglesa, como elemento comparativo, escolheu-se a 6.^a edição pelo facto de esta marcar a passagem da editora Strahan & Co. a W. Isbister & Co., que deu continuidade ao catálogo. Por questões técnicas, estrutura-se a informação num quadro (Fig. 27), mostrando-se, em seguida, cada elemento de forma isolada. As indicações numéricas remetem para a legenda.

<i>Notes sur l'Angleterre</i>		<i>Notes on England</i>	
Librairie Hachette et C ^{ie} .		Strahan & Co.	W. Isbister & Co.
1.^a edição	2.^a edição	1.^a edição	6.^a edição
1872	1872	1872	1874
Título	Título	Título	Título
Nome do Autor	Nome do Autor	Nome do Autor	Nome do Autor
		Nome do Tradutor	Nome do Tradutor
		Logótipo	(1)
(2)	Número de Edição	(2)	Número de Edição
Localidade	Localidade	(3)	(3)
Nome da Editora	Nome da Editora	Nome da Editora	Nome da Editora
Rua	Rua	(3)	(3)
(3)	(3)	Rua / Localidade	Rua / Localidade
Data	Data	Data	Data
Direitos	Direitos	Direitos	(4)

Fig. 27. Elementos das Folhas de Rosto.

Legenda:

- (1)** Com a mudança operada na empresa em 1873, o emblema da Strahan & Co. desapareceu.
- (2)** Em geral, a primeira edição não apresenta o número de edição.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

- (3) O nome da editora junta-se normalmente a três elementos: a cidade onde a editora se encontra sediada; o nome da editora; e a rua onde se localiza a editora física. Apesar de ambas as versões incluírem os três elementos, estes encontram-se dispostos de forma diferente. Assim, a versão francesa, ao contrário da inglesa, confere maior relevância à cidade onde a editora se situa. Como se pode observar na Fig. 34, *PARIS* aparece por cima do nome da editora com um tamanho de letra de maior dimensão; já na versão inglesa, *LONDON* surge na mesma linha que a rua, por baixo do nome da editora, como é comum num endereço postal. Isto pode demonstrar, por um lado, um certo regionalismo francês e, por outro lado, uma atitude por parte da editora de origem escocesa de equiparar o seu nome ao nome da cidade onde se encontra sediada. Na verdade, enquanto a Hachette representa a alma e o espírito franceses, a Strahan & Co. resulta da mobilidade num mercado livre, bem como da internacionalização das ideias e dos meios de produção. Em suma, a Hachette é de dentro, vendendo para dentro e para fora, enquanto a Strahan & Co. é de fora, vendendo para dentro e para fora.
- (4) Como não há referência aos direitos de propriedade, parte-se do princípio de que estes continuam a pertencer à Strahan & Co.

Estes elementos da folha de rosto apresentam-se em seguida, por ordem sequencial, excluindo-se os títulos, pois são exactamente iguais aos do anterrosto:



Fig. 28. Nome do Autor em *Notes sur l'Angleterre* (1.^a e 2.^a edições da Hachette).



O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Fig. 29. Nome do Autor em *Notes on England* (1.^a e 6.^a edições da Strahan e W. Isbister).

**TRANSLATED, WITH AN INTRODUCTORY CHAPTER, BY
W. F. RAE**

Fig. 30. Nome do Tradutor em *Notes on England* (1.^a e 6.^a edições da Strahan e W. Isbister).



Fig. 31. Logótipo em *Notes on England* (1.^a edição da Strahan).

**DEUXIÈME ÉDITION
REVUE ET CORRIGÉE**

Fig. 32. Número de Edição em *Notes sur l'Angleterre* (2.^a edição da Hachette).

SIXTH AND CHEAPER EDITION

Fig. 33. Número de Edição em *Notes on England* (6.^a edição da W. Isbister).

PARIS
LIBRAIRIE HACHETTE ET C^{IE}
79, BOULEVARD SAINT-GERMAIN

Fig. 34. Editora em *Notes sur l'Angleterre* (1.^a e 2.^a edições da Hachette).

STRAHAN & CO., PUBLISHERS
56, LUDGATE HILL, LONDON

Fig. 35. Editora em *Notes on England* (1.^a edição da Strahan).

W. ISBISTER & CO.
56, LUDGATE HILL, LONDON

Fig. 36. Editora em *Notes on England* (6.^a edição da W. Isbister).

Droit de propriété et de traduction réservés

Fig. 37. Direitos em *Notes sur l'Angleterre* (1.^a e 2.^a edições da Hachette).

[All rights reserved]

Fig. 38. Direitos em *Notes on England* (1.^a edição da Strahan).

Atente-se no pormenor dos parênteses rectos a envolver a expressão “All Rights Reserved”, que pode indicar que os todos os direitos estão reservados, mas dentro do contexto definido pelo acordo entre as editoras Hachette e Strahan, no respeitante à

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

tradução e à distribuição da obra. A questão dos direitos de propriedade será abordada mais à frente.

As **editoras** exercem uma influência preponderante em qualquer sistema literário, pois são as principais responsáveis por imprimir ao formato final da obra toda uma carga ideológica, a sua imagem de marca, que passa para o público leitor em geral. Em 1871, as designações das três editoras principais, tal como surgem nas folhas de rosto das respectivas primeiras edições, eram as seguintes:

LIBRAIRIE HACHETTE ET C^{IE}

Fig. 39. Librairie Hachette (Paris).

STRAHAN & CO., PUBLISHERS

Fig. 40. Strahan & Co. (London).

HOLT & WILLIAMS

Fig. 41. Holt & Williams (New York).

De seguida, registam-se as edições com maior visibilidade:

Autor/ Tradutor	Hippolyte Taine (1828- 1893)	William Fraser Rae (1835-1905)	
Texto	<i>Notes sur l'Angleterre</i> (1871)	<i>Notes on England</i> (1872)	
Localização	Paris	Londres	New York

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Editora	Librairie Hachette & Cie.	Strahan & Co. (1858-1873)	W. Isbister & Co. (1874)	Daldy, Isbister & Co. (1874-1878)	Strahan & Co. Ltd. (1876-1882)	Holt & Williams (1871-1873)
Edição/Ano	1. ^a Edição 1872	1. ^a Edição 1872				1. ^a Edição 1872
	2. ^a Edição 1872	2. ^a Edição 1872				As várias reimpressões nos anos subsequentes não indicam o número de edição.
	3. ^a Edição 1872	3. ^a Edição 1872				
	4. ^a Edição 1874	4. ^a Edição 1873				
	5. ^a Edição 1876	5. ^a Edição 1873				
	6. ^a Edição 1880		6. ^a Edição 1874			
	7. ^a Edição 1883			7. ^a Edição 1875		
	8. ^a Edição 1885					
	9. ^a Edição 1890					
	10. ^a Edição 1895					

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

	11. ^a Edição 1899					
--	------------------------------------	--	--	--	--	--

Fig. 42. Edições do Século XIX.

Analisar-se-ão as três editoras em causa: a editora de origem, Librairie Hachette, sediada em Paris; a Strahan & Co., em Londres; e a Holt & Williams, em New York. Ao contrário da Hachette, as outras duas editoras foram sofrendo transformações. A Strahan & Co. (1858-1873) passou a ser denominada W. Isbister & Co., em 1874, apesar de ter dado continuidade ao seu catálogo, entre 1876 e 1882, sob a designação original. Embora a Holt & Williams também tenha sofrido várias transformações, estas não constituirão objecto de análise, devido ao facto de a editora norte-americana ter um valor subsidiário no âmbito do presente estudo.

Fundada em 1826, por Louis Hachette (1800-1864), a **Librairie Hachette (Hachette & Cie.)** especializou-se sobretudo na produção em massa de manuais escolares. Em 1853, a editora teve a brilhante e inovadora ideia de colocar os seus jornais e livros à venda em quiosques, nas estações ferroviárias. Com o monopólio de venda nas estações, os outros editores foram forçados a recorrer aos seus serviços para poderem vender os seus livros aos viajantes. Na década de sessenta, a Hachette já era a maior editora europeia, devido ao prestígio além-fronteiras alcançado pelo seu fundador, falecido em 1864. Depois da sua morte, tomaram a dianteira Louis Bréton, associado em 1840 e filho de Henri Bréton, que entrara com grande parte do capital necessário para abrir a editora; Émile Templier, o seu genro, associado em 1849; e os seus dois filhos, Alfred, associado em 1857, e Georges, associado em 1864, aos quais se juntou, em 1870, René Fouret que se casou com a filha de Louis Bréton. Com a morte de Louis, Guillaume Bréton, seu filho, tornou-se associado e convidou alguns dos colegas da École Normale Supérieure para, juntos, empreender uma reforma profunda nos manuais escolares da época. Apesar de, neste campo, o mercado se ter mantido mais ou menos concorrencial, o monopólio tornou-se evidente na área da imprensa e da distribuição de jornais, com a reacquirição, em 1897, de várias distribuidoras que se uniram sob o nome de Messageries Hachette.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

O editor escocês Alexander Stuart Strahan (1833-1918) fundou a **Strahan & Co.**, em 1858, na Escócia, onde lançou também o periódico *Good Words* (1859). Em 1862, a editora foi transferida para Londres, onde lançou os periódicos *Sunday Magazine* (1864), *Argosy* (1865), a célebre *Contemporary Review* (1866) – com o objectivo de prestar informação instrutiva, mas num estilo corrente, acessível e popular entre o público – e, ainda, *Good Words for the Young* (1869). Em 1869, Alexander Strahan aventurou-se a publicar livros, quando conseguiu um contrato de exclusividade para imprimir as obras de Tennyson, o que se revelaria uma grande aquisição, tendo rendido muito dinheiro aos cofres da editora. No caso da Strahan & Co., o lucro ia quase na totalidade para a editora, uma vez que esta cuidava de todos os aspectos ligados à obra, arcando com os custos de impressão, de encadernação, de publicidade, de distribuição, de venda e de encomenda de novas edições. *Notes on England*, publicado em 1872, e com oito edições ao longo de treze anos (1872-1885), também não constituiu propriamente um dos piores investimentos da editora. Em 1872, William Isbister (1838-1916), sócio de Alexander Strahan, manteve-se após a saída deste último da editora, sendo que, em 1874, esta passou a W. Isbister & Co.. Entre 1876 e 1882, já como Strahan & Co. Ltd., voltam a ser reeditadas algumas das obras do catálogo anterior. Alexander Strahan passou a ocupar o lugar de director editorial durante os primeiros cinco anos, tendo ele próprio publicado alguns livros. Em 1876, depois de mais uma transformação ocorrida na editora, Alexander Pollock Watt, um agente literário e cunhado de Alexander Strahan, tornou-se sócio. Por esta altura, a figura do agente literário, cuja função consistia na compra e venda ou “leasing” de direitos de autor, emergiu com grande força no meio editorial. Os clientes de Alexander Watt eram autores ou empresas que o contratavam como intermediário, quando não sabiam o que fazer com um manuscrito, encarregando-se ele de lhes encontrar a melhor oferta. Com o tempo, estes agentes começaram a negociar entre os autores e as editores e passaram a gerir carreiras literárias, desempenhando o papel de relações públicas, tratando da publicidade e dos eventos, entre outras actividades. Em 1877, o império de Strahan começou a desmoronar-se devido ao crescimento de um meio marcado pela feroz concorrência da economia de mercado, onde competiam editoras como a Macmillan ou a Kegan Paul. O seu pietismo religioso⁷ e uma atitude missionária acabaria por criar um

⁷ Movimento de renovação da fé cristã surgido na Igreja luterana alemã, nos finais do século XVII, o pietismo defendia a primazia do sentimento e do misticismo na experiência religiosa, em detrimento da

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

certo desequilíbrio no periódico *Contemporary Review*, tendo estado, inclusive, na origem da demissão, em 1877, do director James Knowles (1831-1908), o qual acabaria por fundar o prestigiado *Nineteenth Century*. Por um lado, na época vitoriana era comum a disseminação de ideias morais e religiosas, mas, por outro, tal como Taine demonstra na sua obra, o que os leitores ingleses procuravam nem sempre se coadunava com os valores propagados pela imprensa. Na verdade, a *Contemporary Review* constituiu o projecto que durou mais tempo precisamente porque, ainda assim, conseguiu aliar temas como a religião e a ciência ou a literatura e a política. Strahan foi bem-intencionado ao querer fazer chegar literatura de qualidade a pessoas comuns. Todavia, o mercado precário, ainda em busca de uma identidade própria e com a concorrência preocupada em não em dar ao leitor o que ele precisa, mas o que quer, prevaleceu.

Acima fez-se menção à questão dos direitos autorais. Esta constituiu um assunto recorrente ao longo dos séculos XVIII a XX. A primeira lei autoral, a *Statute of Anne*, de 1710, visava, como seria previsível, proteger sobretudo os interesses dos proprietários em detrimento dos autores das obras. Apesar de a Câmara dos Lordes regular no sentido de conferir direitos aos autores, esses não eram vitalícios. No início do século XIX, o mercado editorial encontrava-se adaptado a esta realidade, que pouco havia mudado, não obstante as vozes de autores como Southey que reclamavam a transmissão dos direitos de autor por sucessão.

No respeitante aos direitos de tradução, em 3 de Novembro de 1851 foi firmada, em Paris, uma convenção (*International Copyright Act*) entre a Coroa britânica e a República francesa com vista ao estabelecimento de uma lei autoral internacional, que protegia os autores franceses de traduções, por um período de cinco anos. Contudo, certos requisitos tinham de ser satisfeitos, nomeadamente o aparecimento de uma tradução parcial autorizada, no período de um ano, ou uma tradução integral autorizada, num período de três anos. Tal se verificou no caso de *Notes sur l'Angleterre*, pois, no mesmo ano da publicação, foi autorizada a tradução da obra. Como se pode constatar no fundo da folha de rosto, a Hachette reservava para si todos os direitos de propriedade e de tradução. Idêntica informação, “All rights reserved”, também situada no fundo da

teologia racionalista, numa tentativa de afirmação da superioridade da fé sobre a razão.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

folha de rosto da tradução, sugere que, de algum modo, a Strahan & Co. adquirira os direitos de tradução para inglês e de reedição da obra em Inglaterra.

Cumprе ainda referir que o estudo da história dos direitos de autor ajuda a desfazer certos equívocos existentes, por vezes, em teorias limitadas aos constrangimentos que funcionam dentro de um sistema literário, ignorando por completo forças exteriores, como editoras, agentes ou mecenas. Tal pode ocorrer quando, por exemplo, se critica traduções do drama para inglês, sem saber que o *International Copyright Act*, ao definir expressamente a protecção contra traduções não autorizadas, incluía uma cláusula adicional relativa ao drama, de acordo com a qual, as imitações e as adaptações para os palcos ingleses eram permitidas.

Fundada em 1866, sob o nome de Leypoldt & Holt, a editora nova-iorquina **Holt & Williams** sofreu, desde então, várias transformações, como se pode verificar na Fig. 43:

Data	Nome da Editora
1866-1871	Leypoldt and Holt
1871-1873	Holt and Williams
1873-1960	Henry Holt and Company
1960-1985	Holt, Rinehart and Winston
1985-	Henry Holt and Company

Fig. 43. Evolução da Holt & Williams.

Considerou-se a Holt & Williams no presente trabalho, sobretudo para evidenciar a inclusão de alguns elementos peritextuais, que não aparecem nas edições europeias. Apesar de todos esses elementos ainda não terem sido enunciados e comparados, parece haver vantagem em concluir, com a Holt & Williams, a secção dedicada às editoras.

A edição norte-americana da tradução da obra de Taine apresenta quatro adições – uma ilustração (Fig. 44), uma reprodução de uma assinatura (Fig. 45), a indicação na folha de rosto de que a obra inclui uma fotografia do autor (Fig. 46) e informação adicional na folha de rosto a propósito do tradutor (Fig. 47) –, uma omissão – a data da

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

edição da obra –, mantendo-se, quanto ao resto, a estrutura da primeira edição da Strahan & Co.:



Fig. 44. Ilustração Apresentada na Edição da Holt & Williams.

A fac-símile of a handwritten signature in cursive script. The signature reads "H. Gairne" followed by a long, sweeping flourish that extends to the right and then curves back down.

Fig. 45. Fac-símile da Assinatura Apresentada na Edição da Holt & Williams.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Estes dois elementos acrescentados, conferindo ênfase a um autor francês que já gozava de algum prestígio na Europa, ajudam também a dar credibilidade à publicação, familiarizando o público com uma editora relativamente recente no mercado norte-americano. Recorde-se que, no século XIX, as versões pirata eram muito frequentes, principalmente nos EUA, pelo facto de não haver uma lei internacional rígida, causando, assim, prejuízos às editoras europeias. Estes elementos, para além de constituírem um factor de diferenciação, transmitem também confiança ao público em geral.

Na folha de rosto indica-se que a obra inclui uma fotografia do autor:



Fig. 46. Informação que Remete para a Ilustração na Edição da Holt & Williams.

A mesma estratégia aplica-se na apresentação do tradutor, pois, logo a seguir ao nome, surge a informação:



Fig. 47. Informação Adicional a Propósito do Tradutor, na Edição da Holt & Williams.

Esta informação permite também ao público em geral reconhecer o tradutor através do seu trabalho, reforçando o grau de visibilidade que lhe foi conferido.

Outra diferença reside no facto de não existir registo do número da edição nas várias reimpressões que saíram ao longo dos anos. Compararam-se as edições, desde a primeira impressão de 1872 à de 1885, e verificou-se a não existência de diferenças, o que leva a crer que se trata da reimpressão da mesma edição de 1872.

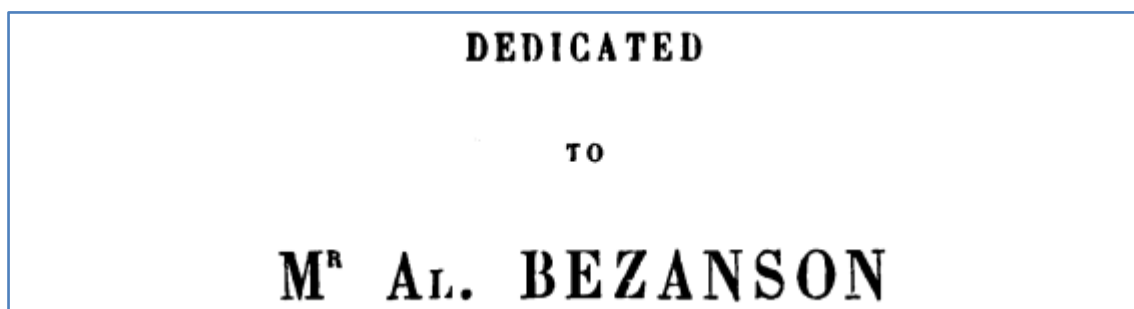
De uma perspectiva complementar, apresentam-se, no quadro abaixo (Fig.48), as edições consideradas mais relevantes no século XX:

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Autor/Tradutor	Hippolyte Taine (1828-1893)	Edward Hyams (1910-1975)	
Texto	<i>Notes sur l'Angleterre</i> (1871)	<i>Notes on England</i> (1872)	
Localização	Paris	Londres	New Jersey
Editora	Librairie Hachette & Cie.	Thames & Hudson	Essential Books, Inc.
Edição/Ano	12ª Edição 1903	1957	1958
	13ª Edição 1907		
	14ª Edição 1910		
	15ª Edição 1923		
	16ª Edição 1928		
	17ª Edição 1928		

Fig. 48. Edições do Século XX.

Na edição de *Notes sur l'Angleterre*, Taine dedica a obra a Al. Bezanson, agradecendo-lhe na sua qualidade de aprendiz e amigo, elemento situado entre a folha de rosto e o prefácio (Fig. 49). Esta **dedicatória** mantém-se em todas as edições da versão francesa:



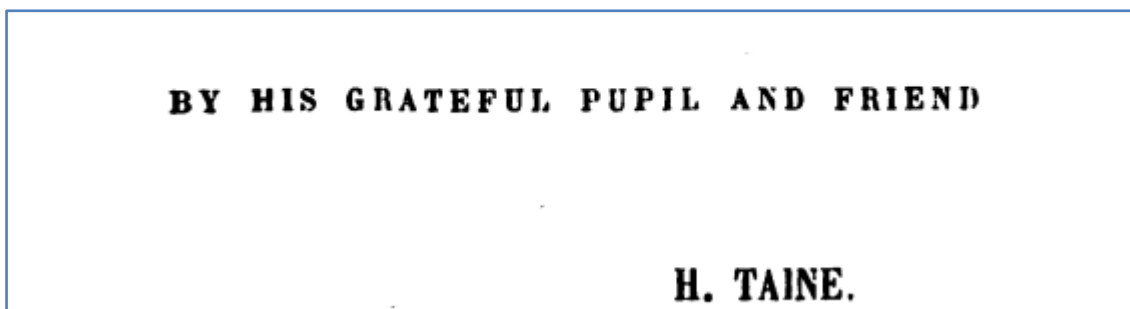


Fig. 49. Dedicatória de Taine.

O **Índice ou Tábua de Matérias** consiste na enumeração das principais divisões, secções ou títulos, de acordo com a mesma ordem em que os conteúdos surgem ao longo da obra, a par da indicação dos números de páginas em que se localizam.

Em *Notes sur l'Angleterre*, a “Table des Matières” (“Table of Contents”)⁸ aparece discretamente no final da obra, na p. 397. A Hachette apresenta uma “Table des Matières” com um prefácio e uma organização temática em nove capítulos. Os títulos dos capítulos foram organizados por ordem numérica, com recurso à numeração romana. Quanto à formatação dos números de página, usou-se a numeração romana no prefácio e optou-se pela numeração árabe nos restantes capítulos. A obra perfaz um total de 394 páginas.

TABLE DES MATIÈRES

⁸ A designação também em inglês serve aqui para sublinhar uma razão de semelhança que nem sempre é respeitada em português, nomeadamente quando se usa o termo “Índice”. De facto, um “Índice” pode assumir muitas formas: de matérias (sinóptico), sistemático, remissivo, onomástico, entre outros.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

PRÉFACE	vii
CHAPITRE I. — Les dehors	1
— II. — Les types.	51
— III. — Mœurs et intérieurs	89
— IV. — L'éducation.	135
— V. — La société et le gouvernement.	171
— VI. — Promenades dans Londres.	249
— VII. — Manufactures et ouvriers.	291
— VIII. — De l'esprit anglais.	325
— IX. — Un tour en Angleterre.	373

Fig. 50. Índice de *Notes sur l'Angleterre*.

Todavia, a editora Strahan tomou a liberdade de fazer alterações bastante significativas, não só transferindo o Índice para o início (pp. v-vi), mas também aumentando o número de capítulos de nove para trinta e cinco, substituindo por inteiro a sua estrutura inicial. Enquanto o Índice original ocupa meia página, o da versão inglesa ocupa duas páginas. Contudo, a organização da estrutura interna foi respeitada. Para se entender melhor a forma como o Índice em inglês foi alterado face ao original em francês, ambos foram colocados em paralelo, na tabela seguinte:

ÍNDICES	
<i>Notes sur l'Angleterre</i>	<i>Notes on England</i>
I Les dehors (pp. 1-50)	I BOULOGNE TO LONDON BRIDGE (pp. 1-8)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

	<p>II SUNDAY IN LONDON. THE STREETS AND PARKS (pp. 9-24)</p>
	<p>III ST. JAMES'S PARK, RICHMOND, THE DOCKS, AND EAST-END (pp. 25-36)</p>
	<p>IV VISIT TO EPSOM AND TO CREMORNE GARDENS (pp. 37-46)</p>
<p>II Les types (pp. 51-88)</p>	<p>V TYPICAL ENGLISH MEN AND WOMEN (pp. 47-81)</p>
<p>III Mœurs et intérieurs (pp. 89-134)</p>	<p>VI ENGLISH GIRLS AND AUTHORESSES (pp. 82-93)</p>
	<p>VII ENGLISH MARRIAGES AND MARRIED WOMEN (pp. 94-108)</p>
	<p>VIII ENGLISH HOUSEHOLDS (pp. 109-119)</p>
	<p><u>Omissão (Mœurs et intérieurs, pp. 126-134)⁹</u></p>

⁹ *Infra*, Parte II, capítulo 3.3.1. “Caso de Omissão”, p. 145 da presente dissertação.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

<p>IV L'éducation (pp. 135-170)</p>	<p>IX ENGLISH SCHOOL BOYS AND SCHOOL LIFE (pp. 120-136)</p>
	<p>X LIFE AT THE UNIVERSITY (pp. 137-152)</p>
<p>V La société et le gouvernement (pp. 171-248)</p>	<p>XI VILLAGES AND FARMHOUSES (pp. 153-165)</p>
	<p>XII LANDED PROPRIETORS AND ENGLISH GENTLEMEN (pp. 166-176)</p>
	<p>XIII MANSIONS, PARKS, AND GARDENS (pp. 177-189)</p>
	<p>XIV THE CLERGY (pp. 190-195)</p>
	<p>XV THE GOVERNING CLASSES AND THE GOVERNMENT (pp. 196-204)</p>
	<p>XVI RAGGED SCHOOLS, HOSPITALS, WORKHOUSES, AND THE VOLUNTEERS (pp. 205-217)</p>
	<p>XVII THE CONSTITUTION, THE HOUSES OF PARLIAMENT (pp. 218-228)</p>

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

<p>VI Promenades dans Londres (pp. 249-290)</p>	<p>XVIII THE CLUBS, THE BRITISH MUSEUM, THE CRYSTAL PALACE (pp. 229-233)</p>
	<p>XIX STREET PREACHERS AND RELIGIOUS SENTIMENTS (pp. 234-239)</p>
	<p>XX ARISTOCRATIC ASCENDENCY (pp. 240-243)</p>
	<p>XXI SOCIETY AS DEPICTED BY " PUNCH " (pp. 244-251)</p>
	<p>XXII SPORTING, POLITICAL, AND SOCIAL CARICATURES IN "PUNCH" (pp. 252-261)</p>
	<p>XXIII INNS OF COURT, BARRISTERS, AND JUDGES (pp. 261-265)</p>
	<p>XXIV THE THEATRES LIVING IN LONDON (pp. 266-271)</p>
	<p>VII Manufactures et ouvriers (pp. 291-324)</p>
<p>XXVI MANCHESTER AND LIVERPOOL (pp. 279-285)</p>	

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

	<p>XXVII ENGLISH WORKING MEN (pp. 286-299)</p>
	<p>XXVIII SCENES IN MANCHESTER (pp. 300-305)</p>
<p>VIII De l'esprit anglais (pp. 325-372)</p>	<p>XXIX CHARACTERISTICS OF THE ENGLISH MIND (pp. 306-319)</p>
	<p>XXX FRENCH WIT AND ENGLISH HUMOUR (pp. 320-327)</p>
	<p>XXXI ENGLISH PAINTINGS AND ENGLISH PAINTERS (pp. 328-334)</p>
	<p>XXXII MODERN PAINTERS AND RUSKIN'S CRITICISMS (pp. 335-343)</p>
	<p>XXXIII ENGLISH POETRY AND RELIGION (pp. 344-355)</p>
<p>IX Un tour en Angleterre (pp. 373-394)</p>	<p>XXXIV A TRIP THROUGH SCOTLAND (pp. 356-368)</p>
	<p>XXXV RETURN HOME. FRENCHMEN AND ENGLISHMEN (pp. 369-377)</p>

Fig. 51. Comparação dos Índices.

Se a comparação dos índices permitiu chegar à composição desta tabela, a comparação dos textos de partida e de chegada detectou a omissão de uma parte do primeiro, como se pode notar acima, na informação a *bold*. A omissão corresponde a oito páginas, cujo texto original se situa entre as páginas 126 e 134 do capítulo “Mœurs et intérieurs” (pp. 89-134), as quais se encaixariam de forma natural imediatamente a seguir ao capítulo VIII, “English Households” (pp. 109-119). Esta omissão será traduzida para português e comentada no capítulo 3.3.1., “Caso de Omissão”, da Tradução Inglesa” da presente dissertação.

O **Prefácio** de *Notes sur l'Angleterre* foi escrito por Hippolyte Taine. Em *Notes on England*, aquele foi substituído por um longo comentário da autoria de W. F. Rae, o tradutor.

No texto de partida, o “Préface” (Fig. 52) localiza-se no início da obra, entre a dedicatória e o primeiro capítulo, contendo apenas duas páginas, com início na p. vii e fim na p. viii. Os números de página só aparecem impressos a partir da página viii. Comparando o prefácio da 9.^a edição (1890) francesa¹⁰ com o da 2.^a edição (1872), verificou-se a não existência de alterações.

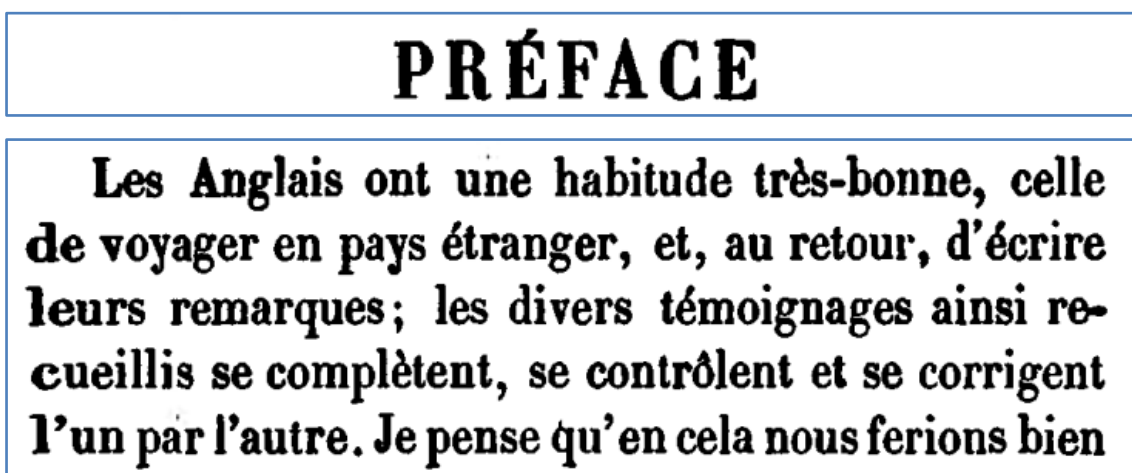


Fig. 52. Prefácio de *Notes sur l'Angleterre*.

¹⁰ Última edição antes da morte de Hippolyte Taine, em 1893.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Neste prefácio Taine relata que os ingleses, que trata por “vizinhos”, têm o bom hábito de escrever acerca das viagens que fazem ao estrangeiro, pelo que seria uma boa prática imitá-los (*Notes sur l'Angleterre* vii). Taine considera que cada um deve escrever apenas sobre o que realmente viu e nada mais do que isso, pois as observações, desde que pessoais e de boa-fé, serão sempre de grande utilidade. Deste modo, a primeira tarefa de um viajante reside em escrever todas as noites sobre os acontecimentos ocorridos durante o dia, de forma cuidada e sem reservas, devendo haver sempre um esforço para evitar o preconceito, mas sem qualquer intenção de agradar ou de desagradar, quer ao povo francês quer ao inglês (vii).

Apesar de as notas de viagem, a partir das quais o relato foi redigido, terem sido escritas em 1861 e 1862, Taine considera que o retrato se mantém fiel, pois as características detectadas permanecem inalteráveis, tal como a terceira viagem, realizada em 1871, parece comprovar. As mudanças que então decorriam, continuavam a operar-se, pois já vinham de trás.

Em *Notes on England*, aparece o “Introductory Chapter” (Fig. 53) escrito por W. F. Rae. Localiza-se na parte inicial da obra, logo a seguir ao Índice, sendo composto por cinquenta e duas páginas, com início na p. vii e fim na p. liv:

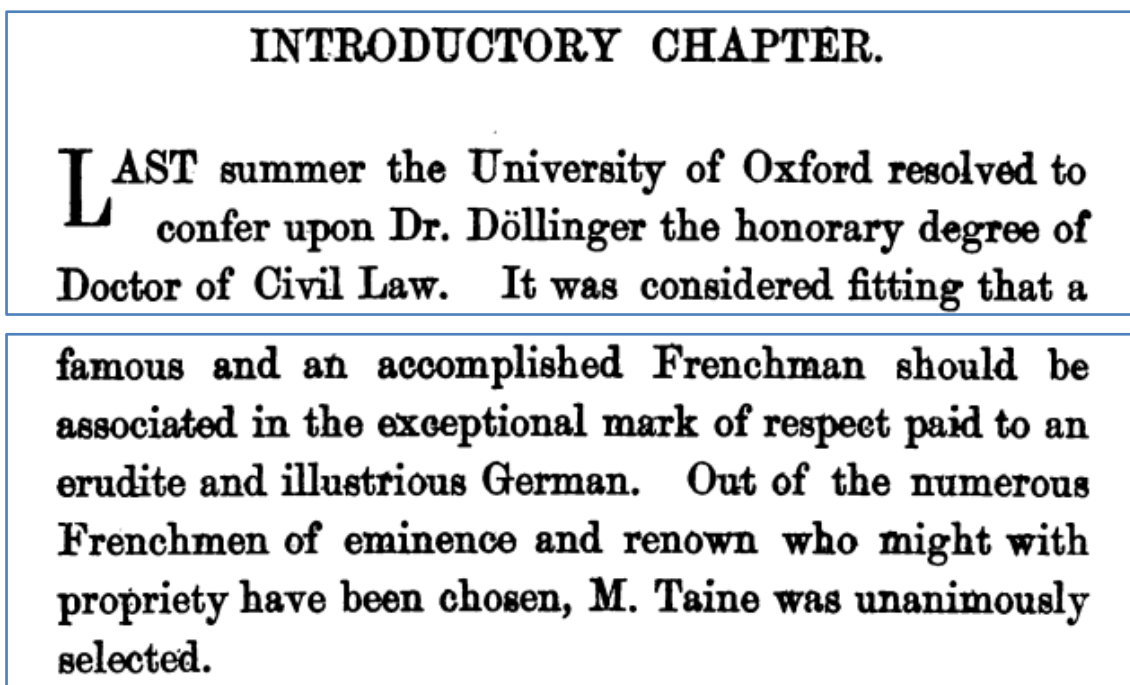


Fig. 53. Introdução de *Notes on England*.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Esta introdução subdivide-se em três capítulos: “A Sketch of M. Taine's Life and Career” (pp. ix-xxix, 2), “An Outline of His Method of Criticism” (pp. xxx-liii, 3), e “Comments Upon His Opinions and Writings” (pp. liv-lix) (Fig.54):

	PAGE
INTRODUCTORY CHAPTER, CONTAINING—	
1. A SKETCH OF M. TAINE'S LIFE AND CAREER	ix
2. AN OUTLINE OF HIS METHOD OF CRITICISM	xxx
3. COMMENTS UPON HIS OPINIONS AND WRITINGS	liv

Fig. 54. Alinhamento da Introdução de *Notes on England*.

Uma vez que o segundo capítulo “An Outline of his Method of Criticism” já constituiu objecto de estudo no capítulo 2.3.1. da presente dissertação,¹¹ dedicado à metodologia de Taine, importa agora analisar os restantes capítulos. Assim, no primeiro capítulo, o tradutor toma a liberdade de tecer algumas considerações acerca da vida e da obra de Taine e, no terceiro capítulo, centra-se nas suas opiniões.

Antes de iniciar o primeiro capítulo, Rae começa por constatar o facto de a Universidade de Oxford ter atribuído um título honorário a Döllinger, no Verão de 1871. Embora Taine estivesse presente na cerimónia, Rae não explica claramente que a sua comparência se devia ao facto de o escritor francês também ter sido agraciado com o mesmo título, naquela ocasião:

Last summer the University of Oxford resolved to confer upon Dr. Döllinger the honorary degree of Doctor of Civil Law. It was considered fitting that a famous and an accomplished Frenchman should be associated in the exceptional mark of respect paid to an erudite and illustrious German. Out of the numerous Frenchmen of eminence and renown who might with propriety have been chosen, Mr. Taine was unanimously selected. (vii)

O leitor não sabe qual era exactamente o papel de Taine, ficando com a sensação de que este se encontrava ali apenas “associated in the exceptional mark of respect paid to an erudite and illustrious German”. Todavia, um leitor bem informado sabe inequivocamente que ambos estavam ali em situação de paridade.

¹¹ *Supra*, Parte II, capítulo 2.3.1. “Comentário de Rae à Metodologia de Taine”, p. 66 da presente dissertação.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Rae continua, afirmando que Taine iniciara a publicação de uma série de textos, sob o título de “Notes sur l’Angleterre”, nas colunas do parisiense *Le Temps*. Estas notas chegaram a todo o mundo francófono, tendo sido citadas, comentadas, elogiadas e criticadas (vii). Uma selecção das mesmas fora traduzida para inglês, tendo sido recentemente publicada em *The Daily News*. Tal como os textos de partida, também as traduções foram alvo de escrutínio público, um pouco por todo o mundo anglófono, nomeadamente no Reino Unido, nos Estados Unidos, na Índia, no Canadá e na Austrália, onde foram utilizadas para justificar determinados pontos de vista morais e firmar certos argumentos. Deste modo, importava saber, cada vez mais, quem era M. Taine, de onde vinha e como havia adquirido a capacidade de tratar assuntos especificamente ingleses de forma tão informada e causando tanto impacte. Os leitores e os críticos anglófonos mais bem informados, ao corrente do que normalmente se escrevia em periódicos como *The Athenaeum*, *The Saturday Review*, *The Spectator*, *The Examiner*, *The New York Nation*, *The Edinburgh Review* e *The Westminster Review*, não tinham dúvidas quanto ao lugar ocupado por M. Taine enquanto escritor, crítico e filósofo (viii).

Embora os textos de Taine chegassem com rapidez e eficácia aos quatro cantos do mundo, o comentário de Rae, abaixo citado, demonstra uma certa preocupação em dar a conhecer uma figura por ele considerada ainda demasiadamente obscura no mundo anglófono, tendo em conta a importância da sua obra:

The best modern biographical dictionary contains very meagre and unsatisfactory details about the doings and life of M. Taine. It is my present intention to supply the more interesting and important particulars which are lacking. (viii)

Do ponto de vista editorial e financeiro, a inclusão desta introdução à tradução inglesa revela-se igualmente assaz interessante, tanto na captação de novos leitores, empenhados em satisfazer a sua curiosidade acerca de uma personalidade que circulava pela imprensa mundial, como na tentativa de colmatar uma lacuna não preenchida pelos dicionários biobibliográficos.

No primeiro capítulo da “Introdução” – “**A Sketch of M. Taine's Life and Career**” –, dedicado à vida de Taine, Rae reporta-se à data e ao local de nascimento do escritor, 21 de Abril de 1828, em Vouziers, uma vila e sub-prefeitura do actual

departamento das Ardennes (Ardenas), cuja prefeitura departamental se localiza em Charleville-Mézières, junto à fronteira com a Bélgica. Este departamento localiza-se na recém-formada região do Grand Est (Grande Leste) cuja prefeitura regional é Strasbourg¹². A sua família pertencia à classe média francesa, uma classe superior e sem equivalente directo no resto da Europa oitocentista, por se identificar com uma “aristocracia natural”, constituída por via do intelecto e da educação. Em França, quem nunca fora agraciado com títulos nobiliárquicos e prestigiados concedidos pela monarquia, mas possuía uma educação intelectual superior era respeitado da mesma forma (ix).

Segundo Rae, o pai de Taine fora solicitador e o avô subprefeito de Rocroi durante a primeira restauração da dinastia Bourbon¹³. Tivera tios e primos tabeliões, comerciantes e engenheiros civis. Alguns dos seus familiares, tanto do lado da mãe como do pai, ocuparam posições de algum relevo e desempenharam cargos de grande importância, designadamente os de deputados na Chambre des Communes (“Lower House”), durante o reinado de Louis Philippe, e na Assemblée Législative (“Assembly”) durante a República de 1848. Apesar de a sua família ser constituída por pessoas bem-sucedidas profissionalmente, estas não eram propriamente abastadas.

O pai ensinara-lhe latim e um dos tios que vivia nos Estados Unidos da América, o inglês. Um dos maiores prazeres da juventude de Taine residia na leitura de clássicos de ficção do século XVIII (ix). Como a literatura considerada mais popular não estava incluída nos programas escolares franceses, Taine virou-se para a literatura em língua inglesa como um escape para ler o que bem entendesse, familiarizando-se, assim, com os melhores escritores ingleses. Aos catorze anos, um ano depois de o pai ter morrido, a mãe levou-o para Paris, onde estudou numa escola pública de grande prestígio, denominada, na época, Colégio de Bourbon¹⁴. Apesar da atenção que as suas duas irmãs

¹² Deve notar-se que, com a reforma territorial de 2014, aprovada pela lei n.º 2015-29 de 16 de Janeiro de 2015, promulgada em 17 de Janeiro do mesmo ano e com entrada em vigor em 1 de Janeiro de 2016, a região do Grande Leste extinguiu as antigas regiões da Alsace (Alsácia), Lorraine (Lorena) e Champagne-Ardenne (Champanha-Ardenas). Esta reforma visou reduzir o número de zonas administrativas, de modo a aumentar as regiões, para que estas pudessem rivalizar com outras grandes regiões europeias, como a Catalunha ou a Baviera.

¹³ Em 1815, depois de Napoleão Bonaparte ter fugido de Elba e ter sido derrotado na Guerra dos Cem Dias pela Sétima Coligação, a monarquia em França foi restaurada e a dinastia dos Bourbon voltou ao poder para chefiar um regime instituído sob a forma de monarquia constitucional.

¹⁴ Rae teve a preocupação de explicar que, em França, as instituições mudavam geralmente de nome, consoante o regime em vigor, pelo que escola manteve aquela designação durante o período da Monarquia, a de Fourcroy Lyceum durante a República de 1848, a de Bonaparte Lyceum durante o Segundo Império e, no momento da publicação de *Notes sur l'Angleterre*, a de Condorcet Lyceum (x).

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

requeriam da mãe, esta mostrou-se sempre decidida a promover o avanço de Hippolyte, encorajando-o em momentos difíceis e juntando-se a ele nas vitórias como se se tratassem de conquistas dela própria (x).

As distinções académicas recebidas em 1847 e 1848 proporcionaram-lhe uma candidatura à École Normale (“Normal School”), equivalente a um instituto de formação de professores. Muitos franceses notáveis na área das Letras passaram por aqui ao mesmo tempo que Taine e, tal como ele, exerceram a docência durante um curto período de tempo, dedicando-se depois exclusivamente à literatura. Entre eles contam-se M. Prevost-Paradol, M. Edmond About, M. Francisque Sarcey e M. J. J. Weiss (xi). Durante os três anos em que frequentou a École Normale, Taine trabalhou muito, conseguindo evidenciar-se pela rapidez e eficiência com que cumpria as tarefas (xix).

Embora tivesse recebido uma educação católica, Hippolyte não defendia os dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana. Aliás, o ambiente académico era propício a discussões livres acerca da doutrina teológica, julgada pela razão e sujeita à lógica da investigação (xix).

Pouco antes de acabarem os três anos de formação de Taine, o director da escola foi substituído por um indivíduo associado ao partido reaccionário, deixando os tempos de serem propícios à liberdade de pensamento. O Imperador Napoleão III, com a ajuda da Igreja, atingira os seus objectivos – a subida ao poder com um golpe de Estado – e pagava agora o preço que aquela reivindicava pela ajuda prestada. Por os membros da Igreja o terem servido de corpo e alma, o Imperador, em troca, deu-lhes tudo o que pretendiam para sustentar as suas pretensões espirituais. Quando chegou a altura de Taine se submeter a exames, acabou por constituir uma vítima desta nova ordem, sendo rejeitado com base nas suas opiniões filosóficas, consideradas erróneas e tendencialmente maliciosas. Quem passava neste exame com sucesso conseguia, normalmente, os melhores empregos e vencimentos. Apesar de várias personalidades terem reconhecido neste infortúnio uma terrível injustiça e dos favores solicitados por Taine, em compensação desta situação de inferioridade (em particular um pedido para preencher uma vaga no Norte de França), aquele acabou por ser nomeado para ocupar um lugar de professor em Toulon, no extremo Sul do país (xx). O salário aí auferido chegava para sobreviver, mas não era suficiente para viver de forma desafogada.

Durante o exercício da docência, Taine era visto como uma figura suspeita, que elogiava Danton na presença dos alunos e tomava como modelo Paul de Kock. Por esse motivo, acabou por ser castigado e obrigado, pelo capelão da escola onde ensinava, a

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

escrever uma ode em latim ou um ditirambo em francês, em honra do Bispo da diocese (xxi). Como se recusou a elogiar o Bispo, Taine recebeu uma carta com a ameaça de que se tal ofensa voltasse a acontecer seria imediatamente demitido.

Taine voltou a Paris para dar aulas num seminário privado, mas, pouco depois, os docentes universitários foram proibidos de leccionar em instituições privadas. Deste modo, Taine viu-se obrigado a dar explicações para ganhar a vida, adquirindo, contudo, mais tempo para escrever e estudar. Em 1853, doutorou-se em Letras e, como era então habitual, teve de elaborar duas teses, uma em latim, intitulada *De Personis Platonis*, e outra em francês, sob o título *Essai sur les Fables de La Fontaine*. A segunda foi um sucesso, tendo sido publicada com o nome *La Fontaine et ses Fables*, com direito a uma segunda edição, dado a sua excelente recepção pelo público em geral (xxii). Em 1854, a Academia Francesa lançou o desafio de se escrever um ensaio sobre Titus Livius. Taine concorreu como historiador e escritor, acabando por ver o seu trabalho reconhecido como o melhor, apesar de ter tido de o refazer e reenviar, por não ter sido admitido à primeira vez (xxiii). A Academia demonstrou a sua satisfação da seguinte forma:

Solid and new work, wherein the sentiment of antiquity and the modern method, were suitably blended, and which skillfully set forth all the questions concerning historic certitude, local truth, correct information, dramatic passion and taste to which the Annals of Livy had given rise... The young and clever man of learning, the victor in this competition, has had to produce a fragment of history as well as a piece of criticism. (xxiii)

O comentário inicial revela-se assaz importante, pois, ao aliar o gosto pela Antiguidade a um método moderno, indicava uma certa renovação de mentalidades. Neste sentido, a Academia considerava a obra de Taine uma forma de reavivar os valores de uma civilização que tanto influenciara (e continuava a influenciar) a sociedade francesa, mas com um olhar crítico e renovado.

Em boa verdade, era difícil contornar certas tendências conservadoras dentro de um sistema académico tão protegido. Deve notar-se que a Revolução demorou décadas a sanear o método de ensino, pelo que todos os que a desprezavam continuaram as suas vidas, fazendo da instrução a sua trincheira e exercendo a sua influência por dentro e por fora dos sistemas educativo, literário e académico. Apenas ia mudando a forma de fazer as coisas e, mesmo assim, muitas vezes em benefício de velhas ideologias. Deste modo, a única alternativa para os intelectuais mais acabrunhados de subirem na hierarquia, residia em negociarem com a velha ordem, ou seja, na preservação da

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

tradição a parda introdução de pequenas inovações. Os sistemas são fechados, porque as pessoas têm medo da mudança, pois não saberiam conviver com ela. Assim, fazem tudo para excluir os que, constituindo uma ameaça ao *status quo*, tentam penetrar os sistemas, pois acreditam que a sua segurança depende da posição ocupada dentro do sistema.

Rae continua, afirmando que o ensaio vencedor foi publicado com um prefácio que incomodou de tal forma alguns membros da Academia que os fez desejar voltar atrás na sua tomada de decisão. Nesse prefácio, Taine escrevera o seguinte:

according to Spinoza, man's place in relation to nature, is not that of an empire within an empire, but of a part in a whole; that man's inner being is subject to laws in the same way as the external world; moreover, that there is a dominant principle, a ruling faculty, which regulates thought and imparts an irresistible and inevitable impulse to the human machine. (xxiv)

Acreditando nestas palavras, Taine apresentou o seu *Essai sur Tite Live (Essay on Livy)* como um exemplo da verdade dos membros da Academia (xxiv). Rae dá a entender que, para a Academia, este prefácio negava o livre arbítrio em favor do fatalismo, tendo sido chamada a atenção para a incongruência entre as ideias representadas por Tito Lívio (59-64 a.C.) e Baruch Spinoza (1632-1677), bem como para o paradoxo de Taine usar os textos do historiador romano (Lívio) para confirmar as especulações filosóficas de um holandês de origem judaica (Spinoza). Contudo, o livro foi um sucesso (xxv). Rae, ao afirmar que

a severe affection of the throat compelled him to quit Paris and to seek relief from the famous springs of the Pyrenees. After lasting two years, during which he lost the use of his voice, the malady finally succumbed to the curative action of the mineral waters (xxv)

não deixa claro a que tipo de voz se refere, se à produzida a partir das cordas vocais, se ao poder de difundir as suas ideias ou talvez ambas. Convém, ainda, referir, a propósito deste comentário, que a viagem aos Pirenéus constituiu, na verdade, um bom motivo para Taine escrever a obra *Voyage aux Pyrénées*. Neste contexto, Rae faz também referência ao livro favorito de Taine:

It is noteworthy that at this period his favourite book was Spenser's "Faerie Queene," a work which hardly any of his countrymen have read at all, and which few of mine have read through. (xxv)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Recorde-se que *The Faerie Queene* é um longo poema alegórico, cuja primeira parte foi publicada, pela primeira vez, em 1590, com vista a justificar o protestantismo e o anglicanismo, glorificando a Inglaterra sob o reinado de Elizabeth I.

Taine escreveu inúmeros artigos para a *Revue de l'Instruction Publique*, o *Journal des Debats* e a *Revue des Deux Mondes*, tendo sido muitos deles compilados e publicados em volume (xxvi). Um desses volumes, cujo texto apareceu no primeiro dos periódicos acima citados, intitulado *Les Philosophes Français au XIX^e Siècle* (*French Philosophers of the Nineteenth Century*), constituiu um ataque à filosofia coeva, na medida em que defendia que o espiritualismo retórico tinha a vantagem, aos olhos das autoridades, de não ofender a Igreja, e a desvantagem, na opinião dos pensadores, de se desviar das dificuldades que professava ser capaz de explicar e suprimir (xxvi).

Ainda antes de viajar para Inglaterra, Taine já trabalhava em *L'Histoire de la Littérature Anglaise* (*The History of English Literature*), cujos três primeiros tomos, publicados em 1863, foram fruto de seis anos de trabalho. Em 1861, visitou a Inglaterra com o intuito de ir ao British Museum, bem como de ver as paisagens e as pessoas.

Depois da publicação de *L' Histoire de la Littérature Anglaise* (1863), a sua reputação aumentou, assim como a sua posição entre os escritores modernos (xxvii). Numa das reuniões da Academia Francesa, chegou a estar em cima da mesa a confirmação da recomendação feita pela comissão de avaliação para a atribuição do prémio de obra histórica de reconhecido valor a este livro. Todavia, o *Monseigneur Dupanloup*, Bispo de Orleães, opôs-se e indeferiu a recomendação, alegando que a obra era ímpia e imoral, que o autor negava o livre arbítrio, advogava um fatalismo puro, desvalorizava o poder eclesiástico da Idade Média, elogiava os protestantes, recomendava o *Prayer Book*, tendo ainda uma visão céptica da filosofia e herética da religião (xxviii).

Embora o mérito de Taine não tivesse sido reconhecido, importava, para Rae, reter que tudo o que ele escrevia era digno de ser lido, constituindo sempre matéria de reflexão (xxix). A sua escrita tinha um cunho próprio, tornando-se evidente que Taine pensava pela própria cabeça, nunca escrevia ao acaso ou sem propósito, sendo cada texto provido da intenção de veicular as suas ideias respeitantes à crítica literária, nomeadamente mediante o esclarecimento de um método, ou por ele descoberto ou por ele adaptado às necessidades (xxx).

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

No terceiro e último capítulo, “**Comments Upon His Opinions and Writings**”, da sua “Introdução”, Rae começa, aparentemente, por tecer alguns elogios a Taine, mas, no fundo, não se trata propriamente de verdadeiros elogios, pois ao louvar as pretensões de Taine e o seu método, Rae acaba por dar a entender que não passam de meras pretensões:

His judgments are formed on so complete an array of evidence, and with such an unquestionable desire to be impartial, that they deserve to be treated with respect, even when they cannot be implicitly accepted. (lv)

Segundo Rae, em *Notes sur l'Angleterre*, tal como na maioria dos trabalhos de Taine, não faltam teorias questionáveis e parciais, baseadas em visões generalizadas e pouco informadas:

He is emphatic in connecting drunkenness in this country with the English climate, and his theory of the race leads him to maintain that the English people, living in a murky air and beneath unkindly skies, must have an inordinate fondness for strong drinks. The truth is, the vice of drunkenness, which is one of the curses of the United Kingdom, is the curse also of the United States, of Canada, of Australia, where the sky is as bright as in France, where the air is as dry and exhilarating, where the temperature is never less agreeable, and is often more genial. (lv)

Com este exemplo, Rae afasta o elemento “milieu”, mas não o elemento “race”, pois se as nações acima mencionadas não partilham de um mesmo clima, terão decerto em comum um grande número de cidadãos provenientes da Grã-Bretanha. Todavia, logo a seguir, Rae encontra a justificação perfeita e racional para a sua crítica:

But in these countries, as in ours till recently, strong drinks are cheap, and wine is dear; if wine were everywhere as cheap as it is in France, there might not be less drunkenness, but it would be of a less brutal type than that which shocked M. Taine. (lv)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Rae sublinha, ainda, que Taine fez estas observações numa altura em que os elevadíssimos impostos sobre os vinhos abriram caminho ao monopólio dos vinhos fortificados¹⁵ provenientes de Portugal e de Espanha (lv).

Mais adiante, a crítica de Rae recai no testemunho de um *gentleman*, a propósito de um hábito tipicamente inglês relatado por Taine:

FR	EN
Il est d'usage de faire baronnets les trois ou quatre médecins les plus distingués du pays. Sous le dernier règne, il y en avait un singulièrement illustre; on voulut lui donner le titre de lord et le mettre à la chambre des pairs; il refusa. — « Il eut raison, dit l'Anglais qui me conte cette anecdote: l'homme qui avait tendu la main pour recevoir la guinée, ne pouvait être pair du royaume. » — A titre de Français, je pense tout le contraire; mais le fait et le commentaire n'en sont pas moins caractéristiques.	It is customary to confer baronetcies on three or four of the most distinguished medical men of the country. During the last reign there was a medical man of exceptional distinction whom it was desired to elevate to the peerage, but who declined the honour. An Englishman who told me this added, "He was right; no man who has held out his hand for guineas could take his place among peers of the realm." As a Frenchman, I am of the contrary opinion; yet the fact and its commentary are none the less characteristic.
(Taine, <i>Notes sur l'Angleterre</i> 263)	(Rae, <i>Notes on England</i> 241)

Fig. 55 Testemunho de um Gentleman.

Rae afirma que o comentário feito pelo informador de Taine, de que nenhum homem que tivesse recebido “guineas”¹⁶ seria digno de se sentar ao lado dos seus pares do reino, não deixa de ser estranho, quando todos sabem que, por exemplo, os mandatários forenses (“barristers”) não só aceitam “guineas” de livre vontade, mas também quanto mais receberem (sinal de que a sua prática vai de vento em popa) maior a probabilidade de conseguirem assento no “woolsack” (“House of Lords”) e de progredirem no pariato (“peerage”) (lviii). E acrescenta: “After all, however, these slips, and others which the well-informed reader will readily detect, are comparatively trivial blemishes.”(lviii).

¹⁵ Os vinhos fortificados são aqueles cuja fermentação alcoólica é interrompida pela adição de aguardente vínica. Em Portugal contam-se, entre eles, os vinhos do Porto, da Madeira, de Carcavelos, Moscatel de Setúbal e Moscatel do Douro.

¹⁶ Trata-se de uma antiga moeda de ouro britânica com o valor de uma libra (“pound”) e um xelim (“shilling”). O “shilling” também é uma moeda antiga, sendo que uma libra valia vinte xelins.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Trata-se de um exemplo perfeito de uma situação em que Taine usa um testemunho pessoal de um cidadão inglês como juízo de valor prevalecente na cultura inglesa, mas que se revela em tudo contrário ao conhecimento comum dentro dessa cultura, para, depois, se afirmar discordante, adquirindo, assim, a simpatia da maioria: “As a Frenchman, I am of the contrary opinion; yet the fact and its commentary are none the less characteristic” (241).

Rae termina o capítulo com rasgados elogios a Taine, o qual, apesar de todas as condicionantes, fez um trabalho extraordinário:

he [Taine] is, in short, such a model traveller, such an acute observer, such a graphic and an artistic narrator, that he merits, what he will doubtless receive, a cordial welcome from all who enjoy reading the opinions of a genial and capable foreign writer upon the social life, the domestic arrangements, the religious sentiments, and the political constitution of this country. (lix)

A secção destinada às “**Notas ao Texto**” encontra-se apenas no texto de partida, nas páginas 395 e 396. Sempre que as notas são demasiado longas ou passam a fazer parte de uma reimpressão torna-se geralmente mais prático inclui-las no final da obra, numa secção independente. Ainda assim, algumas editoras preferem remeter notas longas para rodapé, ocupando, muitas vezes, quase metade de uma página ou, outras vezes, continuando na página seguinte. No caso em apreço, não só a secção das notas não consta no texto traduzido, mas também foi omitida toda a informação ou referência às notas, tal como se pode constatar na grelha seguinte (Fig. 56):

FR	EN
Environ 1500 étudiants à Oxford (1), 1200 à Cambridge; il y en a aussi à Londres. Mais, en règle générale, ce haut complément d'études est, pour l'aristocratie, pour les riches, pour le petit nombre, d'abord parce qu'il coûte cher (200 à 500 livres par an, et la tentation de dépenser davantage est très-grande), ensuite parce qu'il est un luxe de l'intelligence (mathématiques pures, grec, latin) et retarde l'entrée des carrières fructueuses.	There are about thirteen hundred undergraduates at Oxford, eleven hundred at Cambridge; there are also some at London. But, as a general rule, this high finishing place of education is for the aristocracy, for the rich, for the minority; in the first place because it is expensive (from £200 to £300 yearly, and the temptation to expend more is very great), next because it is a luxury of intelligence (pure mathematics, Greek, Latin), and retards the entry into lucrative careers.
(Taine, <i>Notes sur l'Angleterre</i> 154)	(Rae, <i>Notes on England</i> 138)

Fig. 56. Omissão de Notas ao Texto no Texto de Chegada.

A referência (1), realçada a negrito na Fig. 56, reporta-se à seguinte nota:

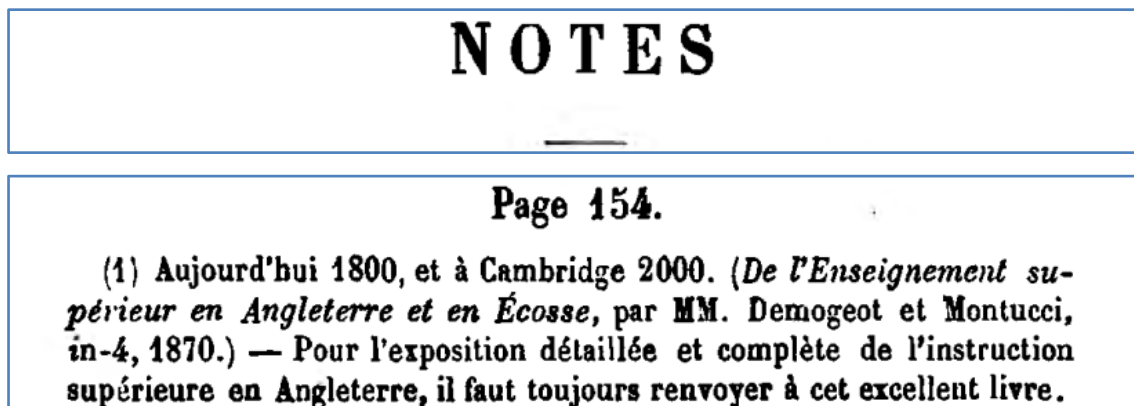


Fig. 57. Nota da Página 154 de *Notes sur l'Angleterre*.

Na Fig. 56, verifica-se que Rae corrige os dados lançados por Taine a propósito do número de estudantes que, a dada altura, frequentavam Oxford (de 1500 para 1300) e Cambridge (de 1200 para 1100). Acresce que a nota de Taine apresentava uma atualização dos dados respeitantes ao ano de 1870 (Oxford: 1800; Cambridge: 2000). Ora, analisando os números em cada um dos textos e os apresentados em nota, a única informação que parece credível corresponde à contida na nota ao texto de partida, uma vez que aponta para o ano de 1870, apresentado uma fonte de informação fidedigna. Deste modo, não se percebe a razão pela qual Rae levou a cabo uma alteração ao texto original, sem sequer consultar a nota a esse texto, ou dar uma justificação. Como as primeiras edições dos textos de partida e de chegada saíram no mesmo ano, considerou-se a hipótese de a nota ter sido incluída numa reimpressão posterior à tradução, pelo que se comparou a primeira edição de *Notes on England* com a quinta edição, com o intuito de averiguar se se registavam alterações. Contudo, constatou-se que tudo se manteve igual.

Terminada a análise dos peritextos que forneceram informação muito relevante quanto ao modo como ambos os textos se relacionam um com outro, chega agora o momento de passar à análise dos epitextos, que esclarecerão quanto ao modo como os

textos foram recebidos nos dois sistemas culturais, nomeadamente por via da respectiva imprensa.

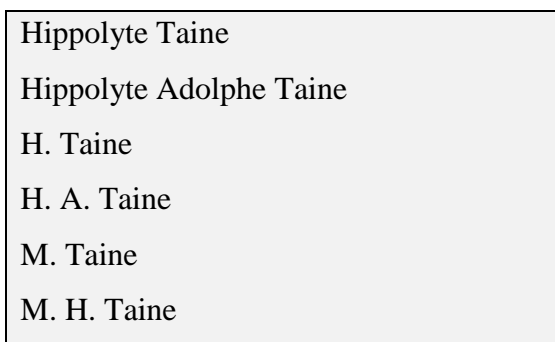
3.1.2. Elementos Epitextuais

Os elementos epitextuais encontram-se no espaço exterior à obra, permitindo, assim, inferir informação adicional. No contexto da presente dissertação, a análise dos elementos epitextuais permitirá perceber, de um modo geral, os contornos da recepção aos textos (positiva ou negativa) nos sistemas literários francês e inglês.

Dado que tanto os epitextos privados (textos que antecedem a obra, correspondência do autor ou diários) já constituíram objecto de estudo, indirectamente, ao longo da dissertação, este subcapítulo centrar-se-á na análise da recepção das obras, procurando identificar e analisar epitextos públicos, como os artigos de crítica literária e os respectivos autores, os críticos.

O crítico caracteriza-se pela influência exercida em todo o sistema social, mediante a relação directa, dinâmica e constante estabelecida com o leitor. O crítico contribui para a perda ou o ganho de preponderância de uma obra num polissistema literário, para a formação da opinião pública ou até para a (in)visibilidade de uma obra dentro e fora de um dado sistema. De entre os profissionais especializados responsáveis por moldar um sistema literário, o crítico constitui porventura o mais versátil.

Deve, antes de mais, notar-se que, ao longo da recolha de dados, se constatou que Taine era referido sob as mais diversas formas, nos epitextos agora em apreço, tal como se pode observar na Fig. 58:



Hippolyte Taine
Hippolyte Adolphe Taine
H. Taine
H. A. Taine
M. Taine
M. H. Taine

Fig. 58. Referências ao Nome de Hippolyte Taine.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

A designação mais frequente foi, contudo, a de “H. Taine”. Em alguns artigos, o crítico julgou que “H.” significava “Henri”, referindo-se ao autor como “Henri Taine”. Com efeito, numa pesquisa mais restrita em torno do nome “H. Taine”, verificou-se, nos textos, a referência a um tal “Henri Taine”, cujo conteúdo dos artigos se coadunava com o que seria dito, à partida, a propósito de Hippolyte Taine. Deste modo, tornou-se imperativo procurar uma confirmação, que surgiu num artigo publicado em *The New York Times*, no dia 17 de Janeiro de 1880 (página 4), no qual se afirmava tratar-se de um erro recorrente. Atente-se, a este propósito na citação abaixo transcrita de um artigo publicado em *Belgravia* (1874), bem como na legenda de um retrato do autor, encontrado no *site* da “Christies.com”, na secção “Valuable Manuscripts and Printed Books”, que fora publicado sem legenda por Audrey Beardsley (1872-1898), no *Pall Mall Budget* de 9 de Março de 1893. O retrato encontra-se reproduzido na Fig. 59:

M. ~~Henri~~ Taine has described the process in his Notes on England. He is not very accurate in detail, but he is right enough in the main; and he tells his little story with vivacity and humour. (“On Some Recent Biographies” 183)

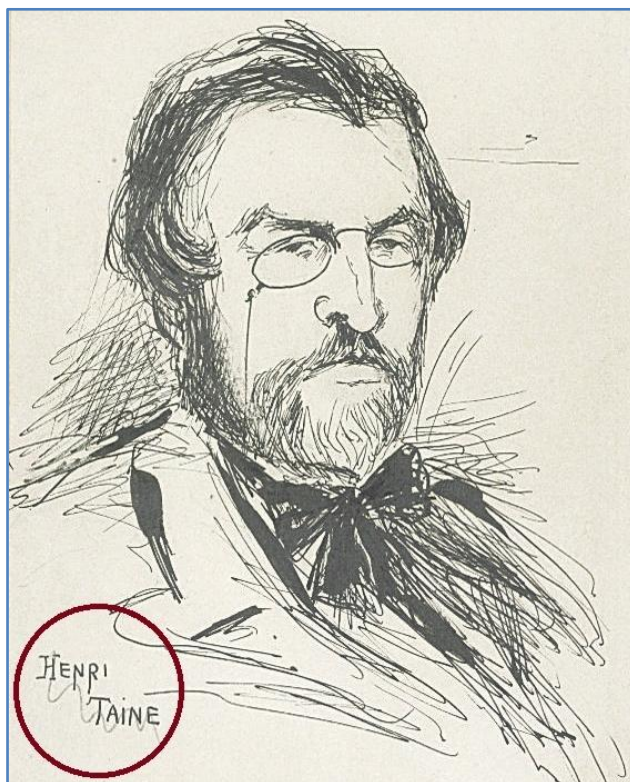


Fig. 59. Retrato de Hippolyte Taine por Beardsley Aubrey.

Através da exposição e análise de alguns artigos recolhidos em diferentes periódicos, levar-se-á a cabo, nos subcapítulos seguintes, breves comentários sobre a recepção dos textos, com o intuito de avaliar o tipo de opinião que circulava à época, a respeito da obra de Taine.

3.1.2.1. Sociologia da Recepção

No capítulo “La Sociologie de la Réception” da obra *La Sociologie de la Littérature* (2014), Gisèle Sapiro afirma que a recepção constitui um processo que ultrapassa o limite da produção de uma obra, no tempo e no espaço, nomeadamente através de reedições e traduções (*La Sociologia de la Literatura* 112). Este processo permite a sobrevivência da obra ao longo do tempo, mediante as transformações sucedidas e decorrentes de diferentes linhas de pensamento. Assim, a leitura de uma obra encontra-se dependente da importância por esta adquirida num dado contexto. Ao revisitá-la, as várias interpretações realizadas permitem atribuir-lhe novos sentidos e transformar o presente através de uma revisão do passado.

No contexto da sociologia da recepção, a crítica afigura-se muito importante, pois, através dela, os leitores apercebem-se da fortuna literária de uma obra. Se, por um lado, os números de vendas e as consecutivas reedições constituem um indicador da aceitação por parte do público, por outro, os artigos de opinião que circulam na imprensa dão conta da posição assumida por personalidades reais e, em princípio, com capacidade para dar expressão às tendências do gosto do público.

Ainda segundo Sapiro, a crítica constitui uma das maiores mediações no processo de recepção e valoração de uma obra (*La Sociologia de la Literatura* 114), sendo que os critérios para avaliar as obras dependem da posição tomada pelo emissor do discurso crítico, no campo literário. Assim, os discursos variam consoante dois factores que estruturam o âmbito literário. O primeiro opõe os “dominantes” aos “dominados”, na medida em que, ao tomar uma posição dominante, o crítico tem uma maior tendência para adoptar um discurso caracteristicamente académico e, portanto, respeitador das regras do debate intelectual. Por outro lado, ao assumir a posição de dominado, o crítico revela uma maior tendência para adoptar um discurso de natureza política, denunciando o conformismo face a pontos de vista dominantes. O segundo factor opõe heteronomia e autonomia, dividindo-se os discursos críticos entre, por um

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

lado, os que se focam no conteúdo da obra (o enredo e os valores morais) e, por outro lado, aqueles que conferem mais atenção à forma e ao estilo (115).

No cruzamento destas duas posições, obtêm-se quatro tipos de discurso. No pólo da heteronomia, o discurso dominante assume o valor de um juízo moral, enquanto o discurso dominado toma o valor de um juízo político. Já no pólo da autonomia, o discurso dominante assume o valor de um juízo estético, sendo que o discurso dominado denuncia uma conformidade absoluta do discurso dominante relativamente à preservação das formas literárias. Deste modo, ao tomar o valor de um juízo crítico, o discurso dominado procura a renovação das formas literárias como meio de subversão social (115) (Fig. 60):

Discurso Dominante (Discurso Académico)			
Autonomia (Discurso focado na forma e estilo da obra)	Juízo Estético	Juízo Moral	Heteronomia (Discurso focado no conteúdo da obra)
	Juízo Crítico	Juízo Político	
Discurso Dominado (Discurso de Natureza Política)			

Fig. 60. Tipos de Discursos Críticos. (*La Sociología de la Literatura*).

Após a recolha das amostras e da organização, por ordem cronológica, dos artigos críticos que saíram na imprensa francesa e britânica, no período compreendido entre 1871 e 1900, tornou-se possível, a partir do quadro teórico acima descrito, classificá-los por tipo de discurso.

Deste modo, verificou-se que nos artigos apresentados nos subcapítulos 3.1.2.2 e 3.1.2.3. predominam juízos morais, isto é, o crítico adoptou frequentemente uma posição dominante que favorece o autor e os conteúdos da obra. Contudo, a crítica, muitas vezes acompanhada de um juízo moral, assumiu simultaneamente o valor de um juízo extraliterário, de cariz político, face aos fenómenos sociais em causa. Por outras

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

palavras, sempre que se tratava de um juízo moral, o crítico usava determinados aspectos contidos na obra como instrumentos para fazer crítica social.

Assim, complementando, de certo modo, o pensamento de Sapiro, considera-se a coexistência, num único artigo, de duas categorias: a) a categoria dos juízos literários, proposta por Sapiro, que inclui os juízos de teor estético/crítico e moral/político; b) a categoria dos juízos extraliterários, aqui proposta, os quais podem ser apenas de teor moral/político e coexistir com juízos literários também eles de teor moral/político.

Nestas circunstâncias, afiguram-se possíveis duas hipóteses: 1) o crítico recorre a um juízo literário de teor moral (o que se encontra em conformidade face a um ponto de vista literário) para justificar um juízo extraliterário de teor político (o que denuncia aspectos da vida social); ou 2) o crítico recorre a um juízo extra-literário de teor moral, (que se encontra em conformidade com aspectos sociais) para justificar um juízo literário de teor político (que denuncia a conformidade do discurso face a um ponto de vista literário). Atente-se no exemplo apresentado abaixo (Figs. 61 e 62):

Afirmação do Autor	Opinião Crítica
Nós admiramos a estabilidade do governo inglês. Os seus representantes são os pilares da nação.	A França já não tem representantes naturais idênticos aos que, segundo o autor, prevalecem em Inglaterra. Mais do que nunca precisamos deles.

Fig. 61. Afirmação. Opinião Crítica.

Classificação da Opinião Crítica	
Juízo Literário Moral	Juízo Extraliterário Político
O discurso encontra-se em conformidade com um ponto de vista literário.	O discurso denuncia um aspecto da vida social.

Fig. 62. Classificação da Opinião Crítica.

Deste modo, verifica-se que, por vezes, num artigo de opinião coexistem duas vozes, a da crítica literária e a da crítica social. A identificação destas vozes permite perceber a intenção subjacente a cada tipo de juízo. Por exemplo, a partir das Figs. 61 e

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

62 torna-se possível perceber que, na conjugação de um juízo literário moral com um juízo extraliterário político, o crítico visa claramente subverter as instituições sociais alvo, usando a obra em causa para o justificar. Assim, o quadro ficaria completo da seguinte forma:

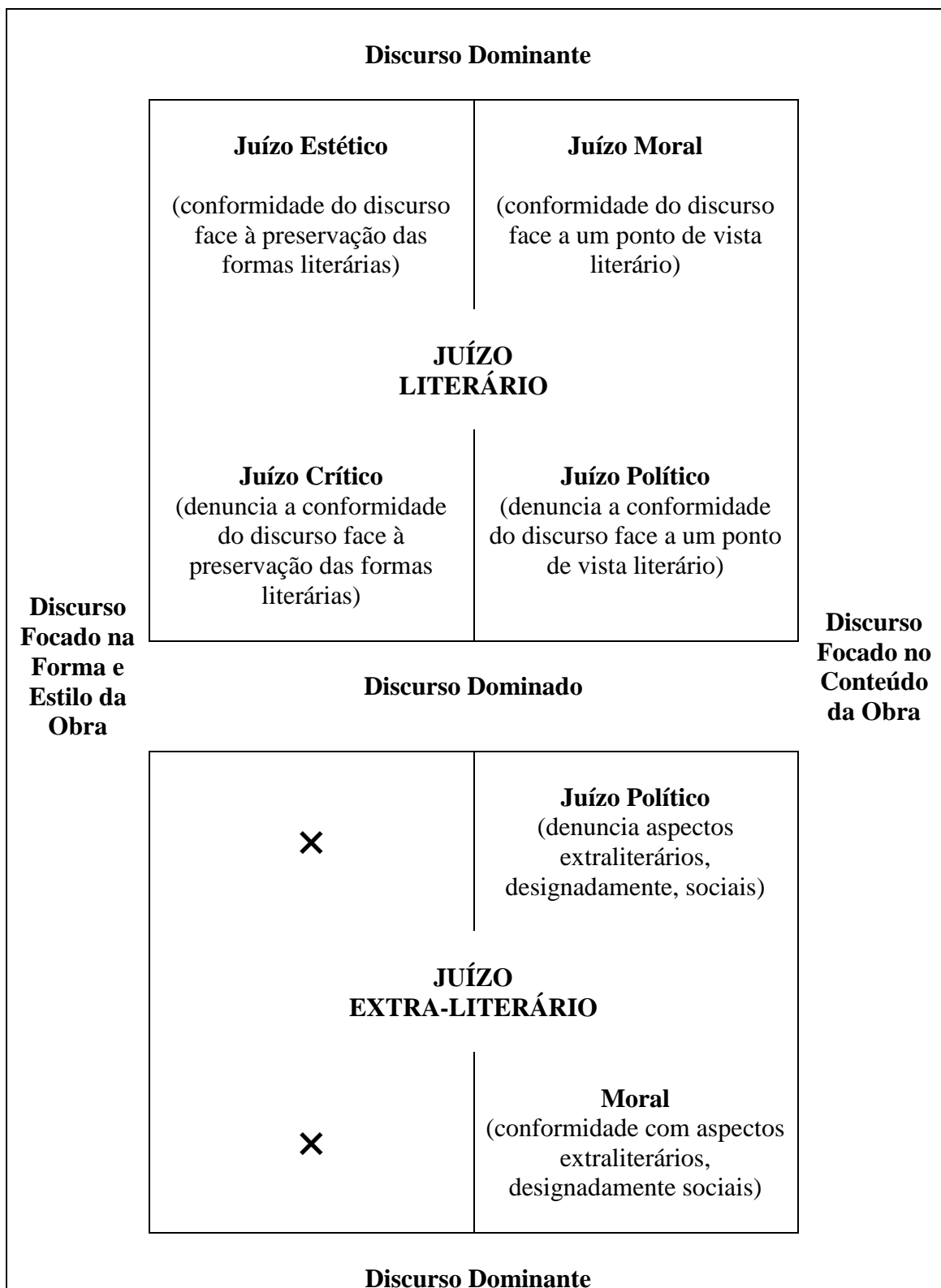


Fig. 63. Tipos de Discursos Críticos (v2).

Tendo estes pressupostos em mente, passar-se-á, em seguida, à exposição das amostras recolhidas, acompanhadas das respectivas classificações, do ponto de vista do discurso, a par de alguns comentários.

3.1.2.2. A Recepção Crítica em França

Revue Politique et Littéraire: Revue Bleue

1871

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Moral

C'est que, chez nos voisins d'outre-manche, un *lord*, un *nobleman* n'est pas seulement un monsieur qui a beaucoup d'argent et beaucoup de laquais à perruque poudrée: lisez les Notes sur l'Angleterre de M. Taine, et vous verrez que, dans la plus petite paroisse, ce sont les *noblemen* qui prennent l'initiative et la direction de toutes les entreprises d'intérêt général.

(“La République et les Conservateurs Libéraux” 387)

Trata-se de um artigo de opinião que, fundamentando-se na obra de Taine, enaltece o facto de os nobres, em Inglaterra, não serem apenas uma classe com dinheiro, mas também um grupo empreendedor que gere grande parte das empresas.

Revue Politique et Littéraire: Revue Bleue

1871

Juízo Literário: Moral

On sait le succès qu'ont obtenu dans le journal le Temps les notes sur l'Angleterre de M. Taine. Elles viennent d'être publiées par la librairie Hachette (un volume in-12). Ému des terribles calamités qui ont frappé son pays et des dangers qui peuvent le menacer encore, M. Taine paraît avoir renoncé momentanément aux recherches

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

purement philosophiques pour étudier l'histoire contemporaine et les questions politiques.

("Bibliographie" 600)

Aqui assinala-se o reconhecimento da obra por parte de um jornal de referência, *Le Temps*, elogiando-se a capacidade do autor em desviar-se de uma pesquisa puramente filosófica para se concentrar na história e nas questões políticas contemporâneas.

Polybiblion: Revue Bibliographique Universelle

1872

Juízo Literário: Estético/Moral

Il y a beaucoup de choses bien vues et bien rendues dans ce recueil de notes, dont le décousu même n'est pas sans art. Mais il y a aussi de l'effort, de la tension d'esprit, de l'abstraction de quintessence, avec un grain de pédantisme. L'Angleterre y est en général appréciée avec faveur, c'est-à-dire, selon mon goût, avec justice. Un mot surtout me paraît un excellent résumé de l'impression que ce pays laisse au visiteur français non prévenu: "Il me semble que le mal et le bien sont ici plus grands qu'en France." Hélas!

[s.t.] (20)

Este artigo elogia a qualidade das notas recolhidas e a forma como os factos foram descritos. Contudo, deve assinalar-se que, no seu relato, Taine favorece, em grande medida, a Inglaterra, constituindo a obra um instrumento muito útil para o viajante francês que não sabe o que vai encontrar.

Revue Générale d'Administration

Jan. 1879

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Político

Pour le latin, M. Matthew Arnold met notre enseignement sur la même ligne que celui des collègues anglais. Nous ne nous permettrions pas de le contredire

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

sur ce point, si nous n'avions la bonne fortune de pouvoir nous abriter derrière l'autorité d'un juge compétent en ces matières. Dans ses Notes sur l'Angleterre, après avoir reconnu la supériorité de l'enseignement du grec chez nos voisins, M. Taine ajoute: « Leur latin, prose et vers, est moins élégant et moins pur que celui de nos bonnes compositions de rhétorique.»

(“L’Instruction Secondaire en France et en Angleterre” 40)

Com base na obra de Taine, contradiz-se a opinião de Matthew Arnold¹⁷ relativa ao facto de o ensino do latim em França se encontrar ao mesmo nível do de Inglaterra, pois, segundo Taine, o latim leccionado em Inglaterra era menos elegante e menos puro do que o que se observava em França. Ainda assim, Taine considerava o ensino do grego superior, em Inglaterra.

La Réforme Sociale

June 1886

Juízo Literário: Moral

M. Taine, dans ses Notes sur l'Angleterre, aussi brillantes par la justesse des observations que par le charme du style, a dépeint d'une manière vivante l'attachement passionné de toutes les classes anglaises à la liberté du foyer domestique.

(“Le Régime Successoral en Angleterre” 583)

Sublinha-se a justiça das observações de Taine na descrição de todas as classes da sociedade inglesa.

La Réforme Sociale

July 1886

¹⁷ Poeta, crítico e inspetor de educação em Inglaterra, Matthew Arnold (1822-1888) foi uma figura de grande relevo, percebendo que, no mundo moderno, a educação seria a chave para uma sociedade melhor, capaz de promover a “sweetness and light”. Entre muitos outros vectores, Arnold defendia que os grandes ideais eram claramente mais importantes do que as coisas vulgares e o lado prático da vida.

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Político

La seule ressource, c'est de se retrancher derrière le témoignage de M. Taine et de renvoyer les incrédules aux pages dans lesquelles il a traité ce sujet (voir les Notes sur l'Angleterre). Et s'ils ne sont point convaincus par ce témoignage d'une si haute autorité et d'une si grande valeur, qu'ils aillent eux-mêmes contrôler et refaire l'enquête dont les résultats les étonnent si fort. Quand ils auront visité les *public schools*, interrogé les professeurs, observé les élèves, ils passeront aux Universités pour interroger et observer de nouveau; alors ils donneront raison à M. Taine et comprendront en même temps ce qu'il y a de véritablement supérieur dans l'éducation anglaise, le rôle moral qu'y jouent d'une part la liberté et de l'autre le sport.

(“Les Universités Anglaises” 601-602)

Valendo-se dos resultados da investigação de Taine, o articulista reafirma a superioridade da educação inglesa, bem como o papel moral desempenhado pelo exercício da liberdade e da prática do desporto, nomeadamente nas famosas *public schools* e nas universidades.

La Science Sociale suivant la méthode de F. Le Play

1886

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Moral

M. Taine a décrit très exactement ce type: « L'Anglais, dit-il, ne voit rien de mieux qu'être confié de bonne heure à lui-même; épouser une femme sans fortune, avoir beaucoup d'enfants, beaucoup travailler pour suffire à toutes les charges qu'il s'impose avec joie, dépenser son revenu, mettre les enfants dans la nécessité de travailler de même, en un mot, considérer la vie comme une lutte perpétuelle. »

(“Origines des Trois Races Agricoles” 135-136)

Evidencia-se um certo tipo social caracterizado por Taine no respeitante à família e ao trabalho, afirmando-se que se encontra em total concordância com a realidade.

La Science Sociale suivant la méthode de F. Le Play

1889

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Político

Le mal vient de ce que nous n'avons plus de représentants naturels. Qu'est-ce donc qu'un représentant naturel? Relisez attentivement cette belle page de M. Taine: « Nous admirons la stabilité du gouvernement anglais, c'est qu'il est l'extrémité et l'épanouissement naturel d'une infinité de fibres vivantes accrochées au sol, sur toute la surface du pays. »

(“Nos Hommes Politiques” 29-30)

Em sintonia com o testemunho de Taine, reforça-se a ideia de que a França precisa de representantes naturais idênticos aos que proporcionam a estabilidade da governação inglesa.

La Science Sociale suivant la méthode de F. Le Play

1890

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Moral

L'Anglais est assez peu soucieux de se concilier la sympathie des gens qui lui sont étrangers. En cela, il diffère complètement du Français, qui recherche la société, qui aime à y briller, dont une des principales préoccupations est de multiplier ses « relations ». Au contraire, l'Anglais se contente généralement d'être d'un commerce sûr, et il fait preuve d'un réel attachement pour les personnes avec lesquelles il est entré en rapports suivis et qui, selon la formule, lui ont été « présentés ». Tous ceux qui ont été introduits dans une famille anglaise sont unanimes sur ce point. Relisez, à ce sujet, les Notes sur l'Angleterre de M Taine.

(“Réponse à Quelques Objections” 189-190)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Depreende-se, de acordo com Taine, e em sintonia com o articulista, que os ingleses não se preocupam tanto em conquistar a simpatia dos outros como os franceses, que são mais sociáveis, mas procuram sempre alargar o seu leque de relacionamentos.

Le Figaro

13 Dec. 1892

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Político

Aujourd'hui que la noblesse est devenue purement décorative, la puissance réelle a passé à l'argent, et c'est celle-là que supportent difficilement ceux qui en ont peu ou point. Taine raconte dans ses notes sur l'Angleterre que, posté sur le pont de Westminster, le jour de je ne sais quelle cérémonie, où les costumes héraldiques, les équipages somptueux, les attelages de pur sang défilaient devant le peuple, un loqueteux, grelottant dans sa livrée de misère, se mit à applaudir et lui dit avec une sorte d'orgueil « Ce sont nos seigneurs et maîtres qui passent. »

(“Échos”) [s.p.]

Trata-se de uma crítica à aristocracia, que, na opinião do articulista, se tornou meramente decorativa e cujo poder se adaptou ao dinheiro. Ao exemplificar, o articulista remete para um excerto de *Notes sur l'Angleterre*, onde Taine utiliza o sarcasmo para retratar um episódio relativo à aristocracia inglesa.

Le Petit Journal

15 July 1895

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Político

Le grand Taine, dont on ne se lasse pas de relire les œuvres, a esquissé dans ses Notes sur l'Angleterre, à propos des parcs de Londres, des lignes charmantes que devraient méditer les hommes de goût du conseil général de la Seine.

(“La Défense des Promenades”) [s.p.]

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Trata-se de uma nota dirigida ao *Conseil Général de la Seine* para que reflecta nas palavras de Taine a propósito dos parques de Londres.

Les Annales Politiques et Littéraires

24 Jan. 1897

Juízo Literário: Moral

Taine, dans ses Notes sur l'Angleterre, a magistralement peint la jeune Anglaise, robuste de corps et d'esprit, indépendante, admirablement préparée pour la lutte vitale par les différents sports, la lecture de la Bible, une culture intellectuelle très développée, un sentiment inné du self-respect et de la responsabilité morale.

(“Études et Portraits” 51)

Elogia-se a forma como Taine descreveu a jovem mulher inglesa: independente, preparada para a luta do quotidiano pela prática de desporto, dedicada ao estudo da Bíblia, com uma cultura intelectual desenvolvida, dotada de um sentimento de respeito por ela mesma e de grande responsabilidade moral.

La Revue Hebdomadaire

1898

Juízo Literário: Moral

Taine dans ses Notes sur l'Angleterre, et après lui, avec une netteté et une vigueur rares, M. Edmond Demolins dans *A quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons*, nous ont montré l'éducation et la vie anglaises favorisant le développement de la personnalité, apprenant à l'individu à ne compter que sur lui-même, sur son énergie, sur sa force de résistance, à concevoir, à oser, à faire preuve d'initiative et de courage vertus excellentes qui garantissent le succès, et préparent l'empire du monde à la race anglo-saxonne si l'on ne compte de nos propres qualités.

(“Les Livres et les Moeurs” 268-270)

Sublinha-se o valor de Taine e de Edmond Demolins¹⁸ por terem sido capazes de demonstrar a forma como a educação e a vida inglesas favorecem o desenvolvimento de uma personalidade formada para alcançar o sucesso.

3.1.2.3. A Recepção Crítica na Grã-Bretanha

Para Gisele Sapiro, a tradução constitui uma actividade social cujas funções, muito para além da função mediadora, se dividem em três categorias: ideológica (por exemplo, a difusão de uma doutrina ou de uma visão do mundo), económica (por exemplo, a participação no mercado de livros) e cultural (por exemplo, o papel desempenhado na consagração das obras e dos escritores) (*La Sociologia de la Literatura* 120-121).

Notes on England cumpre as três funções. Desde logo, a metodologia de Taine, exposta no capítulo introdutório, da autoria tradutor, chama a atenção para uma doutrina que, estando por detrás do relato, não se encontra de forma explícita na obra original, sendo necessário o conhecimento prévio de outras obras do autor para a detectar. Por outro lado, usando o mesmo expediente, o tradutor tece as suas críticas e transmite a sua opinião acerca da metodologia em causa, cumprindo-se, assim, a função ideológica. Em segundo lugar, observa-se a função económica, mediante a internacionalização do conhecimento gerado pela Hachette, uma das maiores editoras europeias da época, e a concessão dos direitos de tradução de *Notes sur l'Angleterre* a editoras estrangeiras. Em último lugar, a função cultural encontra-se na consagração de Hippolyte Taine enquanto escritor, filósofo e viajante erudito, no mundo anglófono, por meio de uma obra cuja tradução se afigura apropriada, por parte dos leitores britânicos, sobretudo por se tratar de um reflexo da sua própria cultura.

Mais uma vez, a crítica desempenha um papel fundamental na difusão da obra e na realização dessas funções. Da mesma forma que as editoras detêm o monopólio de grande parte do conhecimento, os meios de comunicação social exercem influência sobre o público leitor. Para que uma obra se mantenha viva, para além da qualidade do artigo em questão, importa a reputação do meio que o veicula, bem como a quantidade

¹⁸ Discípulo de Pierre Guillaume Frédéric le Play (1806-1882), pedagogo, engenheiro, sociólogo e economista francês, Edmond Demolins (1852-1907) publicou, entre outras, a importante obra *L'Éducation Nouvelle: L'École des Roches* (1898).

de artigos escritos em diferentes momentos da vida social. Quando uma editora como a Strahan & Co. tem capital humano capaz de mobilizar os recursos necessários para que uma obra seja bem recebida, a tarefa de chegar ao leitor fica facilitada. Quando a editora detém uma fatia do mercado de venda de jornais, então a tarefa ainda se torna mais facilitada, porque aquela pode não só contactar, periódica e assiduamente, com o público em geral, mas também despertar a curiosidade de outros “players” que concorrem no mesmo mercado.

No comércio da informação, a interdependência entre as forças que moldam os sistemas pode ser uma arma de sobrevivência, por isso quanto maior for a sua sinergia, maior será o grau de manipulação e de controlo da opinião pública. Depender da crítica é uma realidade, mas controlá-la é outra, por isso, os que não têm capital para se aventurarem em monopólios, estabelecem frequentemente parcerias e possuem uma boa carteira de clientes. Tal indica que o sucesso de uma obra não se mede apenas pela sua qualidade, mas também pela capacidade e pela forma de chegar ao público.

Dando continuidade ao subcapítulo anterior, apresentam-se, em seguida, mais algumas amostras de artigos críticos, desta feita em inglês. Na maioria dos casos, os críticos britânicos referem-se directamente aos conteúdos da obra de Taine, sendo muito raros os elogios a William Fraser Rae, excepto quando se reportam à sua longa introdução. Não obstante, cumpre sublinhar que a adição de uma introdução pertinente e informativa por parte do tradutor contribui, em muito, para a sua visibilidade, constituindo a obra em apreço um exemplo paradigmático.

The Westminster Review

1872

Juízo Literário: Estético/Moral

Mr. Fraser Rae’s translation of M. H. Taine’s “Notes on England,” is already widely known through the columns of the Daily News, from which it is reprinted; but beyond the interest excited by M. Taine’s observations of England, this volume claims special attention, owing to Mr. Rae’s own admirable criticisms on his author, as well as to M. Taine’s Theory of Criticism, which here first appears in English dress. This theory, or system, is wholly comprised in the remark that moral matters, like physical things, have “dependencies” and “conditions.”

(“Politics, Sociology, Voyages and Travels” 220-221)

Menciona-se a importância de Rae, através da sua tradução e respectiva introdução de *Notes on England*, pelo facto de ter dado a conhecer, pela primeira vez em inglês, a metodologia taineana e a sua posição crítica relativamente ao autor.

Public Opinion

14 Oct. 1871

Juízo Literário: Moral

M. Taine, in his “Notes on England,” gives a very fair picture of our field preachers, whom he characterises as “private persons who experience a want of communicating their religious ideas to the public.”

(“A Foreigner on English Religion” 493)

Evidencia-se a descrição dos pregadores, muito bem caracterizados por Taine, tal como se pode verificar no capítulo XIX da obra.

Once a Week

28 Oct. 1871

Juízo Literário: Estético/Moral

[O]ur critic has recently returned to the charge in certain “Notes on England,” which have lately appeared in the columns of the *Paris Temps*. We are glad to find that, in some respects at least, M. Taine has modified his ideas with regard to us, although in many others his conclusions are still hopefully out of joint. Nevertheless, there is a *verve* and piquancy in his style that makes him, with all his faults, well worth reading. His words are all carefully weighed, and his opinion is always expressed in good, clear language.

(“French Views of English Life” 385)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Elogia-se o estilo de Taine, a forma clara e eloquente como expressa as suas ideias, mas também se mostra alguma satisfação pela opinião positiva relativamente aos ingleses.

The Pall Mall Budget

10 Nov. 1871

Juízo Literário: Estético/Moral

I have been reading with much interest Taine's "Notes on England" as they have successively appeared in that very well managed and intelligent newspaper, the *Temps*. Without being so minutely observant as M. Esquiros, M. Taine still gives their due weight to facts, and does not often, in the true French manner, allow a theory to gallop away with him. He really has few of the prejudices of a foreigner, and it is natural that he should feel generally disposed to appreciate what is good in England, since he himself, both as author and man, has been respectfully and kindly received there. His French is so good, and so pleasant to read, so direct and devoid of affectation or pretension of any kind, that it is not wonderful if he finds a large public among educated people everywhere. He is himself, quite the type of a man of culture in the French sense, that is to say, he has learned enough of everything to have formed quite a clear and decided opinion about everything.

("M. Taine on English Paintings" 11-12)

Trata-se de um artigo de opinião sobre a excelente qualidade da versão original de "Notes", escrita num francês claro e agradável, pautada pela objectividade e pelo apreço face à cultura inglesa. Embora considerando Taine um observador menos minucioso do que Alphonse Esquiros (1812-1872)¹⁹, o articulista sublinha o facto de aquele privilegiar os factos, não se deixando levar por uma tendência francesa de se envolver em teorias.

The Athenaeum

¹⁹ Parte-se do princípio de que o articulista se refere à obra *l'Angleterre et la Vie Anglaise* (1869) e à colaboração de Esquiros na *Revue des Deux Mondes*.

11 May 1872

Juízo Literário: Estético

“Mr. Rae has rendered M. Taine’s masterly French into the most delicate, lithe, and racy English; so that the book is one of the most valuable of recent additions to this class of English literature.” – *British Quarterly Review*

[s.t.] (581)

Trata-se da transcrição de um anúncio publicado em *British Quarterly Review*, que publicita a tradução de Rae, ao referir que o tradutor adaptou na perfeição a obra original para o inglês, elevando-a a uma das melhores dentro do género.

The London Quarterly Review

1872

Juízo Literário: Estético/Moral/

Many of our readers will have some knowledge of these clever letters through their appearance in The Daily News, from which, with large additions, they are reprinted. The letters are preceded by a brief sketch of the life of M. Taine, and by an exposition and criticism of his method. These materially add to the value of a volume which is of deep interest to us all. On a smooth and polished mirror many aspects of our national life are minutely and accurately reflected. M. Taine is a careful and correct observer, and very skillful in delineation. All that his eye sees, and it must be a very observant eye, he accurately records. His frequent comparisons between English and French life and manners are apt and instructive. His occasional reflections are just, some of them valuable alike to us and our Continental neighbours. They all display a philosophic mind. Wisely M. Taine confines himself mainly to his observations. His eye cannot deceive him, though his generalisations are occasionally at fault. Intelligent discernment, accuracy and fairness characterise these letters. They will please the English reader, for they exalt our national advantages: they will abase, sadden, and instruct him, for they reveal our deplorable national vices.

(“Literary Notices” 519)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

O artigo sublinha a perspicácia de Taine ao espelhar, na sua obra, aspectos que interessam a ambas as partes, franceses e ingleses. Embora considere as comparações de Taine instrutivas e as suas reflexões justas, o crítico defende que se as observações se afiguram adequadas, o mesmo não se verifica com as generalizações. Julga ainda que se trata de uma obra que agrada muito aos ingleses, por apelar a um sentimento nacionalista.

The Lancet

25 May 1872

Juízo Literário: Moral

Notes on England. Strahan and Co. 1872. By this time the fame Taine's Notes on England must have become familiar our readers. To see ourselves as others see us is the few; and the reader will find tolerably accurate judgement passed upon him, his doings, and his country, distinguished man from whose pen these notes emanated M. Taine's work has an especial interest for the profession and particularly the chapters on English Marriages Married Women, English Households, Life at Universities Schoolboys and School Life, Ragged Schools, Hospitals Workhouses, Volunteers, and others. The articles, well known, first appeared in the Paris Temps, and afterwards, in part, translated into the Daily News. The translator of the present work, Mr. Rae, has given a capital introductory chapter, embracing an account of M. Taine life and acquirements, which adds greatly to the value the notes, which we commend very warmly to the reading part of the profession.

(“Reviews and Notices of Books” 722)

Aqui oferece-se ao leitor uma sinopse de alguns dos capítulos considerados mais interessantes, do ponto de vista do crítico, chamando-se também a atenção para a introdução de Rae que enriquece muito a obra no seu todo.

London Society

1872

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Político

M. Taine has written a wonderful book about England, which has attracted attention all over the world, but which ought especially to be studied in England itself. Although no member of the Academy, he has, probably, more influence in this country than all the Academy put together. Among all his multifarious writings, his studies on England stand preeminent, and his work on the English people ought to be bracketed with his work on our English literature. The book is the result of notes made, at times somewhat hastily; but M. Taine possesses so ripe and fertile an intellect, that he has garnered lessons of wisdom which the most experienced Englishman might lay to heart. Into his peculiar theories — which, by the way, we believe to be quite wrong we do not here enter, but the rare force and weight of his works are wonderful. Our climate, our scenery, our insular characteristics he well understands, though, with a Frenchman's love of scientific method, he is too fond of 'formulating them exactly.

("The Picadilly Papers" 474-477)

Credibiliza-se a imagem de Taine com a afirmação de que, em Inglaterra, a sua opinião tem mais peso do que a da própria Academia Francesa. Elogia-se a sua investigação prévia acerca do país, as anotações tiradas e a determinação em executar o seu trabalho com grande rigor e de acordo com a metodologia proposta.

Saturday Review

16 Mar. 1872

Juízo Literário: Estético

"A brief review can do but scanty justice to M. Taine's book ... We can only deal with it in its broad results, while its charm lies in its detail. The popularity these letters obtained while making their appearance renders any further recommendation almost superfluous. But even were France more prolific of literature than it is at the moment, no one should neglect to read them in their collected form." – *Times*.

"M. Taine has here presented to us a most perfect reflex, of our domestic organism, held the mirror up to our nature and become the abstract and brief chronicle of our state and of our time. And scarcely more felicitous

has the author been than his translator. Mr. Rae has produced a reflex of the original so complete, that were not the latter before us, we should protest that England must be the native country of the writer as well as the subject of his work. Nothing in our language is more pure, elegant, and classical – there is not much that is more graphic, more sagacious, or more instructive.” — *Morning Advertiser*.

[s.t.] (355)

Enquanto *The Times* constata que qualquer crítica geral se afigura redutora, pois a beleza da obra encontra-se nos pormenores, *The Morning Advertiser* considera que o retrato da cultura inglesa é tão perfeito que o relato quase parece ter sido escrito por um nativo.

The Academy

1872

Juízo Literário: Político

M. Taine's Notes (the result of visits made to England in the years 1861-62 and 1871), together with the able contributions of M. Esquiros to the *Revue des Deux Mondes* will have the effect of establishing the long controverted fact that it is possible for a Frenchman to write of England without falling into a series of grotesque misrepresentations in regard to what concerns our social life and domestic habits. One of the leading French philosophers has come over with the intention of studying us, and the wish to like us, and if he has failed in the latter, it is owing to differences of idiosyncrasy between his nation and ours, the development of which is the chief object of his book.

[s.t.] (244)

Neste artigo, o crítico enaltece o facto de ser possível para um cidadão francês escrever acerca de Inglaterra, interpretando correctamente a vida social e os costumes dos ingleses. Apesar de Taine ter sido bem-sucedido no seu estudo, o articulista considera que aquele poderá não ter demonstrado toda a sua afectividade face aos ingleses, devido, em grande medida, às diferenças idiossincráticas que separam as duas nações, matéria que, aliás, constitui objecto do seu estudo.

The Bookseller

3 June 1872

Juízo Literário: Estético

“The book is brilliant and abounds in picture and anecdote, Mr. Rae having successfully carried over the author's free, fluent, garrulous manner.” — *Daily Telegraph*

(“Strahan & Co.'s New Books” 498)

Trata-se da transcrição de um anúncio publicado em *The Daily Telegraph*, cujo objectivo reside em captar o interesse do leitor, classificando a obra como brilhante.

The Spectator

20 Apr. 1872

Juízo Literário: Estético

“This volume possesses great value as a rapid, succinct, comprehensive sketch and critical survey of our English society and institutions. Even those who have made a careful study of their country will be benefited by the perusal of a book like this, where the whole field of English life is brought, as it were, within the compass of a glance.” — *Examiner*

(“New Books” 514)

The Spectator reproduz uma crítica publicada em *The Examiner*, na qual se atribui grande valor a *Notes on England*, por se tratar de uma recensão exaustiva mas de consulta rápida acerca da sociedade e das instituições inglesas.

The Journal of Science

11 Apr. 1874

Juízo Literário: Estético

Juízo Extraliterário: Estético

We know how eagerly M. Taine's “Notes on England,”

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

and on English Literature, were received; and although without doubt this was partly due to the eminence of the man, the cause mentioned above had also much to do with it. We have a powerful school of Psychology in this country at the present time, and a comparison and differentiation of the views of the more prominent members of it is desirable and important.

(“Notices of Books” 236)

Sublinha-se a existência de uma influente escola de Psicologia em Inglaterra e o interesse partilhado pelos seus membros, sem, contudo, se analisar as visões de Taine.

The Aldine

1874

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Moral

Taine, in his “Notes on England,” has assigned certain qualities to the English painters, which seem to him to have characterized their past work, and which must characterize their future. In the eyes of this Frenchman these peculiarities are artistic defects which can be enumerated under three heads: 1st, Their choice of subject; also caring more for the subject than the way it was treated; 2nd, Their high estimate of the soul of man; also nature in its relation to the soul of man, rather than the unmodified aspect of nature; 3rd, Their extravagance and crudeness of color. Considering the last charge first, it certainly has a truth in it. A strong imagination delights in color, and a painter vigorous in this faculty would express it in color, rather than form.

(“Two Drowned Ophelias” 58)

Trata-se de um artigo de opinião em que o articulista se mostra em total sintonia com a forma como Taine caracteriza as especificidades dos pintores ingleses.

The Pall Mall Budget

30 Jan. 1874

Juízo Literário: Estético/Moral

“Notes on England.” By H. Taine. Translated with an introductory chapter by W. F. Rae. Fifth and cheaper edition. (Strahan and Co.) That the translation of Mr. Taine's lively and entertaining “Notes on England” should have reached a fifth edition will surprise no one. Englishmen always like to read what is said of them by their neighbours, and since M. Taine knows more about this country than any living Frenchmen, and expresses what he knows with admirable clearness, his book is one calculated to excite curiosity and to gratify it. Moreover, the occasional blunders of the writer add to the reader's entertainment, and M. Taine's admiration for our English institutions naturally disposes us to respect his judgment. The work is eminently readable, and in spite of some glaring errors is perhaps the most suggestive and intelligent book of the kind that has been written by foreigner.

(“New Books and New Editions” 27)

O crítico de *The Pall Mall Budget* tem uma percepção positiva da obra, argumentando que Taine sabe mais acerca de Inglaterra do que qualquer outro francês e expressa, de forma clara, a sua admiração pelas instituições inglesas, pelo que conquistou, assim, o respeito dos britânicos. Apesar de se tratar de um livro inteligente, de entretenimento e que satisfaz a curiosidade do leitor, contém alguns erros.

The Law Journal

3 July 1876

Juízo Literário: Moral

Juízo Extraliterário: Moral

No man has ever paid a higher tribute to the capacity and character of the English judges than M. Taine himself. In his “Notes on England” he observes: ... “When the judge pronounces sentence, he does so with the authority and with the impartiality of a mind thoroughly convinced. He neither declaims nor indulges in invective. He neither conceals the weak points of the evidence nor exaggerates the points beyond dispute.”

[s.t.] (420)

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Alude-se ao facto de nenhum outro escritor prestar um tão grande tributo aos juízes ingleses, sobretudo ao mencionar a sua imparcialidade e a precisão das suas deliberações.

The Pall Mall Budget

6 Oct. 1876

Juízo Literário: Político

Juízo Extraliterário: Moral

It appears that M. Taine's Notes on England have given serious offence to his countrymen by the too 'flattering estimate of this country which they are held to contain. Impelled no doubt by an ardent love of justice, M. Francis Wey has taken upon himself to publish volume entitled "Les Anglais Chez Eux," which may be considered as a kind of answer to M. Taine. M. Wey has a very poor opinion of us indeed, considering us as little better than barbarians who have hypocritically assumed the outward manners of Puritans. "When Englishmen are not made of ice," he exclaims, "they are liable to fall into barefaced licentiousness. Their prudery is little more than a conventionality: forms are severe, words are veiled, language intolerant; but, in truth, modesty with them is only ill-temper; it lacks sincerity. The nation is of a reasoning temperament; it excels in a dissertation on the moral sentiments; with it love possesses neither the graces of unconstraint nor the simplicity which gives to modesty an odour of youth and naïveté! Young Englishwomen discuss the passions with no more emotion or scruple than a country housewife would show in talking of lye or preserves. To conclude: let us, frivolous children that we are, sworn votaries of fashion, good cookery, and dancing—let us fear the scorn of that austere and grave people which gives Europe so prodigal supply of highly instructed lady-companions, and governs by its dentists all the jawbones "of the Continent." All which proves M. Francis Wey to be an exceedingly eloquent writer, though perhaps a trifle obscure. The outburst of sarcasm at the close is peculiarly fine.

("Occasional Notes" 12)

Este artigo centra-se na conturbada recepção da obra de Taine em França, sobretudo devido ao facto de o autor ter elogiado, porventura de forma excessiva,

muitos aspectos da cultura inglesa. O ruído causado pelas vozes dos franceses que não se reviam numa aproximação a Inglaterra originou a publicação de *Les Anglais Chez Eux* (1856), por Francis Wey²⁰, onde se discutem as acusações de que os ingleses não passam de bárbaros disfarçados de puritanos. Segundo Wey, da natureza grave e séria dos ingleses fazem parte a razão e os sentimentos morais, mas, entre eles, o amor não é gracioso e a paixão não tem por onde arder. O articulista considera o discurso de Wey bastante eloquente, mas acusa-o de sarcasmo e de uma certa obscuridade. Esta última pode, de acordo com o crítico, adquirir um duplo sentido, querendo dizer, para além do óbvio, que Wey era um indivíduo ignorado e com pouca relevância.

Truth

4 Jan. 1877

Juízo Literário: Estético

His present book is as readable as anything from his pen, and that is no mean praise. What he is doing to make the ways of modern Frenchmen familiar to English readers, M. Taine has done to make his countrymen better acquainted with England. A seventh and cheaper edition of M. Taine's "Notes on England" (Daldy, Isbister, & Co.) has recently appeared. The work contains a few mistakes; but, as the late John Stuart Mill once remarked, these mistakes are very instructive. Now that it is sold at a very low price, its circulation ought to be largely increased. It is the best book ever written about this country by a Frenchman.

("Truth" 13)

Aqui reconhece-se sobretudo o serviço prestado por Taine aos leitores franceses por os familiarizar com a cultura inglesa.

Na imprensa inglesa encontra-se uma grande variedade de artigos. Muitos deles cumprem o propósito de agradecer a Rae pelo seu papel de mediador, por dar a conhecer alguns aspectos da obra, por elogiar o estilo do autor e as suas opiniões

²⁰ Escritor e historiador francês, Francis Wey (1812-1882) nasceu no seio de uma família de comerciantes de origem alemã. De entre as suas obras destacam-se *Londres il y a Cent Ans* (1859), *La Haute Savoie. Récits de Voyage et d'Histoire* (1865) e *Rome. Descriptions et Souvenirs* (1872).

positivas, por sublinhar a abundância de factos credíveis, reconhecendo alguma justiça nas comparações feitas entre as culturas, por lamentar o excesso de generalizações, por fazer publicidade à obra, por numerar alguns dos capítulos e temas mais interessantes, por provocar reacções ao incitar uma nação contra a outra (sugerindo que se investiguem, de forma mais profunda, as causas de certos factos) por promover o estreitamento das relações entre as nações, e por causar ruído com o anúncio de publicações que colocam em causa tudo o que foi dito acerca dos ingleses.

Com base na classificação dos tipos de discurso, uma análise comparada das duas amostras evidencia a existência de uma maior tendência para a controvérsia em França. Neste país, os artigos foram escritos, quase sempre, com o objectivo de lançar a discussão no meio intelectual. Por outro lado, na Grã-Bretanha, os artigos revelaram uma maior necessidade de vender a obra, contribuindo, deste modo, para a sua disseminação. Em suma, a recepção dos textos constitui uma espécie de espelho duplo, ora opaco, ora translúcido, demonstrando a eficácia das estratégias das editoras, as quais, dando a possibilidade de os leitores interpretarem e ajuizarem, de formas diversas, as observações do autor e do tradutor, contribuíram para o sucesso de ambas as obras.

Antes de se proceder à análise textual da tradução inglesa propriamente dita, que agora se impõe, importa dar a conhecer, de forma sumária, alguns aspectos da vida de W.F. Rae, o tradutor britânico. Deve notar-se que, ao contrário de Taine, cuja vasta obra despertou o interesse do público por uma biografia pormenorizada do autor, existe pouca informação disponível que permita apresentar uma retrospectiva minuciosa da vida e da obra de Rae. Todavia, um capítulo necessariamente mais curto, não retirará ao tradutor a importância que efectivamente teve.

3.2. William Fraser Rae

William Fraser Rae nasceu em Edimburgo, tendo sido jornalista, romancista, crítico e autor de livros de viagem e de história. Estudou na Moffat Academy e na

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Universidade de Heidelberg, a mais antiga universidade alemã²¹, que, curiosamente, serviu de modelo à fundação da Universidade de Paris. Em 1857, Rae entrou no Lincoln's Inn, um dos quatro "Inns of Court" situados em Londres²², obtendo uma licença, em 1861, para exercer advocacia. Mais tarde, trocou a advocacia pelo jornalismo, tornando-se director de *The Reader*, entre 1863 e 1864, e colaborador de *The Daily News*, onde também exerceu o cargo de correspondente especial nos Estados Unidos e no Canadá, onde aliás tinha família.

Periódico londrino publicado entre 1863 e 1867, *The Reader: A Journal of Literature, Science, and Art* pretendia ser um semanário literário de cariz erudito, que incluía uma lista completa de obras publicadas e alguns artigos de opinião acerca das obras mais em voga, em particular no âmbito da literatura estrangeira. Os primeiros anos da revista foram marcados pela influência de socialistas cristãos, como F.D. Maurice (1805-1872) e Thomas Hughes (1822-1896). Em 1864, Rae teve de abandonar o periódico por motivos de saúde. Inicialmente lançado por Thomas Hughes e Norman Lockyer (1836-1920) e adquirido por um consórcio de cientistas em 1864, o semanário acabaria por ser vendido, em 1865, a Thomas Bendyshe (1827-1886), advogado, tradutor e membro da Anthropological Society of London.

The Daily News (1846-1912) começou a ser publicado em 21 de Janeiro, pela editora e tipografia londrina Bradbury and Evans, fundada em 1830 por William Bradbury (1799-1869) e Frederick Mullett Evans (1804-1870), que também detinha a *Punch Magazine*, um semanário de humor e sátira, adquirido em 1842. O matutino de política liberal era dirigido por Charles Dickens (1812-1870) e visava competir com o *Morning Chronicle* (1769-1862). Dickens pretendeu direccionar o jornal para o caminho do progresso, da educação, da liberdade civil e religiosa e da igualdade. Contudo, devido a um desentendimento com os proprietários do jornal, que pretendiam desempenhar um papel mais activo nas decisões editoriais, Dickens demitiu-se, cedendo o lugar ao seu amigo John Forster (1812-1876), biógrafo e crítico. Dickens continuou a contribuir para a secção "travelogue", com artigos como "Pictures from Italy" (1846), baseado nas suas viagens. O jornal continuou a lutar, ao longo dos anos, pela liberdade

²¹ Fundada em 1386, a Universidade localizava-se num dos principais centros do Calvinismo, no século XVI.

²² Os "Inns of Court" formam o conjunto de associações profissionais dedicadas à formação de advogados, em Inglaterra e no País de Gales, sendo constituídos por quatro centros: Gray's Inn, Lincoln's Inn, Inner Temple e Middle Temple.

de imprensa e por reformas no campo socioeconómico e político, identificando-se com o Partido Liberal. Dedicou-se também à cobertura de acontecimentos bélicos, mantendo uma série de correspondentes em países estrangeiros.

Quando a linha transcontinental de caminhos-de-ferro ficou completa, em Promontory, Utah, em 1869, Rae empreendeu a viagem de New York a San Francisco com o intuito de relatar as acomodações, as paisagens, os incidentes e, de forma mais pormenorizada, as comunidades de San Francisco, Chicago e Salt Lake City, por onde passou. Rae foi publicando as suas experiências de viagem em artigos de *The Daily News*, os quais foram posteriormente publicados em volume, sob o título *Westward by Rail: The New Route to the East* (1870), em Londres. Em 1877, Rae publicou *Columbia and Canada: Notes on the Great Republic and the New Dominion*, um suplemento a *Westward by Rail*, resultante de uma viagem por si realizada aos Estados Unidos, no ano anterior, ao tempo da comemoração do centenário da Independência, na International Exhibition, em Philadelphia. Os volumes *Newfoundland to Manitoba, a Guide Through Canada's Maritime, Mining, and Prairie Provinces* (1881) e *Facts about Manitoba* (1882) constituem outros exemplos da sua escrita de viagens. Antes de publicar o primeiro, Rae visitou uma parte considerável da, então, British North America (1783-1907)²³, exceptuando a British Columbia, e comunicou o resultado das suas observações a *The Times*. Ficou a saber-se que a Newfoundland (em português, a Ilha da Terra Nova), situada a Noroeste do Oceano Atlântico, não era, afinal, um local tão nebuloso e coberto de neve como se pensava, tendo em conta a diversidade de produtos aí disponíveis.

No mesmo ano em que publicou a tradução *Notes on England* (1872) saiu, também pela Strahan & Co., o *Hand-book of Social Economy; or, The Worker's ABC* (1872), traduzido a partir de *ABC du Travailleur* (1868), de Edmond François Valentin About (1828-1885), o qual, curiosamente, tal como Taine, também frequentara a École Normale, cujo principal objectivo, aliás traçado pela Revolução Francesa, era o de formar professores com espírito crítico que propagassem os valores do iluminismo. Quando, em 1848, Edmond foi admitido, ficara em segundo lugar no concurso para admissão, logo a seguir a Hippolyte Taine. Quando terminou os estudos, não querendo ser professor, Edmond virou-se para a literatura e para o jornalismo, demonstrando, desde logo, alguma aptidão para a sátira e crítica anticlerical. Entrou para a maçonaria

²³ Estes territórios constituem hoje o Canadá.

em 1862, tendo sido eleito membro da Académie Française em 1884. Apesar de não ser um economista, esta obra permitiu-lhe levar a cabo uma reflexão em torno do papel do trabalho no seio das sociedades industriais. Outra selecção e tradução relevante de Rae é *English Portraits* (1875), de Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), cujo original, *Causeries du Lundi*, foi publicado em quinze volumes, entre 1851 e 1862. Trata-se de uma série de seiscentos e quarenta textos críticos e biográficos acerca de temas literários e autores europeus, publicados semanalmente, ao longo de duas décadas (1849-1869), em vários periódicos parisienses, como *Le Constitutionnel*, um jornal de cariz político e literário fundado em Paris durante a Guerra dos Cem Dias (1815). Como era habitual nas traduções de Rae, esta incluía um capítulo introdutório sobre a vida e a obra do autor.

À partida, existe um vector transversal a estas três traduções: todas elas são de obras de autores franceses. Para além disto, Taine e About cruzaram caminhos; Taine e Rae eram amigos; Taine trocava correspondência com Sainte-Beuve, considerando-o o seu mentor intelectual; *Notes on England* e *Hand-book of Social Economy* são ambas publicações da Strahan & Co.; e, finalmente *English Portraits* foi publicado pela Daldy, Isbister & Co., um projecto mantido por William Isbister, entre 1874 e 1878.

Estes constituem, assim, os aspectos mais relevantes no respeitante a W.F. Rae e à sua relação com as viagens e a tradução.

3.3. Análise Textual da Tradução Inglesa

O principal caso de omissão, a analisar no subcapítulo 3.3.1., será alvo de uma abordagem crítica de cariz cultural, conferindo-se ênfase à tradução dessa omissão, do francês para o português, acrescida de um comentário crítico, de modo a veicular alguns aspectos da cultura *underground* britânica omitidos na única tradução inglesa do século XIX. Ao invés de se comparar o texto original com uma tradução inglesa do século XX, manteve-se o foco no século XIX, optando-se por uma tradução para o português, de modo a tentar perceber-se melhor as razões susceptíveis de explicar tal omissão. Não obstante, a cultura inglesa constitui o principal objecto de análise nesta tradução. O subcapítulo 3.3.2. centrar-se-á na exposição de alguns casos pontuais de tradução que exigem uma análise de cariz linguístico.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Deste modo, a análise textual prevista não visa contemplar todos os aspectos da cultura e da língua inglesas presentes na tradução de Rae, pois, tendo em conta a extensão da obra, optou-se por centrar a discussão em matérias com menos visibilidade, as quais possam servir de mote a uma investigação futura. De facto, alguns dos assuntos em causa, embora continuem a ser, ainda hoje, tabu, nunca perderam a sua actualidade.

3.3.1. Caso de Omissão

Segundo Vinay and Darbelnet, a adaptação é frequentemente usada, nomeadamente quando uma determinada situação, a que a mensagem do texto de partida se refere, é desconhecida na cultura de chegada. Neste caso, o tradutor vê-se obrigado a criar uma nova situação, capaz de substituir a situação original (*Comparative Stylistics of French and English* 39). Trata-se de uma estratégia local e não global, aplicada a situações particulares, em que se torna necessário encontrar uma forma de equivalência para resolver o problema do contraste cultural. Assim, se, por um lado, a adaptação pode ser necessária para garantir a coesão da mensagem a nível global, evitando que a tradução resulte num texto artificial e estrangeirizado, por outro lado, pode constituir o resultado de uma manipulação do texto de partida (Bastin, “Adaptation” 4). De acordo com Georges Bastin, as formas de adaptação podem ser classificadas da seguinte maneira:

Transcrição do Original	Citação directa de parte do texto original acompanhada por vezes de uma tradução literal.
Omissão	Eliminação parcial do texto.
Expansão	Adição ou explicitação de informação do texto de partida no corpo do texto, prefácio, notas de rodapé, glossário.
Exotismo	Substituição de marcas de gíria, calão, variação dialectal, termos sem sentido, etc. do texto de partida por equivalentes que causam um efeito estranho ou algo grosseiro na língua de chegada (muitas vezes sublinhados ou assinalados a itálico).
Modernização	Actualização de informação obsoleta e obscura por equivalentes modernos.
Adaptação Situacional ou Cultural	Recriação de um contexto mais familiar ou culturalmente mais apropriado ao leitor

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

	de chegada do que o apresentado no texto de partida.
Criação	Reformulação global do texto que implica preservar apenas a mensagem, as ideias e a função do original.

Fig. 64. Modos de Adaptação (Bastin 4).

A partir do quadro acima exposto (Fig. 64) depreende-se que a adaptação pode adquirir uma forma, ou não, como se verifica no caso da “omissão”. De acordo com Andrew Chesterman, a omissão, em sentido amplo, pode assumir duas formas diferentes: “implication” e “omission”(em sentido estrito). No primeiro caso, apesar de o tradutor decidir omitir elementos do texto de partida, a informação omissa pode ser inferida a partir dos elementos do texto de chegada. No segundo caso, o tradutor decide omitir elementos do texto de partida que jamais poderão ser inferidos a partir dos elementos do texto de chegada (Chesterman 106).

Na tradução de Rae, torna-se possível encontrar um exemplo para cada um dos conceitos, como se constatará em seguida. O exemplo de “implication” escolhido, não tem qualquer influência ao nível do sentido local ou global do texto: a locução “dernière journée” (Fig. 65) fica omissa no início da frase. Apesar de se tratar de uma informação pertinente, pode ser inferida mediante um contexto mais alargado do que o apresentado abaixo:

FR	EN
<p>... Dernière journée, de York à Londres. Il faut faire son métier jusqu’au bout; je reste en troisième classe, pendant neuf heures, pour bien voir les gens du peuple.</p> <p>(Taine, <i>Notes sur l’Angleterre</i> 387)</p>	<p>From York to London. — As my duty must be performed to the end, I remain in a third-class carriage for nine hours, in order to have a good view of the commonalty.</p> <p>(Rae, <i>Notes on England</i> 370)</p>

Fig. 65. “Implication”.

O caso da omissão (integral de partes ou capítulos de uma obra) pode não causar estranheza no leitor, pelo facto de se tratar de partes autónomas, sem influência nas subsequentes, nem no sentido global do texto. Todavia, a sua ausência significa que há algo não reproduzido no sistema de chegada. Por outro lado, quando determinadas partes do texto não gozam de autonomia, torna-se mais difícil para o tradutor recortá-

las, devido não só ao seu grau de ramificação, mas também ao facto de o leitor se aperceber de que alguma coisa está em falta.

Ao comparar a tradução de Rae com o texto original verificou-se que a primeira omitia uma parte considerável relativa ao capítulo “Mœurs et intérieurs” (pp. 89-134), designadamente as pp. 126-134. A ser incluída na tradução, aquela teria de vir logo após a p.119, cap. VIII. Por este caso merecer particular atenção no âmbito do presente trabalho e pelo facto de a tradução de Rae ter sido a única a ser compilada em Oitocentos, optou-se por traduzir a parte omissa, directamente do francês para o português. Importa sobretudo dar relevo a aspectos da vida inglesa, que não foram incluídos em *Notes on England* e que, de alguma maneira, podem contribuir para dar a conhecer uma realidade actual, que sempre existiu, mas que, em todas as épocas, se fez o possível por ignorar. Como a mera descrição dos factos se revela insuficiente, acrescem à nossa tradução alguns comentários. O foco reside na análise da cultura inglesa e não na comparação dos textos ou na análise de elementos linguísticos.

FR	PT
<p><i>Notes sur l'Angleterre</i></p> <p>Hippolyte Taine</p> <p>III</p> <p>Mœurs et intérieurs (pp. 89-134)</p> <p>Trecho Omisso (pp. 126-134)</p> <p>[Está em falta em <i>Notes on England</i>, a partir da p.119, cap. VIII]</p>	<p>(Nossa Tradução)</p>
<p>Il n'est pas facile de faire causer un Anglais sur les amours irrégulières; pour beaucoup d'entre eux, c'est un livre scellé dont la seule mention est choquante, et chez eux, l'écriture est encore plus discrète que la parole. On sait combien leurs romans sont réservés; il n'y en a pas qui ne puissent être lus par les jeunes filles (126).</p>	<p>Não é fácil pôr um inglês a falar acerca de amores que fogem à regra, os chamados amores irregulares. Para muitos, trata-se de um livro selado relativamente ao qual qualquer menção é chocante. Entre eles, a escrita ainda se torna mais discreta do que a fala. É conhecida a reserva a que estão sujeitos os seus romances, mas, não há nenhum que não possa ser lido pelas raparigas.</p>

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Este primeiro trecho deixa claro o porquê de Rae o ter excluído da sua tradução. Taine escreve num tom provocatório, deixando implícito que o homem inglês é reservado no respeitante às relações amorosas extraconjugais e que a mulher nem por isso deixa de ser indiferente a estes romances.

S'ils amènent sur la scène une femme qui se conduit mal, c'est pour l'en retirer vite, avec un geste de (126) mépris ou de dégoût; il semble alors qu'ils marchent sur des charbons ardents; ils esquivent le détail scabreux ou le rejettent dans l'ombre, à distance. Chez eux, une coquine n'est jamais attrayante, et toujours elle est repoussante. Thackeray, dans *Vanity Fair*, a osé mettre une intrigante au premier rang; comparez sa désagréable Rebecca Sharp à madame Marneffe de Balzac. Dans *Pendennis*, il esquisse une séduction de grisette; mais la séduction n'aboutit pas, et l'histoire de la petite Fanny semble écrite par un clergyman (127).

Se eles se referem a uma mulher cujo comportamento é desviante, é para logo a censurarem com um gesto de desprezo ou repulsa, como se as brasas que pisam queimassem. Os ingleses evitam os detalhes escabrosos ou distanciam-se deles, omitindo-os. Entre eles, uma *coquine* [mulher libertina] nunca é vista como atraente, sendo sempre repugnante. Por exemplo, Thackeray, em *Vanity Fair*, ousou dar relevância a uma intrigante; compare-se a sua desagradável Rebecca Sharp à Madame Marneffe de Balzac. Apesar de *Pendennis* planejar uma sedução da *grisette*, esta não é bem-sucedida, dando a entender que a história da pequena Fanny mais parece ter sido escrita por um clérigo.

Taine faz um juízo de valor acerca do modo depreciativo como o homem inglês trata as mulheres que adoptam comportamentos considerados desviantes, decorrentes, em grande medida, da literatura, em particular da leitura de romances.

A cet égard, ils sont tous un peu clergymen et prudes. — Si on portait la question au tribunal d'un naturaliste, il dirait sans doute que les races diffèrent du tout au tout, l'une ayant la pudeur du chien, l'autre celle de l'éléphant, et la seconde cachant tout ce que la première affiche. Par suite, notre étalage exagère et leur réserve atténuée; il faut défalquer de ce que nous disons et ajouter à ce qu'ils disent. Néanmoins, après divers entretiens et beaucoup d'observations, je leur crois plus de retenue qu'à nous. On en donne les raisons suivantes (127).

A propósito, todos eles têm um pouco de clérigos e de puritanos. Se se levantasse a questão no tribunal de um naturalista, este diria inequivocamente que as raças são em tudo diferentes, uma tendo o pudor do cão, a outra a do elefante, escondendo a segunda o que a primeira exhibe. Em consequência, e correndo o risco de cair no exagero, esta exposição requer alguma contenção, pois é essencial subtrair a nossa opinião do que eles têm para dizer. No entanto, após várias entrevistas e muitas observações, acredito que os ingleses são mais contidos do que nós. Apresentar-se-á de seguida uma justificação para tal.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Para Taine, os factores hereditários moldam o comportamento e o modo de ser de um povo. Assim, considera os ingleses mais contidos do que os franceses, mostrando-se disposto a partilhar o resultado das suas observações e entrevistas para justificar a sua afirmação.

L'éveil des sens est tardif; Tacite l'avait déjà remarqué. A cet égard, et d'une façon générale, l'homme du Nord est moins précoce que celui du Midi; ceci est un trait de la race, un des caractères originels qui opposent le Germain au Latin (127).

O despertar dos sentidos é tardio. Tácito já havia chamado a atenção para isso. Neste sentido, e de uma maneira geral, o homem do Norte é menos precoce do que o homem do Sul. Trata-se de uma característica original da raça, que distingue, por exemplo, os povos germânicos dos povos latinos.

Para Taine, há diferenças marcadas pelo meio, daí que os povos do Norte sejam tão diferentes dos povos do Sul. Na sua opinião, o homem do Norte é menos precoce.

De nos jours encore, à Iéna, à Leipzig, à Halle, à Bonn, beaucoup d'étudiants aux universités s'associent pour faire vœu de continence. Les timides sont très-nombreux, et sur cet article presque tous sont timides (127). Ils travaillent beaucoup et la concurrence les aiguillonne; il s'agit de s'ouvrir une carrière; comme le confortable est très-coûteux et qu'il faut gagner beaucoup d'argent, l'esprit est tout tendu; l'imagination n'a pas de loisir. Les exercices physiques sont un dérivatif; pour se reposer du travail, ils rament, patinent, jouent au cricket, montent à cheval, voyagent, vont chasser dans les Highlands ou à l'étranger, faire des ascensions et des excursions; un jeune homme, riche et oisif, ne passe guère que trois mois à Londres, et les tentations de Londres sont bien moins séduisantes que celles de Paris (128).

Ainda hoje, em Jena, Leipzig, Halle, Bona, há muitos estudantes universitários que se unem para fazer voto de abstinência. Os tímidos são em grande número e, no respeitante a este assunto, quase todos eles são tímidos. Trabalham muito e sentem-se estimulados pela competição, pois trata-se de construir uma carreira. Como o conforto é muito caro e exige muito dinheiro, existe alguma tensão e falta de desprendimento. Por isso, os exercícios físicos funcionam como uma distração para fugir à rotina do trabalho: vão remar, patinar, jogar críquete, andar a cavalo, viajar, caçar nas Terras Altas ou no estrangeiro, escalar ou fazer uma excursão. Um jovem rico e ocioso dificilmente passa mais de três meses em Londres, ainda que as tentações de Londres sejam muito menos atraentes do que as de Paris.

Dá-se o exemplo dos estudantes universitários germânicos, que sendo em grande número tímidos, muitos deles optam por se dedicarem a uma carreira capaz de sustentar uma vida de luxo que traz consigo a necessidade de escaparem à rotina do trabalho, praticando actividades ao ar livre.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

L'opinion est moins tolérante que chez nous, et on la craint fort. La plupart gardent tard ou jusqu'au bout leurs croyances religieuses, ce qui est un frein faible, mais pourtant un frein (128).

A opinião pública é menos tolerante do que a nossa e é temível. A maioria mantém até tarde ou nunca chega nunca a perder as suas crenças religiosas, o que, apesar de constituir um pequeno obstáculo, não deixa de ser um obstáculo.

Ao deixar explícito que a religião constitui um obstáculo ao desenvolvimento destes jovens, Taine deixa implícito que um ambiente de cepticismo é mais propício ao espírito crítico e que a alegada maioria que nunca perde as suas crenças fá-lo com receio da opinião pública.

De bonne heure l'Anglais songe au mariage, bâtit en imagination son petit roman de cœur et de félicité domestique. Toute la littérature contemporaine, prose et vers, l'entretient dans cette idée, qui, ayant pris racine, exclut l'idée contraire. Car si le rêve pur et charmant ne supprime pas la brutalité, il découronne la galanterie. Celle-ci retombe tout de suite au niveau des amusements ordinaires, assez bas; on se dit: « Il y a mieux, » et désormais elle perd son plus vif attrait, la chance d'être confondue avec le bonheur suprême (129).

Os ingleses começam a sonhar com o casamento desde cedo, imaginando o seu pequeno romance amoroso e a felicidade doméstica. Toda a literatura contemporânea, em prosa ou em verso, alimenta esta ideia, que, ao ter ganho raízes, passou a excluir a ideia oposta. Se, por um lado, o sonho puro e encantador não acaba com a brutalidade, por outro lado, destrona o galanteio. Este cai imediatamente para o nível das diversões ordinárias, um nível bastante baixo, sendo frequente dizer-se: "Há melhor". Doravante, o galanteio perde toda a sua atractividade, a oportunidade de ser confundido com a felicidade suprema.

Ao reconhecer que os ingleses dão muito valor ao casamento, Taine vê esta instituição incapaz de satisfazer inteiramente as necessidades do indivíduo, não sendo mais do que uma construção reproduzida e transposta, com a ajuda da tradição literária, para o sonho e do sonho para uma realidade, muitas vezes, brutal.

La grisette, la lorette, la petite femme amusante et sémillante est une espèce rare. Il ne reste guère que la fille des rues, qui sent le gin, rebute ou fait pitié. D'autre part, comme on l'a vu, les femmes mariées (128) sont presque toutes fidèles. B... prétend qu'il y a des exceptions dans la très-haute classe, des aventures comme celles de lady Adelina dans le *Don Juan* de lord Byron, à là campagne, avec un

A *grisette* [prostituta em *part-time*], a *lorette* [prostituta em *full-time* classificada abaixo da cortesã (*maîtresse libre; courtisane*)], a mulherzinha engraçada e brilhante está em vias de extinção. Já não resta mais do que a rapariga de rua, que cheira a gin, que causa repulsa ou dá pena. Por outro lado, como se viu, as mulheres casadas são quase todas fiéis. B... afirma que há excepções na classe

secret et des précautions infinies (129).

mais alta, aventuras em segredo passadas no campo e com muitas precauções tomadas, como as de *Lady Adelina* em *Don Juan* de Lord Byron.

Estabelece-se um paralelismo entre a mulher casada e fiel e a rapariga de rua, subentendendo-se a existência de um fosso entre as duas que poderia ser preenchido por outros tipos comuns em França, como a *grisette* e a *lorette*. Neste cenário, a mulher casada, para não ser retratada como uma marginal, vê-se obrigada a esconder-se por detrás do seu papel socialmente aceite, para assim poder dar asas aos seus desejos mais íntimos. Por outro lado, a rapariga de rua não tem outra alternativa senão ser alvo de repulsa e pena. Mais uma vez, os exemplos da literatura são transportados para a realidade, algo notório pela excepcionalidade da classe mais elevada.

— Mais c'est chez les *shopkeepers* aisés (boutiquiers), que les accidents sont le plus fréquents, parce que la femme est oisive. N'ayant pas, comme en France, la ressource du théâtre et des visites, ni, comme les femmes de gentlemen, celle du patronage et des leçons aux pauvres, placées au-dessus du besoin, ne mettant jamais la main à la cuisine et à la couture, elles sèchent sur pied; par ce grand vide de l'ennui la porte est ouverte aux séductions. L'amant est le plus souvent un homme du monde, un gentleman riche qui achète chez elles. — Au reste, sauf pour quelques profligates, la situation est déplaisante. Un Anglais à l'état d'adultère est malheureux; sa conscience le tourmente au plus beau moment (129).

/
/

Todavia, entre os comerciantes ricos os acidentes são mais frequentes, muito por culpa do ócio da mulher. Não tendo, como em França, o teatro e as visitas para se ocuparem, nem, como as mulheres dos senhores, o apoio e as lições aos pobres às quais se dedicarem, capazes de se sobreporem à sua necessidade, nunca pondo os pés na cozinha ou as mãos em linha e costura, acabam por morrer de tédio. Precisamente através deste vazio enfadonho, a porta abre-se à sedução. Através dela chega o amante, na maioria das vezes um homem do mundo, um cliente habitual e com dinheiro. Para além disto, à excepção de algumas extravagâncias, a situação é desagradável. Um inglês adúltero é infeliz, pois a sua consciência vai atormentá-lo até nos mais belos momentos.

O estereótipo do comerciante rico, casado com uma mulher ociosa e adúltera, constitui, para Taine, não só uma realidade para a mulher, mas também uma fatalidade para o marido enganado. Deve notar-se, na primeira frase, o jogo de palavras entre, por um lado, *shopkeeper* (comerciante) e *boutiquier* (que, em inglês, também pode significar *small-minded*), e, por outro lado, a palavra *oisive* (ociosa), cujo som que se assemelha a *oiseau* (ave). Assim, por detrás do ócio encontra-se implícita uma necessidade “natural”, por parte da mulher, em procurar relações extraconjugais.

Quant aux maîtresses libres (kept women) on les cache. A cet égard, la réserve est extrême, obligatoire. Un jeune homme qu'on me cite était en barque sur la Tamise avec sa maîtresse et la menait dîner. Passe un bateau à vapeur, où il aperçoit le fiancé de sa sœur; de honte et d'émotion, il refuse de continuer la partie et rame à terre; cependant il n'avait pas été vu (129).

Quanto às amantes livres, isto é, mulheres sustentadas por um homem, a troca de favores sexuais, essas são escondidas. E todo o cuidado é pouco. Contaram-me, a propósito de um jovem que tinha levado a sua amante para jantar, que no momento em que se encontravam os dois num barco sobre o rio Tamisa, passou um barco a vapor, onde ele se apercebeu de que o noivo da sua irmã ia a bordo. Cheio de vergonha e emoção, viu-se obrigado a interromper o momento romântico e remou para terra. Apesar do embaraço, ninguém o viu.

Este comentário reflecte o que foi afirmado atrás, a propósito do homem inglês ser reservado. Ao sustentarem uma amante livre, alguns homens fazem-no às escondidas, na tentativa de manter as aparências e de não quebrar certas regras de conduta que a sociedade lhes impõe.

— W... a beaucoup voyagé; je cause familièrement avec lui depuis quinze jours; il a vingt-huit ans, et je suis sûr qu'il est sincère; pourtant, quand j'ai voulu le faire parler sur le monde excentrique, il a paru embarrassé, mal à l'aise. Il déclare qu'il ne sait rien de ce monde ni des jeunes gens irréguliers, qu'il n'a pas de commerce avec eux, qu'on est très-tenu à Londres par les devoirs de (129) profession, de famille, par les exercices physiques, le cricket, l'équitation, le métier de volontaire. Un Français de son âge et qui, comme lui, aurait vu les deux mondes, serait dénoué jusqu'à en être désossé (130).

/

W ... é muito viajado. Há já quinze dias que trocamos palavras. Ele tem vinte e oito anos e tenho certeza de que é sincero. No entanto, quando eu queria fazê-lo falar sobre o mundo excêntrico, ele parecia-me embaraçado, desconfortável. Afirmou que nada sabe acerca deste mundo ou dos jovens que adoptam comportamentos que fogem à regra, não estabelecendo relações comerciais com eles, porque está sempre preso em Londres pelos deveres da profissão e da família, bem como pelo tempo que gasta a praticar exercício físico, críquete, equitação ou voluntariado. Um francês da sua idade que, como ele, tivesse visto os dois mundos, tê-lo-ia sugado até ao tutano.

Admite-se aqui a existência de dois mundos paralelos: um em que as pessoas agem de acordo com as normas sociais impostas e aceites pela maioria dos seus membros, e outro em que os ingleses se despem dos seus preconceitos, para dar asas ao desejo e à imaginação.

— B... rencontre aux eaux un clergyman avec une jeune femme, jolie et décente, se lie avec eux, et veut les présenter à sa femme. Le clergyman esquivé l'offre pendant quelques jours, puis à la fin lui demande une conversation particulière, lui avoue que cette jeune femme est une governess, sa maîtresse; cet aveu fait, il se retire; jusque dans sa faute, il gardait son respect pour le mariage (130).

B... encontra nas águas termais um clérigo com uma jovem bonita e decente. Depois de se juntar a eles, decide que quer apresentá-los à sua mulher. O clérigo evita dar prontamente uma resposta, pedindo, depois de alguns dias, para terem uma conversa em particular, admitindo que essa jovem é uma governanta e sua amante. Depois da confissão, o clérigo retirou-se, pois, mesmo consciente da sua culpa, mantinha o respeito pelo casamento.

Tendo em conta a relação de cumplicidade que muitos clérigos mantinham com os seus fiéis, tornava-se bastante comum estas relações adquirirem outros contornos, principalmente quando se tratava de mulheres em situações muitas vezes vulneráveis e que requeriam um maior cuidado.

— Ceux des jeunes riches qui ont une maîtresse la mettent dans une maison hors de Londres; ils y vont le dimanche pour revenir le lundi. Même dans ses irrégularités, l'Anglais aime le foyer, le home: il veut une femme qui soit à lui, à lui seul, et pas publiquement; sa « petite maison » est une sorte de ménage. Le plus souvent sa maîtresse est une fille de fermier, une gouvernante; celles-ci, nées de pasteurs pauvres, souvent bien élevées et jolies, solitaires dans un intérieur étranger, où elles sont demi-domestiques et demi-convives, sont exposées à d'étranges tentations. — Beaucoup de ces unions durent longtemps, et quelques-unes toute leur vie. — Parfois, après une longue connaissance, l'amant vous invite à dîner: « Venez chez my little girl, elle est tout à fait une lady. » Vous trouvez une personne occupée de son intérieur, décente, de bonne tenue; vous devez parler comme si vous étiez chez une vraie dame; un mot leste la choquerait; elle ne se fait pas gamin, garçon, camarade comme à Paris (130).

Os jovens ricos que têm uma amante acabam por colocá-la numa casa nos arredores de Londres onde vão todos os domingos para voltar na segunda-feira. Tratando-se de uma situação que foge à regra, o inglês gosta do aconchego do lar e quer uma mulher que seja dele, só dele, e que não desfile publicamente. A sua "casinha" é uma espécie de família. Na maioria das vezes, a amante é filha de um lavrador, uma governanta, geralmente bem-educada e bonita, sozinha num interior estranho, onde, desempenhando tanto o papel de doméstica como o de convidada, acaba por estar exposta a estranhas tentações. Muitas destas uniões chegam a durar muito tempo, algumas uma vida inteira. Por vezes, depois de se conhecerem melhor, o amante sente-se confortável para convidar outras pessoas para os visitar, nomeadamente para jantar: "Venha ver a minha menina, ela é uma verdadeira dama." As pessoas encontram uma pessoa introspectiva, decente e de boas maneiras. Deve falar-se como se estivesse na casa de uma dama de verdade, pois qualquer palavra inconveniente a chocaria. Ela não se faz de garota, de solteira ou de colega, como em Paris.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Aqui, surge o caso da amante de origem humilde, que estabelece uma relação com um homem casado, o qual, pela sua condição socioeconómica, tem possibilidades de a manter numa espécie de matrimónio fictício, longe dos olhares indiscretos.

— S..., qui a vécu chez nous, prétend que, pour un de ces ménages irréguliers en Angleterre, il y en a trois en France. Très peu de lorettes; cette espèce qui, dans les derniers temps, a pullulé et s'est si fort étalée à Paris, n'est qu'une mince colonie à Londres; je parle de celles qui ont un salon, une voiture, qu'on voit au bois, dont les petits journaux rapportent les faits et gestes, et qu'on peut comparer aux hétaires d'Athènes, aux *cortigiane* du seizième siècle. Il y en a cependant, c'est une importation continentale. A Hyde-Park, j'en ai vu trois ou quatre très-affichées, que l'on montrait au doigt, et que l'insolence grossière de leur toilette désignait assez (131).

- S ..., que morava conosco, afirma que, em Inglaterra, por cada uma dessas relações que fogem à regra, há três em França. As *lorettes*, esta espécie que, nos últimos tempos, se multiplicou e se espalhou por Paris, são muito poucas em Londres, apenas uma colónia insignificante. Essas que têm um *salon*, uma viatura própria, que se vêem pelo bosque, cujo comportamento é acompanhado por jornais de menor dimensão, podem comparar-se à hetera da Grécia Antiga ou à *cortigiane* do século XVI. Trata-se, portanto, de uma importação continental. No Hyde-Park, havia três ou quatro que saltavam à vista e cuja indecorosa higiene era já bastante elucidativa.

Na Grécia Antiga, a hetera era uma cortesã elegante e instruída que encontra o seu equivalente moderno na prostituta de luxo que atende apenas clientes da classe alta. Este trecho denota a tentação do autor para descrever certos fenómenos da cultura britânica com base no que se passa em França, encontrando-se separados apenas pela intensidade com que se fazem sentir. Tratando-se de um discurso para dentro e não para fora, o efeito acentua as parecenças.

— Un de mes amis est allé chez l'une de celles qui tiennent le haut du pavé. Elle reçoit des lords et les fait jouer aux cartes. Ceux-ci fument chez elle, et croisent leurs jambes, ce qu'ils font assez gauchement. L'entrain, la malice, la gaieté pétillante et mousseuse seraient des ingrédients nécessaires pour assaisonner une pareille soirée; mais ici ils manquent (131).

Um amigo meu foi a casa de uma das mais procuradas da calçada, que recebe *Lords* e os deixa jogar às cartas. Fuma-se e cruza-se as pernas desajeitadamente. A animação, a malícia, a alegria cintilante e espumosa seriam ingredientes necessários para temperar semelhante serão, mas, aqui, falta-lhes qualquer coisa.

A ideia de que os serões londrinos são incomparáveis aos de Paris constitui, neste caso, uma estratégia discursiva para encobrir algum desconhecimento acerca de uma realidade relatada por um amigo, que não apresenta informação suficiente para se

poder tirar conclusões. A comparação acaba por ser de maior utilidade para informar o leitor francês acerca de factos da sua própria cultura.

— B... ajoute en riant: « Ma première visite m'a coûté une guinée en billets de concerts; j'ai trouvé cette manière de m'instruire trop coûteuse pour un simple esquire, et j'ai envoyé ma carte à la dame avec un sonnet et P. P. C. au bas. » — Quelques-unes sont d'admirables écuyères. — Mais toutes ensemble ne suffisent pas à faire un demi-monde rival de l'autre; le fossé qui sépare la vertu de la débauche est ici profond et abrupt; il n'a pas d'escalier comme en France. De même dans leur religion: d'un côté le paradis, de l'autre l'enfer; point de station moyenne, de purgatoire. Il ne reste donc qu'une issue au tempérament, la plus simple et la plus grossière. Brillat-Savarin disait: « L'animal se repait, l'homme mange, le gourmet seul (131) sait manger. » Très-certainement en ceci comme dans leur cuisine, ils ignorent les préceptes de Brillat-Savarin (132).

B... acrescenta com uma gargalhada: “A minha primeira visita custou-me uma *guinea* em bilhetes para espectáculos, mas esta forma que encontrei para me informar revelou-se demasiado cara para um simples escudeiro. Então, enviei o meu cartão à dama com um soneto e *P. P. C.* na parte inferior.” Apesar de algumas delas serem cavaleiras admiráveis, todas juntas não são suficientes para pôr meio mundo contra o outro. O fosso que aqui separa a virtude da devassidão é profundo e abrupto, não tendo escadarias como em França. O mesmo se passa com a religião deles: de um lado, o paraíso, do outro lado o inferno, com o purgatório pelo meio. Logo, para haver equilíbrio, só há uma saída, a mais simples e a mais grosseira. Brillat-Savarin disse: “L'animal se repait, l'homme mange, le gourmet Seul sait manger.” Obviamente, tanto aqui como na culinária, eles ignoram os preceitos de Brillat-Savarin.

Passando dos testemunhos e da descrição para a crítica, Taine criou a imagem de um contexto social dominado por dois mundos sociais e psicológicos antagónicos, incapazes de se interpenetrar, ao contrário da França, onde os actos de uma das facções mais facilmente têm efeitos práticos na outra, onde certas atitudes socialmente reprováveis encontram na cumplicidade a aceitação dos seus participantes.

Le jour, dans Strand et dans Haymarket, quantité de boutiques et de maisons à peu près convenables présentent cet écriteau: *Beds to let*. Le soir, aux mêmes endroits et ailleurs, quantité de figures qui entrent et sortent ont le type, la tournure et la gravité anglaises. Homme mûr ou jeune homme de condition respectable, ce soir-là le promeneur est censé en voyage ou au club. Il ne s'affiche pas, il n'offre pas son bras; son expédition est secrète et anonyme; elle n'est qu'un débordement de la brute que

Durante o dia, em Strand e Haymarket, há várias lojas e casas mais ou menos decentes que apresentam o seguinte sinal: *Beds to let*. À noite, nos mesmos lugares e um pouco por todo o lado, há sempre figuras típicas a entrar e a sair que correspondem ao aspecto e à seriedade ingleses. Seja um homem maduro ou um jovem de condição respeitável, supõe-se que nessa noite o acompanhante vá de viagem ou ao clube. Não se exhibe, não oferece o braço, a sua actividade é secreta

chacun de nous porte en soi (132).

e anónima, não representando mais do que o transvazar da brutalidade que cada um encerra dentro de si.

Taine apresenta uma curta descrição de um serviço de acompanhantes que funciona de forma discreta e anónima. Aparentemente não há exclusividade e atendem-se homens, na sua maioria, ingleses.

— Deux gros négociants qu'on me cite viennent dernièrement dans une grande ville, débarquent en un certain endroit chacun avec quarante livres sterling, s'y enferment, n'en sortent ni jour ni nuit, et s'occupent à boire dans les intervalles; c'est ce que les matelots arrivant au port appellent tirer une bordée. Dans leurs familles, on les croyait à la campagne. Au bout de huit jours, on les avertit que leurs quatre-vingts livres sont mangées, et ils repentent. — Dans cette race, les appétits sont violents et redoutables; voyez au siècle dernier leur libre peinture dans les romans de Fielding et de Smollett, et au dix-septième siècle leur scandaleuse éruption dans le carnaval de la Restauration. (132).

Falaram-me recentemente de dois grandes comerciantes de uma grande cidade que desembarcaram em determinado lugar, cada um na posse de quarenta libras esterlinas. Trancam-se lá e não saem nem de noite nem de dia, ocupando-se a beber durante os intervalos. É o que os marujos chegados ao porto chamam de manobra de diversão, pelo facto de as suas famílias pensarem que eles estão no campo. Após oito dias, quando se apercebem de que o dinheiro acabou, vão-se embora. Para esta raça, os apetites são vorazes e perigosos. Veja-se, no século anterior, o retrato livre feito nos romances de Fielding e Smollett, e o escândalo carnavalesco, no século XVII, em torno da Restauração.

Este episódio tem como protagonistas um homem de família, que trabalha por conta própria ou por conta de outrem, e uma mulher solteira. A relação pode ser ocasional ou duradoura, mas a forma como é descrita denota uma certa resignação por parte de uma sociedade que faz vista grossa aos maus costumes.

L'opinion, la religion, la conscience ne sont pas de trop pour les brider. Contre ce Caliban ils ont besoin de toutes leurs forces; car il est bien plus sauvage et laid que le satyre jovial et gai de France ou d'Italie. Ils ont donc raison de pousser la sévérité jusqu'à la pruderie; plus l'inondation est malfaisante, plus il faut surveiller et fortifier les digues. — Celles qu'elle entraîne roulent dans (132) la boue jusqu'en des bas-fonds dont nous n'avons pas l'idée; on en trouvera des exemples dans la Miss Williams, de Smollett, dans

A opinião, a religião e a consciência não são demais para os refrear. Contra este *Caliban*, eles precisam de todas as suas forças, pois é muito mais selvagem e disforme do que o Sátiro jovial e alegre de França ou de Itália. Por isso, eles têm razão em elevar a inflexibilidade ao puritanismo. Quantos mais estragos causa a inundaçã, maior a necessidade de vigiar e fortalecer os diques. Os estragos são levados pela enxurrada, acabando por desaguar nos baixios, dos quais não se faz nem ideia. É possível encontrar exemplos

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

l'Homme de sentiment, de Mackensie, dans les Mémoires d'Alfieri (133).	disto em <i>Miss Williams</i> , de Smollelt, em <i>l'Homme de Sentiment</i> , de Mackensie, e nas <i>Mémoires</i> de Alfieri.
--	---

Por razões óbvias, existe a necessidade de os ingleses em manterem a separação entre um estado de coisas superficial, aceitável e funcional, e certas práticas incontrolláveis, fruto da vontade e do desejo humanos, que se devem manter submersas, em nome das aparências e do que resta da moral pública. Daí, segundo Taine, a necessidade de os ingleses elevarem a inflexibilidade ao puritanismo.

Aujourd'hui, un romancier n'oserait toucher, même du bout des doigts, des vérités si crues. J'en ai su quelques-unes, mais il vaut mieux ne pas les écrire. On aurait beau altérer les circonstances, on court toujours le risque d'atteindre une famille. Parfois un cocher, un laquais, comme dans le cas d'Alfieri, joue le premier rôle. En ce cas, on expédie les gens en Australie, et la famille va se cacher à Londres ou à l'étranger (133).	Hoje em dia, um romancista não ousaria tocar, nem mesmo ao de leve, em verdades tão cruas. Tomei conhecimento de algumas delas, mas é melhor nem descrevê-las. Por mais que se mudem as circunstâncias, corre-se sempre o risco de se afectar uma família. Não raras vezes, é o cocheiro ou o lacai, como Alfieri, que desempenham o papel principal. Nestes casos, envia-se a pessoa para a Austrália e a família esconde-se em Londres ou no estrangeiro.
---	---

Muitas vezes, os casos mais problemáticos, que, por motivos de adultério, estavam na origem de crimes passionais ou causavam a destruição das respectivas famílias, sendo conveniente mantê-los longe da opinião pública, eram enviados para a Austrália. Para evitar a contaminação do mundo superficial pelo submundo profundo, achava-se necessário tomar medidas que roçavam o extremo.

— Songez que les jeunes filles sont libres, et tenues de se garder elles mêmes, que souvent elles sont sans dot, et obligées de se marier elles-mêmes. Que d'occasions de glisser, et que le frein intérieur ou extérieur a besoin d'être fort pour les retenir (133)	Tenha-se em conta que as raparigas, apesar de livres, têm a responsabilidade de se guardarem, pois, como geralmente não têm dote, são forçadas a casar-se. Mas com tantas oportunidades para escorregar, tem de haver um freio interior ou exterior com força suficiente para as dissuadir!
---	---

Trata-se de um indicio de que, na época, a mulher gozava de alguma liberdade para decidir o seu caminho, não obstante o facto de sentir a obrigação de se entregar a um homem, não apenas devido à força da opinião e da moral públicas, mas também pela necessidade de sobreviver. É a realidade de ser livre, mas de não ter condições para

exercer o direito à liberdade. Na prática, para sobreviver, uma mulher desprovida de estatuto ou de capital teria de decidir entre ser livre e pobre ou de viver em matrimónio com a garantia de uma vida próspera.

— Telle, fille d'un clergyman, monte à cheval tous les jours avec le jeune squire du pays, se promène à pied avec lui, et commence à faire parler d'elle; le flirtation, l'art de pêcher au mari n'est pas rare; Thackeray l'a décrit dans *Vanity Fair*. A ce jeu, on donne bien des prises sur soi, et il faut avoir beaucoup de sang-froid pour ne pas les donner toutes. — Dans la middle class, intermédiaire entre les gentlemen et les gens occupés de travaux manuels, mainte jeune fille s'accorde des libertés singulières; par exemple, elle va trouver chez lui le jeune homme qu'elle préfère. Sur ce point, j'ai su d'original, des détails scabreux, et qui n'ont point leur contre-partie en France (133).

Telle, filha de um clérigo, costuma andar a cavalo todos os dias com um jovem escudeiro da região. Sai para passear com ele e começa a falar sobre ela própria, a namoriscar. A arte de pescar um marido não é incomum, tendo sido bem descrita por Thackeray em *Vanity Fair*. Tendo em conta o grau de exposição neste jogo, é preciso ter sangue frio para não se abrir como uma flor. Na classe média, que se situa entre o cavalheiro e o operário, um grande número de raparigas chegam a um acordo quanto às suas liberdades individuais, tendo, por exemplo, liberdade para procurar um rapaz da sua preferência. A respeito deste assunto, soube, de fonte autêntica, de detalhes escabrosos que não encontram sequer correspondência em França.

Este episódio dá a entender que a mulher inglesa da classe média tem mais liberdade, desempenha um papel mais activo e consegue negociar os seus relacionamentos. Deste modo, torna-se claro que a condição socioeconómica tem uma grande influência nas relações de poder entre o homem e a mulher.

Sans doute, chez nous, les jeunes filles de la petite bourgeoisie sont plus surveillées, mais aussi elles sont plus intactes. — On fait tant de choses pour trouver un mari ! Souvent dans les journaux il y a des annonces à (133) cet effet; si le lecteur veut se porter comme prétendant, il demande au préalable une photographie en toilette de soirée (full dress); celle-ci est déposée au bureau de l'éditeur. Deux jeunes gens de nos amis, à Manchester, firent insérer une note de ce genre; ils déclaraient leurs dispositions matrimoniales, et priaient les dames de passer à telle heure devant un certain café. Ils eurent soin de se mettre dans un autre

Não há dúvida de que entre os franceses, as meninas da baixa burguesia são mais controladas, daí advindo a razão de permanecerem intactas. O que não se faz para encontrar um marido! É frequente aparecerem nos jornais anúncios para esse efeito. Se o leitor estiver interessado, primeiro pede uma fotografia dela, em vestido cumprido, que fica depositada no escritório do editor. Dois rapazes de Manchester nossos amigos fizeram um arranjo destes, declarando às damas o seu interesse em casar-se e pedindo-lhes que se encontrassem com eles a tal hora, em frente a um determinado café. Eles tiveram o cuidado de ir para outro café em frente e,

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

café en face, et, à l'heure dite, trois personnes assez jolies, décentes, passèrent, repassèrent et vinrent enfin s'arrêter d'une façon significative devant la porte indiquée. (134).	à hora marcada, três mulheres bastante bonitas e decentes, depois de refazerem várias vezes o caminho em frente à porta indicada, finalmente pararam de forma inequívoca.
--	---

Descreve-se uma espécie de “blind date” moderno, em que a mulher, tomando a iniciativa, coloca um anúncio no jornal à procura de marido, com direito a consulta prévia da sua fotografia.

En ce pays et dans cette classe, une femme, pour subsister, a besoin d'un homme; son travail personnel ne lui suffit pas; mettez ensemble cette misère de la femme et la brutalité de l'homme; vous comprendrez le lamentable défilé de Haymarket. — Mes amis anglais avouent qu'à Londres, le nombre de ces pauvres filles est énorme. Elles s'abandonnent elles-mêmes, et ne font plus d'efforts pour remonter; elles n'ont pas le ressort de caractère et d'esprit, les inventions, les expédients d'une Française. Elles ne savent pas épargner, acheter ou se faire donner un petit établissement, devenir lingères, modistes, marchandes à la toilette, comme à Paris. Elles ont conscience de leur dégradation, elles se considèrent comme perdues, mangent au jour le jour ce qu'elles gagnent, finissent par boire, et meurent à l'hôpital (134).	Neste país, uma mulher desta classe social precisa de um homem para sobreviver, pois o seu emprego não é suficiente. Se se juntar à miséria desta mulher a brutalidade do homem, entender-se-á na perfeição a aberração de Haymarket. Tenho amigos ingleses que admitem que, em Londres, o número de raparigas pobres nesta situação é enorme. Elas entregam-se a si próprias e deixam de fazer um esforço para subir na vida, não tendo o dinamismo, o espírito inventivo ou os expedientes de uma francesa. Não sabem economizar, gastar ou adquirir e gerir um pequeno estabelecimento comercial, para se tornarem lavadeiras, modistas ou comerciantes de roupa e artigos pessoais, como em Paris. É chapa ganha e chapa gasta, com consciência da sua degradação. Sentindo-se perdidas, acabam por se entregar ao álcool e morrer no hospital.
--	---

Dão-se exemplos confrangedores do que acontece às mulheres que não conseguem encontrar marido. Para Taine, a mulher inglesa que se entrega a si própria é incapaz de se governar, contrariamente à mulher francesa que consegue conquistar a sua própria independência, de ser dinâmica e empreendedora.

— Je ne sais pourquoi, mais, en considérant cette belle société, toujours, par delà la tête humaine et le buste florissant, j'arrive à toucher la croupe bestiale et fangeuse (134).	Não sei por que razão, mas, ao considerar essa bela sociedade para além da cabeça humana e do busto perfeito, acabo sempre por encontrar uma garupa animalesca e abjecta.
--	---

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

Usando uma metáfora para resumir a sua frustração, Taine termina afirmando que por mais beleza e perfeição que possam ser reconhecidas à sociedade inglesa, trata-se apenas da ponta do iceberg, pois, submersa, encontra-se toda uma realidade em relação à qual não se pode deixar de sentir a mais profunda repugnância.

Este excerto da obra demonstra uma atitude face ao Outro, reveladora de uma das grandes diferenças existentes entre o viajante e o turista, pois o primeiro tem um claro interesse em querer saber sempre mais, ao ponto de se transformar numa espécie de repórter de investigação que se aventura para lá dos limites do superficial. A par das entrevistas e das suas observações, Taine recorre muitas vezes aos exemplos encontrados na literatura para abordar assuntos delicados, como as relações extraconjugais, o adultério, a prostituição, os encontros “às cegas”, o casamento com estranhos, o celibato, a raça e a classe social. Trata-se de um exemplo perfeito da decadência que os precursores da literatura naturalista pretendiam descrever, uma visão particular de um Império próspero que, apesar de gozar de uma certa estabilidade interna, ainda assim tinha problemas sociais acentuados. De facto, há temas transversais a todas as sociedades modernas que servem de alerta para realidades que, de outra forma, não teriam tido oportunidade de serem discutidos e analisados por todos os especialistas e não especialistas interessados na resolução de problemas de natureza social. Tratando-se de uma representação parcial da realidade, devem evitar-se generalizações, não tomando casos particulares como representações de um todo. Deste modo, a contribuição das observações para o escrutínio da realidade descrita, ao mobilizar certos grupos sociais para a verificação e resolução de problemas que podem (ou não) existir, ou até existir sob outra forma, é positiva e sinónimo de um sistema literário saudável que funciona em função de uma cultura viva e real.

3.3.2. Outros Casos de Tradução

Num dos exemplos dados por Rae no capítulo introdutório, Taine refere-se à forma como as classes mais opulentas se comportavam, em certas ocasiões, como meio de escapar ao que chama de “ennui”. Todavia, segundo Rae, o termo não encontra correspondência em Inglaterra. Uma pessoa pode sentir-se “bored”, ou até “bored to death”, mas tal significa “to be oppressed by something of which there is a desire to get

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

rid” (Rae, *Notes on England* lvi). Por outro lado, ter um sentimento de “ennui” significa “to restlessly long for something which cannot readily be procured.” (lvi). Rae chega a ser sarcástico ao afirmar o seguinte: “ *ennui* (...) in France is commonly made the convenient excuse for ladies falling passionately in love with the wrong gentlemen and for gentlemen loving their neighbours' wives too well” (lvi). Assim, Rae optou por deixar de fora o termo “boredom”, surgindo como equivalentes de “ennui”, os termos “tedium” e “weariness”, como se constata nos excertos abaixo (Figs. 63, 64):

FR	EN
<p>La conversation est surtout instructive, et encore plus souvent absente. — De là plusieurs inconvénients, et entre autres l'ennui; car l'esprit a besoin de fêtes. En Italie il a l'opéra et l'amour, en Allemagne la philosophie et la musique, en France le feu d'artifice qu'on vient de décrire. Ici, rien au delà du travail consciencieux, de la production utile, du confortable sûr et commode.</p> <p>(Taine, <i>Notes sur l'Angleterre</i> 341)</p>	<p>The conversation indulged in is chiefly instructive; most frequently there is no conversation at all. Several inconveniences arise from this, and tedium is one of them; the mind wants entertainment. In Italy there are the opera and love-making, in Germany philosophy and music, in France the intellectual fireworks just described. Here, nothing is to be found except conscientious labour and useful production, assured and agreeable comfort.</p> <p>(Rae, <i>Notes on England</i> 322)</p>

Fig. 66. Equivalente de “Ennuï” (“Tedium”).

FR	EN
<p>Il avoue qu'il a besoin d'agir, qu'une fois, ayant passé deux jours tout à fait oisif, il mourait d'ennui; qu'il aime à voyager, parce que tous les jours on se bourre de faits, d'idées neuves; il prétend que ce besoin de travail est le fonds anglais; la machine se broie elle-même, si elle tourne à vide.</p> <p>(Taine, <i>Notes sur l'Angleterre</i> 77)</p>	<p>He avows that work is a necessity to him, that once having been two days in entire idleness, he almost expired from weariness; that he likes to travel, because every day one gets stuffed with facts, with new ideas; he maintains that need of work to be the English resource; the machine would grind itself away if it turned in a vacuum.</p> <p>(Rae, <i>Notes on England</i> 72)</p>

Fig. 67. Equivalente de “Ennuï” (“Weariness”).

Segundo Chesterman, o “cultural filtering” entendido também como “naturalization”, “domestication” ou “adaptation”, trata-se de uma estratégia pragmática

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

que descreve a forma como elementos da língua de partida, em particular elementos específicos da respectiva cultura, são traduzidos enquanto equivalentes culturais ou funcionais da língua de chegada, de forma a adequarem-se às normas do sistema de chegada (104). Atente-se, a título exemplificativo, na forma como Taine usa a palavra “âme” e na respectiva tradução inglesa (Fig. 69):

FR	EN
Il aurait trouvé que vivre ici, ce n'est pas vivre; en effet, on vit ici autrement que chez lui; l'idéal a changé avec le climat. L'âme se retire du dehors, rentre en elle-même, s'y fait un monde.	He would have found that to exist here was not to live; in fact, life here is different from what it is in his country; the ideal has altered with the climate. The mind quits the without to retire within itself, and there create a world.
(Taine, <i>Notes sur l'Angleterre</i> 12)	(Rae, <i>Notes on England</i> 11)

Fig. 68. Equivalente de “Âme”.

Em *The Oxford Hachette French-English Dictionary*, “âme” pode significar “soul” ou “spirit”, enquanto em *The Oxford Hachette English-French Dictionary*, “mind” pode significar “esprit”, “tête”, “intelligence” ou “raison”. Apesar de, em nenhum destes dicionários, os termos “âme” e “mind” constituírem equivalentes directos, ambas as entradas partilham das acepções “esprit/spirit”.

Segundo Anna Wierzbicka em *Semantics, Culture, and Cognition*, é frequente dividir-se o ser humano em duas partes: uma material (o corpo) e outra imaterial (a alma). No inglês mais antigo, como o observável nas peças de Shakespeare, considerava-se o termo "soul" como englobando aspectos transcendentais, psicológicos e morais. De igual modo, o termo "mind" significava algo muito diferente do que significa nos dias de hoje, não remetendo para o intelectual e racional, isto é, para o pensamento e o conhecimento, estando antes ligado às emoções. Contudo, na actualidade, as emoções encontram-se tendencialmente ligadas ao "heart", pelo que a "mind" moderna já não é associável a "happy" ou "fiery", mas antes "inquisitive", "inquiring", "brilliant" ou "keen". Outra diferença reside no facto de, no inglês mais antigo o termo "mind" encontrar-se também ligado a valores, enquanto hoje é um termo moralmente neutro. Daí que hoje pareçam algo estranhas expressões como "noble mind", "innocent mind" ou "generous mind". De facto, o vocábulo "mind" encontra-se ligado ao pensamento e ao saber, não aos sentimentos. Se se afirma que alguém tem

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

uma "good mind", tal sugere que essa pessoa raciocina bem ("can think well") e não que tem boas qualidades ("a good heart"). Com o passar do tempo, ao perder as suas conotações espirituais, morais e emotivas, "mind" focou-se no intelecto. Assim, as emoções foram relegadas para "heart", as escolhas morais para "character" ou "conscience" e o resto foi relegado para "soul". A separação do pensamento do sentimento originou a divisão entre os aspectos psicológicos e os morais. Quando o ser humano ainda era composto por "body" e "soul", a alma representava simultaneamente um estado psicológico e moral; mas quando passou a ser composto por "body" e "mind", a mente representa um estado puramente psicológico, com ênfase no intelecto e não nas emoções. No pensamento moderno anglo-saxónico, o termo "soul" restringe-se à esfera religiosa e "mind" se tornou a parte dominante de "body". Esta vitória da "mind" sobre a "soul", combinada com a mudança de significado de "mind" testemunhou a passagem para o pensamento racional e o abandono das conotações morais e religiosas (44-47). Por força da religião católica se encontrar muito enraizada na cultura francesa, afigura-se natural que termos como “âme” façam parte do vocabulário dos falantes, sendo utilizado de forma inconsciente por muitos deles. Assim se pode eventualmente explicar a diferença entre a utilização do termo “âme” em França e o termo “mind” na Grã-Bretanha.

Para afastar dúvidas, procurou-se uma situação em que Taine tivesse usado “esprit” em vez de “âme”, no sentido de verificar se a opção de Rae por “mind” se mantinha. De facto, o resultado afigura-se similar:

FR	EN
Il me semble que je commence à concevoir la forme d'un esprit anglais, si différente de celle d'un esprit français.	It seems to me that I begin to understand the form of the English mind , so different from that of the French mind .
(Taine, <i>Notes sur l'Angleterre</i> 325)	(Rae, <i>Notes on England</i> 306)

Fig. 69. Equivalente de “Esprit”.

Na página 325 de *Notes sur l'Angleterre*, (com correspondência na página 306, do capítulo XXIX, “Characteristics of the English Mind”, de *Notes on England*), Taine afirma o seguinte: “On peut comparer assez exactement l'intérieur d'une tête anglaise à un Guide de Murray: beaucoup de faits et peu d'idées” (Fig. 70). Ao comparar a mente inglesa a um roteiro turístico, com muitos factos e poucas ideias, o autor apresenta um

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

juízo de valor, o qual poderá, contudo, encontrar justificação num estudo aprofundado da produção literária inglesa:

FR	EN	EN
Hippolyte Taine	W.F. Rae	Edward Hyams²⁴
1871	1872	1958
<p>On peut comparer assez exactement l'intérieur d'une tête anglaise à un Guide de Murray: beaucoup de faits et peu d'idées; quantité de renseignements utiles et précis, petits résumés statistiques, chiffres nombreux, cartes exactes et détaillées, notices historiques courtes et sèches, conseils moraux et utiles en guise de préface, nulle vue d'ensemble, point d'agrément littéraire, c'est un simple magasin de bons documents vérifiés, un memento commode pour se tirer tout seul d'affaire en voyage. (325)</p>	<p>The interior of an English head may not unaptly be likened to one of Murray's "Hand-books" which contains many facts and few ideas; a quantity of useful and precise information, short statistical abridgments, numerous figures, correct and detailed maps, brief and dry historical notices, moral and profitable counsels in the guise of a preface, no view of the subject as a whole, none of the literary graces, a simple collection of well-authenticated documents, a convenient memorandum for personal guidance during a journey. (305)</p>	<p>The inside of an Englishman's head can be very fairly compared to a Murray's Guide: a great many facts, but few ideas; a great deal of exact and useful information, statistics, figures, reliable and detailed maps, short and dry historical notes, useful and moral tips by way of preface, no all-inclusive vision, and no relish of good writing. It is a collection of good, reliable documents, a convenient body of memoranda to get a man through his journey without help. (242)</p>

Fig. 70. Características da Mente Inglesa.

Com a tradução “The interior of an English head may not unaptly be likened to one of Murray's ‘Hand-books’ which contains many facts and few ideas” (305), Rae optou por substituir a expressão “on peut comparer assez exactement” pela expressão “may not unaptly be likened to”. Contudo, esta opção tradutória difere, por exemplo, da tradução literal de Edward Hyams (Fig. 70): “The inside of an Englishman's head can be very fairly compared to a Murray's Guide: a great many facts, but few ideas” (242). A expressão “can be very fairly compared to” segue um critério de adequação, enquanto a

²⁴ *Supra*, Fig. 49, p. 96 da presente dissertação.

O CASO DOS RELATOS DE TAINE SOBRE A GRÃ-BRETANHA

expressão “may not unaptly be likened to” segue um critério de aceitabilidade, na tentativa de, ao introduzir o termo “unaptly” (impropriamente), se corrigir um juízo que o tradutor não considera ser inteiramente correcto.

Terminada a Parte II que permitiu descrever alguns aspectos importantes das obras em apreço, importa concluir com a verificação da hipótese colocada na Introdução: **enquanto construção textual, e tendo em conta o papel desempenhado na representação de culturas, será possível afirmar que um relato de viagens e respectiva tradução constituem formas de reescrita?**

CONCLUSÃO – FORMAS DE REESCRITA

CONCLUSÃO

Encontram-se agora reunidas as condições para que os fenómenos da Reescrita, Viagens e Tradução se articulem, dando uma resposta à hipótese atrás formulada.

A sinopse abaixo, apresentada sob a forma de esquema, relativo ao estudo de caso em apreço (Fig. 71), resume a relação estabelecida entre todos os elementos até agora descritos, delineando o trajecto percorrido pela cultura britânica, desde que foi levada por Taine até França, por intermédio do seu relato, até ser devolvida ao sistema britânico, pela tradução de Rae:

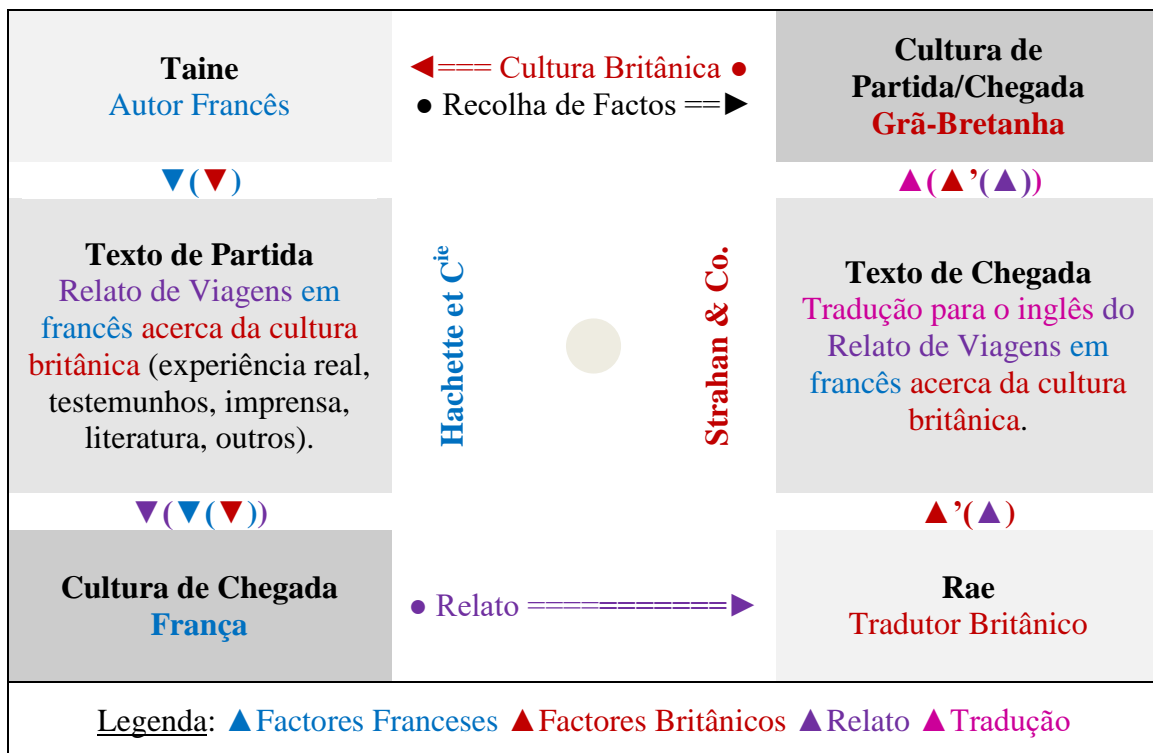


Fig. 71. Modelo de Reescrita Cultural.

Alguns elementos-chave deste esquema têm vindo a ser desconstruídos desde o início da presente dissertação. Em primeiro lugar, fez-se um enquadramento histórico da época em que Taine viajou para Inglaterra; depois, apresentou-se uma contextualização da escrita de viagens; em terceiro lugar, abordou-se a vida e obra do autor e do tradutor; em seguida, descreveu-se, de forma sistemática, os textos de partida e de chegada com base na metodologia proposta na Introdução; e, por último, resta retomar a teoria da reescrita de André Lefevere, com a qual se iniciou a Parte I, para explicar o modo como tudo se consubstancia numa reescrita cultural.

CONCLUSÃO

Tal como se verifica no esquema acima (Fig. 71), tudo começa com a deslocação de Taine a Inglaterra, para a partir da observação directa e participante, recolher testemunhos e experiências. À observação, juntam-se os “grands monuments expressifs”, a partir dos quais se tornou possível inferir traços considerados permanentes na cultura inglesa. Estes memoriais constituem o testemunho de séculos de literatura, que possibilitam um entendimento mais claro daquilo que se observa. William Fraser Rae completa o esquema com a tradução do relato de Taine para o inglês, seguindo a estratégia editorial da Strahan, que fez algumas adaptações de modo a que o texto pudesse ser bem recebido na Grã-Bretanha.

Não restando dúvidas de que a tradução resulta de um processo de reescrita, cumpre demonstrar que o relato de viagens constitui também uma forma de reescrita. Os mecanismos implicados na transferência de informação da cultura britânica para a língua francesa permitem afirmar que *Notes sur l'Angleterre* constitui o produto não só da observação directa, mas também de uma longa investigação. *Notes sur l'Angleterre* sorve informação às experiências do autor e aos testemunhos por ele recolhidos, mas sustenta-se também num conhecimento da centenária da cultura britânica, que já vinha a ser estudada por Taine há algumas décadas e que encontra evidências em outras obras da sua autoria, como *Histoire de la Littérature Anglaise*, em que se analisa pormenorizadamente certos aspectos da cultura inglesa. A este conhecimento anterior juntam-se outras referências de cariz estatístico, noticioso, historiográfico ou institucional, que contribuem para alargar o leque informativo.

Ao longo dos textos encontra-se uma evidência clara do recurso a fontes escritas, tal como se pode comprovar nos excertos abaixo (Fig. 72):

FR	EN
Même impression quand on visite les parcs; le goût, les dimensions sont tout autres que chez nous. Saint-James Park est une vraie campagne, et une campagne anglaise : vieux arbres énormes, prairies véritables, large étang peuplé de canards et d'oiseaux nageurs; des vaches, des moutons parqués broutent l'herbe toujours fraîche. Il y a des moutons jusque dans l'étroite bordure verte qui encadre Westminster Abbey; ces gens aiment de cœur la campagne. Il n'y a qu'à lire leur littérature, de Chaucer à Shakespeare,	The impression is the same when visiting the parks; the taste, the area are quite different from what is the case among us. St. James's Park is a genuine piece of country, and of English country; huge old trees, real meadows, a large pond peopled with ducks and waterfowl; cows and sheep, in an enclosed space, feed on the grass, which is always fresh. There are even sheep in the narrow green border that surrounds Westminster Abbey; these people love the country in their hearts. It is sufficient to read their literature from

CONCLUSÃO

de Thompson à Wordsworth et Shelley, pour en avoir la preuve. (20)

Le mariage est entouré d'un respect profond, et, à cet égard, l'opinion est intraitable; **il n'y a qu'à lire là- dessus les livres, les gazettes, surtout les écrits où chez nous les écrivains prennent le plus de licence, par exemple, les romans, les journaux amusants;** l'adultère n'est jamais excusé; même dans la liberté des entretiens intimes, d'homme à homme, il est toujours présenté comme un crime. (106)

« En Angleterre, **dit un romancier bon observateur que je viens de lire,** les gens ne sont que trop disposés à adopter les opinions de leurs supérieurs en rang et à se laisser conduire par eux. » — C'est tout l'opposé en France. (263)

Il faut lire les comptes rendus des procès criminels, pour comprendre à quel point ici le rôle du juge est élevé et dignement rempli. On ne voit jamais poindre en lui l'esprit de persécution, les sentiments de l'homme de police, le désir de venger la société, l'instinct du chasseur qui se pique au jeu et veut saisir son gibier. (283)

Je viens de lire un très-beau roman d'une personne qui vit ici et qui est à même de bien observer, North and South, par mistress Gaskell; on y voit le caractère d'un ouvrier, l'histoire d'une grève. Si le portrait est fidèle (et je crois qu'il l'est), il y a dans les hommes de cette classe un bien grand fond de raison et de justice. (312)

Chaucer to Shakespeare, from Thomson to Wordsworth and Shelley, to find proofs of this. (18-19)

Marriage is encompassed with profound respect, and as regards this matter, opinion is unbending; **it is quite sufficient to read books, newspapers, especially the writings in which anonymous authors indulge in the greatest license, for example, romances, comic journals;** adultery is never excused; even in the latitude of intimate conversations between man and man, it is always held up as a crime. (99)

A novelist who was a good observer, and whose writings I have just been reading, says that "in England the people are far too much inclined to adopt the opinions of those above them, and to be governed by them" It is exactly the opposite in France. (241-242)

The reports of criminal trials must be perused in order to understand to what a degree the judge's part is dignified and honourably filled. Never can there be detected in him any traces of the spirit of persecution, the sentiments of a policeman, the desire to inflict vengeance on behalf of society, the instincts of a hunter warmed with the chase, and intent upon securing his prey. (264)

I have just read a very fine novel written by a person who lived here, and who was an acute observer, "North and South," by the late Mrs. Gaskell, in which the character of a working man is depicted and the history of a strike is narrated. If the portrait is as faithful as I believe it to be, then the men of that class are possessed of a large store of reason and fairness. (293)

Fig. 72. Recurso a Fontes Escritas.

CONCLUSÃO

O recurso a testemunhos orais, frequentemente anónimos, encontra-se nos exemplos apresentados na Fig.73:

FR	EN
<p>A Manchester, l'hiver dernier, un de mes amis me conte que dans le principal hôtel de la ville, il a fallu tenir le gaz allumé cinq jours durant : à midi, on ne voyait pas assez clair pour écrire; le sixième jour, le brouillard durait encore, mais la provision de gaz était épuisée. Pendant six mois, et pendant beaucoup de jours des autres mois, ce pays-ci semble fait pour des canards sauvages. (79)</p>	<p>At Manchester, last winter, one of my friends informed me that in the principal hotel of that city it was necessary to keep the gas burning for five days; at midday it was not clear enough to see to write; the sixth day the fog still lasted, but the supply of gas was exhausted. During six months, and during several days in the other months, (his country seems to have been made for wild ducks. (74)</p>
•	•
<p>En France, un fils dit tout à sa mère, même ses maîtresses; l'usage est ancien. (...) B... juge que cela est impossible en Angleterre; le fils n'oserait, la mère serait choquée ou révoltée. De même pour le reste; ils ignorent ces conversations infinies, ces épanchements complets, où la différence d'âge compense la différence de sexe, où le fils qui entre dans le monde trouve dans sa mère qui se détache du monde son guide le plus fin et son plus parfait ami. (123)</p>	<p>In France a son tells his mother everything, even about his mistresses; the usage is ancient. (...) B— is of opinion that this is impossible in England; the son would not dare do it, the mother would be shocked or indignant. So in other matters; they have no acquaintance with these boundless conversations, these complete outpourings, where the differences in age compensate for the difference of sex, where the son entering the world finds in his mother separating herself from the world his most skilful guide and his most thorough friend. (116)</p>
•	•
<p>Mes amis me disent que ce village est un bon spécimen, que l'intérieur de ces fermiers et paysans me renseigne assez exactement sur le confortable moyen de la classe, que pourtant, en plusieurs districts, par exemple du côté de Norfolk et de Lincoln, je trouverais des fermes plus belles. — Depuis et d'après des documents officiels, j'ai vu que ce jugement n'était pas exact; le mal est plus grand, et les pauvres deviennent de plus en plus pauvres. La grande propriété s'étend, et la petite disparaît. (180-181)</p>	<p>My friends tell me that this village is a good specimen, that the interior of these farmers' and peasants' abodes exhibits with sufficient exactitude the average of comfort among the class; that, however, in several districts —for example, on the side of Norfolk and Lincoln — I shall find finer farms. Since then, and judging from official documents, I have seen that this view was not correct; the evil is greater, and the poor become more and more poverty-stricken. The large property increases, and the small one diminishes. (161-162)</p>
•	•
<p>Un clergyman philanthrope me dit que, sur dix ouvriers, huit sont ivrognes. A Londres, ils gagnent beaucoup, de une à deux livres sterling par semaine; une fois</p>	<p>A philanthropic clergyman tells me that out of ten workmen eight are drunkards. They get high wages in London, as much as from one to two pounds sterling a</p>

CONCLUSÃO

<p>qu'ils ont payé leur pain, ils vont boire, trois ou quatre jours de suite, du gin, du brandy-and-water et autres liqueurs fortes. L'ivresse produite par ces spiritueux hébète l'homme, le rend triste et souvent fou. (289)</p> <p style="text-align: center;">•</p> <p>Un de mes amis bien informé estime que, sur vingt-quatre évêques, il y en a quatre qui favorisent les critiques libéraux d'Oxford; ceux-ci trouvent d'ailleurs un appui dans le grand nombre des laïques influents et considérés qui les approuvent. L'esprit moderne s'infiltré encore par d'autres fissures, par la géologie et l'histoire naturelle, pour lesquelles l'Anglais a beaucoup d'aptitude, par la psychologie expérimentale, qu'il a toujours cultivée. (369)</p> <p style="text-align: center;">•</p> <p>On me dit que l'Ecosse est encore plus religieuse que l'Angleterre; le presbytérianisme si rigide n'y a pas paru assez rigide. En 1843, plusieurs jugèrent que la nomination du ministre par le patron était contraire à la loi de Dieu; ainsi se forma l'Église libre entretenue par les dons volontaires des fidèles. En quelques années, elle est devenue l'égale de l'Église établie. (381)</p>	<p>week; when once they have paid for their provisions they have a drinking bout of three or four days' duration, imbibing gin, brandy-and-water, and other strong liquors. The intoxication produced by these spirits stupefies a man, rendering him melancholy and often mad. (270)</p> <p style="text-align: center;">•</p> <p>One of my friends, who is very well informed, estimates that out of twenty-four bishops there are four who favour the liberal criticisms emanating from Oxford; moreover, these find support among a large number of influential and respected laymen, who approve of them. The modern spirit filters through other fissures — by geology and natural history — for which the English have great aptitude, by the experimental psychology which they have always cultivated. (352)</p> <p style="text-align: center;">•</p> <p>I am told that Scotland is even more religious than England; the most rigid Presbyterianism has not been considered in Scotland to be sufficiently rigid. In 1843, many persons thought that the presentation of ministers by a patron was contrary to the law of God; hence was formed the Free Church, which is maintained by the voluntary subscriptions of its members. She became the equal of the Established Church within the space of a few years. (364)</p>
---	--

Fig. 73. Recurso a Testemunhos.

A estratégia da observação directa torna-se igualmente evidente nos excertos apresentados na Fig.74:

FR	EN
<p>J'ai vu des gens du peuple par familles faisant des petits dîners sur les pelouses de Hyde Park; ils n'arrachaient ni ne gâtaient rien.— Cela est parfait; le but dans toute société est que chacun soit toujours son propre constable, et finisse par n'en avoir d'autre que celui-là. (30)</p> <p style="text-align: center;">•</p>	<p>I have seen families of common people taking their dinners on the green sward of Hyde Park; they neither tore up nor spoiled anything. This is perfect; the aim of every society is that each one should be always his own constable, and end by not having any other. (28-29)</p> <p style="text-align: center;">•</p>

CONCLUSÃO

Autre spécimen, les enfants. **J'ai vu Eton, Harrow- on-the-Hill.** Pour les tout petits, dans les nurseries, ce sont des fleurs vivantes, des roses épanouies; à la campagne surtout, les grosses joues de chérubin, la fermeté et l'ampleur des chairs annoncent la sève opulente qui fera plus tard un gaillard solide.— Vers sept ans et au delà, ce n'est pas l'intelligence qui domine, mais l'énergie physique et morale. Souvent Pair est boudeur, très-peu aimable; on pense à de jeunes dogues. Par exemple, les petits H et M., fils de grandes familles, semblent et sont de simples rustres rétifs à la culture, bons pour la chasse et les coups de poing de leurs écoles. (60)

Je regardais jouer au cricket l'autre jour, dans le green de Kew; il y avait là sept ou huit jeunes Anglais qui se renvoyaient les balles. Certainement, ils ont dû faire des fautes, être maladroits plusieurs fois. Eh bien, pendant plus d'une heure et demie, il n'y a pas eu un cri, pas une seule observation faite à haute voix et d'un ton de reproche. Ils se renvoyaient les balles, changeaient de camp, tout cela avec le plus grand calme et le plus souvent en silence. (66)

Les statistiques estiment qu'à Manchester les ouvriers dépensent chaque année en boissons environ un million sterling; (...) Tel est en effet, le remède, et l'on comprend la ferveur, la propagande et l'utilité de ces associations. **Dans beaucoup de rues, je vois des images qu'elles publient;** on y représente l'ivrogne abruti, inerte, entouré de petits démons qui lui enlèvent par pelletées le cœur et la cervelle, pendant qu'au-dessous le diable principal montre un bouteille de gin, avec ce jeu de mots: My best spirit. (289-290)

Another specimen is the children. **I have seen Eton and Harrow-on-the-Hill.** The small ones in the nursery are living flowers —full-blown roses; in the country especially, the large cherub cheeks, the firmness and quantity of the flesh proclaim the abounding sap which will afterwards produce a sturdy fellow. About seven and upwards, it is not intelligence which predominates, but physical and moral energy. The manner is often rude, very unamiable; one thinks of young bulldogs. For example, the young ones of H and M, sons of great families, seem to be and are simple cubs averse to culture, good only for hunting and school- fights. (55-56)

The other day I witnessed a game of cricket on Kew Green; seven or eight English boys were there pitching the ball. Certainly they could not help blundering and missing now and then. Yet, during upwards of an hour and a half there was not a single cry, not a single remark made in a loud voice and in a tone of reproach. They pitched the ball about, changed places, doing it all with the utmost calmness, and generally in silence. (61)

Statistics show that in Manchester the working class expends nearly a million sterling every year in drinks (...) Such is the effect of the remedy, and one understands alike the energy of the propaganda and the utility of these associations. **In many streets I saw illustrations published by them,** where the drunkard is represented prone and helpless, surrounded by little demons, who remove his heart and brain piece by piece, whilst the Devil himself looks on, holding a bottle of gin, with the punning inscription, "My best spirits."(270-271)

Fig. 74. Recurso à Observação Directa.

CONCLUSÃO

O período temporal que medeou as viagens e o tratamento das fontes também se afigura relevante. Das três viagens realizadas por Hippolyte Taine, uma ocorreu dez anos antes (1861), outra nove anos antes e a terceira no mesmo ano de publicação (1871). Taine afirma que a última viagem serviu o propósito de confirmar o que vira uma década atrás:

Les notes, d'après lesquelles ce livre a été rédigé ont été prises en 1861 et en 1862. Les traits permanents m'avaient surtout frappé; c'est pourquoi espère qu'aujourd'hui encore le portrait est fidèle; du moins, il m'a semblé tel après un troisième voyage en 1871 (*Notes sur l'Angleterre* viii).

Neste contexto, W. F. Rae refere que algumas observações já se encontram desactualizadas:

In 1861, and subsequently, he visited England with a view of reading in the British Museum, and of seeing the country and people face to face. During these visits most of the "Notes" contained in this volume were written. They were revised after his last visit in 1871. Many of the observations appear antiquated and are actually out of date now; but they have been retained because, in M. Taine's opinion, they are still substantially true, and represent permanent phases of our national life and character (*Notes on England* xxvii).

Este período permitiu a Taine fundamentar as observações de 1861, 1862 e 1871, com base num estudo mais aprofundado da cultura e do modo de vida dos britânicos. No seu prefácio, Taine confirma a existência de anotações, a partir das quais ele redigiu o relato, afirmando que "Les notes, d'après lesquelles ce livre a été rédigé ont été prises en 1861 et en 1862" (viii).

A reescrita surge, assim, como um processo que ocorreu ao longo de dez anos, à medida que as anotações foram sendo reescritas, sob a forma de artigos, publicados no *Le Temps*, em 1871, e posteriormente compilados no volume *Notes sur l'Angleterre*. As anotações resultaram da análise de textos de cariz literário, de artigos de imprensa, de documentos estatísticos, de testemunhos orais e da experiência e observação directa da realidade. Por conseguinte, há razões suficientes para se afirmar que, à semelhança de uma tradução que reescreve o texto de partida, também um artigo ou um capítulo de uma obra original se reescrevem a partir de um conjunto de anotações, implicando processos de reinterpretação, alteração ou, até, de ou manipulação. Esses primeiros apontamentos constituem, portanto, um *corpus* de partida. Se se juntar a tudo isto, o

CONCLUSÃO

facto de as anotações dizerem respeito a aspectos de uma cultura A, escritos numa língua B e por um viajante da cultura B, chega-se facilmente a um processo de reescrita cultural, tendo como texto de partida as anotações e como texto de chegada o relato de viagens. Deste modo, o texto traduzido por um tradutor de língua A ou C institui-se como uma dupla reescrita. Como se pode verificar na Fig. 75, o relato adquire, num primeiro momento, o valor de um texto de chegada (reescrita das anotações), mas, num segundo momento, o de um texto de partida, a fonte para a tradução:

Reescrita	Dupla Reescrita
Anotações [TP] → [TC]	Relato [TP] → [TC] Tradução

Fig. 75. Processo de Dupla Reescrita²⁵.

Para além disso, o texto traduzido ainda adquire o valor de uma retro-tradução cultural, pois os factos da cultura A passam a ser factos da cultura B, por intermédio da língua B, e posteriormente retornam à cultura A, na língua A (Fig. 76):

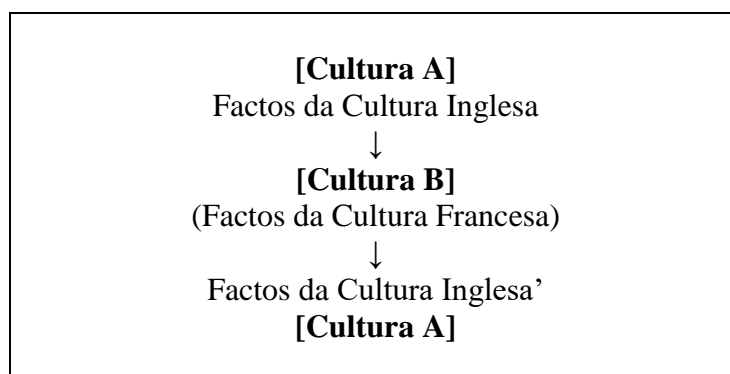


Fig. 76. Retro-tradução Cultural.

Se a tradução vertesse o francês para outra língua, que não o inglês, tratar-se-ia de uma retradução (cultural) ou tradução (cultural) indirecta, mas tratando-se de uma tradução do francês para o inglês, considera-se que existe uma espécie de devolução da cultura à sua própria língua, o que leva à classificação da tradução como uma retro-tradução (cultural) ou dupla reescrita.

²⁵ TP (Texto de Partida); TC (Texto de Chegada).

CONCLUSÃO

Para terminar, poder-se-ia ir ainda mais longe, ao afirmar, tal como o título desta dissertação indica, que a escrita de viagens é uma forma de tradução.

De facto, no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, a entrada “forma \ô\” tem como primeira acepção “molde sobre o qual ou dentro do qual se coloca alguma substância (...), que toma o feitio desse molde”; e a entrada “forma \ó\” tem com sétima acepção “modo, maneira”. Deve notar-se que ainda há uma terceira entrada – “fôrma” – que corresponde ao termo “forma \ô\”, que surgiu com o Novo Acordo Ortográfico (1990). O diploma aceita a dupla grafia, acentuada ou não. Tal significa que o título desta dissertação tem um duplo sentido. O primeiro, “a escrita de viagens como forma \ô\ de tradução”, entende a escrita de viagens como um molde para traduções; o segundo – “escrita de viagens como forma \ó\ de tradução” – configura a escrita de viagens como uma forma de reescrita.

Para Susan Bassnett, a tradução constitui uma actividade que implica a transferência de um texto escrito numa dada língua para outra. Daí a necessidade da existência de uma fonte autêntica, pois, sem ela, a tradução seria uma criação original. Do mesmo modo, sem uma viagem real, um relato de viagens seria apenas uma obra de ficção. À primeira vista, parece existir uma identificação entre o autor de relatos de viagens e o tradutor, na medida em que ambos produzem um texto que, de certa forma, constitui o resultado de um trajecto. Os dois processos implicam confiança por parte do leitor, pois a sensação que existe ao ler uma tradução ou um relato de viagens é a de que, ao lado da tradução, há sempre, algures, um texto original, que o tradutor reproduziu, enquanto ao lado do relato de viagens, há sempre, algures, uma viagem real, cujos acontecimentos o autor-viajante narrou (“Travelling and Translating” 70-72).

Michael Cronin também defende a existência de uma relação entre o tradutor e o autor de relatos de viagens. Com efeito, afigura-se possível percepcionar toda a escrita de viagens como uma forma de tradução e toda a tradução como uma forma de escrita de viagens. Só quando o viajante se encontra algures em outro lado é que realmente tem consciência, não só de onde está ou para onde vai, mas, cima de tudo, de onde veio (Cronin, *Translation in the Digital Age* 67). Deste modo, o percurso por ambos realizado afigura-se idêntico, tal como se pode constatar na Fig. 10:

Autor do Relato de Viagens	Tradutor
Início da Viagem ▼	Seleccção do Texto de Partida ▼
Observação e Experiência	Análise Textual

CONCLUSÃO

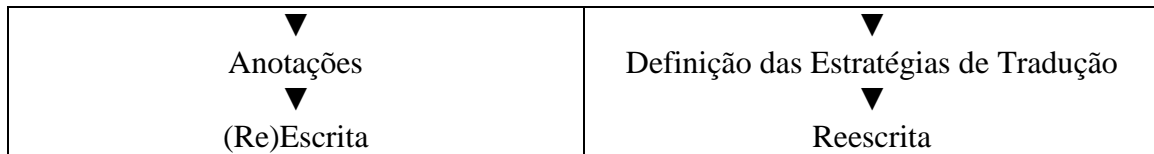


Fig. 77. Percursos do Autor e do Tradutor.

No seguimento do que se afirmou anteriormente, há agora condições para se concluir que a hipótese enunciada na Introdução se afigura válida para este estudo de caso. De facto, torna-se possível constatar que, enquanto construção textual, e tendo em conta o papel desempenhado na representação de culturas, um relato de viagens e a respectiva tradução constituem formas de reescrita.

A ideia de uma dupla reescrita cultural afigura-se assaz útil para os Estudos de Tradução, na medida em que possibilita a análise de outros fenómenos em que um mediador A importa conhecimento acerca de uma cultura B para a língua A, que posteriormente é traduzido por um mediador B, para a mesma cultura B da qual proveio o conhecimento de si própria.

Cabe ainda assinalar que, não decerto por mero acaso, *Notes on England* despertou o interesse por parte de leitores de todo o mundo, acabando a obra por ser recebida com sucesso em vários continentes, por intermédio de mais do que uma editora. O reconhecimento, por parte da crítica britânica, de que *Notes on England* constitui uma obra de grande relevância, demonstra a importância da tradução enquanto processo de mediação entre as culturas e as nações. Sem ela, muitos nunca chegariam a conhecer a *intelligentsia* que, existindo para lá das suas fronteiras, lhes pode ser tão útil como aos que com ela convivem diariamente. As suas inúmeras edições da obra satisfizeram o gosto dos mais curiosos, inspiraram a crítica, fizeram correr tinta nos mais prestigiados jornais internacionais, incitaram discussões no seio de outras culturas e transportaram formas diferentes de observar a cultura e as sociedades.

Finalmente, trata-se de duas peças únicas: uma da autoria de um intelectual francês, determinado a analisar à lupa o “home” de um império cuja fachada exterior, pintada a cor dos grandes feitos de exploração, já todos conheciam, mas nunca tinham tido o privilégio de privar, à hora exacta em que as colheres de prata tilintam para assinalar as cinco da tarde, o requintado “English tea”; outra da autoria de um tradutor britânico que atribui a este ritual uma percepção da sua própria existência.

BIBLIOGRAFIA²⁶

I – FONTES PRIMÁRIAS

Rae, William Fraser. *Notes on England*. By Hippolyte Taine, Strahan, 1872.

---. *Notes on England*. By Hippolyte Taine, Holt and Williams, 1872.

---. *Notes on England*. By Hippolyte Taine, 6th ed., W. Isbister, 1874.

Taine, Hippolyte. *Notes sur l'Angleterre*. Librairie Hachette, 1872.

---. *Notes sur l'Angleterre*. 2nd ed., Librairie Hachette, 1872.

---. “Notes sur l’Angleterre, I. Les Dehors.” *Le Temps*, 19 Aug. 1871.

---. “Notes sur l’Angleterre, I. Les Dehors.” *Le Temps*, 20 Aug. 1871.

---. “Notes sur l’Angleterre, I. Les Dehors.” *Le Temps*, 23 Aug. 1871.

---. “Notes sur l’Angleterre, I. Les Dehors.” *Le Temps*, 24 Aug. 1871.

---. “Notes sur l’Angleterre, II. Les Types.” *Le Temps*, 25 Aug. 1871.

---. “Notes sur l’Angleterre, II. Les Types.” *Le Temps*, 26 Aug. 1871.

---. “Notes sur l’Angleterre, II. Les Types.” *Le Temps*, 27 Aug. 1871.

---. “Notes sur l’Angleterre, III. Les Mœurs.” *Le Temps*, 10 Sept. 1871.

²⁶ Citações e referências bibliográficas formatadas de acordo com o guia de estilo *MLA Handbook*. 8th ed., The Modern Language Association of America, 2016.

- . "Notes sur l'Angleterre, III. Les Mœurs." *Le Temps*, 13 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, III. Les Mœurs." *Le Temps*, 6 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, III. Les Mœurs." *Le Temps*, 7 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, III. Les Mœurs." *Le Temps*, 8 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, IV. l'Éducation." *Le Temps*, 14 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, IV. l'Éducation." *Le Temps*, 15 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, IV. l'Éducation." *Le Temps*, 16 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, IX. Un Tour en Angleterre." *Le Temps*, 28 Oct. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, IX. Un Tour en Angleterre." *Le Temps*, 29 Oct. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, V. La Société et le Gouvernement." *Le Temps*, 17 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, V. La Société et le Gouvernement." *Le Temps*, 20 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, V. La Société et le Gouvernement." *Le Temps*, 21 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, V. La Société et le Gouvernement." *Le Temps*, 23 Sept. 1871.
- . "Notes sur l'Angleterre, V. La Société et le Gouvernement." *Le Temps*, 24 Sept. 1871.

- . “Notes sur l’Angleterre, V. La Société et le Gouvernement.” *Le Temps*, 27 Sept. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, V. La Société et le Gouvernement.” *Le Temps*, 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VI. Promenades dans Londres.” *Le Temps*, 29 Sept. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VI. Promenades dans Londres.” *Le Temps*, 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VII. Manufactures et Ouvriers.” *Le Temps*, 8 Oct. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VII. Manufactures et Ouvriers.” *Le Temps*, 6 Oct. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VIII. De l’Esprit Anglais.” *Le Temps*, 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VIII. De l’Esprit Anglais.” *Le Temps*, 13 Oct. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VIII. De l’Esprit Anglais.” *Le Temps*, 14 Oct. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VIII. De l’Esprit Anglais.” *Le Temps*, 15 Oct. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VIII. De l’Esprit Anglais.” *Le Temps*, 20 Oct. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VIII. De l’Esprit Anglais.” *Le Temps*, 21 Oct. 1871.
- . “Notes sur l’Angleterre, VIII. De l’Esprit Anglais.” *Le Temps*, 27 Oct. 1871.

II – FONTES SECUNDÁRIAS

1. Hippolyte Taine e o Texto de Partida

Albert, Mathiez. “Taine Historien.” *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*, vol. 8, no. 4, 1906, pp. 257-284.

- Barzellotti, Giacomo. *La Philosophie de H. Taine*. Félix Algan, 1900.
- Calkin, Elizabeth. "Positivism." *The Feminist Encyclopedia of German Literature*, edited by and Susanne Kord Friederike Eigler, Greenwood Press, 1997, pp. 406-407.
- Cavatz, Martial. "Famille Hachette". *Dictionnaire Historique des Patrons Français*, edited by Jean-Claude Daumas, Flammarion, 2010, p. 331.
- Cobban, Alfred. "Hippolyte Taine, Historian of the French Revolution." *History*, vol. 53, no. 179, 1968, pp. 331-341.
- Court, Andrew. "'Endless Forms' of Evolution Heuristics in Darwin and Taine." *FORUM*, no. 1, 2006.
- Giraud, Victor. "Bibliographie des Œuvres de Taine." *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, vol. 7, no. 3, 1900, pp. 473-490.
- . "Bibliographie des Œuvres de Taine (Suite et fin)." *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, vol. 7, no. 3, 1900, pp. 473-490.
- Hacking, Ian. "Nineteenth Century Cracks in the Concept of Determinism." *History of Ideas*, vol. 44, no. 3, 1983, pp. 455-475.
- Kahn, Sholom J. *Science and Aesthetic Judgement: A Study in Taine's Critical Method*. Routledge, 2016.
- Knight, Charles. "Hippolyte Taine." *The English Cyclopædia, A Dictionary of Universal Knowledge*, vol. 8, Bradbury and Evans, 1861, pp. 1125-1128.
- Laurent, Gustave. "Deux Ancêtres Maternels de Taine. Le Maire "Jacobin" Hurtault-Pinchart et le "Septembriseur" Bezanson-Guillaume." *Annales Historiques de la Révolution Française*, vol. 4, no. 23, 1927, pp. 481-492.

- Monod, G. "Hippolyte Taine." *Revue Historique*, vol. 52, no. 1, 1893, pp. 100-120.
- Norman, Hilda Laura. "The Personality of Hippolyte Taine." *PMLA*, vol. 36, no. 4, 1921, pp. 529-550.
- Pellot, Paul. "Les Ascendants Maternels de la Famille Taine." *Revue Ardennaise*, edited by Paul Laurent, vol. 11, Librairie Alphonse Picard et Fils, 1904, pp. 238-268.
- Pitt, Alan. "The Irrationalist Liberalism of Hippolyte Taine." *The Historical Journal*, vol. 41, no. 4, 1998, pp. 1035-1053.
- Picard, Charles. *H. Taine*. Perrin, 1909.
- Roe, Frederick Charles. *Taine et l'Angleterre*. Librairie Ancienne Édouard Champion, 1923.
- Salomon, Michel. *H. Taine*. 8th ed., Librairie Bloud, 1908.
- Smith, Horatio. "The Taine Centennial Comment and Bibliography." *Modern Language Notes*, vol. 44, no. 7, 1929, pp. 437-445.
- Taine, Hippolyte. *Essais de Critique et d'Histoire*. 2nd ed., Librairie de L. Hachette, 1866.
- . *Histoire de La Littérature Anglaise*. Vol. 1, Librairie de L. Hachette, 1863.
- . *Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire*. Librairie de L. Hachette, 1865.
- Warner, Charles Dudley. "Hippolyte Taine." *A Library of the World's Best Literature: Ancient and Modern*, The International Society, 1897.
- Wellek, René. "Hippolyte Taine's Literary Theory and Criticism." *Criticism*, vol. 1, no. 1, 1959, pp. 1-18.

---. "Hippolyte Taine's Literary Theory and Criticism (conclusion)." *Criticism*, vol. 1, no. 2, 1959, pp. 123-138.

"Bibliographie." *Revue Politique et Littéraire: Revue Bleue*, 1871, p. 600.

"Échos." *Le Figaro*, 13 Dec. 1892.

"Études et Portraits." *Les Annales Politiques et Littéraires*, 24 Jan. 1897, p. 51.

"L'Instruction Secondaire en France et en Angleterre." *Revue Générale d'Administration*, Jan. 1879, pp. 34-40.

"La Défense des Promenades." *Le Petit Journal*, 15 July 1895.

"La République et les Conservateurs Libéraux." *Revue Politique et Littéraire: Revue Bleue*, 1871, p. 387.

"Le Régime Successoral en Angleterre." *La Réforme Sociale*, June 1886, pp. 582-583.

"Les Livres et les Mœurs." *La Revue Hebdomadaire*, July 1898, pp. 268-270.

"Les Universités Anglaises." *La Réforme Sociale*, July 1886, pp. 601-602.

"Nos Hommes Politiques." *La Science Sociale Suivant la Méthode de F. Le Play*, 1889, pp. 29-30.

"Origines des Trois Races Agricoles." *La Science Sociale Suivant la Méthode de F. Le Play*, 1886, pp. 135-136.

"Réponse à Quelques Objections." *La Science Sociale Suivant la Méthode de F. Le Play*, 1890, pp. 189-190.

“Taine, Hippolyte.” *Encyclopedia of World Biography*, edited by Paula K. Byers, vol. 15, Gale, 1998, pp. 7592-7593.

H. Taine, Sa Vie et sa Correspondance. Correspondance de Jeunesse (1847-1853). Vol. 1, Librairie Hachette, 1904.

H. Taine, Sa Vie et sa Correspondance. Le Critique et le Philosophe (1853-1870). Vol. 2, Librairie Hachette, 1904.

H. Taine, Sa Vie et sa Correspondance. L’Historien (1870-1875). Vol. 3, Librairie Hachette, 1905.

H. Taine, Sa Vie et sa Correspondance. L’Historien (suite) – Les dernières années (1876-1893). Vol. 4, Librairie Hachette, 1907.

Life and Letters of H. Taine (1828-1852). Translated by R. L. Devonshire, Archibald Constable, 1902.

Life and Letters of H. Taine (1853-1870). Translated by R. L. Devonshire, Archibald Constable, 1904.

Life and Letters of H. Taine (1870-1892). Translated by E. Sparvel-Bailey, Archibald Constable, 1908.

2. William Fraser Rae e o Texto de Chegada

Alexander, Isabella. *Copyright Law and the Public Interest in the Nineteenth Century*, Hart Publishing, 2010, pp. 224-228.

Beuve, Sainte, and Charles Augustin. *English Portraits*. Daldy, Isbister, 1875, p. iv.

Foster, Joseph. *Men-at-the-Bar – A Biographical Hand-List Members of the Various Inns of Court*. Hazeli, Watson and Viney, 1885, p. 382.

Glasgow, Eric. "Alexander Strahan, Publisher." *Library Review*, vol. 48, no. 2, 1999, pp. 91-96.

Gillies, Mary Ann. *The Professional Literary Agent in Britain 1880-1920*. University of Toronto Press, 2007.

Hait, Christine Hanks. "Holt, Henry, and Company." *The Robert Frost Encyclopedia*, 2000, pp. 149-151.

Taine, Hippolyte. *Notes on England*. Translated by Edward Hyams, Essential Books, 1958.

Von Kobell, Louise. *Conversations of Dr. Döllinger*. Richard Bentley and Son, 1892.

Wierzbicka, Anna. *Semantics, Culture, and Cognition: Universal Human Concepts in Culture-Specific Configurations*. Oxford UP, 1992.

"A Foreigner on English Religion." *Public Opinion*, 14 Oct. 1871.

"French Views of English Life." *Once a Week*, vol. 8, 28 Oct. 1871, p. 385.

"Hyams, Edward." *World Authors, 1950-1970, A Companion Volume to Twentieth Century Authors*, edited by Johns Wakeman, H.W. Wilson, 1975, pp. 697-699.

"Literary Notices." *The London Quarterly Review*, vol. 38, 1872, p. 519.

"M. Taine on English Paintings." *The Pall Mall Budget*, vol. 7, 10 Nov. 1871, pp. 11-12.

"New Books and New Editions." *The Pall Mall Budget*, vol. 3, 30 Jan. 1874, p. 27.

"New Books." *The Spectator*, vol. 45, 1872, p. 514.

"Notes on Books." *Notes and Queries*, vol. 9, 6 Apr. 1872, p. 291.

“Notices of Books.” *The Journal of Science*, vol. 11, Apr. 1874, p. 236.

“Occasional Notes.” *The Pall Mall Budget*, vol. 17, 6 Oct 1876, p. 12.

“On Some Recent Biographies.” *Belgravia*, vol. 23, June 1874, p. 183.

“Politics, Sociology, Voyages and Travels.” *The Westminster Review*, vol. 98, 1872, pp. 220-221.

“Rae, William Fraser”. *Dictionary of National Biography*, edited by Sidney Lee, vol. 3, Smith Elder, 1912, p. 150-151.

“Reviews and Notices of Books.” *The Lancet*, 25 May 1872, p. 722.

“Strahan & Co.'s New Books.” *The Bookseller*, 3 June 1872, p. 498.

“The Picadilly Papers.” *London Society*, vol. 21, 1872, pp. 474-477.

“Two Drowned Ophelias.” *The Aldine*, vol. 7, no. 3, 1874, p. 58.

Polybiblion: Revue Bibliographique Universelle, 1872, p. 20.

Saturday Review, vol. 33, 16 Mar 1872, p. 355.

The Academy, vol. 3, no. 51, 1872, p. 244.

The Athenæum, vol. 2324, 11 May 1872, p. 581.

The Law Journal, vol. 10, no. 3, 1876, p. 420.

Truth, vol. 1, 4 Jan. 1877, p. 13.

3. Estudos de Tradução

Asimakoulas, Dimitris. "Rewriting." *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker and Gabriela Saldanha, Routledge, 2009, pp. 241-245.

Bassnett, Susan. *Translation Studies*. Routledge, 2002.

---. "Travelling and Translating." *World Literature Written in English*, vol. 40, no. 2, 2004, pp. 66-76.

Bastin, Georges L. "Adaptation." *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker and Gabriela Saldanha, Routledge, 2009, pp. 3-6.

Chesterman, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. John Benjamins Publishing Company, 2016.

---. *Reflections on Translation Theory, Selected Papers 1993–2014*. John Benjamins Publishing Company, 2017.

Cronin, Michael. *Translation in the Digital Age*. Routledge, 2013.

Ellis, Roger, and Liz Oakley-Brown. "British Tradition." *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker and Gabriela Saldanha, Routledge, 2009, pp. 344-354.

Even-Zohar, Itamar. "The Literary System." *Poetics Today, International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, vol. 11, no. 1, 1990, pp. 27-44.

---. "Polysystem Theory." *Poetics Today, International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, vol. 11, no. 1, 1996, pp. 9-26.

Fawcett, Peter, and Jeremy Munday. "Ideology." *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker and Gabriela Saldanha, Routledge, 2009, pp. 137-141.

Hermans, Theo. "Introduction: Translation Studies and a New Paradigm." *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*, edited by Theo Hermans, Croom Helm, 1985, pp. 7-15.

---. *The Manipulation of Literature, Studies in Literary Translation*. Routledge, 2014.

---. *Translation as Communication Across Languages and Cultures*. Routledge, 2016.

Holmes, James S., editor. *The Nature of Translation, Essays on the Theory and Practice of Literary Translation*. Mouton, 1970.

Lambert, José. *Functional Approaches to Culture and Translation: Selected Papers*, edited by Dirk Delabastita et al., John Benjamins Publishing Company, 2006.

Lambert, José, and Hendrik van Gorp. "On Describing Translations." *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*, edited by Theo Hermans, Routledge, 2014, pp. 42-53.

Lambert, José. "Translation, Systems and Research. The Contribution of Polysystem Studies to Translation Studies." *TTR*, vol. 8, no. 1, 1995, pp. 105–152.

Lefevere, André. "Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature." *Translation Studies Reader*, edited by Lawrence Venuti, Routledge, 2000, pp. 203-219.

---. "The Translation of Poetry: Some Observations and a Model." *Comparative Literature Studies*, vol. 12, no. 4, 1975, pp. 384-392.

---. "Translation Practice(s) and the Circulation of Cultural Capital: Some Aeneids in English." *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation, Multilingual Matters*, 1998, pp. 41–56.

---. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. edited by Susan Bassnett and André Lefevere, Routledge, 1992.

---. "Translation: The Focus of the Growth of Literary Knowledge." *Literature Translation*, edited by James Holmes et al., Acco, 1978, pp. 7-28.

Munday, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 4th ed., Routledge, 2016.

Salama-Carr, Myriam. "French Tradition." *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker and Gabriela Saldanha, Routledge, 2009, pp. 404-410.

Shuttleworth, Mark, and Moira Cowie. *Dictionary of Translation Studies*. Routledge, 2014.

Snell-Hornby, Mary. "Linguistic Transcoding or Cultural Transfer: A Critique of Translation Theory in Germany." *Translation, History and Culture*, edited by Susan Bassnett and André Lefevere, Pinter, 1990, pp. 79-86.

---. *The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints*. John Benjamins, 2006.

Sturge, Kate. "Cultural Translation." *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker and Gabriela Saldanha, Routledge, 2009, pp. 67-70.

Ternas, Gabriela Gândara. "French Mediation, the Construction of British Images and the Portuguese Press." *Beyond Binarisms. Crossing and Contaminations: Studies in Comparative Literature*, edited by Pina Coco and Eduardo F. Coutinho, Aeroplano Editora Sept. 2009. 161-170.

Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. John Benjamins, 2012.

---. "A Rationale for Descriptive Translation Studies." *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*, edited by Theo Hermans, 1985, pp. 16-41.

Vinay, Jean-Paul, and Jean Darbelnet. *Comparative Stylistics of French and English*. Translated by Juan C. Sager, John Benjamins Publishing Company, 1995.

4. Escrita de Viagens

Bassnett, Susan. "Travel Writing within British Studies." *Studies in Travel Writing*, vol. 3, no. 1, 1999, pp. 1-16.

Baylis, Gail. "England, Nineteenth Century." *Literature of Travel and Exploration*, edited by Jennifer Speake, Routledge, 2013, pp. 398-400.

Duncan, James and Derek Gregory, editors. *Writes of Passage. Reading Travel Writing*. Routledge, 1999, pp. 4-5.

Forsdick, Charles. "France, Nineteenth and Twentieth Centuries." *Literature of Travel and Exploration*, edited by Jennifer Speake, Routledge, 2013, pp. 462-466.

Hanley, Keith, and Rachel Dickinson. "Nineteenth-Century Cultural Travel." *Prose Studies: History, Theory, Criticism*, vol. 11, no. 2, 2009, pp. 89-92.

Holland, Patrick, and Graham Huggan. *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*. The University of Michigan Press, 2003.

Hulme, Peter, and Tim Youngs, editors. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge UP, 2002.

Jackson II, Ronald L., editor. *Encyclopedia of Identity*. Sage Publications, 2010.

Kilbride, Daniel. "Travel Writing as Evidence with Special Attention to Nineteenth-Century Anglo-America." *History Compass*, vol. 9, no. 4, 2011, pp. 339-350.

- Korte, Barbara. *English Travel Writing from Pilgrimages to Postcolonial Explorations*. Translated by Catherine Matthias, Palgrave, 2003.
- Polezzi, Loredana. "Mobility." *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker and Gabriela Saldanha, Routledge, 2009, pp. 172-178.
- Seed, David. "Nineteenth-Century Travel Writing An Introduction." *The Yearbook of English Studies*, vol. 34, 2004, pp. 1-5.
- Silveira, Ana. "Relato de Viagem." *Ensinar Gêneros de Texto: Conteúdos, Estratégias e Materiais*, edited by Antónia Coutinho and Noémia Jorge, Porto Editora, 2019, pp. 55-61.
- Thompson, Carl. "Nineteenth-Century Travel Writing." *The Cambridge History of Travel Writing*, edited by Das Nandini and Tim Youngs, Cambridge UP, 2019, pp. 108-124.
- . *Travel Writing*. Routledge, 2011.
- Thomsen, Bjarne Thorup. "Connecting Cultures: Hans Christian Andersen as a Travel Writer." *Northern Studies*, vol. 39, 2005, pp. 51-69.
- Youngs, Tim. "Introduction: Defining the Terms." *The Cambridge Introduction to Travel Writing*, Cambridge UP, 2013, pp. 1-15.
- . "Reading Travel Writing." *The Cambridge Introduction to Travel Writing*, Cambridge UP, 2013, pp. 163-176.
- . "Travel Writing in the Nineteenth Century." *The Cambridge Introduction to Travel Writing*, Cambridge UP, pp. 53-67.
- , editor. *Travel Writing in the Nineteenth Century: Filling the Blank Spaces*. Anthem Press, 2006.

5. Estudos de Recepção

Batchelor, Kathryn. *Translation and Paratexts*. Routledge, 2018.

Genette, G. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Translated by Jane E. Lewin, Cambridge UP, 1997.

Jauss, Hans Robert. *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics*. Translated by Michael Shaw, Minesota UP, 1982. *Theory and History of Literature*.

---. *Toward an Aesthetic of Reception*. Translated by Timothy Bahti, Minesota UP, 1982. *Theory and History of Literature*.

Sapiro, Gisèle. *La Sociologia de la Literatura*. Fondo de Cultura Económica, 2016.

6. História do Século XIX

Bédarida, François. *A Social History of England (1851-1990)*. Routledge, 1991.

Crafts, N. F. R., et al. "The Climacteric in Late Victorian Britain and France: A Reappraisal of the Evidence." *Journal of Applied Econometrics*, vol. 4, no. 2, 1989, pp. 103-117.

Craig, David, and James Thompson, editors. *Languages of Politics in Nineteenth-Century Britain*. Palgrave Macmillan, 2013.

Ford, Boris. *The Cambridge Cultural History of Britain: Volume 7, Victorian Britain*. Vol. 7, Cambridge UP, 1992.

Frost, Ginger S. *The Victorian World: Facts and Fictions*. ABC-CLIO, 2018.

Jones, Gareth Stedman, and Gregory Clayes, editors. *The Cambridge Nineteenth-Century History of Political Thought*. Cambridge UP, 2011.

- Leerssen, Joep. *National Thought in Europe: A Cultural History*. Amsterdam UP, 2006.
- Leoussi, Athena S. "Nationalism and racial Hellenism in Nineteenth-century England and France." *Ethnic and Racial Studies*, vol. 20, no. 1, 1997, pp. 42-68.
- Mathis, Charles-François. "Nation and Nature Preservation in France and England in the Nineteenth Century." *Environment and History*, vol. 20, 2014, pp. 9-39.
- Osterhammel, Jürgen. *The Transformation of the World: A Global History of the Nineteenth Century*. Translated by Patrick Camiller, 2009.
- Schuller, Kyla. *The Biopolitics of Feeling: Race, Sex, and Science in the Nineteenth Century*. Duke UP, 2018.
- Stonyk, Margaret. *Nineteenth Century English Literature*. Macmillan Press, 1983. *Macmillan History of Literature*.
- Te Velde, Henk, and Maartje Janse, editors. *Organizing Democracy: Reflections on the Rise of Political Organizations in the Nineteenth Century*. Macmillan, 2017.
- Traugott, Mark. "The Mid-Nineteenth-Century Crisis in France and England." *Theory and Society*, vol. 12, no. 4, 1983, pp. 455-468.
- Varouxakis, Georgios. *Victorian Political Thought on France and the French*. Palgrave, 2002.
- Waithe, Marcus, and Claire White. *The Labour of Literature in Britain and France, 1830–1910*. Palgrave Macmillan, 2018.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1. A Posição do Sistema Literário.	9
Fig. 2. Exemplo de um Sistema Literário.	9
Fig. 3. Sistema de Partida e Sistema de Chegada.	10
Fig. 4. Parâmetros Básicos que Descrevem Fenómenos de Tradução.	12
Fig. 5. Relações entre os Parâmetros Básicos que Descrevem Fenómenos de Tradução.	14
Fig. 6. Esquema Sintético de Lambert e Gorp para a Descrição de Traduções.	14
Fig. 7. Formas de Contornar os Mecanismos de Controlo Sistémico.	19
Fig. 8. Factores de Controlo Dentro e Fora do Sistema Literário.	20
Fig. 9. Composição do Mecenato.	21
Fig. 10. Continuidade e Descontinuidade em França e na Grã-Bretanha.	50
Fig. 11. Cronologia da Publicação de <i>Notes sur l'Angleterre</i> em <i>Le Temps</i> , em 1871.	51
Fig. 12. Resumo das Seis Lições da Palestra de Taine “Corneille et Racine, et les Moeurs sous Louis XII et Louis XIV”. (qtd. in <i>Sa Vie et sa Correspondance. L'Historien (1870-1875)</i> 62).	52
Fig. 13. As Três Forças Primordiais Descritas por Taine.	59
Fig. 14. Método Psicológico e Valor das Literaturas.	61
Fig. 15. Lista de Elementos Peritextuais.	71
Fig. 16. Comparação da Estrutura Peritextual.	73
Fig. 17. Anterosto de <i>Notes sur l'Angleterre</i> , p. i.	73
Fig. 18. Anterosto de <i>Notes on England</i> , p. i.	73
Fig. 19. Obras do Mesmo Autor (Hachette) em <i>Notes sur l'Angleterre</i> , p. ii.	74
Fig. 20. Obras do Mesmo Autor (Germer-Baillière) em <i>Notes sur l'Angleterre</i> , p. ii.	75
Fig. 21. Obras Originais do Tradutor em <i>Notes on England</i> , p. 379.	76
Fig. 22. Artigos de Opinião Acerca de <i>Westward by Rail</i> de W.F. Rae.	77
Fig. 23. Título do Anúncio de Novos Lançamentos da Strahan & Co, em <i>Notes on England</i> p. 380.	78
Fig. 24. Lista de Outros Títulos da Editora Strahan & Co, em <i>Notes on England</i> pp. 380-388.	81
Fig. 25. Colofão em <i>Notes sur l'Angleterre</i> , p. ii, 397.	82

Fig. 26. Colofão em <i>Notes on England</i> , p. 377.	82
Fig. 27. Elementos das Folhas de Rosto.	83
Fig. 28. Nome do Autor em <i>Notes sur l'Angleterre</i> (1. ^a e 2. ^a edições da Hachette).	84
Fig. 29. Nome do Autor em <i>Notes on England</i> (1. ^a e 6. ^a edições da Strahan e W. Isbister).	85
Fig. 30. Nome do Tradutor em <i>Notes on England</i> (1. ^a e 6. ^a edições da Strahan e W. Isbister).	85
Fig. 31. Logótipo em <i>Notes on England</i> (1. ^a edição da Strahan).	85
Fig. 32. Número de Edição em <i>Notes sur l'Angleterre</i> (2. ^a edição da Hachette).	85
Fig. 33. Número de Edição em <i>Notes on England</i> (6. ^a edição da W. Isbister).	85
Fig. 34. Editora em <i>Notes sur l'Angleterre</i> (1. ^a e 2. ^a edições da Hachette).	86
Fig. 35. Editora em <i>Notes on England</i> (1. ^a edição da Strahan).	86
Fig. 36. Editora em <i>Notes on England</i> (6. ^a edição da W. Isbister).	86
Fig. 37. Direitos em <i>Notes sur l'Angleterre</i> (1. ^a e 2. ^a edições da Hachette).	86
Fig. 38. Direitos em <i>Notes on England</i> (1. ^a edição da Strahan).	86
Fig. 39. Librairie Hachette (Paris).	87
Fig. 40. Strahan & Co. (London).	87
Fig. 41. Holt & Williams (New York).	87
Fig. 42. Edições do Século XIX.	89
Fig. 43. Evolução da Holt & Williams.	92
Fig. 44. Ilustração Apresentada na Edição da Holt & Williams.	93
Fig. 45. Fac-símile da Assinatura Apresentada na Edição da Holt & Williams.	93
Fig. 46. Informação que Remete para a Ilustração na Edição da Holt & Williams.	94
Fig. 47. Informação Adicional a Propósito do Tradutor, na Edição da Holt & Williams.	94
Fig. 48. Edições do Século XX.	95
Fig. 49. Dedicatória de Taine.	96
Fig. 50. Índice de <i>Notes sur l'Angleterre</i> .	97
Fig. 51. Comparação dos Índices.	102
Fig. 52. Prefácio de <i>Notes sur l'Angleterre</i> .	102
Fig. 53. Introdução de <i>Notes on England</i> .	103
Fig. 54. Alinhamento da Introdução de <i>Notes on England</i> .	104
Fig. 55 Testemunho de um Gentleman.	112
Fig. 56. Omissão de Notas ao Texto no Texto de Chegada.	114

Fig. 57. Nota da Página 154 de <i>Notes sur l'Angleterre</i> .	114
Fig. 58. Referências ao Nome de Hippolyte Taine.	115
Fig. 59. Retrato de Hippolyte Taine por Beardsley Aubrey.	116
Fig. 60. Tipos de Discursos Críticos. (<i>La Sociología de la Literatura</i>).	118
Fig. 61. Afirmação. Opinião Crítica.	119
Fig. 62. Classificação da Opinião Crítica.	119
Fig. 63. Tipos de Discursos Críticos (v2).	121
Fig. 64. Modos de Adaptação (Bastin 4).	146
Fig. 65. “Implicitation”.	146
Fig. 66. Equivalente de “Ennui” (“Tedium”).	161
Fig. 67. Equivalente de “Ennui” (“Weariness”).	161
Fig. 68. Equivalente de “Âme”.	162
Fig. 69. Equivalente de “Esprit”.	163
Fig. 70. Características da Mente Inglesa.	164
Fig. 71. Modelo de Reescrita Cultural.	167
Fig. 72. Recurso a Fontes Escritas.	169
Fig. 73. Recurso a Testemunhos.	171
Fig. 74. Recurso à Observação Directa.	172
Fig. 75. Processo de Dupla Reescrita.	174
Fig. 76. Retro-tradução Cultural.	174
Fig. 77. Percursos do Autor e do Tradutor.	176